

LUIZ ANTÔNIO GLOGER MARONEZE

**PORTO ALEGRE EM DOIS CENÁRIOS: A  
NOSTALGIA DA MODERNIDADE NO OLHAR  
DOS CRONISTAS**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Maria Chittó Gauer

Porto Alegre  
2007

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Maroneze, Luiz Antônio Gloger

Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas/ Luiz Antônio Gloger Maroneze. – 2007.

258f. : il. ; 30 cm.

Inclui bibliografia.

Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ruth Chittó Gauer”

1. Sociologia urbana – Porto Alegre (RS) 2. Crônicas 3. Modernidade – Porto Alegre (RS) I. Título.

CDU 316.334.56(816.5)

Bibliotecária responsável: Susana Fernandes Pfarrius Ladeira – CRB 10/1484

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**PORTO ALEGRE EM DOIS CENÁRIOS: A  
NOSTALGIA DA MODERNIDADE NO OLHAR  
DOS CRONISTAS**

Nome: Luiz Antônio Gloger Maroneze  
Professora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Chittó Gauer

Porto Alegre, Julho de 2007.

LUIZ ANTÔNIO GLOGER MARONEZE

**PORTO ALEGRE EM DOIS CENÁRIOS: A NOSTALGIA DA  
MODERNIDADE NO OLHAR DOS CRONISTAS**

Tese apresentada como requisito para obtenção  
do grau de doutor pelo Programa de Pós-  
Graduação em História da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 29 de Agosto de 2007

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ruth Maria Chittó Gauer – Orinetadora PUC/RS

Profº Drº René Ernani Gertz – PPG História – PUC/RS

Profª Drª Maria Lúcia Bastos Kern – PPG História – PUC/RS

Profº Drº Juremir Machado da Silva – PPG Comunicação – PUC/RS

Profª Drª Francisca Ferreira Michelin – UFPEL - RS

Porto Alegre  
2007

*Para meus pais.*

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é resultado de um conjunto de influências criativas e de estímulos perseverantes. Assim, mesmo que a lembrança abarque sempre uma pequena parcela do esquecido, ela é ainda assim ampla. A estas pessoas meus sinceros agradecimentos.

À professora Dra. Ruth Chittó Gauer pela orientação atenta e competente e pela motivação necessária realizada em estilo muito singular. Sem as longas conversas teóricas e os seus questionamentos este trabalho não teria sido concluído.

À professora Dra. Núncia Santoro de Constantino, pela leitura do projeto, sugestões bibliográficas e o apoio constante.

Ao professor Dr. Klaus Hilbert, pela confiança depositada em momento decisivo.

À Carla Pereira, secretária do Curso de Pós-Graduação pela competência e simpatia de sempre.

Ao amigo Celso Rodrigues pelo incentivo e leitura atenta dos originais.

Ao colega de curso Renato Menegotto por importantes indicações bibliográficas na área do urbanismo e apoio a pesquisa.

Aos colegas do Centro Universitário Feevale, muitos dos quais doutorandos também, pela sinergia construída. Especialmente à Cristina Ennes, Cristina Marquardt, Cláudia Schemes, Gisele Becker, Norberto Kuhn, Patrícia Wolffenbüttel e Rodrigo Martins.

À companheira Andréia Anele pela paciência amorosa e auxílio fundamental na constituição do banco de dados, meus profundos agradecimentos.

Ao Centro Universitário Feevale pelo apoio financeiro e institucional e a CAPES, pelo financiamento.

Aos meus pais, ainda atentos à formação dos filhos, pelo constante incentivo.

Ao meu filho, Tiago Maroneze, pelo carinho e ajuda nas pesquisas.

## RESUMO

A crise das idéias modernas e seus efeitos sobre os vários domínios do conhecimento é um fato no momento contemporâneo. A presente tese, nesse sentido, repassa um conjunto de pensadores que discutem as metamorfoses do moderno, seus reflexos nas cidades e as novas temporalidades para questionar os efeitos das mesmas nas representações dos cronistas de Porto Alegre. Analisa também os reflexos dessas alterações no ambiente urbano local e seus desdobramentos nas relações sociais. Para tanto, enfoca prioritariamente dois momentos históricos distintos (dois cenários), no intuito de contextualizar os atores e as obras investigadas. No primeiro, relê duas obras de Theodomiro Tostes: “Nosso Bairro: Memórias” e “Bazar”, fontes literárias que descrevem a “ambiência” e o imaginário do moderno em Porto Alegre. No segundo, investiga a crise do moderno nos cronistas contemporâneos com o objetivo de estabelecer um paralelo comparativo entre os “dois cenários”.

Palavras chaves: Modernidade; Urbano; Crônica

## **ABSTRACT**

The crisis of the modern ideas and its effects on a great number of knowledge domains is a fact in the contemporary world. Thus, this thesis reviews a group of thinkers who discuss the metamorphoses of the modern, their consequences in the cities, and the new temporalities, in order to question the effects of these changes in the local urban environment and its development in the social relations. It focus on two distinct historical moments (two scenarios), aiming at contextualizing the actors and the investigated works. In the first historical moment, this thesis re-reads two works of Theodomiro Tostes: “Nosso Bairro: Memórias” e “Bazar”, literary sources which describe the “ambivalence” and the modern imaginary in Porto Alegre. In the second one, it investigates the modern crisis in the contemporary historians, with the purpose of establishing a comparative parallel between the “two scenarios”.

Keywords: Modernity; Urban; Cronic.



## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS.

FIGURA 01 – Avenida Borges de Medeiros. Década de 1930/40. Autor: Ubatuba. Museu Joaquim Felizardo [MJF] .....	73
FIGURA 02 – Rua Uruguai. 1935. Autor: Luiz Arthur Ubatuba de Farias. Acervo Particular Luiz Maroneze. [APLM] .....	86
FIGURA 03 – Rua Otávio Rocha. 1959. Autor: Léo Guerreiro e Pedro Flores. Museu Joaquim Felizardo. [MJF] .....	94
FIGURA 04 – Grande Hotel. 1958. Autor Léo Guerreiro e Pedro Flores. Museu Joaquim Felizardo. [MFJ] .....	104
FIGURA 05 – Café Colombo. 1936. Autor: Desconhecido. Museu Joaquim Felizardo. [MJF] .....	119
FIGURA 06 – <i>Footing</i> na Rua da Praia. 1945. Autor: Desconhecido. Museu Joaquim Felizardo. ....	123
FIGURA 07 – Retrato. Década de 1920/30. Autor: Desconhecido. Museu Joaquim Felizardo. ....	125
FIGURA 08 – Centro de Porto Alegre. 1935. Autor: Luiz Arthur Ubatuba de Faria. Acervo Particular Luiz Maroneze. [APLM] .....	144
Figura 09: Grades 2007. Autor: Luiz Maroneze Acervo Particular Luiz Maroneze. [APLM] .....	175
Figura 10: Shopping Iguatemi. 2007. Autor: Luiz Maroneze. Acervo Particular Luiz Maroneze. [APLM] .....	220

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. UM OLHAR SOBRE A CIDADE MODERNA: DA “PUBLICAÇÃO” DO PASSADO À “PRIVATIZAÇÃO” DO PRESENTE.....</b>	<b>16</b>
1.1 A crise da modernidade e a cultura virtual.....	<b>23</b>
1.2 Problemas na “antiga” cidade moderna: uma outra teleologia .....	<b>28</b>
1.3 Crônicas, imaginário e idéias: reflexos literários da cidade .....	<b>40</b>
1.4 Crônica: Tempo e Memória .....	<b>50</b>
1.5 A estética do medo em Porto Alegre: a violência na crônica .....	<b>57</b>
<b>2. SOBRE A PORTO ALEGRE MODERNA DOS CRONISTAS E HISTORIADORES: .....</b>	<b>64</b>
2.1 A cidade e seu afã metropolitano: O primeiro cenário .....	<b>64</b>
2.2 O presente como o futuro que não foi: O segundo cenário .....	<b>88</b>

<b>3. MEMÓRIAS DE THEODOMIRO TOSTES: AMBIENTES, PERSONAGENS E IDÉIAS .....</b>	<b>110</b>
3.1 A antiga Porto Alegre moderna no olhar de Theo: caderno de lembranças .....	114
3.2 A cidade como um bazar: Porto Alegre no imaginário de Theodomiro Tostes .....	135
3.3 Fotografando as ruas .....	140
3.4 Tempo e aceleração nos escritos de “Bazar” .....	145
3.5 Sociedade: Os personagens da cidade.....	149
3.6 Boemia .....	156
3.7 A cidade do jornal .....	164
3.8 Província e metrópole .....	168
<b>4. O CENÁRIO DE PORTO ALEGRE NA ÓTICA DOS CRONISTAS CONTEMPORÂNEOS: AMBIÊNCIA E IDÉIAS .....</b>	<b>172</b>
4.1 Violência e medo na cidade contemporânea: a (des)ordem no vivido .....	173
4.2 Os valores cotidianos na “nova cidade”: a visão dos cronistas .....	191
4.3 Cultura eletrônica e aceleração: a inversão da cidade .....	201
4.4 Cidade e Memória: Um outro futuro .....	210
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>222</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>233</b>

## INTRODUÇÃO

Vejo o futuro repetir o passado.  
Vejo um museu de grandes novidades.  
O tempo não pára.  
Cazuza, 1988

A cidade e a modernidade têm ocupado a atenção dos intelectuais de diversos matizes a longo tempo. No século XX, principalmente a partir do final dos anos 60, os trabalhos da “Escola de Chicago”, por exemplo, centraram suas preocupações nas relações entre cidade e cultura, na padronização metropolitana. No âmbito local, um número significativo de pesquisas foram e/ou são desenvolvidas, principalmente a partir da década de 1990, com o intuito de compreender de que maneira as idéias modernas foram interpretadas e incorporadas na sociedade porto-alegrense. Da arquitetura à economia, das imagens às socialidades, diversos autores buscaram entender o sentido e os efeitos do moderno e seus desdobramentos na história da cidade. O tema da cidade, então, expandiu-se como objeto de pesquisa dentro e fora da Universidade.

Naquele contexto, desenvolvemos a pesquisa que embasou a dissertação de mestrado concluída em 1994. Nesse trabalho, objetivou-se, justamente, interpretar as idéias modernas na Porto Alegre das primeiras décadas do século XX, a partir do olhar dos cronistas e memorialistas da época. O resultado final, a obra intitulada “Espaços de sociabilidade e memória: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890 – 1930”<sup>1</sup> indicou que uma tradução dos estilos de vida das grandes cidades européias, notadamente Paris, havia sido incorporada ao cotidiano

---

<sup>1</sup> MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de Sociabilidade e Memória: Fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890-1930.** Dissertação Em História do Brasil. PUCRS, 1994.

da cidade. Porto Alegre altera em poucas décadas o comportamento tido como “colonial”, na concepção de Achylles Porto Alegre,<sup>2</sup> e passa a aplaudir as reformas urbanas, as novas casas noturnas, os “arranha-céus”, os automóveis, os cafés, etc., enfim tudo o que tivesse uma relação com o ideário moderno. De fato, essas idéias imbricam-se de tal forma ao processo histórico da cidade que não é possível elaborar qualquer problemática sem considerar a importância das mesmas.

O estudo permitiu também perceber, através do olhar dos cronistas, que a provinciana cidade desenvolveu em seu núcleo central e prioritariamente na sua principal via, a Rua da Praia, uma espécie de cenário para o acontecer da vida pública moderna. Essa circunscrição fora tão nítida que o resumido território em questão também era conhecido por “sala de visitas” da capital. Nessa região, localizavam-se os hotéis sofisticados para a recepção da população cosmopolita; os cafés, bares e restaurantes funcionavam como espaços para os encontros públicos cotidianos, onde a tradução de um estilo de vida metropolitano era reatualizado. Era o território também dos principais jornais, cinemas e do pitoresco e significativo *footing*. Entretanto, esse limitado universo, ao presentificar o imaginário moderno, servirá de modelo e de referência à cidade como um todo, enquanto aquele modelo de cidade pôde manter-se. Bem como depois, no “segundo cenário” de parâmetro comparativo a metrópole que “não foi”.

Ao final do trabalho, no entanto, a leitura das memórias dos antigos cronistas sugeriu um estranhamento em relação aos resultados daquele ideário. Nilo Ruschel, Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, entre outros, afirmavam estar-se referindo a uma “outra cidade” ou à “extinta civilização porto-alegrense”.<sup>3</sup> Apontavam também que o otimismo na crença metropolitana, que visava a romper com a “província”, idéias com as quais conviveram na juventude, apresentavam-se minoradas ou contestadas nas décadas de 60 e 70, período em que escreveram suas memórias. Mesmo que a tensão entre tradição e modernidade seja sabidamente algo inerente ao processo de transformação das sociedades modernas, a percepção de uma

---

<sup>2</sup> Destacamos: PORTO ALEGRE, Achylles. **Flores entre ruínas**. Porto Alegre: Oficinas Wiedmann, 1920; \_\_\_\_\_. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940. \_\_\_\_\_. **Noites de luar**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923. \_\_\_\_\_. **Noutros Tempos**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922.

<sup>3</sup> RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.; MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro: Ed. O cruzeiro, 1966. TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. – Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL,1994.; \_\_\_\_\_. **Nosso Bairro**: memórias. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

ruptura profunda sugeria um questionamento mais específico. A própria preocupação com a preservação do “patrimônio histórico”, que tem início na década de 70, é um indicativo das mudanças que principiavam ocorrer.

A problemática que se apresentava, então, naquele contexto, suscitava indagar sobre os desdobramentos do projeto moderno na cidade e tentar entender de que forma os cronistas das décadas seguintes interpretaram aquelas idéias e a sua crise. Da mesma forma, tornou-se necessário contextualizar historicamente as impressões a serem analisadas.

Entretanto, percebeu-se que a grande maioria das obras de história sobre a cidade não ultrapassavam os marcos da década de 1970. Talvez pela proximidade temporal, que tradicionalmente afasta os historiadores pelos riscos do pouco distanciamento, talvez pela complexidade que a cidade vai suscitar ao romper com o próprio modelo moderno. Até porque, como se sabe, a própria História, enquanto campo de conhecimento organiza sua estrutura conceitual no paradigma moderno. Ainda assim, os raros textos encontrados foram acrescidos de reportagens jornalísticas e da opinião dos cronistas para compor a contextualização da cidade que rompe com o antigo paradigma. Esse trabalho de contextualização, desenvolvido no segundo capítulo, informa a visão dos historiadores e dos cronistas sobre as idéias de metropolização da cidade, seus efeitos e representações.

Para melhor compreender a cidade contemporânea foi necessário complexificar e aprimorar o arcabouço conceitual com obras de arquitetos, urbanistas e antropólogos que problematizam a cidade na crise do moderno. Assim, autores como Morin, Virilio e Choay, além de outros teóricos os quais são relidos para que se possa superar o próprio paradigma moderno e incluir a questão da complexidade e da instantaneidade no entendimento do objeto em questão.<sup>4</sup> Essa discussão teórica, abordada no primeiro capítulo, subsidia as reflexões sobre as metamorfoses nas percepções da cidade.

Para além das questões teóricas ligadas à crise do moderno e das cidades, a crônica como fonte de pesquisa histórica é também problematizada. Arte do

---

<sup>4</sup> MORIN, Edgar; BOCCHI, Gianluca. CERUTI, Mauro. **Os problemas do fim do século**. Lisboa: Editorial Notícias, 1991; VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

fragmento urbano, a crônica informa a “polifonia” da cidade colada ao tempo e faz a ponte entre o detalhe e a “ambiência” de uma época. A arte e a literatura, como diz Baumer (1977), são fontes que permitem ao historiador ter acesso as idéias e crenças de uma dada sociedade.

Por outro lado, na medida em que a pesquisa elegeu como fonte prioritária a crônica jornalística, fez-se necessário a utilização da “Análise de Conteúdo” para ordenar os dispersos elementos de um amplo leque de informações empíricas. Como sugerem as obras de Bardin, Moraes e Constantino, essa metodologia permite desvelar as “categorias” temáticas que se encontram veladas no conjunto das fontes e ordenar as principais questões a partir do próprio corpo documental.<sup>5</sup> Lembrando sempre que as informações buscadas “só adquirem sentido quando relacionadas a um problema fundamental colocado ao passado.”<sup>6</sup>

Tendo em vista os fundamentos teóricos e metodológicos, realizou-se no capítulo 3, a análise de duas obras de Theodomiro Tostes.<sup>7</sup> Nestas, através das informações do autor, recria-se uma possível “ambiência” da antiga Porto Alegre moderna. A primeira, escrita nos anos 70, intitula-se “Nosso Bairro: memórias” e são lembranças centradas nas antigas socialidades do centro de Porto Alegre dos anos 20 e 30. A segunda, “Bazar”, é uma compilação de crônicas publicadas no jornal Diário de Notícias nesse mesmo período. Dessas, foram selecionadas as que enfocam o ambiente da cidade e as questões propostas pela pesquisa. O objetivo desse capítulo foi criar um parâmetro comparativo às informações dos cronistas contemporâneos, analisados no capítulo seguinte.

Enfocamos, ao final, a análise das crônicas contemporâneas sobre a temática proposta.<sup>8</sup> Também aqui, as categorias são dadas pelo próprio corpo documental, tendo em vista o *a priori* teórico proposto. As questões ligadas à crise da cidade

---

<sup>5</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.; MORAES, Roque. Análise de conteúdo. IN: **Educação**. Porto Alegre: Faculdade de Educação – PUCRS, 1999.; CONSTANTINO, Núncia. Pesquisa histórica e análise de Conteúdo: pertinências e possibilidades. IN: **Estudos Ibero-americanos/Pós-graduação em História** – PUCRS. 2002.

<sup>6</sup> CONSTANTINO, op. cit., p. 182.

<sup>7</sup> TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. – Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994. \_\_\_\_\_. **Nosso Bairro: memórias**. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

<sup>8</sup> Entre os cronistas atuais destacamos: Liberato Vieira da Cunha; Luis Fernando Veríssimo; Martha Medeiros.

moderna aparecem nitidamente neste contexto. O declínio da “cultura pública”, que foi a lógica central na “antiga cidade moderna”, abre espaço para a “privatização” das relações urbanas. Do ponto de vista do conceito de cidade moderna, tem-se, segundo os autores utilizados, uma “desurbanização” associada às questões das novas tecnologias eletrônicas e sua nova temporalidade – que transcende o moderno. Para os cronistas, que normalmente centram suas análises no acontecimento público das ruas, o novo ambiente torna-se suspeito.

O conjunto da pesquisa sugere, então, que o projeto de cidade moderna, a metrópole acalentada em Porto Alegre na primeira metade do século XX, transfigura-se com a mudança do regime de historicidade. O declínio das idéias ligadas ao moderno e a sua temporalidade, em função do impacto do tempo eletrônico, entre outros fatores, alteram profundamente a idéia de cidade enquanto lugar do encontro público e suas socialidades. As redes virtuais substituem sensivelmente a necessidade dos espaços citadinos tanto para o trabalho quanto para o lazer. Assim, a sociedade provinciana, que buscou modernamente ser metrópole, encontra-se, na virada do novo século, em um ambiente não projetado e sem novos projetos, depara-se com “a cidade que não foi”.

Se a cidade moderna e a modernidade como um todo, com diz Centurião (1990),<sup>9</sup> só tiveram a oportunidade de se constituir na medida em que elaboraram um passado ao qual puderam opor-se, então, como pensar a cidade atual em relação ao seu passado moderno?

O papel da História é o de produzir novas percepções ao presente, ampliando o entendimento sobre a complexidade do atual, até porque, como diz Jenkins (2005), o presente “é onde toda história começa e para onde toda a história retorna.”

<sup>10</sup> Esse é o espírito das páginas que se seguem.

---

<sup>9</sup> CENTURIÃO, Luiz Ricardo. **A cidade colonial no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 24.

<sup>10</sup> JENKINS, Keith. **A história repensada**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.104.



## 1. Um olhar sobre a cidade moderna: da “publicação” do passado à “privatização” do presente.

Onde fica hoje a ‘cidade’ em sua forma compacta e com sua estrutura complexa? Em lugar nenhum.

Walter Prigge

A temática da modernidade na história de Porto Alegre tem merecido grande atenção por parte dos historiadores. Nota-se esse direcionamento quando se percebe o significativo incremento de pesquisas em nível de mestrado e doutorado sobre essa questão. Na década de 1990, as coletâneas <sup>11</sup> ou trabalhos específicos apareceram tentando entender o moderno, suas idéias e interpretações no contexto da cidade: artigos, dissertações e teses empreenderam investigações sobre os efeitos da modernidade sobre o urbano, os valores sociais, etc. Na atual década, o tema continua em voga, resultando em importantes teses e dissertações. Para além da área específica dos historiadores, arquitetos, críticos literários e memorialistas também atentaram para esta problemática.

---

<sup>11</sup> Obras como: NASCIMENTO, Mara e TORRESINI, Elisabeth. (orgs). **Modernidade e urbanização no Brasil**. Porto Alegre, EDIPURS, 1998.; KRAWCZYK, Flávio. (org.) **Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002. ; PANIZZI, Wrana e ROVATTI, João. **Estudos Urbanos: Porto Alegre e seu planejamento**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993. e BISSÓN, Carlos Augusto. (org). **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993. Uma obra como “Sobre Porto Alegre” organizada por Carlos Bissón, em 1993, de cunho mais literário, é também um exemplo desta busca parâmetros para se pensar a História e a identidade da cidade.

Por um lado, o fato explica-se pelo surgimento e expansão dos cursos de pós-graduação neste período, que ampliaram significativamente o olhar acadêmico sobre o passado da cidade, por outro, talvez mesmo pela própria mudança no regime de historicidade ocorrido nos anos 1980 e 1990.<sup>12</sup> A questão da modernização da cidade e das formas sociais de vivenciá-la e imaginá-la tornam-se objeto ou “problemática” constante em dissertações e teses, algumas largamente citadas.

Os memorialistas também fazem comparações constantes com as “épocas de ouro” da cidade, quase sempre associando o estilo de sua área central ao das grandes metrópoles que se tentava copiar. O porquê deste retorno talvez esteja associado à própria crise da cultura moderna, seus projetos e metanarrativas. Normalmente se valoriza aquilo que não mais se tem. Alterações rápidas, como reformas urbanas profundas ou mesmo motivadas por fatos catastróficos, como uma guerra ou uma diáspora, por exemplo, podem motivar um determinado grupo social a organizar um conjunto de memórias, associadas aos lugares ou as práticas.

Nos anos 1970, a historiografia fragmenta-se e a temática da memória e do Patrimônio Histórico são colocados na ordem do dia. Para Hartog (1997), a partir desta década, ocorre uma “onda” de preocupações com a memória e o patrimônio que termina por revitalizar centros históricos e museus na França, estabelecendo uma temporalidade presenteísta. Segundo o autor, o fato justifica-se pelo conjunto de transformações ocorridas a partir daquele momento. Em suas palavras:

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, está claro que o papel motor foi representado pela rápida extensão e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, onde as descobertas científicas, inovações técnicas, busca de lucros, tornam obsoletas as coisas e os homens, cada vez mais rapidamente. A mídia, cujo o extraordinário desenvolvimento acompanhou este movimento que é, no sentido próprio, sua razão de ser, procede da mesma forma: produzindo, consumindo e reciclando, cada vez mais rápido, palavras e imagens.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> HARTOG, François. O tempo desorientado – tempo e história – “Como escrever a história da França?”. **Anos 90**. Porto Alegre: n° 7, p 7, Jul 1997.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 13.

Os efeitos deste contexto também são visíveis na cidade de Porto Alegre onde, também a partir dos anos 1970, ocorre uma preocupação maior com o resgate da memória e com a preservação de alguns prédios representativos da história da cidade. Nesse sentido, para Possamai (2002), a preocupação com o Patrimônio Histórico da cidade se torna relevante quando a mesma entra num estágio de significativas alterações urbanas. A autora afirma que “a visão corrente nos jornais da época e entre os depoentes entrevistados colocava que a cidade, em processo de metropolização, ia colocando abaixo os últimos prédios que a uniam aos tempos mais remotos.”<sup>14</sup>

Em obra mais recente, a autora “retorna” o foco de suas pesquisas para os anos 20 e 30: momento em que “Porto Alegre passa por uma de suas mais marcantes transformações urbanas”<sup>15</sup>. Investigando álbuns fotográficos do período, a pesquisa demonstrou que a grande maioria das fotografias tinham como objeto os ícones ligados a modernidade:

Fotografar o centro, privilegiando-o nos álbuns fotográficos, [...] significa transpor para a totalidade da cidade uma imagem visual de acordo com os padrões de um imaginário que buscava como referentes as ruas, as edificações, as praças, os veículos e principalmente, o homem no espaço público.<sup>16</sup>

Na mesma linha de raciocínio, a arquiteta Nara Machado (1998), em um estudo abrangente sobre a influência das idéias modernas na região do centro de Porto Alegre, chama a atenção para o apelo de superar o passado colonial da cidade, associado ao atraso, e de antecipar o futuro, transferindo-se para o presente a “possibilidade de uma nova era”. Os reflexos do mundo das idéias na prática foram tão intensos que a capital é denominada nos anos 40 de “cidade dos andaimes”. Trabalhando com um recorte que vai de 1928 a 1945, essa pesquisa salienta a hegemonia de um ideário e seus profundos efeitos espaciais e simbólicos. Resultado

---

<sup>14</sup>POSSAMAI, Zita Rosane. **Entre o guardar e o celebrar**: memórias, documentos e peças de museu. In: KRAWCZYK, Flávio. **Da necessidade do moderno**: o futuro da Porto Alegre do século passado. EU/Secretaria Municipal de cultura, 2002. p.41

<sup>15</sup> POSSAMAI, Zita. **Memória e esquecimento nos álbuns fotográficos** – Porto Alegre décadas de 20 e 30. Porto Alegre: 2005. Tese (Doutoramento em História) – Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS, 2005.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 209.

que é hoje razão de certo “estranhamento” antropológico, na medida em que o processo adota outros caminhos.<sup>17</sup>

Na obra “Porto Alegre: voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900 -1930)”, Leila Mattar (2001) desenvolve, da mesma forma, uma pesquisa em que uma determinada rua da cidade é contextualizada pelo ideário moderno: as alterações urbanas e estilos de vida são apresentados como interpretações das reformas urbanas de Paris do Rio de Janeiro. Também aqui o olhar parte das condições atuais da citada rua para inferir sobre o esgotamento daquele projeto moderno.<sup>18</sup>

Em importante trabalho dentro desta problemática, que relaciona as idéias modernas às alterações espaciais e imaginárias, Lima (2005) investiga a expansão dos edifícios de apartamentos na Avenida Independência. Segundo a autora, as influências estilísticas aqui são nitidamente norte-americanas, onde a verticalidade simboliza sofisticação. Ela chama a atenção para o fato de que esses novos edifícios apresentam espaços para lojas em seus pavimentos térreos, reproduzindo a estética da vida pública do centro da cidade, sublinhado aquele imaginário.<sup>19</sup>

Focando a questão a partir de uma temporalidade mais ampla, Monteiro (2000) examina a produção historiográfica e literária em dois momentos de grandes transformações urbanas, as administrações Loureiro da Silva (1937-1943) e Telmo Thompson Flores (1969-1974). Afirma que, nesses contextos, ocorre uma demanda maior pela história da cidade, ou seja, a desestruturação urbana suscita a preservação de referenciais simbólicos, fazendo do resgate das memórias urbanas um contraponto às transformações da época. Assim, o autor vai centrar sua análise em Achylles Porto Alegre, reeditado nos anos 1940 e em Nilo Ruschel nos anos 1970.<sup>20</sup> Neste, a temática da cidade moderna em drástica transformação é

---

<sup>17</sup> MACHADO, Nara Helena Naumann. **Modernidade, arquitetura e urbanismo**: o centro de Porto Alegre (1928 – 1945). Porto Alegre: 1998. Tese (Doutoramento em História do Brasil) – IFCH/PUCRS, 1998.

<sup>18</sup> MATTAR, Leila. **Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900 – 1930)**. Porto Alegre: 2001. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS. 2001. pp. 61 e 103.

<sup>19</sup> LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamento**: um tempo de modernidade no espaço no espaço privado. Estudo da radial Independência -24 de Outubro - nos anos 50. Porto Alegre: 2005. Tese (Doutorado em História)– IFCH/PUCRS, 2005. p.289.

<sup>20</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940; RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.

remediada pelo encontro com o Centro de Porto Alegre: a Rua da Praia. As crônicas de Ruschel, afirma Monteiro (2000), “buscavam recuperar a memória das práticas cotidianas de um grupo em uma ‘outra’ cidade situada no passado.”<sup>21</sup>

Também em “Espaços de sociabilidade memória” operamos uma busca de reencontro com este universo “estranho” e ao mesmo tempo fascinante, da Porto Alegre “moderna” do início do século até a década de 1930.<sup>22</sup> Nas ruas centrais e principalmente na Rua da Praia, realizava-se uma tradução da vida pública internacional, uma espécie de adaptação das idéias metropolitanas à realidade local. Esse ideário modernizante foi expresso em transformações urbanas, em modismos de todo tipo, na literatura e nas sociabilidades de uma forma geral. Paris, principalmente, bem como Londres e Nova Iorque tornaram-se modelos de cidade moderna: novelas francesas eram lidas pelos estudantes secundaristas; fotografias dos grandes prédios americanos apareciam publicadas na Revista do Globo; o desejo de “viver a vida das cidades” acompanhava poetas e políticos na província que se queria metrópole. Vivenciou-se o afã de construir uma grande cidade, fato que em si mesmo denunciava a pressuposição de um atraso.<sup>23</sup>

Os romances urbanos de Érico Veríssimo e “Os ratos” de Dyonélio Machado, entre outros importantes exemplos, demonstram que temática da modernidade e sua estética estavam na ordem do dia.<sup>24</sup> São trabalhos que deixam transparecer as idéias que circulavam no imaginário da época, onde a “metrópole” é o cenário vivo das novas tensões. Nestas obras o individualismo narcisista e a miséria contrastam num espaço que aplaude a liberdade e permite o anonimato: o projeto hegemônico de uma cidade repleta de arranha-céus e grandes avenidas contracenam com a heterogeneidade dos seus habitantes.<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas histórias**. Histórias e memórias (1940-1972). São Paulo: 2000. Tese (Doutoramento em História) – PUC/SP, 2000. p.356.

<sup>22</sup> MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de Sociabilidade e Memória**: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890 -1930. Porto Alegre: 1994. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - PUCRS, 1994.

<sup>23</sup> Ibidem, p.107.

<sup>24</sup> VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos Cruzados**. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1973; \_\_\_\_\_; **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. \_\_\_\_\_, **O resto é silêncio**. Porto Alegre: Globo, 1943; MACHADO, Dyonelio. **Os Ratos**. 19ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

<sup>25</sup> CRUZ, Cláudio. **Literatura e cidade moderna** – Porto Alegre 1935. Porto Alegre: EDIPURS, 1994.

Seguindo esta mesma linha, nas memórias posteriormente publicadas por intelectuais como Augusto Meyer, Theodomiro Tostes e o já citado Nilo Ruschel, que viveram intensamente aquela “outra” cidade, transparece muitas vezes a nostalgia de uma “modernidade perdida”.<sup>26</sup> Nos anos 1970, época da publicação desses textos, o futuro da cidade já não é uma certeza positiva para estes escritores, e o passado, reificado enquanto “época de ouro” da cidade, torna-se parâmetro comparativo para pesquisas sobre a sociedade contemporânea. A década de 1970 parece ter sido o momento em que se percebem os limites do acalentado projeto de modernização; a transformação da cidade provinciana em metrópole resultara em algo impensado: a “desumanização” do Centro e o surgimento das favelas na periferia que não possuíam o *glamour* inicialmente imaginado.<sup>27</sup>

Mesmo que, com razão, alguns autores atentem para a “mitificação” deste passado perfeito, considerando que existe sempre uma tendência neste sentido, não deixam de reconhecer as profundas e irremediáveis diferenças entre um e outro momento.

Cláudio Elmir (1995), por exemplo, ao investigar os anos 1950 e 1960 em Porto Alegre, procura mostrar que a idéia de uma época de ouro da cidade é um mito. Entretanto, as informações empíricas que apresenta estabelecem um corte nas formas de se vivenciar a cidade. Do golpe militar às grandes reformas urbanas dos anos 1970, teria ocorrido o fim da “última Porto Alegre provinciana”. No período anterior, contudo, “nas memórias da cidade, a ‘idade de ouro’ sempre se fez na constatação de que a rua era um lugar seguro para se viver”.<sup>28</sup> Com portas abertas e inexistência de grades, a estética urbana apresentava-se mais para o encontro do que para o conflito. Enquanto que, já nos anos 80, “ao término deste tempo de memória, a noite torna-se indício do perigo quando indiferenciam-se as faces destes habitantes que não mais se reconhecem”.<sup>29</sup> A decantada Rua da Praia passa a ser vista por alguns intelectuais como um “bazar persa” freqüentada por figuras

<sup>26</sup> MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro: Ed. O cruzeiro, 1966. TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. – Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.; \_\_\_\_\_. **Nosso Bairro: memórias**. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989. RUSCHEL, op. cit.

<sup>27</sup> METRÓPOLE OU PROVÍNCIA? **Zero Hora**, Porto Alegre: 06 mai. 1976.

<sup>28</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. **Os anos dourados de Porto Alegre: a construção de um mito da idade de ouro na memória da cidade**. In: HAGEM, Acácia e MOREIRA, Paulo. **Sobre a rua e outros lugares: reinventado Porto Alegre**. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995. p. 139 e 145.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 146.

“lambrosianas”<sup>30</sup>. Trata-se, portanto, não de um mito, mas da constatação de uma distância considerável que, em verdade, só se torna compreensível se inserirmos a cidade num contexto mais amplo. Tanto é assim, que Elmir (1995) traz uma imagem importante para a linha interpretativa que aqui vem se propondo. Em suas palavras:

O que na verdade impressiona a visão de nossos memorialistas dos anos 90 é a constatação da mistura que denuncia a unidade perdida. A nostalgia que recobre estas lembranças é a de um exilado espiritual da cidade. Mas, ao mesmo tempo, a cidade na qual ele vive não é a mesma que move sua tristeza. Existe a consciência terrível da impossibilidade de recompor o espaço que o tempo presente fez nomear de ‘anos dourados’.<sup>31</sup>

Entre o projeto utópico de metrópole que pressupõe a consciência do atraso e o resultado efetivo das várias idéias que se mesclaram no processo específico de modernização da Capital, constrói-se a saudade de uma Porto Alegre que não foi. Neste sentido, Luis Fernando Veríssimo (2003), ao comentar a crise do moderno, afirma, em uma de suas crônicas, que “no fim, do que a gente mais sente falta, do passado, é o seu futuro”.<sup>32</sup>

A distância entre projeto e resultado parece ser inerente às realizações modernas e a desconfiança sobre as metas dos processos urbanos não é uma especificidade de Porto Alegre. Assim, o grande interesse pelos primórdios da modernização na capital, por um projeto imbricado as idéias modernas em nível internacional e que se refletiam em obras urbanas e no imaginário da cidade, sugere que existe hoje a necessidade de questionar sobre os resultados daquele projeto.

Os problemas históricos medram sempre do presente e a realidade divulgada hoje pela imprensa, analisada pelos cientistas sociais ou pelos cronistas, entre outros, descreve as grandes cidades brasileiras como caóticas. Expressões como “guerra civil”, “violência urbana”, falta de perspectivas, etc. fazem parte do discurso cotidiano e são amplamente sentidas por estas populações, enquanto os

---

<sup>30</sup> GONZAGA, Sérgio. **Confissões de um adolescente interiorano**. In: BISSON, Carlos. (org.) **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993. p.140

<sup>31</sup> ELMIR, op. cit. p. 147.

<sup>32</sup> VERISSÍMO, Luis Fernando. O futuro não é mais o que era. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.3, 30 out. 2003.

mecanismos da ordem pública espelham a inoperância do Estado (em todos os níveis). Assim, enquanto se pesquisa sobre a “vida pública” da antiga cidade moderna, fala-se em privatização da vida contemporânea, de uma fuga das ruas, eventualmente substituído-as pelo encontro virtual. As ruas e as praças citadinas, que permitiam o encontro político e as trocas econômicas e culturais, local por excelência do processo histórico moderno, são substituídas, pelo menos em parte, por feudos urbanos.

A desconfiança sobre o presente e o futuro da cidade moderna é uma questão que preocupa urbanistas e estudiosos do social a algumas décadas e que desemboca num contexto de fortes apreensões.

### **1.1 A crise da modernidade e a cultura virtual**

Para Morin (1991), depois de quinhentos anos a modernidade agoniza nesta virada de século. Sua crise assume proporções gigantescas porque a modernidade

[...] não era apenas um fenômeno histórico, não era apenas uma idéia-força, era uma crença e, de fato, erigira-se no século XIX numa religião que se ignorava enquanto tal porque se baseava naquilo que se impusera contra a Religião revelada: a ciência materialista, a Razão Laica, o Progresso histórico.<sup>33</sup>

Os episódios da bomba de Hiroxima, em 1945 introduziram a ambivalência na idéia do progresso científico, tão caro aos modernos. Logo depois, com a derrocada do Stalinismo e seus escândalos, o socialismo perdeu sua perspectiva salvadora; os acontecimentos do leste europeu de 1989 sepultaram o “futuro radioso” da revolução e instalaram uma crise do porvir.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> MORIN, Edgar; BOCCHI, Gianluca. CERUTI, Mauro. **Os problemas do fim do século**. Lisboa: Editorial Notícias, 1991. p.9

<sup>34</sup> Ibidem, p.10.



A opinião de Morin (1991) é a de que a ciência é cega em relação ao seu próprio destino: as técnicas que produz escapam muitas vezes do controle e da consciência do próprio pensamento científico: a racionalidade sem autocrítica se torna um delírio ilógico e cego. Desta forma, o devir deixa de significar desenvolvimento e o futuro se transforma em incerteza.<sup>35</sup> A situação deste início de século associa, assim, uma crise de passado aberta pela própria modernidade e uma crise do futuro e do devir que solapam a própria modernidade. Para este contexto, o autor afirma que são apresentadas normalmente duas saídas: o neofundamentalismo, que consiste na vontade de enraizar-se e de retroceder à fonte da tradição; e o pós-modernismo que, ao desconsiderar o futuro e o devir, rompe com a história e se torna cego às bifurcações do caminho.<sup>36</sup>

Existe, portanto, uma crise de referências quando se trata de pensar a modernidade e a vida nas grandes cidades atuais. Para autores como Baudrillard<sup>37</sup> e Giddens (2003),<sup>38</sup> o processo de globalização está na base destas questões. Os pontos acima referidos passam, de alguma forma, também pela problemática da aceleração das trocas econômicas e culturais que se ampliaram de forma inédita nos últimos 40 anos e que não são totalmente compreendidos.

No entendimento de Giddens (2003), por exemplo, a globalização afeta todas as dimensões da vida e impõe a todos um caminho complexo. Para o sociólogo britânico, este processo é absolutamente revolucionário. A globalização é política e cultural, tanto quanto econômica e “foi influenciada acima de tudo por desenvolvimentos nos sistemas de comunicação que remontam apenas ao final da década de 1960.”<sup>39</sup> Ela não altera apenas o sistema financeiro internacional, mas adentra as cidades e as casas. Os costumes familiares, as relações entre os Estados e o risco ecológico global também estão sendo fortemente alterados por ela. Em suas palavras:

As nações enfrentam hoje antes riscos e perigos que inimigos, o que representa uma enorme transformação em sua própria natureza. Estes

---

<sup>35</sup> Ibidem, p.11.

<sup>36</sup> Ibidem, p.13.

<sup>37</sup> BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Requiem para as Twin Towers. Porto Alegre: Sulina, 2003.;

<sup>38</sup> GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrol**. O que a globalização está fazendo de nós. 3ªed. São Paulo: Record, 2003.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 21.

comentários não se aplicam somente às nações. Para onde quer que olhemos, vemos instituições que, de fora parecem as mesmas de sempre, e exibem os mesmos nomes, mas que por dentro se tornaram muito diferentes. Continuamos a falar da nação, da família, do trabalho, da tradição, da natureza, como se todos continuassem iguais ao que foram no passado. Não continuam. A casca permanece, mas por dentro eles mudaram – e isto está acontecendo não só nos EUA, na Grã-bretanha ou na França, mas em quase toda parte. São o que chamamos ‘instituições-casca’ – instituições que se tornaram inadequadas para as funções que são chamadas a desempenhar.<sup>40</sup>

Segundo o autor o “descontrole” está, assim, estreitamente relacionado à ampliação de um cosmopolitismo global que normatiza o mundo contemporâneo, afetando de forma fundamental as idéias que serviram de baliza para a sociedade.

A perspectiva de Baudrillard (2003) também aponta para a crise das idéias modernas. Para ele o terrorismo, o fanatismo e o nihilismo estão relacionados à globalização e ao conseqüente fim de uma cultura “universal”. Enquanto esta representaria a ordem moderna, iluminista, aquela se coloca numa perspectiva inversa. A universalidade estaria ligada aos direitos do homem, à democracia e às liberdades individuais; a globalização, por seu turno, se vincularia ao mercado, à tecnologia e aos meios de informação. No mundo das grandes trocas comerciais a universalização dos valores não tem espaço próprio. O pensamento único triunfa sobre o universal. Para ele, “O universal era uma cultura da transcendência, do sujeito e do conceito, do real e da representação. O espaço virtual do global é o da tela, da rede, da imanência, do digital, um espaço-tempo sem dimensão.”<sup>41</sup>

Está-se, portanto, a falar de uma questão de contexto. Pensadores de diferentes áreas e orientações teóricas apresentam interpretações semelhantes para problemáticas bastante circunscritas. As tecnologias de informação e seus efeitos estão por trás desta aceleração do tempo que gera um “descontrole” nos referenciais e uma busca pela memória moderna. O sociólogo Fernando de Barros (2001), analista de ciência e tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), arrola um conjunto de opiniões da intelectualidade científica brasileira para descrever o contexto de que se vem tratando aqui:

---

<sup>40</sup> Ibidem, p.28.

<sup>41</sup> BAUDRILLARD, op. cit. p.55

Trata-se de um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras; as economias de todo o mundo, em forma de geometria variável, passaram a manter certa interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade; a divisão do trabalho se efetua não tanto segundo jurisdições territoriais – mas sobretudo segundo um padrão complexo de redes interligadas; a riqueza, possibilitada por um crescimento ímpar na história da humanidade, caminha de forma contrastante com o aumento da exclusão que se expressa na pobreza que se alastra nos continentes africano, sul-americano e asiático; os conflitos sociais tem crescido de forma exponencial, manifestando-se, entre muitos exemplos, na expansão da violência urbana e num grande número de guerras; os sistemas políticos estão mergulhados numa crise estrutural; as populações tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais.<sup>42</sup>

O pano de fundo deste ambiente é representado pela mídia que estabelece os padrões do tecido social, reelaborando de forma um tanto anárquica a ordem das coisas. À mídia de massa, veio somar-se, em meados dos anos 90, a comunicação processada pelos computadores. Esta fusão chamada de multimídia termina por invadir todos os espaços da vida cotidiana indiferente à complexidade do social: a política e o mercado acontecem em tempo real opondo a “Rede” ao “Ser”.<sup>43</sup>

Essas transformações ligadas ao mundo comunicacional criam assim um espaço virtual que está, como vimos, profundamente arraigado ao cotidiano de quase todas as sociedades no planeta. Para o filósofo Pierre Lévy (1999), tem-se um universal sem totalidade:

O ciberespaço se constrói em sistemas de sistemas, mas por esse mesmo fato, é também o sistema do caos. Encarnação máxima da encarnação técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual nem o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de ‘universal sem totalidade’. Constitui a essência paradoxal da cibercultura.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> BARROS, Fernando Ferreira. **Os avanços da tecnociência, seus efeitos na sociedade contemporânea e repercussões no contexto brasileiro**. In: Baumgarten, Maíra. (org.) **A era do conhecimento: Matriz ou Agora?** Porto Alegre/Brasília: Ed. Universidade/UFRGS/Unb, 2001. pp. 76 e 77.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>44</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. p.111.

A opinião de Lévy (1999) sobre o que ele chama de “cibercultura” é menos negativa, contudo, sobre as possibilidades do espaço virtual e suas relações com o urbano. Sugere que os efeitos da cibercultura são ambivalentes em relação aos espaços físicos das cidades e que a desterritorialização dos grandes centros resultam mais de uma tendência histórica ampla, do que de frutos específicos das redes comunicacionais.<sup>45</sup> Refuta assim a idéia de que o espaço virtual possa substituir o encontro e o fluxo das ruas; demonstra, ao contrário, que o crescimento das telecomunicações é paralelo ao dos transportes físicos para concluir que, “quanto mais nos comunicamos mais nos deslocamos”.<sup>46</sup>

O autor percebe, todavia, que as forças políticas não se pulverizaram com a rede e que as grandes empresas setentrionais tendem a interferir profundamente nas culturas locais. É o caso, por exemplo, das “teleuniversidades”, que formam “teletrabalhadores” na Ásia para um mercado internacional. Entretanto, sugere o autor, essa ubiqüidade da rede também poderia permitir novas estratégias para respostas locais ao global, a partir de auto-organizações que traduzam o endógeno no fluxo da cibercultura. Sua tese é a de que não adianta ficar contra ou a favor destes fatos históricos irreversíveis, mas compreendê-los para interferirmos de forma positiva. Sobre o impacto desta cultura no mundo urbano comenta:

Dentro de nossa perspectiva, as redes de comunicação deveriam servir prioritariamente à reconstrução da sociabilidade urbana, à autogestão da cidade por seus habitantes e o controle em tempo real dos equipamentos coletivos em vez de *substituir* a diversidade concentrada, as aproximações físicas e os encontros humanos diretos que constituem, mais do que nunca, a principal atração das cidades.<sup>47</sup>

De qualquer forma, essas questões terminam por se refletir em todo o Ocidente, traduzida conforme os matizes de cada contexto e podem ser percebidas tanto em idéias arquitetônicas, quanto nas relações sociais e nas formas de se representar subjetivamente o vivido. O esvaziamento do conjunto de idéias modernas, que ditavam o compasso do fluxo histórico, traz conseqüências que

---

<sup>45</sup> Ibidem. p. 190.

<sup>46</sup> Ibidem, p.189.

<sup>47</sup> Ibidem, p.191.

extrapolam, pela grandeza, a possibilidade de uma compreensão exata para quem vive o processo, permitindo apenas uma aproximação indiciária.

Partindo da leitura de obras fundamentais relativas às perspectivas presentes e futuras da cidade moderna, principalmente em sua forma metropolitana num contexto globalizado, constatou-se que pensadores de diferentes áreas demonstram fortes reservas no que tange ao futuro das grandes cidades na cultura ocidental. Mesmo que existam muitas diferenças entre elas, os autores apontam de uma forma ou outra para uma “crise de futuro”, contradizendo o ideário moderno que propunha uma teleologia otimista.

Mais adiante, ver-se-á como os cronistas atuais de Porto Alegre podem ser pensados nesta contextualização, focando esta problemática em um ponto específico, no amplo espectro do mundo globalizado.

## 1.2 Problemas na “antiga” cidade moderna: uma outra teleologia

Uma crítica à idéia de “Metrópole” enquanto síntese para a existência moderna aparece nas obras dos clássicos urbanistas norte-americanos. Já no início dos anos 60, alguns autores criticam estas estruturas idealizadas pelo pensamento científico moderno, salientando seus paradoxos. Neste sentido, os comentários de Munford Lewis (1998), em sua obra “A cidade na história”, publicada originalmente em 1961, são taxativos quanto às perdas sociais que ocorrem nestes ambientes muito racionalizados e “pouco humanos”.<sup>48</sup> Para ele, o crescimento exagerado do tecido urbano impõe a *multidão* e o *congestionamento*; o acesso ao núcleo citadino, tanto para as pessoas, quanto para as mercadorias torna-se lento e caro; as vias expressas ampliam o tráfego e sobrecarregam ainda mais os centros, fazendo das ruas e avenidas parques de estacionamento. “No ato de tornar acessível o núcleo da

---

<sup>48</sup> LEWIS, Munford. **A cidade na história** – suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

metrópole, os planejadores do congestionamento quase a tornam inabitável.”<sup>49</sup> Sugere que a distância entre a casa e o trabalho, quando mediada por horas em ônibus, metrô ou automóveis, atesta uma perda na qualidade de vida e que, ao contrário, quando as distâncias podem ser realizadas a pé, ganha-se “bons minutos” de encontro social.<sup>50</sup>

A perda do núcleo central das cidades e a criação de distantes periferias são vistas como sinais de decadência para a “vida pública” enquanto local de encontro e sociabilidade. Neste sentido, quando vislumbra o destino das grandes cidades afirma: “acompanhando o crescimento da cultura megalopolitana até sua conclusão, chegamos a toda sorte de processos terminais, e seria simplicidade da mente acreditar que tem qualquer perspectiva de continuar a existir indefinidamente.”<sup>51</sup> Segundo o urbanista Lewis (1998), a remoção do “solo de uma vida comum” do núcleo citadino constrói relações de “sombras” entre as pessoas, são sempre representações mediadas pelo papel dos jornais e pela televisão: em que a realidade se confunde com o show e os homens são reduzidos a um “feixe de reflexos” sem autonomia.<sup>52</sup>

Na clássica obra de Jane Jacobs (2000), sintomaticamente intitulada “Morte e vida de grandes cidades”, transparece também a preocupação com os encontros sociais das ruas e a afirmação de que a “vida pública” citadina tem por base as relações de “confiança”. Para ela, a construção de uma identidade pública assim elaborada é fundamental para as relações humanas nas cidades e tem início nos triviais encontros das ruas. Em suas palavras:

A confiança na rua forma-se com o tempo a partir de inúmeros contatos públicos nas calçadas. Ela nasce de pessoas que param no bar para tomar uma cerveja, que recebem conselhos do merceiro e dão conselhos ao jornaleiro, que cotejam opiniões com outros fregueses na padaria e dão bom dia aos garotos que bebem refrigerante à porta de casa [...].<sup>53</sup>

---

<sup>49</sup> Ibidem, 591.

<sup>50</sup> Ibidem, p.593.

<sup>51</sup> Ibidem, p.599.

<sup>52</sup> Ibidem, p.591.

<sup>53</sup> JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martis Fontes, 2000. p.60.

Segundo a autora, a quebra da confiança é um “desastre para a rua”, na medida em que aponta para a desagregação mais ampla do tecido social: o não comprometimento pessoal com o simples encontro das ruas cria um território urbano “cego” que se reflete no conjunto da cidade. Assim, “[...] a vida pública informal das calçadas está diretamente relacionada com as outras modalidades da vida pública [...]”<sup>54</sup>, que se irradia para os demais espaços simbólicos da cidade.

Em recente seminário realizado na cidade de São Paulo, o pesquisador Walter Prigge (2002) apresenta uma análise que, contextualizada no início deste século, parece estar em consonância com as questões acima apresentadas. Para ele, o atual ambiente globalizado altera as relações econômicas e simbólicas do viver a cidade. Referindo-se a tradição urbana européia, afirma que o antigo modelo de cidade está em seu ocaso; a fragmentação do espaço, a individuação da estrutura social, a midiática da cultura e a periferização do espaço central alteram as idéias sobre a cidade e a forma de vivenciá-la. Neste contexto, os shoppings são exemplos da crise do projeto moderno: as administrações municipais abrem mão de suas responsabilidades pelo conjunto da área urbana e estabelecem parcerias com setores privados na consecução de obras que rompem com as tradicionais escalas citadinas.<sup>55</sup>

Segundo Prigge (2002), a excessiva individualização da sociedade leva a um solapamento dos núcleos urbanos enquanto espaços políticos, transformando o cidadão em um usuário descomprometido que transita por ruas onde os estilos de vida são reduzidos a uma “questão de preço”.<sup>56</sup> A decadência dos centros urbanos altera a concepção clássica de cidade moderna. Em sua opinião:

A crescente transferência de funções urbanas para a região circundante destrói a longo prazo a substância da cidade núcleo que gerava centralidade: é ela a grande perdedora da Globalização; quem ganha é a região em cujo o espaço se realizam ações globais. [...] Onde fica hoje a ‘cidade’ em sua forma compacta e com sua estrutura complexa? [...] Em lugar nenhum.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>55</sup> PRIGGE, Walter. **Metropolização**. In: PALLAMIN, Vera. (org.) **Cidade e cultura**: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 52

<sup>56</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 56.

Seguindo a tese da privatização da “vida pública”, o autor salienta também o papel da midialização na vida das cidades contemporâneas, onde “virtualização”, “ciberespaço” e “internet” são palavras-chave para a globalização das culturas urbanas. A modificação do papel das ruas e dos centros urbanos, muito lembrados pelos cronistas porto-alegrenses, por exemplo, tem, na midialização atual da cultura uma parcela importante de causalidade. Ainda segundo o urbanista:

Essa midialização estimula a tendência de privatizar os eventos culturais originalmente públicos e sua percepção estética. Com isso reforça ainda mais a erosão progressiva dos ambientes públicos urbanos. A superposição de espaços ‘virtuais’ e ‘urbanos’ não apenas leva à musealização de setores inteiros da cultura moderna ( sua historização constante já é um indício do fim ), mas também desvaloriza a função simbólica integradora de elementos urbanos tradicionais, por exemplo, da casa, da quadra, da rua, da praça e do bairro.<sup>58</sup>

Um último e importante aspecto lembrado pelo urbanista diz respeito à construção de condomínios fechados, como parte de um processo maior que define por “desurbanização”. Estes novos feudos formam guetos sociais em oposição à cidade propriamente dita: os problemas dos centros metropolitanos são deixados à própria sorte, enquanto as idéias de comunidade moderna e de família são recriadas em periferias ordeiras e seguras, dentro destes condomínios. “Antigamente era o centro urbano o espaço da ordem burguesa e da segurança familiar, enquanto a periferia era o lugar do isolamento e da selva; hoje a situação se inverteu também deste ponto de vista.”<sup>59</sup>

As alterações percebidas nas comparações entre a cidade moderna e as formas atuais do urbano explicam em parte também a problemática da violência urbana. Considerando que os espaços públicos são abandonados em prol de idéias privatizantes, a noção de cidadão é substituída pela de consumidor. Neste ambiente, o controle de Estado perde terreno para as necessidades do mercado e as antigas esperanças de controle, caras aos modernos, se diluem nesta cidade não projetada. Fazem-se assim grandes progressos na desordem.

---

<sup>58</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>59</sup> Ibidem, p.57.



Para Pechman (1997), a própria idéia de cidade enquanto coletividade se desfaz e cede lugar à noção de “territórios particularizados”. A antiga ética urbana de convívio público e o respeito às leis de Estado que continham e interditavam os interesses privados sobre os públicos está se quebrando. “Por isso mesmo, os muros simbólicos estão se transformando em muros de concreto, muralhas, grades, sistemas eletrônicos de segurança, cães, guardas, etc. a separar drasticamente o privado do resto.”<sup>60</sup> O autor conclui que os muros são muito mais frágeis que as antigas limitações imaginárias de uma ética legal. Sem esta, as fronteiras que dão acesso ao outro ficam defenestradas; “a violência e a ilegalidade tornam-se recursos ao alcance de todos diante do vazio de uma ordem que não produz mais significados.”<sup>61</sup>

O sociólogo Nestor Garcia Canclini (1997) associa transformações urbanas e inovações tecnológicas como causas para as profundas modificações das socialidades públicas nas grandes metrópoles latino-americanas. Segundo ele, a desagregação das culturas tradicionais ligadas a uma cidade ou nação decorre do forte hibridismo cultural promovido pelos meios de comunicação e pela cultura eletrônica. Os antigos centros urbanos, que concentravam o comércio e os espaços para o entretenimento amparados por um discurso comum, uma “mono-identidade” como chama, declinam a partir dos anos 50 e 60. Na falta daquela centralidade, os shoppings inserem, como já citados por outros autores, um modelo de “cidade miniaturizada” que rompe com a temporalidade e as tradições urbanas “modernas”: constituem-se em territórios “des-historicizados”<sup>62</sup>.

Em sua leitura, a expansão demográfica e a conseqüente ampliação da estrutura física da malha urbana depreciam “o papel do organizador do centro histórico e o uso compartilhado dos espaços públicos”<sup>63</sup> que permitiam os encontros comuns, enfim, as socialidades públicas. As distâncias físicas são substituídas então ou compensadas pelos meios de comunicação, pelas conexões eletrônicas. Canclini (1997) coloca nos seguintes termos:

---

<sup>60</sup> PECHMAN, Robert Moses. **A cidade dilacerada**. In: SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p. 218.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 218.

<sup>62</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.110 e 111.

<sup>63</sup> Ibidem, p.112.

A expansão territorial e a massificação da cidade, que reduziram as interações entre os bairros, ocorreram dos anos cinquenta para cá, ou seja, no mesmo lapso em que se difundiram por toda a cidade o rádio, a televisão e o vídeo, novos vínculos eletrônicos, invisíveis, que reconstroem de modo mais abstrato e despersonalizado os nexos entre os habitantes, ao mesmo tempo em que nos conectam com a simbologia transnacional.<sup>64</sup>

Os tradicionais espaços para as sociabilidades públicas das antigas cidades modernas, como bares e confeitarias, são freqüentados atualmente, como no exemplo da Cidade do México apresentado pelo autor, apenas pela população de idade avançada. As faixas etárias mais jovens, sublinha o autor, fazem dos shoppings, dos “não-lugares” de Auge, um espaço de sentido em uma outra historicidade.<sup>65</sup>

Apontando para a problemática do tempo, Paul Virilio (1993) analisa a idéia de espaço urbano como uma noção em crise.<sup>66</sup> Para o arquiteto, a visível decadência das metrópoles, normalmente interpretada pelos historiadores como resultado do declínio industrial, não dá conta da problemática essencial. Se para estes o regime de temporalidade ainda se mantém de forma tradicional, para Virilio (1993) devemos pensar num tempo “trans-histórico” baseado nos ecossistemas técnicos. Para ele trata-se de uma crise de percepção: “se é possível falar de crise hoje em dia, esta é, antes de tudo, a crise de referências (éticas, estéticas), a *incapacidade de avaliar os acontecimentos em um meio em que as aparências estão contra nós.*” (grifo do autor)<sup>67</sup> Justifica suas afirmações apontando também para a questão da excessiva midialização em detrimento do contato direto dos sentidos, fazendo com que o “efeito de real” suplante a realidade urbana objetiva. Assim, para dar conta desta realidade, são abandonadas as grandes narrativas de causalidade teórica em prol das pequenas e micro-narrativas mais autônomas, processo que rompe com a tradicional formulação renascentista em relação a um discurso que dizia e descrevia o “real”.

---

<sup>64</sup> Ibidem, p. 112 e 113.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 111. Interessante notar que Canclini ainda não faz referência a internet e a seus vários recursos na elaboração das “socialidades eletrônicas”, instrumentos que se enquadrariam perfeitamente aos argumentos desenvolvidos.

<sup>66</sup> VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

<sup>67</sup> Ibidem, p.18

Se a temporalidade do atual contexto eletrônico aponta para uma difusão única e instantânea, o elemento arquitetônico termina por perder seu caráter espacial e passa, segundo o autor, a flutuar num “éter eletrônico”. Aqui, a noção do todo se perde e a percepção do espaço tradicional não se mantém. Assim, “a crise da noção de ‘narrativa’ se mostra como a outra face da crise da noção de ‘dimensão’ como narrativa goemetral, discurso de um real visivelmente oferecido a todos.”<sup>68</sup> Neste contexto fica evidente a superioridade das transparências em relação as aparências e a cidade de Haussman é transposta para a tela, local e encruzilhada de todos os fluxos de comunicação. A arquitetura que tradicionalmente era apresentada como um saber que objetivava organizar o espaço e o tempo das sociedades numa ordem material, tem seu poder diminuído diante do ordenamento invisível das redes eletrônicas. Trata-se, portanto, do declínio das cidades e do urbanismo vinculados ao espaço físico objetivo e da ascensão, por outro lado, de uma “arquitetura vídeo-eletrônica” ligada ao espaço-tempo sintéticos do cinema: o computador e os efeitos especiais recriam a cidade que se vê. Sua conclusão é sombria:

[...] hoje a metrópole é apenas uma paisagem fantasmagórica, o fóssil de sociedades passadas em que as técnicas encontravam-se ainda estreitamente associadas à transformação visível dos materiais e das quais as ciências nos desviaram progressivamente.<sup>69</sup>

A perda do controle em relação às socialidades urbanas, a propósito, torna-se tema central em importantes análises sobre o ambiente das metrópoles contemporâneas. Em “A corrosão do caráter”, título já em si mesmo bastante sugestivo, Sennett (2004) compara as relações de trabalho e seus efeitos sobre o convívio familiar em dois contextos: o do pai que trabalhava nos anos 60, sindicalizado e com o futuro previamente estabelecido e o do filho, para quem as relações de trabalho estão profundamente flexibilizadas. Para este último, estabilidade e previsão são idéias que fazem falta na harmonia familiar. Segundo o autor, “[...] por mais prósperos que estejam e no auge mesmo do casal adaptado,

---

<sup>68</sup> Ibidem, p.19.

<sup>69</sup> Ibidem, p.21.

um apoiando o outro, marido e mulher muitas vezes receiam estar a ponto de perder o controle sobre suas vidas.”<sup>70</sup>

Essas questões, por estarem vinculadas ao contexto histórico maior, fazem convergir pensadores de várias áreas que, com diferentes enfoques, se aproximam em torno das idéias centrais. É o caso, por exemplo, do psicólogo Félix Guattari (1990) que, em fins dos anos 1980, publica uma obra intitulada “As três ecologias”.<sup>71</sup> Nesta, salienta que o colapso do meio natural está intimamente interligado ao caos social e psicológico. Lembra que as grandes transformações tecno-científicas ligadas muito mais ao econômico do que ao político colocam em risco a vida no planeta e que, de forma conjunta, as sociedades humanas e seus indivíduos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração.<sup>72</sup> Salienta também que os meios de comunicação estão muito mais vinculados ao consumo do que preocupados em aprimorar os sistemas políticos, por exemplo. Ao contrário, agem normalmente no sentido de neutralizar o espírito crítico, infantilizando a opinião pública e destruindo as bases da democracia.<sup>73</sup> Meio ambiente, sociedade e subjetividade individual, sem o ordenamento de idéias de futuro, modernas ou não, criam uma instabilidade problemática a existência social. Para Guattari (1990):

Em todos os lugares e em todas as épocas, a arte e a religião foram o refúgio de cartografias existenciais fundadas na assunção de certas rupturas de sentido ‘existencializantes’. Mas a época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que tende a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos. Não só não constatamos nenhuma relação de causa e efeito entre o crescimento dos recursos técnico-científicos e o desenvolvimento dos progressos sociais e culturais, como parece evidente que assistimos a uma degradação irresistível dos operadores tradicionais da regulação social.<sup>74</sup>

Os reflexos deste processo são visíveis também na forma de vivenciar e perceber o plano estético das cidades. Featherstone (2000), neste sentido, em uma

---

<sup>70</sup> SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.18.

<sup>71</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas,SP.:Papirus, 1990.

<sup>72</sup> Ibidem, p.7

<sup>73</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>74</sup> Ibidem, p.30.

tentativa de entender o “flâneur” contemporâneo no contexto daquilo que define como “vida pública virtual”, afirma que as grandes cidades atuais são restauradas e renovadas para o turismo e para a diversão, aproximando-se da estética dos “parques temáticos”. Para o autor, é abandonada a tradição de cidade como local de encontro e do compartilhar da “vida pública” nas praças, livrarias, ruas e teatros em prol de uma relação mais virtual.<sup>75</sup> Nesse sentido pergunta:

O que significa a substituição da janela pela televisão ou pelo monitor do computador, de tal forma que o espectador não esteja num veículo que atravessa uma paisagem, mas sentado diante de uma tela que é utilizada para transportar imagens e informações ao receptor? [...]. A TV não seria uma nova forma experiencial de ‘flanerie’ ?<sup>76</sup>

A cidade então, enquanto permanência de uma outra contemporaneidade, guarda também em seu plano físico elementos da memória coletiva e individual que tensionam com a perspectiva da realidade contemporânea. Para o olhar acelerado e “virtualizado” atual, o patrimônio arquitetônico da cidade, enquanto escrita de um “discurso social” passado, aparece como algo sepultado que pode ser revivido apenas enquanto mercadoria. Segundo o autor, assim, “é possível ver a cidade como uma alegoria dos mortos com os prédios servindo de monumentos com faces vazias a serem preenchidos por aqueles que viverem”.<sup>77</sup> Neste contexto, o “flâneur”, que perdeu as ruas para a velocidade dos automóveis e para a insegurança, transforma-se em um consumidor de experiências que se “diverte comprando”. Nos shoppings centers, controlados e vigiados, ele troca a contemplação pela distração, representando o paradigma do “eu” contemporâneo.<sup>78</sup>

Quase no mesmo tom, a urbanista Françoise Choay (2001) lembra que a excessiva preocupação com a preservação patrimonial é uma alegoria que demonstra justamente a dificuldade de lidar com a aceleração do tempo na época do “ciberespaço”. Para a autora, o patrimônio histórico tenta “fazer hoje o papel de um vasto espelho no qual nós, membros das sociedades humanas no fim do século XX,

<sup>75</sup> FEATHERSTONE, Mike. **O flâneur, a cidade e a vida pública virtual**. In: ARANTES, Antonio. (org.) **O Espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000. p.189.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 189 e 190.

<sup>77</sup> FEATHERSTONE, op. cit. p.191.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 197.

contemplaríamos a nossa própria imagem”.<sup>79</sup> Este processo ter-se-ia iniciado com o advento da “revolução da eletrônica”. No final da década de 1950, ao criar sistemas de informações cada vez mais eficientes em escala planetária que interferem profundamente nas construções sociais, as novas tecnologias generalizam e consagram um “urbanismo de rede”: o espaço aqui perde terreno para a informação. Toda uma tradição de urbanismo se torna obsoleta quando os espaços (prédios, por exemplo) podem trocar a conexão das ruas pela dos cabos, promovendo um “espaço isotrópico”.<sup>80</sup> Neste ambiente, a relação do homem com o espaço e com os outros homens se torna “protética”, resultando em profundas mudanças na percepção do tempo:

As próteses que nos libertam do liame local livram-nos da duração para nos instalar, ao mesmo tempo, na instantaneidade. O tempo orgânico da rememoração, do cálculo, do questionamento, da espera, das marchas e contramarchas nos é recusado. Por sua vez, de uma outra maneira, o tempo cósmico das estações é esmagado pelas idas e vindas dos transportes aéreos de um hemisfério terrestre a outro, quer se trate de derramar os milhares de turistas nas praias ou os legumes nos mercados. Em uma palavra, a revolução protética atinge as sociedades humanas no ocaso do século XX no nível mais profundo, em seu enraizamento ao mundo por meio das categorias do tempo orgânico e do espaço local.<sup>81</sup>

Ainda segundo a autora, esses fatos promovem uma tentativa desesperada de encontrar na antiga cidade, enquanto “ficção narcisista”, uma identidade que não mais existe. Neste contexto, todos os campos e atividades humanas são “museificadas”, do automóvel a estrada de ferro: o museu deixa de ser uma instituição para tornar-se uma mentalidade.<sup>82</sup>

As possibilidades de deslocamento permitidas pelo “tempo real” da eletrônica e pelos transportes “ultra-rápidos” enfraquecem a tradicional noção de “lugar” e de pertencimento ao espaço terrestre. A mesma mobilidade que nega as distâncias, nega a cidade. O encontro físico é substituído por “relações imateriais” onde a própria dimensão corporal, ao ser negada, altera a tradicional estruturação dos laços sociais. Desta forma, o desenraizamento causado pelo impacto da eletrônica

---

<sup>79</sup> CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p.240.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 243 e 244.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>82</sup> Ibidem, p .247.

transforma o espaço urbano moderno, em última instância, em um grande “não-lugar”.<sup>83</sup> Quando Simmel (1979) questionou sobre os efeitos da metrópole em relação a “vida mental” dos indivíduos nas grandes cidades do início do século XX, identificou nos “estímulos contrastantes” emitidos pela metrópole os traços definidores de um tipo específico de personalidade.<sup>84</sup> O homem padrão urbano de Simmel (1979) era visto como resultado de um determinado tipo de espaço; o homem contemporâneo de CHOAY (2001) e Virilio (1993), por outro lado, não provém e não depende de um meio físico específico, resulta principalmente de redes virtuais. Nessa perspectiva, a idéia de cidade que antes apontava para o futuro vira “patrimônio” do passado, “ruínas” desorganizadas e, invariavelmente, violentas.

Os cronistas atuais de Porto Alegre também percebem o enfraquecimento da idéia de cidade moderna, calcada na valorização do encontro no espaço público, nas trocas culturais intensas e na liberdade do indivíduo; o “ar da cidade liberta” afirmava o velho adágio medieval nos primórdios da civilização urbana. As megacidades atuais, porém, contrariando o destino que a razão e a ciência lhe haviam predestinado, vivem uma espécie de “refeudalização pós-moderna”, como sugere Luis Fernando Veríssimo (2007). Em sua opinião, as cidades “[...] se transformaram em representações da injustiça sem remédio, cidadelas de privilégios cercadas de miséria, uma réplica exata do mundo feudal, só que com monóxido de carbono.”<sup>85</sup>

Na mesma linha, quando um artista de rua pinta linhas paralelas numa faixa de segurança na via mais tradicional de Porto Alegre, sugerindo um “código de barras”, chama a atenção para a privatização do espaço público em uma cultura centrada no consumo. A “intervenção” artística, rapidamente removida pelos poderes públicos, é noticiada e comentada também em forma de crônica. O professor Fischer (2007) entendeu a brincadeira como uma atitude que talvez tenha um “longo alcance” em termos de uma síntese para esta primeira década do século. Sua leitura da obra apresenta-a em profunda sintonia com as questões acima discutidas:

---

<sup>83</sup> Ibidem, p. 247.

<sup>84</sup> SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979. p.16. ( originalmente publicado em 1902 ).

<sup>85</sup> VERÍSSIMO, Luis Fernando. Nosso Espaço. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3. 07 mai. 2007.

Na cidade de nosso tempo, muitas coisas deixaram de viver na condição de públicas, como sonharam e sonham os utopistas da cidade republicana, para serem convertidas em espaços privados. Assim ocorreu com o espaço visual das ruas, privatizado pela propaganda; assim ocorreu com as casas, que mesmo sendo propriedades particulares só agora viraram bunkers antiassalto e, extensivamente, ante qualquer um; assim ocorre até com ruas inteiras, fechadas para evitar assaltos, seqüestros e horrores da mesma espécie, a que estamos todos submetidos, sem muita esperança. Assim, finalmente, conforme a piada visual, ocorre com o leito da rua: agora com código de barras, para passar pela Rua da Praia.<sup>86</sup>

Sérgio da Costa Franco (2006) afirma que as grandes cidades brasileiras vivenciam uma “crise indiscutível”, porque “[...] já não correspondem ao ideal de conforto e urbanidade com que foram sonhadas e idealizadas pelos seus habitantes no passado.” Ou seja: a utopia moderna não mais se sustenta diante de uma realidade empírica inegável. Sobre Porto Alegre especificamente apresenta sua análise:

A desindustrialização já é aqui um fato incontestável, o desemprego alarma, a carência de moradias populares é notória, os índices de bem estar em alguns bairros são desanimadores e a falta de segurança pessoal é unanimemente reconhecida.<sup>87</sup>

Muitas das posições dos autores acima citados convergem, de forma mais ou menos explícitas, para a crise dos referenciais modernos. Neste sentido, considerando os propósitos aqui indicados, no próximo capítulo far-se-á uma contextualização histórica do moderno e sua crise em Porto Alegre, priorizando as ambiências que demarcam os dois “cenários” que aqui se pretende analisar.

Antes, porém, far-se-á uma discussão crítica sobre a utilização da crônica como fonte de pesquisa e um cruzamento com a problemática que vem se tratando aqui.

---

<sup>86</sup> FISCHER, Luis Augusto. O humor e as barras. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.5, 29 mai 2007.

<sup>87</sup> COSTA FRANCO, Sérgio da. O drama das metrópoles. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 22. Dez. 2006.



### 1.3 Crônicas, imaginário e idéias: reflexos literários da cidade

O gênero literário mais intimamente ligado ao fluxo do tempo não escapou também de seus efeitos: a trajetória da crônica tem sua própria história. Originalmente o termo significa a narração dos acontecimentos em ordem cronológica. Arend (2000) lembra que a crônica “no início da era cristã tinha um caráter de mera relação de acontecimentos ordenados, limitando-se a registrar os eventos sem qualquer tipo de interpretação. Os fatos eram registrados sob forma de anais.”<sup>88</sup> Posteriormente, a partir de meados da Baixa Idade Média, ocorre a fusão entre historicidade e literatura quando a consulta às fontes e a preocupação com a forma narrativa fizeram daqueles autores os precursores da historiografia moderna. Ainda segundo Arend:

A partir do Renascimento, a historiografia vai se tornar mais rigorosa, atingindo sua maturidade com o Romantismo, quando ganha status de ciência. A crônica, por sua vez, segue um caminho paralelo, desvinculando-se de seu caráter historicista e aderindo ao jornal, principal fonte cultural e social da classe média no século XIX.<sup>89</sup>

Neste processo, deve ser sublinhado também que o sentido de gênero histórico prepondera ainda hoje nos diversos idiomas europeus, exceção feita à língua portuguesa.<sup>90</sup> Esta questão também é lembrada por Galvani (2005) em sua obra sobre a escrita da crônica, onde afirma que o gênero possui uma “receita brasileira e lusitana” que a aproxima da poesia em um espaço demarcado dentro do jornalismo; trata-se de uma construção específica e não traduzível em outras línguas.<sup>91</sup> Neste sentido, Galvani (2005) se “atreve” a dizer “[...] que a língua portuguesa vê a crônica, desde seus primórdios como o campo do invento e da

---

<sup>88</sup> AREND, Adriana. **Através da vidraça** – Imagens do cotidiano por Theodomiro Tostes. Porto Alegre: 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras/PUCRS, 2000. p. 44.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>90</sup> Ibidem, p44 e p.45.

<sup>91</sup> GALVANI, Walter. **Crônica: o vôo da palavra**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.36

experiência, da aventura e da valentia, o legítimo lugar onde a palavra voa, desenvolve, solta no espaço do imaginário.”<sup>92</sup>

No Brasil, a crônica tem início com o Descobrimento: história e literatura se misturam no documento seminal de Caminha ao registrar as circunstâncias daquele fato.<sup>93</sup> Para Cândido (1972), a Crônica no Brasil tem uma história positiva, “[...] e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.<sup>94</sup> No século XIX, com a expansão das cidades e do jornalismo em território nacional o estilo se vincula definitivamente ao jornal; inicialmente com pretensões meramente informativas sobre os fatos do dia ou da semana, recebia ainda o nome de “folhetim”. Seu formato evolui: “[...] foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância.”<sup>95</sup>

Com João do Rio (2007), em uma cidade já bastante complexa, o estilo ganha delimitações que farão escola no jornalismo brasileiro: a crônica parte de uma experiência urbana, a “alma das ruas” na busca literária de uma recriação do vivido.<sup>96</sup> Desta forma, “[...] quem narra uma crônica é seu autor mesmo, e tudo que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem”.<sup>97</sup> Por outro lado, Sá (2002) chama atenção também para a especificidade artística da função do cronista que, ao explorar as potencialidades do idioma, multiplica as significações do texto para descortinar nuances veladas ou completamente ignoradas.

Desta forma, a crônica faz a tradução do dia a dia pela ótica do escritor que foca o detalhe urbano, vê a sociedade em um poste quebrado ou na alegria de uma criança que vai à escola: escava questões filosóficas ou salienta a ironia da vida numa feira, na praça e no fluxo das ruas. O chamado “gênero menor” da literatura é uma fonte inesgotável de informações e “dados empíricos” para a construção histórica e para uma análise que pretenda deslocar as fronteiras do conhecimento

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>93</sup> SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2002. p.6

<sup>94</sup> CÂNDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CÂNDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. P15.

<sup>95</sup> Ibidem, p.15.

<sup>96</sup> RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Belo Horizonte: Ed. Crisálida, 2007.

<sup>97</sup> SÁ, op. cit. p. 9.

em seus vários matizes. Ao investigar as sociedades no acontecimento urbano, no devir da cronologia inexorável, ela tem que ser rápida e curta: não há espaço e tempo para tratados e distanciamentos metafísicos. Contudo, é neste “instantâneo” do fragmento que o cronista consegue devolver aos leitores um pouco do sentido da vida social das cidades. A partir de suas críticas, polêmicas e da tradução poética do cotidiano, ele constrói “imaginários”, discute “idéias” e “pensamentos” para analisar a ação do tempo sobre a sociedade e seus espaços. A memória acompanha sempre os passos do investigador das ruas porque o tempo altera a cidade e seus habitantes na velocidade da crônica: o passado aparece então como termo de comparação e referência amalgamado ao devir.

Ao comentar a obra de Walter Galvani (2005), “Crônica: o vôo da palavra”, a escritora portuguesa Inês Pedrosa (2005) salienta a complexidade do gênero:

Ao contrário do que a atual profusão de cronistas pode, à primeira vista, fazer crer, a crônica é uma das mais difíceis disciplinas da arte literária. Trata-se de captar essa coisa inefável a que chamamos ‘espírito do tempo’ num espaço limitado e seguindo normas implícitas de legibilidade. (...) Exige-se-lhe lógica e imaginação, e essa intuição da verdade a que damos o nome de perspicácia. É obra.<sup>98</sup>

Esse “espírito do tempo” é garimpado no dia a dia do espaço urbano e suas sociabilidades, as pequenas e grandes questões de uma época observadas na atitude do “cidadão comum” ou no decreto da municipalidade. Muitas vezes, contudo, o cronista salienta o cômico e o irônico de um fato, sem a menor preocupação com a universalidade das suas posições, conversa e brinca com os leitores de seu meio, de sua cidade. Para o escritor e também cronista Moacyr Scliar, a crônica “[...] é a janela pela qual a literatura contempla o cotidiano”.

Segundo Luís Augusto Fischer (2005), “[...] a cara de cidade está na crônica”.

<sup>99</sup> Trata-se de um gênero exclusivamente urbano. Diz o autor que sobre o ambiente rural existe poesia, conto, causo e romance, mas não há crônica. Ela “[...] precisa da rua e do trânsito, do poste de luz e do sol fazendo sombras retilíneas nas esquinas,

<sup>98</sup> PEDROSA, Inês. A arte de galvanizar a palavra. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.7, 30 jul. 2005. Segundo Caderno – Cultura.

<sup>99</sup> FISCHER, Luís Augusto. Crônica, a cara da cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 2, 26 mar. 2005. Segundo Caderno - Cultura.

do sujeito olhando para o lado antes de cruzar e tirando a carteira para pagar a compra”.<sup>100</sup> Para o autor, ela não tem a pretensão e a possibilidade de interpretar a totalidade, como no caso do romance. Possui, todavia, a dimensão certa para o consumo cotidiano: “[...] tem tamanho curto, é feita quase sempre da mão pra boca (...) e cabe no escasso tempo de leitura do pobre leitor”.<sup>101</sup> Trata-se, portanto, de um gênero acessível que não exige uma formação maior do público que tem o hábito de apreciá-las. Contudo, mesmo que não se proponha a penetrar na densidade do universal, missão de outros gêneros, ela estabelece, muitas vezes, contato entre o pequeno e rápido acontecer das ruas com as “idéias perenes”, questões fundamentais relativas à condição humana.

Conquanto tenham trilhado caminhos próprios, jornalismo e crônica terminam por encontrar um denominador comum segundo Arend (2000):

É preciso estar sempre atento às surpresas que estão por vir, mantendo um olho na realidade, para não ser colhido por surpresas desagradáveis, e outro no lirismo da banalidade, para que não passe despercebido o encanto da vida.<sup>102</sup>

Mesmo que coletâneas sejam compostas eventualmente e publicadas em forma de livro, a origem está normalmente no jornal. Ela é urbana, popular e culta ao mesmo tempo, e sempre atrelada à velocidade do jornalismo. “De forma que, havendo cidade e havendo jornal, lá está a crônica, para fixar retratos e ir contando a história a sangue quente”.<sup>103</sup> João do Rio (2007), a propósito, dedica muitas de suas crônicas a cidade em si mesma e as suas ruas, comenta: “[...] eu amo as ruas [...], a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!”<sup>104</sup>

Sobre os cronistas e a sua arte cotidiana, também o poeta Vinícius de Moraes (1980) tem suas metáforas para esses personagens de jornal:

---

<sup>100</sup> Ibidem, p.2

<sup>101</sup> Ibidem, p.3

<sup>102</sup> AREND, op. cit. p.58.

<sup>103</sup> Ibidem, p.2.

<sup>104</sup> RIO, op. cit. p.15.

Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes ‘marginais da imprensa’, por assim dizer, têm um papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros as espicaçam; este é lido por puro deleite, aquele por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come.<sup>105</sup>

A idéia de que os cronistas têm “um papel” social facilitado por sua relativa independência ou marginalidade dentro dos veículos de comunicação apóia-se no aspecto literário do ofício: o personalismo de cada cronista, seu estilo e suas marcas, abrem espaço ao emotivo, aproximando-o das conversas públicas. É neste sentido emancipatório que Galvani (2005) define a atividade como “[...] a mais legítima representação da liberdade de opinião” e que justamente por isso são os mais aptos comunicadores da cidade.<sup>106</sup>

Seguindo este raciocínio, Strelow (2004) ao analisar o jornal *Pato Macho* no contexto porto-alegrense do início da década de 1970, afirma que as crônicas são marcadas por um “dialogismo” entre espaços urbanos e indivíduos, lógica que permitia aos autores fazer “emergir em suas páginas a polifonia urbana, a intensa vivência que teve como palco e personagem a Rua da Praia.”<sup>107</sup> Nesta linha, Canevacci (1997) explica que uma cidade se “[...] caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisações cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra.”<sup>108</sup> Sendo polifônica, sua leitura não pode ser realizada por meios muito rígidos: daí a importância do observador/escritor dos fragmentos. Também Sá (2002) sublinha a dialógica do cronista que “[...] equilibra o coloquial e literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema e subtemas.”<sup>109</sup>

<sup>105</sup> MORAES, Vinícius de. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. p.8

<sup>106</sup> GALVANI, Walter. **Crônica** : o vó da palavra. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.18. Essa “liberdade” dentro da empresa jornalística de que nos fala Galvani ou o termo “marginal da imprensa”, referido pelo poeta Vinícius de Moraes, sugerem que estes profissionais possuem um espaço maior para falar, opinar e até contradizer a linha editorial de onde trabalham.

<sup>107</sup> STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Pato Macho**: jornalismo alternativo de humor. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação social) – Faculdade de Comunicação Social/PUCRS, 2004.

<sup>108</sup> CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997. p. 18.

<sup>109</sup> SÁ, op. cit. p.11.

Quem trabalha em comunicação ou em ciências sociais tem de saber ouvir e olhar a cidade de forma sensível, falar sobre o acontecimento urbano reinventando narrativamente a sociedade e seus espaços. O cronista, livre do cientificismo acadêmico e da necessidade de reportar diretamente a “realidade”, traduz e comunica a polifonia da cultura urbana oscilando entre o fato e a ficção, focando os múltiplos grupos sociais. A crônica, contudo, flerta também com o conto e a poesia para construir imagens literárias sempre centradas na “verdade do instante”, aproximando-se daquilo que Bachelard (1988) chamou de “ontologia direta”. Segundo este autor, a leitura ou a recepção de uma imagem poética é apropriada pelo leitor e materializa-se no ser. Para ele:

A imagem que a leitura do poema nos oferece faz-se verdadeiramente nossa. Recebemo-la, mas nascemos para a impressão de que poderíamos criá-la. A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso ela é a expressão criada do ser.<sup>110</sup>

Desta forma, a superabundância de informações retratadas pelos cronistas, que estão intimamente relacionadas ao acontecer urbano e ao fluxo temporal, transforma-se também em imagens e idéias que se fixam no devir. O cronista cria ou alimenta imaginários urbanos diariamente, aproxima o vivido do imaginado mesclando passado e presente, memória e acontecimento: cruza idéias universais na reflexão do detalhe e estabelece uma dialética entre espaço social e temporalidade. Seu texto é produzido, normalmente, a partir de um fragmento do dia numa cidade, circula nos “rios” do imaginário e “embrulha o peixe” do dia seguinte. Para Walter Galvani (2005), “[...] o ofício do cronista é como o vôo da gaivota, rente às ondas, até o ponto e a hora de fisgar o peixe. E então, vem o mais difícil: voar bastante alto sem deixá-lo cair. Escolhido o tema é só voar com as palavras”.<sup>111</sup> É esse “vôo alto” que faz contato entre a essência da duração que acontece na vida diária do indivíduo em seu espaço e as “idéias”, entre o contexto particular de uma cidade e as questões mais amplas de uma época. Dito de outra forma: desvela

<sup>110</sup> BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (os pensadores) p.100.

<sup>111</sup> PINHEIRO, Márcio. O vôo de Walter Galvani. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.5, 01 ago. 2005. Segundo Caderno.

elementos da estrutura a partir de detalhes vinculados a uma temporalidade conjuntural específica.

Para além de sua missão primordial, normalmente vinculada às 24 horas de um dia, muitos exemplares ficam arquivados ou perdidos em alguma gaveta e terminam pontilhando a cronologia de uma cidade enquanto fragmentos de memória. Este material empírico, assim, pode fornecer informações para investigações em vários níveis e áreas de conhecimento, indicando, entre outras questões, a cosmovisão de uma sociedade sempre datada.

Quando da construção historiográfica, a fala da crônica aparece como uma narrativa próxima aos fatos observados, como uma reflexão entre estes e a alteridade de diferentes passados. Na análise do miúdo, do fragmento, o cronista cria a partir de seu ofício literário e ficcional, uma possibilidade de aproximação com o discurso histórico. Neste sentido, a “ficção” do cronista mais o aproxima do que o separa da “realidade” do historiador: sendo uma quase conversa diária com o “hipotético” leitor, seu texto deve estar em consonância com o imaginário de seus consumidores.

Essa relação do cronista com o detalhe das observações e conversas do dia-a-dia, que podem se transformar em algo maior é apresentada por Liberato Vieira da Cunha (2006) na crônica “Breve teoria da incomunicação”, diz: “É difícil explicar às gentes que os cronistas são uns caras estranhos. Embora, como, aliás, sucede comigo, abordem tópicos banais, não abandonam os espectros de reflexões abissais, do gênero.”<sup>112</sup>

A recepção da crônica, no entanto, tem uma complexidade própria. A circularidade entre a análise do cotidiano, a versão publicada no jornal e a opinião sobre as mesmas que termina muitas vezes chegando ao autor, demonstram o difícil diálogo entre o cronista e o leitor. A relação da crônica com a polissemia do social expõe, em sua dificuldade própria, que a mesma é construída na forma de uma aventura criativa. Como afirmava Tostes (1934): o leitor é “[...] uma abstração de

---

<sup>112</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Breve teoria da incomunicação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 28 Mar. 2006. Segundo Caderno.

duas sílabas que faz parte das cogitações de todo cronista.”<sup>113</sup> O trabalho deste escritor, assim, é de um contato imediato e problemático, uma primeira e descomprometida síntese entre o fluxo empírico, por um lado, e uma de possível essência, por outro. Colado ao tempo e as ruas, o texto do cronista tem de conviver com a multiplicidade de opiniões. Sobre essa dificuldade própria do gênero, comenta Martha Medeiros (2006):

É uma aventura a cada linha, uma salada mista a cada ponto de vista. Franco-atiradores a serviço da reflexão, todos nós, os daí e os de cá, sabemos um pouco de tudo e muito do nada, e salve o bom humor diante desta anarquia, já que de algum jeito há que se ganhar a vida.<sup>114</sup>

Partindo dessas considerações é que se pretende fazer uso aqui da perspectiva teórica e metodológica da História das Idéias apresentadas por Baumer (1977). Para este autor, determinadas idéias, racionais ou místicas, estabelecem “pré-concepções” e “pré-suposições” que os homens absorvem, quase por osmose, do seu ambiente mental, de que não estão de todo conscientes ou raramente mencionam, uma vez que as tomam como garantidas.<sup>115</sup> Assim sendo, os intelectuais produzem a matéria prima para a compreensão do social e, em seus trabalhos artísticos, literários ou científicos representam os valores e reconstituem imagens de seu tempo. Nas palavras de Baumer (1977):

O intelectual reflete as idéias de outras pessoas, mas também as aperfeiçoa e esclarece: por consequência, a história das idéias propriamente dita concentra-se, sobretudo, nos intelectuais, porque eles articulam melhor as idéias e as crenças que circulam em uma sociedade.<sup>116</sup>

Nesse sentido, o cronista é apresentado como um intelectual específico que, justamente por analisar um amplo espectro de episódios ao calor da hora, (atualmente em um contexto histórico acelerado), permite acessar, de ângulos

<sup>113</sup> TOSTES, Theodomiro. Da crônica e do leitor. **O radical**, Rio de Janeiro: 07 Jan. 1934. IN: TOSTES, Theodomiro. Bazar. Op. Cit. p.285.

<sup>114</sup> MEDEIROS, Martha. Os bastidores da crônica. **Zero Hora**, Porto Alegre: 25 Jan. 2006. p.3.

<sup>115</sup> BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. VI E VII, Séculos XVII e XVIII. Lisboa. Edições 70, 1977. p.22.

<sup>116</sup> Ibidem, p. 23.



variados, o ambiente intelectual maior, ou seja: pinça as “idéias” no tempo das ruas e entrelaça a memória na reconstituição imaginária da cidade, rerepresentando as marcas e os cenários de uma época.

As idéias perenes, que permeiam as entrelinhas de qualquer discurso social, devem ser identificadas no âmbito do imaginário quando o foco é a literatura e as artes em geral. No caso de se tentar entender as alterações históricas e das idéias no universo de uma cidade, por exemplo, torna-se legítimo acessar a “alma encantadora das ruas”, como dizia João do Rio (2007), ou o “espírito de um grupo” como diz Maffesoli (2001). Segundo este autor ainda, o imaginário estabelece vínculos e funciona como “cimento social”, cria uma atmosfera que é sempre coletiva. Assim, a imagem de uma cidade é construída a partir do imaginário e não o contrário. Desta forma, por exemplo, existe “[...] um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes, etc.”<sup>117</sup> O mesmo se pode dizer da existência de uma Porto Alegre dos anos 20 e 30 ou da capital nesta virada de século. Tem-se no imaginário daquela Porto Alegre elementos traduzidos a partir das obras literárias, fotográficas ou cinematográficas importadas das cidades que simbolizavam o moderno. Essas imagens associadas aos elementos da tradição local, entre outros imponderáveis fragmentos, terminam por constituir um imaginário próprio. Machado da Silva (2006), ao ligar essas questões, tenta definir o que seja o imaginário:

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal.<sup>118</sup>

Desta forma, as construções imaginárias partem de imagens cinematográficas, arquitetônicas, pictóricas ou literárias. Dependem assim de “tecnologias” que funcionem como elo para as “re-presentações” simbólicas que são

<sup>117</sup> MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre: n°15, Ago 2001. p.76.

<sup>118</sup> SILVA, Juremir Machado. **Tecnologias do imaginário**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 11.

o fundamento de todo o pensamento humano.<sup>119</sup> Os livros, os jornais, o cinema, o rádio, a TV e qualquer forma de mídia são tecnologias, são mecanismos que produzem “visões de mundo” e “estilos de vida” sem o uso da violência. Funcionam no sentido foucaultiano, como “dispositivos epidérmicos” a indicar os movimentos e construir realidades.<sup>120</sup> No fluxo efêmero dos acontecimentos, o imaginário fixa alguns elementos para dar profundidade ao “ar do tempo”, resguarda os sentidos que caracterizam uma época, tornando-se parte fundamental da memória.

Os cronistas e sua arte, juntamente com os romancistas e repórteres constituem-se nos “melhores cartógrafos do imaginário” na medida em que captam “[...] os flagrantes do vivido, livres da obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão de descrição, da fotografia.”<sup>121</sup>

A cidade, assim, dentro deste raciocínio, constitui-se ela mesma em um elemento central do imaginário moderno. Sua estrutura física acomoda referências de toda ordem e fornecem material para as memórias coletivas e projeções simbólicas heterogêneas. Mesmo que, como recomenda o personagem de Ítalo Calvino (2003), em “Cidades Invisíveis”, “[...] jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve” não deixa de reconhecer que “[...] existe uma ligação entre eles.”<sup>122</sup>

No entendimento de Bresciani (1997), “[...] é a própria experiência do cidadão, este ser urbano e plural que constitui o imaginário moderno.”<sup>123</sup> As cidades modernas, segundo a autora, se expandem no bojo da tensão entre o projeto racionalista-iluminista e o projeto romântico, entre um pensamento universal que elimina o presente em prol do novo e de idéias que tentam resguardar o passado, associando memória a lugares, patrimônio e identidade.<sup>124</sup> Não é possível fugir totalmente dessa dicotomia, é desses “resíduos” e fragmentos que o habitante

---

<sup>119</sup> DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004. p.41.

<sup>120</sup> SILVA, op. cit. p.22.

<sup>121</sup> Ibidem, p.44 e 51.

<sup>122</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. p. 61

<sup>123</sup> BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade, cidadania e imaginário**. In: SOUZA, Célia Ferraz e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas: os diversos olhares sobre a formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p. 13.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 18.

comum ou o intelectual se utiliza para compor as “idéias-imagens” que definem suas identidades. O sentido da cultura urbana moderna pode ser compreendido nestes termos:

É importante frisar que são representações e não reflexos da sociedade; representações compostas com esses materiais recolhidos também de uma memória “sem-lugar”- um fundo comum simbólico - e que, como representações, atuam sobre as idéias e comportamentos individuais e coletivos, têm uma realidade própria – os imaginários sociais.<sup>125</sup>

O cronista, portanto, através de seu instrumento artístico, dá consistência ao “etéreo”, representa realidades em si mesmas inatingíveis e alimenta o imaginário de sua cidade. Cola-se desta forma ao “discurso social” de um determinado momento histórico para “narrar o vivido” presente. Esses dados, quando preservados de alguma forma, podem permitir a leitura histórica dos detalhes cotidianos e o acesso as suas idéias fundamentais.

#### 1.4 Crônica: Tempo e Memória

No mundo do “tempo real” dos computadores que passaram a fazer parte do cotidiano na maioria das cidades ocidentais, dos “não-lugares” virtuais ou reais<sup>126</sup>, da “velocidade de libertação”<sup>127</sup> ou da “modernidade líquida”<sup>128</sup>, a crônica, sempre rápida, parece ser uma forma de expressão adequada para dar informações sobre o “discurso social” contemporâneo, extremamente acelerado. Na medida em que se encontra “ao rés-do-chão” da cidade, percebe a polifonia do social e informa diariamente suas conversas. O cronista é, portanto, o narrador do urbano: fatos,

<sup>125</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>126</sup> AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.p.37.

<sup>127</sup> VIRILIO, Paul. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógios D’água Editores, 2000. p.159.

<sup>128</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. A temática do tempo acelerado e da fragmentação cultural perpassa a obra.

lendas e tradições são reproduzidas e reatualizadas a partir do contato com os personagens das ruas. Por um lado, ele enfatiza a cotidianidade, que é a dimensão primeira do indivíduo na cidade e da qual ninguém consegue desligar-se; por outro registra e reflete idéias perenes imprescindíveis na organização do presente. Walter Benjamin (1993), neste sentido, afirma que:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.<sup>129</sup>

Antônio Cândido (1992), por sua vez, lembra que a magia da crônica está justamente em dar “[...] sentido de repente ao vácuo absoluto” da existência. Para este autor, ainda, “[...] o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca da oralidade na escrita, isto é, de uma quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser de nosso tempo”.<sup>130</sup> O cronista é o intelectual das esquinas, do café e do detalhe da vida cotidiana: parte da linguagem informal, da “oralidade” em sintonia com o seu tempo para, muitas vezes, atingir uma análise mais ampla, elaborando uma crítica ou opinião. Essa relação entre tempo e a arte do cronista é assim descrita por Neves (1992):

A crônica, pela própria etimologia – Chronus / crônica -, é um gênero colado ao tempo. Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. (...) A crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo.<sup>131</sup>

<sup>129</sup> BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.198.

<sup>130</sup> CÂNDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CÂNDIDO, Antonio. et al. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação casa Rui Barbosa, 1992. p.16.

<sup>131</sup> NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo**: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CÂNDIDO, Antonio. et al. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação casa Rui Barbosa, 1992. p.82.

Registro, narrativa, subjetividade e projeto: o cronista faz a “escrita do tempo” a partir do dado objetivo e de sua subjetividade. Ao ler o cotidiano e seus personagens, ele tenta interpretar o “ser” no fluxo acelerado do “devir”, construindo cenários a partir de uma memória em contato constante com o presente. Por essas razões, entre outras, é que a crônica tem chamado a atenção dos historiadores.

As relações entre crônica e memória também devem ser ressaltadas aqui. Neste sentido, Armani (1996) lembra que para Bérqson (1979), “[...] não há percepção sem memória, pois ela está impregnada de lembranças, de milhares de detalhes de nossa experiência passada”.<sup>132</sup> Assim sendo, o cronista estabelece uma reciprocidade com o leitor e com o imaginário de sua cidade, espelhando o espírito de uma época, impregnado por diferentes temporalidades anteriores. A consciência individual do escritor, refletida em seus textos, tende a expressar as características de seu tempo. Para Bérqson (1979), a relação entre memória e consciência é colocada nos seguintes termos:

À memória pode faltar amplitude; ela pode abarcar apenas uma parte ínfima do passado; ela pode reter apenas o que acaba de acontecer; mas a memória existe, ou não existe consciência. Uma consciência que não conservasse nada de seu passado, que se esquecesse sem cessar de si própria, pereceria. (...) Toda consciência é, pois, memória – conservação e acumulação do passado no presente.<sup>133</sup>

Além disso, essa consciência que atualiza o passado no presente pela lógica do tempo, aponta sempre para um momento posterior, está impregnada de um *a posteriori*: a “flecha do tempo” é em si mesma a essência de toda metafísica em Bérqson<sup>134</sup>. Assim, para este pensador, “[...] toda consciência é antecipação do futuro [...]. Toda ação é um penetrar no futuro”.<sup>135</sup> Seguindo por esta linha, o cronista é apenas um personagem específico no fluxo dos acontecimentos que, com sua arte ampliada pelos meios de comunicação, funde elementos de memória no presente da cidade apontando um sentido de futuro. Trata-se, portanto, de duração:

<sup>132</sup> ARMANI, Carlos Henrique. Velocidade, Tempo, Memória e a História das Idéias. **Histórica**, APGH – PUCRS: Porto Alegre: n° 6, p.21 -28, 1996.

<sup>133</sup> BÉRQSON, Henri. **A consciência e a vida**. Conferências. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.71.

<sup>134</sup> ARÊAS, James Bastos. **Bérqson: a metafísica do tempo**. In: DOCTORS, Márcio. (org.) **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. P.136.

<sup>135</sup> BÉRQSON, op, cit., p.71.

condição de possibilidade de toda e qualquer experiência. Como diz Áreas (2003) sobre essas idéias bergsonianas: “[...] para o pensamento, a realidade do tempo é também a realidade da criação e da invenção permanentes, uma vez que ‘tudo não é dado’, embora muita coisa seja dada”.<sup>136</sup> Nesse sentido, reafirma-se aqui que o fazer do cronista, sempre fragmentário, parece estar preparado para a aceleração do tempo na atualidade, bem como adaptado à crise das metanarrativas modernas. Enquanto arte do instante, a crônica não pretende buscar um sentido de totalidade ou validade científica, mas se apresenta como uma prática textual adaptada ao mundo *on line*.

Dimensionando as colocações acima em uma perspectiva histórica ampliada, devemos pensar tempo e memória no âmbito da crise da modernidade. Segundo Gauer (2004), a filosofia moderna postulou um estatuto de verdade para a ciência, delimitando objetos e construindo métodos que deveriam ir ao encontro da verdade. O pensamento científico, ao pressupor uma idéia de progresso linear, faz com que o “devir” supere o “ser” e se transforme em uma categoria fundamental para o Ocidente.<sup>137</sup> A linearidade do progresso histórico, baseado na ciência, criaria a “Cidade da Razão”, uma espécie de “paraíso” secular em substituição as teleologias cristãs. Contudo, este pensamento, “[...] que se pretendia utilitário e funcional acabou por ser reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o ‘real’ do que pela capacidade de transformá-lo e de dominá-lo”.<sup>138</sup> Todavia, no âmbito mesmo da ciência ocorre um deslocamento de perspectiva, com a inclusão dos modelos da física quântica e da teoria da relatividade em que as noções de espaço e tempo absolutas da modernidade mecanicista são relativizadas. Para Gauer (2004):

O tempo no mundo, ao tornar-se incerto, torna-se por conseqüência diferente das ciências modernas, onde era definido pela possibilidade de definir leis universais e eternas da natureza. Portanto, a produção de conhecimento, privado da verdade universal, somente pode ser apoiada mediante uma postura de conhecimento provisório<sup>139</sup>.

<sup>136</sup> AREAS, op. cit. p.140.

<sup>137</sup> GAUER, Ruth M. Chittó. **Conhecimento e aceleração** (Mito, verdade e tempo). IN: GAUER, Ruth M. Chittó. (org.) **A qualidade do tempo**: para além das aparências históricas. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2004. pp. 2, 3.

<sup>138</sup> Ibidem, p.4.

<sup>139</sup> Ibidem, p.6.

Com a “revolução da física” e a teoria quântica de Max Planck e Einstein, os quadros absolutos do universo mecânico entram em colapso, “desmoronam”; e a própria idéia de linearidade temporal que se associava ao pensar histórico, essência da cosmovisão ocidental, entra em declínio. O problema, diz Baumer (1977), é que “[...] este quadro não foi substituído por outro, uma vez que os acontecimentos descritos não eram ilustráveis” e “[...] não se podia fazer um modelo do novo universo”.<sup>140</sup> Neste contexto, a natureza torna-se menos compreensível e mais acelerada, enquanto a ciência, cada vez mais complexa e caótica, ao perder a perspectiva de controle sobre o mundo físico, se torna mais humana.<sup>141</sup> A quebra da linearidade temporal solapa o projeto moderno na sua essência e intensifica atitudes presenteístas, interferindo nas várias esferas culturais, inclusive no universo político.

A desordem, contudo, possui sua própria lógica. Para Prigogine (1996), por exemplo, a física do “não-equilíbrio” entende que a desordem é a regra e não o seu contrário. Rompendo com os postulados modernos e deterministas, o cientista afirma que o entendimento da natureza não deve falar mais em certezas e sim em possibilidades e que o “caos” no fluxo irreversível do tempo é a essência da criação. Desta forma, a física clássica, ao negar o tempo e a mudança, construiu um conhecimento artificial, prepotente e questionável. Para ele, “[...] a vida só é possível num universo longe do equilíbrio.”<sup>142</sup> Esta nova ciência, ao propor o fim das certezas, torna mais compreensível também a antiga dificuldade das ciências sociais de enquadrar o comportamento humano, visto agora como imprevisível tanto quanto o mundo físico do qual faz parte. Se o caos é parte da ordem, a crise de modernidade que analisamos ao longo deste trabalho também poderia ser pensada como parte da natural “entropia” sugerida pelo autor.

Assim, diante da crise da grande temporalidade moderna e suas utopias, as metanarrativas cedem lugar aos pequenos relatos hoje veiculados pela mídia multifacetada que reescreve o vivido na fragmentação caótica do presente. Neste

---

<sup>140</sup> BAUMER, op. cit. V.II. p.230.

<sup>141</sup> Ibidem, p. 245.

<sup>142</sup> PRIGOGINI, Ilya. **O fim das Certezas**. São Paulo: UNESP, 1996. p.30.

ponto, poderíamos lembrar novamente a crônica jornalística: não seria ela uma possibilidade de acesso ao universo da incerteza, da velocidade e das idéias?

Na discussão sobre a temporalidade no contexto contemporâneo, Virilio (1993) sugere também que o tempo suplanta a noção de espaço. Este último que possuía uma historicidade e sugeria noções de extensão, distância e horizonte, é obliterado pelo “instantâneo” das ondas eletromagnéticas. Para Virilio (1993),

[...] onde o tempo local soube ‘fazer história’ a partir de nossa geografia, o tempo mundial aboliu-a, pelo menos na sua localização atual, dado que Espaço-Mundo cede o lugar ao tempo, mas ao Tempo Mundo de uma trajetória instantânea e sem referência ao solo ou à superfície.<sup>143</sup>

Autores como Zygmunt Bauman (2001) também encaminham reflexões no sentido de demonstrar que, na atual fase da modernidade, a velocidade do movimento chegou a seu “limite natural” e os referenciais da antiga modernidade, como classe, bairro e família, por exemplo, tornam-se categorias “zumbis”. Os padrões comportamentais não são mais evidentes ou dados *a priori*, afetando inclusive a esfera política: o projeto de Estado “ideal” perde terreno para a “política da vida”, em que a existência diária precede, com sua flexibilidade, qualquer planejamento de longo prazo.<sup>144</sup> Outra questão importante levantada pelo autor diz respeito ao impacto deste novo padrão temporal sobre o espaço, colocado nos seguintes termos:

Graças a sua flexibilidade e expansividade recentemente adquiridas, o tempo moderno se tornou, antes e acima de tudo, a arma na conquista do espaço. Na moderna luta entre tempo e espaço, o espaço era o lado sólido e impassível, pesado e inerte, capaz apenas de uma guerra defensiva, de trincheiras – um obstáculo aos avanços do tempo. O tempo era o lado dinâmico e ativo da batalha, o lado sempre na ofensiva: a força invasora, conquistadora. A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à principal ferramenta de poder e dominação.<sup>145</sup>

<sup>143</sup> VIRILIO, 2000. op. cit. p. 176.

<sup>144</sup> BAUMAN, op. cit. p. 14.

<sup>145</sup> Ibidem, p16.



O poder atual move-se na velocidade da eletrônica, está em todos os lugares em tempo real e torna-se “extraterritorial” e “pós-panóptico”. Ou seja: a fiscalização dos subordinados não exige a presença física de lideranças fiscalizadoras, ocorre *on line* e também porque o indivíduo presenteísta não representa mais um risco revolucionário.<sup>146</sup> Neste contexto, a idéia de comunidade torna-se uma “reliquia” do passado e as cidades modernas, pensadas para realizarem a redenção do homem num ambiente racionalista, onde a inclusão dos indivíduos permitisse socialidades positivas, transformam-se em lugares perigosos: “[...] o espectro arrepiante e apavorante das ‘ruas inseguras’ mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta da busca da arte e das habilidades necessárias para compartilhar a vida pública”.<sup>147</sup>

Assim, mesmo que o conceito de existência moderna não tenha se alterado, no eterno vir-a-ser de um projeto não realizado, as expectativas e ilusões destas idéias não se sustentam mais. A crença de uma cidade paradisíaca e estável à frente, de um Estado harmonioso, justo e até socialista sustentado por tecnologias evoluídas, enfim de um “telos alcançável” entrou em colapso.<sup>148</sup> “Não há mais promessas não, é só o mesmo lugar” percebeu o poeta Cazuzza no final da década de 1980.

Marc Auge (1994), através de um olhar antropológico, também constrói sua análise seguindo alguns pressupostos já referidos pelos autores acima citados. Para ele a temporalidade acelerada e o excesso de informações alteram a compreensão de tempo e espaço nas sociedades contemporâneas ocidentais. Desta forma, o tempo como “princípio de inteligibilidade” e de identidade para a história torna-se questionável. Essa “supermodernidade” cria um mundo que “[...] não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar”.<sup>149</sup> A diferenciação das noções de espaço / tempo atualmente em relação à antiga compreensão moderna são mais visíveis nos “não lugares” locais onde a vida acontece sem a identificação do indivíduo com o espaço. Aeroportos, aviões, vias expressas, grandes centros comerciais e as horas dentro de

---

<sup>146</sup> Ibidem, p.18.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 110.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>149</sup> AUGE, Marc. **Não lugares**: introdução a antropologia da supermodernidade. Campinas, SP:Papirus, 1994. p.37.

automóveis ou trens são resultados deste contexto.<sup>150</sup> A própria noção de coletividade é perdida nestes ambientes, para Bauman (2001) “[...] por mais cheios que possam estar os lugares de consumo coletivo não tem nada de ‘coletivo’”.<sup>151</sup> Sennett (1988) comenta, neste sentido, que vem ocorrendo o declínio da “vida pública” onde “os termos ‘urbano’ e ‘civilizado’ conotam agora experiências rarefeitas”, num mundo sustentado por um excessivo individualismo, pelas “tirantias da intimidade”.<sup>152</sup>

### 1.5 A estética do medo em Porto Alegre: a violência na crônica

Acredita-se que as questões acima apresentadas mantêm estreita relação com a problemática da violência das grandes cidades do ocidente em geral, e das brasileiras de maneira mais específica. A crise das metanarrativas, das teleologias norteadoras calcadas no moderno, bem como as citadas alterações proporcionadas pelo impacto das redes eletrônicas na percepção do tempo e espaço interferem também nas normas éticas do vivido.

Neste ambiente, a temática de violência urbana e do medo termina por ocupar importante espaço nos conteúdos veiculados pelos cronistas contemporâneos de Porto Alegre. Para além de um suposto discurso saudosista ou “mitificante” de uma “época de ouro” perdida, a realidade da violência vem se ampliando nitidamente nos últimos trinta anos. Os dados apresentados pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2001) em relação a violência e seus efeitos simbólicos e materiais sobre a sociedade londrina são comparáveis aos constatados nas grandes cidades brasileiras. Nas imagens construídas pelos cronistas porto-alegrenses, os dados das pesquisas e as elaborações científicas se transformam em retratos e manifestos: os fatos cotidianos da violência terminam por constituir uma estética do medo.

---

<sup>150</sup> Ibidem, p.37.

<sup>151</sup> BAUMAN, op.cit. p.114.

<sup>152</sup> SENNETT, Richard. **O declínio do homem público** – As tirantias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p.414.

Segundo o antropólogo Gilberto Velho (1996), vivemos atualmente uma situação bem diferente quando comparada a outros períodos históricos. Para ele a violência: “[...] é uma possibilidade muito mais presente hoje. Não estou dizendo que o passado era idílico, tranqüilo e pacífico. Mas nas cidades brasileiras, a violência tem rompido barreiras que existiam, como não agredir idosos”.<sup>153</sup> A questão do excesso e da velocidade que caracterizam a sociedade de consumo se reflete também na “cultura de violência”. Principalmente entre as populações mais jovens existem leituras de que a vida pode ser breve, e que por esta razão deve ser vivida intensamente. Segundo Velho (1996): “[...] é o gosto pelo risco e por uma agressividade que beira o patológico. Mas não dá para explicar por meio da psicologia um fenômeno que é global”.<sup>154</sup>

Por outro lado, a reação das vítimas tende também a ampliar uma cultura da violência ao sugerir atitudes mais enérgicas da polícia, propor a pena de morte ou adotar o porte de armas. O pesquisador cita um episódio em que um grupo de freqüentadores do Teatro Municipal no Rio de Janeiro foi assaltado, tendo como saldo um indivíduo baleado. O medo que tal situação se repetisse fez com que o grupo não mais freqüentasse aquele espaço, tradicionalmente ligado a “vida pública” da cidade.

Em outro trabalho, Velho defende que a violência está diretamente relacionada a não implementação da cidadania na sociedade brasileira.<sup>155</sup> Considera que o processo histórico do país não criou condições “minimamente satisfatórias” para a maior parte de seus habitantes participarem das negociações políticas. Também aqui, o individualismo moderno termina por ser contido em estruturas hierárquicas que são geridas pela atuação de um Estado “ambíguo”. Essa situação termina por comprometer a gestação de uma noção de justiça passível de ser compartilhada, requisito fundamental para qualquer negociação da ordem coletiva. Ele sustenta que:

---

<sup>153</sup> CIMERI, Fabiana. Antropólogo diz que violência é mais cultuada entre jovens. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. A 14, 20 out. 2003.

<sup>154</sup> Ibidem, p. A 14.

<sup>155</sup> VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade**: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto, ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1996

Uma das variáveis fundamentais para se compreender a crescente *violência* da sociedade brasileira é não apenas a desigualdade social, mas o fato desta ser acompanhada de um esvaziamento de conteúdos culturais, particularmente os éticos, no sistema de relações sociais. Ou seja, a pobreza tomada isoladamente não explica a perda de referências éticas que sustentem as interações entre grupos e indivíduos. Isto fica evidente nas grandes cidades, devido à exacerbação da iniquidade social gerada pelo contraste agudo dos modos de vida.<sup>156</sup>

O poder econômico do tráfico, ao arregimentar legiões de jovens favelados sem maiores perspectivas, quebra o prestígio e o poder das gerações mais velhas que costumavam indicar padrões éticos e regras sociais. Esses, instigados ao consumo pela mídia, tentam encontrar no atalho do crime a realização de demandas que não vislumbram no exemplo das gerações anteriores. Lembra o autor também que a tradição de “patronagem” é quebrada igualmente quando o tráfico fornece capital e armas a grupos que antes dependiam, para o ilícito, dos segmentos mais abastados. Os limites, então, de uma tradição ética são quebrados quando não se consegue manter uma eficácia mínima no sistema de reciprocidade.<sup>157</sup>

Soares (2005), na mesma linha, destaca a conjunção do tráfico de drogas com a violência. O primeiro permite a expansão intensa da criminalidade nas grandes cidades brasileiras, originando, da mesma forma, estruturas de poder paralelo do tipo “crime organizado”. Nas palavras do autor, o desenrolar deste processo tem uma datação precisa: “[...] este casamento perverso entre armas e drogas foi celebrado em meados dos anos 80”.<sup>158</sup> Fato que se impôs de forma dramática ao vivido das grandes cidades brasileiras, inclusive Porto Alegre. Mesmo que a maioria das vítimas sejam jovens, a sociedade é atingida em todos os níveis:

A sociedade brasileira em seu conjunto tem sido atingida pela violência. Todas as classes, etnias e faixas etárias têm compartilhado o risco de tornarem-se alvo de algum ato criminoso. Nesse sentido preciso, a violência criminal brasileira, em suas múltiplas formas, é ‘democrática’: vítima homens e mulheres, pobres e ricos, negros e brancos, indistintamente.<sup>159</sup>

<sup>156</sup> VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade**: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto, ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1996. p 15 e 16.

<sup>157</sup> Ibidem, p.18 e19.

<sup>158</sup> SOARES, Luis Eduardo. et al. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 248.

<sup>159</sup> Ibidem, p. 246.

Muniz Sodré (2006) sublinha igualmente o papel do hiato entre as condições efetivas de grande parte da população do país e o destacado desenvolvimento dos meios de comunicação; esses criam uma “telerealidade” de consumo em oposição à “escassa realidade histórica”, gerando frustrações e violência. Para o autor:

No caso do Brasil, a coexistência dos modelos de encadeamento e de midialização gera uma fricção que assume socialmente características de violência institucional ou burocrática. Assim, a relação entre os meios de comunicação (em primeiro plano, a televisão e rede cibernética) e a violência social está na forma como o sistema avançado de comunicação se articula com as condições de vida da população.<sup>160</sup>

No entendimento de Gilberto Dupas, o enfraquecimento da idéia de um espaço público, de uma cultura pública que gere “solidariedades” viabilizadas pelo Estado, resulta em medo e violência.<sup>161</sup> As experiências sociais, na medida em que são cada vez mais mediadas pelo virtual, pelos processos de informação, criam um ambiente opaco entre o público e o privado. Resulta daí, segundo o autor, uma transferência de poder das instituições tradicionais, que visavam uma ordem coletiva, para o universo do particular. Explica:

A consequência deste processo é a privatização dos meios, na ilusão de assegurar a liberdade individual. Isso leva à crescente polarização social e a um ambiente de medo difuso e insegurança geral que não favorece a articulação de uma ação coletiva.<sup>162</sup>

Mesmo que consideremos a violência como um elemento estrutural a todas sociedades humanas, não é possível negar que a mesma apresenta variações entre as diferentes culturas e entre seus diferentes períodos históricos. Ainda que se considere, como diz Gauer (1999), que é inútil negar o instinto de destruição do homem e que “[...] ser cruel é uma das maneiras mais legítimas de tornar-se

---

<sup>160</sup> SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Cultura**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2006. p.37.

<sup>161</sup> DUPAS, Gilberto. **Tensões contemporâneas entre o público e o privado**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2003.

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 8.

humano”,<sup>163</sup> não se pode negar que as invariantes humanas são também balizadas pelo contexto. Desta forma, diz a autora, “[...] a violência interna, que desagrega todo um sistema de sentidos e de valores no palco universal, vem-se constituindo como um problema na sociedade contemporânea”.<sup>164</sup> O medo então se presentifica numa estética urbana voltada para a segurança e numa subjetividade que altera padrões culturais. Os condomínios cercados, ruas inteiras gradeadas e os shoppings, por exemplo, materializam uma estética do medo com efeitos profundos no plano subjetivo. Para Gauer (1999):

Estamos assistindo a uma dramática instabilidade em nosso sistema de valores, de tal sorte que a não- reação, a não-resistência, a vulgarização da violência, da morte, da miséria, alteraram as regras básicas de convivência social. A perda do significado leva ao questionamento, mas a própria condição do indivíduo-sujeito está sendo abalada. No imaginário social, encontra-se a idéia de que continuar a viver tornou-se o valor central que se encontra drasticamente ameaçado(...). A fragmentação por nós vivida está assumindo, nas grandes cidades do Brasil, feições particularmente agudas e dramáticas.<sup>165</sup>

A ampliação da violência urbana de forma exponencial a partir da década de 1980 é confirmada por pelos índices oficiais, pelos cronistas, enfim, pela sociedade em geral. O próprio espaço urbano expõe a estética do medo nas cercas, muros altos e redes eletrônicas de proteção a casas e condomínios. Também aqui é possível falar de uma “privatização” do espaço público, que perde aos poucos um de seus papéis mais decantados pelos modernos: a rua como o lugar do encontro, da socialidade. O “ser” e o “estar” humano nas ruas perde terreno para o “passar”, para o deslocamento, para o “não-ser”. Os espaços públicos, assim, vão deixando, aos poucos, de representar referências de lugar (no sentido de agregação), para intensificar o caráter de vias de fluxo rápido. Entre o condomínio fechado e o Shopping a avenida é apenas um meio, algo a ser superado o mais rapidamente possível.

Neste contexto o projeto de cidade moderna, com seus espaços para a socialidade pública, decai diante da naturalização da violência, da miséria e o

<sup>163</sup> GAUER, Ruth. **Alguns aspectos da fenomenologia da violência**. In: GAUER, Gabriel Chittó e GAUER, Ruth Chittó. (orgs.) **A Fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 1999. p 20.

<sup>164</sup> Ibidem, p.22.

<sup>165</sup> Ibidem, p.27.

consumo; os problemas tornam-se individuais. Sennett (1997) afirma, por exemplo, que o problema das drogas em Nova York ou mesmo a questão dos sem teto, não causam estranheza nem sensibiliza a população em geral. Para ele, “[...] o individualismo moderno sedimentou o silêncio dos cidadãos na cidade”, e os antigos espaços de socialidade modernas, como “a rua, o café e os magazines são lugares para se passar de vista, mais do que cenários destinados a conversações.”<sup>166</sup> Bauman (2001), na mesma linha, avaliza essas posições sublinhando a decadência do “público” em um momento de “modernidade líquida”. Esta resulta para ele, dentre outros fatores, de um individualismo exagerado que tende a corroer a idéia de cidadania: viver uma cidade passa a exigir soluções “biográficas” para as “contradições sistêmicas”.<sup>167</sup>

A questão da violência é marcante nas crônicas do “segundo cenário”. As relações com o espaço público, as socialidades das ruas e a própria estética arquitetônica da cidade é influenciada por esta problemática. A crise das grandes cidades, que não é uma exclusividade brasileira, tem na violência uma marca importante no cenário nacional.

Partindo da idéia de um ambiente cultural acelerado e de uma cultura da “vida pública” decadente, o trabalho analisa os cenários e as idéias sobre a cidade e a sociedade de Porto Alegre nas últimas décadas do século XX e início deste em comparação com a antiga capital “moderna”. Utilizar-se-á, para tanto, as representações imaginárias fornecidas pela construção de seus cronistas, principalmente, bem como todas as formas de informação bibliográfica e documentação úteis à construção histórica.

Considerando que a consciência dos cronistas é também uma expressão de memória que pinta a cidade do presente e informa o imaginário do leitor, pretende-se investigar como a cidade está sendo percebida e vivenciada pelos cronistas? Como os cronistas traduzem ou reconhecem na cidade as idéias de temporalidade, memória e sociedade a ela associada? Que paralelos podemos estabelecer entre a antiga cidade “moderna” e a cidade atual?

---

<sup>166</sup> SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 289.

<sup>167</sup> BAUMAN, op. cit. p. 43.

Antes, porém, apresenta-se uma contextualização sintética dos dois “cenários” no intuito de facilitar a compreensão dos autores e seus ambientes. Trata-se de tentar utilizar-se da tradicional diacronia para melhor interpretar os aspectos sincrônicos dos objetos pesquisados.



## 2. Sobre a Porto Alegre moderna dos cronistas e historiadores

Porto Alegre, antes, era uma grande cidade pequena. Agora é uma pequena cidade grande.

Mário Quintana

### 2.1 A cidade e seu afã metropolitano: O primeiro cenário

O objetivo deste capítulo é o de lançar algumas luzes sobre o que aqui chamamos de “primeiro cenário”, qual seja: o contexto histórico dos anos 20 e 30 na cidade de Porto Alegre, período em que as crônicas de Theodomiro Tostes foram publicadas no Diário de Notícias e espaço temporal prioritário de suas memórias.

Conforme demonstram historiadores, urbanistas e arquitetos interessados no estudo das cidades, existe uma tensão que opõe provincianismo e cosmopolitismo em Porto Alegre no período em questão. Preocupação que aparece também nos escritos de Tostes e nas imagens literárias que legou em sua obra.

Busca-se compreender e interpretar aquele cenário, tendo presente que “[...] nada escapa a ambiência de uma época”<sup>168</sup> e que ninguém consegue manter-se de forma completamente independente ao “espírito do tempo”. Tostes e seus amigos viveram em uma cidade que buscava atualizar as idéias modernas, num tempo em

---

<sup>168</sup> MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político** – Tribalização do mundo. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005. p.105.

que essas perdiam suas antigas referências. Segundo Baumer, a partir da segunda década do século XX os bastiões do antigo projeto Iluminista são abandonados e uma “nova” modernidade coloca o homem “à deriva” em um ambiente mais acelerado, alterando os antigos referenciais do “ser”.<sup>169</sup>

Focar a década de 20 e 30 implica buscar as informações históricas que dão conta de um período maior, tendo como objetivo compreender a dinâmica da cidade dentro de um quadro mais amplo. As mudanças econômicas mundiais associadas às novas formas políticas do final do século XIX, bem como a integração do Brasil aquele universo através da economia cafeeira, interferem de forma sensível na dinâmica de algumas cidades do país. É o caso de Porto Alegre que de forma específica se associa àquele contexto internacional.

Entre 1875 e 1889 o Estado recebe também mais de 51.000 imigrantes, italianos em sua grande maioria. Esses contingentes populacionais, dispostos a “fazer a América”, serão responsáveis pelo desenvolvimento de uma importante agricultura comercial que, em boa medida, teve em Porto Alegre sua praça para a exportação ou consumo final.<sup>170</sup> Deve ser lembrado, também, que no período em questão foram construídas importantes linhas férreas que, interligadas em 1896, unem as principais áreas econômicas do Estado à capital, desta forma, “[...] o volume de produtos exportados via Porto Alegre cresce acentuadamente.”<sup>171</sup>

Constantino (1998) opina que, a partir da década de 1870, a cidade passa a demonstrar sinais claros de prosperidade. A ampliação da cidade vai transformando arraiais em arrabaldes, determinando um perfil mais moderno à malha urbana.<sup>172</sup> A autora afirma, também, que é na segunda metade do século XIX que a “[...] idéia de cidade como estilo de vida” vai se desenvolver, influenciada por imagens traduzidas à cultura européia.<sup>173</sup> Após os acontecimentos de 1889 e seus desdobramentos

---

<sup>169</sup> BAUMER, op. Cit. p. 167.

<sup>170</sup> PESAVENTO, Sandra. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências.** Porto Alegre: UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991. p.169.

<sup>171</sup> Ibidem, p.160.

<sup>172</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-americanos** – Revista do Departamento de História – PUCRS. Porto Alegre, Edipurs, v.XXVI, n° 1, Julho, 1998. p.150.

<sup>173</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro. A conquista do tempo noturno: Porto Alegre “moderna”. **Estudos Ibero-americanos** – Revista do Departamento de História – PUCRS. Porto Alegre, Edipucrs, v.XX, n° 2, dezembro 1994. p. 65.

específicos no Estado, o governo municipal implanta o “código de posturas municipais sobre construções” em 1893 com o objetivo de ordenar e “civilizar” a ocupação do espaço público, criando uma padronização mais racionalista.<sup>174</sup> Menegotto (2001) afirma que,

[...] a cidade queria mostrar-se saneada sob o advento da República. A nova estrutura administrativa e o primeiro Intendente Municipal Alfredo Augusto de Azevedo (1892 -1896) pretendiam registrar o início de um novo momento em que a capital era peça importante para as pretensões político-ideológicas do poder do Estado.<sup>175</sup>

Os fluxos migratórios internos ampliam também a população de Porto Alegre: ex-escravos migram para a capital, alemães estabelecidos há mais tempo no Estado montam casas comerciais e industriais em ramos variados e os italianos disputam o mercado de trabalho com os nativos. Segundo Bakos (1986), a população da capital apresenta neste período um movimento de crescimento contínuo:

A cidade torna-se atraente para movimentos migratórios face à multiplicação de suas fábricas, casas de comércio e serviços relacionados com a educação e aparelhos de Estado, que ali se encontram duplamente por ser a capital.<sup>176</sup>

As transformações econômicas que movimentam a cidade ocorrem nos níveis macro-econômico e micro-econômico: atacado, varejo, importação, exportação e serviços ampliaram-se anualmente. A cidade se transforma, então, em ponto de confluência e porto de passagem para a produção econômica do Estado.

A capital, assim, enquanto centro de trocas internas e externas, tem de modernizar o Porto para acompanhar o fluxo de crescimento nas primeiras décadas da República. Segundo Franco (1983), as crescentes necessidades que a ampliação do comércio acarretavam a Porto Alegre e, com as obras da barra em Rio Grande,

<sup>174</sup> MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa**: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre. Porto Alegre: 2001 Dissertação (Mestrado em História). Curso de pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2001. p.36

<sup>175</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>176</sup> BAKOS, Margaret Marchiori. **A continuidade administrativa no governo municipal de Porto Alegre (1897 – 1937)**. São Paulo: 1986. Tese (Doutorado em História). USP, 1986. p. 23

que abririam a economia do Estado, “[...] o governo estadual cuidou, a partir de 1911, da construção do porto de Porto Alegre.”<sup>177</sup> Essa obra, concluída em 1927, fez da atividade portuária o principal eixo comercial na cidade. Mesmo com o incremento das vias rodoviárias, o movimento de mercadorias e passageiros é intenso até a década de 1960. O afluxo era de tal monta que, como lembra Franco (1983), eram “[...] comuns os casos de navios ancorados ao largo, por falta de lugar para acostarem.”<sup>178</sup>

Após a inauguração do novo porto, o fluxo de mercadorias cresce imensamente, interligando a cidade às principais praças comerciais do país e do exterior. Os efeitos deste fato serão sentidos na economia e na sociedade locais tanto no significativo aumento dos estabelecimentos comerciais quanto nas alterações urbanas da época.<sup>179</sup> O centro da cidade, território que concentrou as expectativas modernas nessas décadas, com seus cinemas, bares e outros símbolos metropolitanos, tem no porto um importante elo para contatos econômicos e culturais. Hotéis como o Majestic, por exemplo, surgiram e se mantiveram intimamente ligados às transformações do centro e a vida do porto. Como lembra Carvalho (1996), “[...] era muito cômodo descer do navio e dar de frente com um hotel das proporções do Majestic.”<sup>180</sup>

Na Porto Alegre das primeiras décadas do século XX incorpora-se a idéia da “cidade progresso” nos projetos e realizações urbanas. As modificações estruturais realizadas na capital do Estado, assim como em outras cidades brasileiras, foram imaginadas e executadas, como diz Damásio (1997), “[...] através da articulação de diversos saberes”. O higienismo em voga no período, o imperativo de um sistema viário que desse conta dos novos veículos, a necessidade de uma infra-estrutura e o modelo paradigmático estabelecido pela reformas parisienses são idéias e questões que tencionam com o modelo adotado até aquele momento. Como comenta a autora:

---

<sup>177</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: associação comercial de Porto Alegre, 1983. p, 325.

<sup>178</sup> Ibidem, 1983. p.182.

<sup>179</sup> BAKOS, op. cit. p.25.

<sup>180</sup> CARVALHO, Haroldo Loguercio. **A modernização em Porto Alegre e o Majestic Hotel**. In: ÁVILA, Maria de Fátima. Porto Alegre:1996. Dissertações e teses. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996. p.70.

Em nome de uma sanidade física, a estrutura colonial ainda renitente foi implodida para dar lugar a uma nova, moderna, higiênica e ordenada. Os becos, outrora foco de doenças e lócus do crime e da prostituição, assim com os cortiços, [...] deram lugar a grandes avenidas, ordenadas, iluminadas, calçadas e 'limpas'.<sup>181</sup>

Também o universo das idéias políticas estava alinhado com a modernidade. Neste sentido o processo no Rio Grande do Sul apresentava peculiaridades que influenciaram de forma diferenciada os outros setores da sociedade. O Positivismo comteano teve uma tradução muito específica e grande importância em nosso meio. Para os objetivos aqui tratados, destacaremos apenas que a trajetória do Partido Republicano Riograndense (PRR) permitiu, após a Proclamação da República, uma capacidade inovadora não encontrada nos partidos congêneres no restante do país, principalmente por conseguir manter uma certa autonomia em relação à elite agrária da região<sup>182</sup>. Na medida em que sua filosofia possuía um caráter técnico-científico, tinha-se como moderna por excelência e, nesta linha, tentou encaminhar o governo. Bakos (1986), afirma que se na Europa o Positivismo teve um “[...] conteúdo nitidamente reacionário”, no Rio Grande do Sul, contudo, na forma Castilhista, apresenta-se de maneira mais progressista. A autora sublinha também que, coerentemente com sua filosofia, o governo positivista demonstra grande preocupação com a estrutura cultural e educacional, fornecendo auxílios a estudantes carentes, fundando escolas públicas (inclusive noturnas), inúmeras bibliotecas e faculdades.<sup>183</sup>

Nas décadas iniciais da República são fundadas, assim, as primeiras faculdades do Estado. Essas atraem jovens provenientes do interior bem como da capital, formando uma classe intelectualizada importante para os destinos políticos e culturais do Estado. Segundo Bakos (1986), quatorze faculdades começam a funcionar entre 1899 e 1923, implementando, entre outros, os cursos de Direito,

---

<sup>181</sup> DAMÁSIO, Cláudia Pilla. **A construção e a imagem cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século**. In: SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.148.

<sup>182</sup> PINTO, Celi Regina. **Positivismo – Um projeto político alternativo (RS: 1889 – 1930)**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986. p. 11.

<sup>183</sup> BAKOS, op. cit. p.29

Medicina, Agronomia e Engenharias <sup>184</sup>. Em uma perspectiva histórica preocupada em analisar as idéias e seus pensadores, a fundação das faculdades em Porto Alegre deve ser destacada.

As faculdades aparecem aqui como um divisor de águas na história da cidade, na medida em que fornecem maiores possibilidades para a reflexão intelectual. Os cursos superiores criam um ambiente propício a produção de conhecimentos científicos e filosóficos, atualizando a inteligência local às idéias da época. A própria “tradução” das imagens dos grandes centros cosmopolitas, dos modelos urbanísticos, da boemia e de novas formas de vivenciar a vida pública na cidade estão ligados a implementação dos cursos superiores na capital; as faculdades permitem o surgimento de uma “classe” intelectualizada que vai também pensar a cidade.

Nilo Ruschel (1971) discorre igualmente sobre esse segmento social diferenciado que surge na esteira dos cursos superiores e que alterou o cotidiano da cidade a partir dos anos 20. Para ele, a “mocidade estudantil” deu uma nota de vitalidade a Rua da Praia e seus espaços de sociabilidade. As calçadas, cafés e confeitarias do centro da cidade, bem como a vida política da época, não poderiam ser entendidas sem sublinhar a especificidade deste grupo. O repentino crescimento dessa população jovem marca o ambiente da cidade naquele momento: o “estudante era uma categoria social que afluía, levantando a cabeça por sobre a massa popular” e “[...] buscava destacar-se do vulgo por seus valores próprios.” <sup>185</sup>

A atração de jovens para estes estabelecimentos colabora para o forte crescimento demográfico do período. Contudo, essa expansão é devedora de um conjunto de fatores econômicos e políticos que, em conjunto, alteram o perfil da cidade. Neste sentido, Singer (1969) demonstra o rápido crescimento populacional no decorrer do período: o número de habitantes que em 1890 era de 52.684, atingirá 179.263 em 1920, ultrapassando 250.000 almas na década de 1930. <sup>186</sup> Monteiro (1995) afirma que, a partir do início da década de 1890, “[...] inicia-se uma nova fase do fenômeno urbano, caracterizada pela crescente complexidade da organização

---

<sup>184</sup> Ibidem, op. cit. p.30.

<sup>185</sup> RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971. p. 85.

<sup>186</sup> SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução urbana e Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Ed. Nacional / USP, 1969. p. 180

dos grupos sociais no espaço urbano decorrente das transformações das estruturas política, social e econômica da sociedade brasileira.”<sup>187</sup>

É neste momento específico de rápido crescimento econômico e mudanças políticas que Doberstein (1992) busca explicar o surto imobiliário presenciado no período. Para ele, “[...] nas duas primeiras décadas do século XX, em especial no quadriênio de 1910 – 1914, produziu-se em Porto Alegre um verdadeiro boom imobiliário que modificou, quantitativa e qualitativamente a fisionomia da cidade.”<sup>188</sup>

No contexto que assinalamos aqui, a cidade aprimora os serviços de transporte coletivo para os arrabaldes. Com o bonde elétrico, a partir de 1908, a velocidade moderna encurta distâncias e possibilita a urbanização de áreas esparsamente povoadas.<sup>189</sup> O primeiro automóvel aparece em 1907 e aos poucos se torna comum no ambiente citadino; no final dos anos 1920 já são noticiados congestionamentos na área central. A expansão populacional, os novos transportes coletivos e individuais são, todavia, limitados pelo tecido urbano “colonial” que fora pouco alterado na gestão Montauray (1897 -1923).

Mesmo que os estudos foquem principalmente as “melhorias” sociais, a miséria não suprimida pelas expectativas do moderno é também noticiada no período. Como no caso da epidemia da gripe “hespanhola”, em 1918, episódio em que deixa claro os limites do progresso, pelo menos em termos de distribuição de seus benefícios. Neste sentido, Abrão (1998) pontua que “[...] o estado de miséria nos subúrbios e a falta de alimentos continuavam a ser os principais fatores do recrudescimento da doença entre a população.”<sup>190</sup> Bakos (1986) também faz referência ao “outro lado” da vida social elegante que crescia e era amplamente divulgada. Lembra que a imprensa da época também versava sobre a “miséria

---

<sup>187</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. p.33.

<sup>188</sup> DOBERSTEIN, Arnoldo Walter. **Porto Alegre 1900 – 1920**. Estatuária e ideologia. Porto Alegre: FPCS, 1992.p 5

<sup>189</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 3ª ed. Porto Alegre: ed. Universidade / UFRGS, 1998. p.406

<sup>190</sup> ABRÃO, Janete Silveira. **Banalização da morte na cidade calada**. A hespanhola em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

anônima” e os “pardieiros urbanos” que contrastavam com os cafés da moda e o mundo dos cinemas.<sup>191</sup>

Seja como for, a despeito das insuficientes intervenções da municipalidade na estrutura da cidade, o certo é que nas duas primeiras décadas do século XX significativos avanços são lembrados pelos memorialistas e noticiados nos periódicos da época. É o caso, por exemplo, do relato de Vivaldo Coaracy (1962), jornalista e escritor que viveu em Porto Alegre entre os anos 1905 e 1919. Em suas memórias descreve o aspecto tosco da capital quando aqui aporta vindo do Rio de Janeiro: inexistiam bondes elétricos, automóveis e esgotos; a água encanada era privilégio de poucos, assim como a energia elétrica. Os detritos mais íntimos eram armazenados em “cubas” que as carroças da municipalidade recolhiam duas ou três vezes por semana, “[...] deixando um rastro de repugnantes odores”.<sup>192</sup>

Ao longo dos anos que residiu na cidade, todavia, presenciou mudanças importantes tanto nos aspectos físicos quanto na sofisticação social. Lembra também das faculdades que atraíam uma “massa de estudantes” que animavam as ruas, bares e cafés, formando grupos nas calçadas e namorando junto às portas das livrarias. Faz comentários sobre as “rodas” de intelectuais ou de outros grupos que se formavam junto às mesas dos bares como uma marca das socialidades realizadas no centro da cidade. Um outro aspecto interessante deste contexto, salientado por Coaracy (1962), é a da forte presença germânica na cidade que, mesmo formando uma “sociedade distinta”, contribuíram com seus clubes e restaurantes para o aprimoramento geral daquela sociedade.<sup>193</sup> Assim, além das inovações materiais que davam um ar “próspero” a capital:

Haviam também se desenvolvido os aspectos da vida social, a revelar-se em maior requinte dos hábitos, mais acentuado apreço ao conforto doméstico, mais intensa vida de relações, multiplicidade de casas de diversão, clubes novos, maior apuro nas confeitarias e restaurantes, exposições e festas de caridade.<sup>194</sup>

---

<sup>191</sup> BAKOS, op. cit. p.38.

<sup>192</sup> COARACY, Vivaldo. **Encontros com a vida** – memórias. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1962.

p. 7

<sup>193</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 144.



Para Weimer (1997), no entanto, a política autoritária dos sucessivos governos positivistas não havia conseguido uma efetiva modernização da cidade no início dos anos 20:

Na realidade, a cidade não conseguia esconder sua origem provinciana: os prédios de mais de dois pisos podiam ser contados nos dedos, a Rua da Praia, que congregava a vida social da cidade, era o local onde todos se conheciam e onde circulava as fofocas mais candentes.<sup>195</sup>

Seu sucessor, porém, em função das demandas políticas e sociais, assume com a missão de atualizar o espaço urbano à modernidade econômica e cultural que a cidade exigia. Monteiro (1995) assim define a questão:

Na administração municipal de Otávio Rocha (1924 – 1928), este projeto social de modernidade traduziu-se em uma política de ‘abertura’ e ‘modernização’ do espaço urbano de Porto Alegre, bem como na tentativa de integrar as camadas populares urbanas aos valores e as formas de sociabilidades burguesas. [...] Porto Alegre, no curto período da administração Otávio Rocha, passa por grandes reformas urbanas que reorganizam o espaço global da cidade.<sup>196</sup>

A remodelação da cidade iniciada por Otávio Rocha e mantida nas administrações de Alberto Bins (1928 – 1937) e Loureiro da Silva (1937 – 1943) demonstra que as idéias associadas à cultura moderna e a seus imperativos materiais e estéticos foram inscritos no espaço urbano de Porto Alegre. Desta forma, se as alterações urbanas, por vezes radicais, atendiam por um lado às necessidades do fluxo de mercadorias e às necessidades do capital, por outro visavam também satisfazer demandas estéticas associadas aos imaginários produzidos pelo moderno. A cidade apresenta neste período uma “teia de significados” que, fundamentada pelo discurso moderno, imbrica questões materiais e simbólicas.

---

<sup>195</sup> WEIMER, Gunter. **A imagem da cidade e o poder**. In: SOUZA, Célia Ferraz e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.233.

<sup>196</sup> MONTEIRO, op.cit. p. 48.



Figura 01: Avenida Borges de Medeiros – Década de 1930/40 <sup>197</sup>

Neste sentido, Machado (1998) sugere que o espaço urbano deva ser interpretado como:

[...] detentor ou possibilitador de determinados valores, envolvendo desde o cumprimento de funções reais até aquelas que se situam no terreno do imaginário. Os valores não existem em si, mas são atribuídos ou

<sup>197</sup> Museu Joaquim Felizardo. Autor: Ubatuba.

pretendidos, num determinado momento pelos habitantes da cidade ou parcela deles, aquela que consegue se fazer ouvir.<sup>198</sup>

Assim, mesmo que sempre coexistam diferentes discursos e perspectivas diante de uma tendência hegemônica, o entendimento dos historiadores, literatos e cronistas que elaboraram narrativas sobre esse período em muito se aproximam: a modernização da cidade e das socialidades era um imperativo da época. Ainda que um cronista do porte de Achylles Porto Alegre (1920) fizesse muitas críticas às alterações urbanas e comportamentais dos anos 20, não deixava também de aplaudir alguns elementos do progresso. Se por um lado o “[...] progresso é cruel em sua faina de destruir tradições”<sup>199</sup> por outro, lembra o observador da cidade: “[...] andando eu vou vendo e sentindo o prodígio de transformação por que tem passado minha cidade”, ela “remoça, se engalana e brilha.”<sup>200</sup>

Para Theodomiro Tostes (1989), a capital passa a mudar de forma mais sensível principalmente após a Revolução Federalista de 1923. Nesta época, “[...] a cidade vibrava, remoçava, abria-se em avenidas e viadutos e cobria de asfalto algumas calçadas de pedras irregulares.”<sup>201</sup> Diz, ainda, sublinhando referências feitas acima que “[...] o certo é que a cidade mudou mais num par de anos, do que em duas décadas e meia de estagnação e parcimônia.”<sup>202</sup> Tendo o modelo de reformas realizadas em Paris no século XIX como norte, os urbanistas tentam se aproximar do exemplo metropolitano: “[...] seus bulevares, com amplas calçadas, seus cafés e sua limpeza, tornam-se, então, o ícone do progresso na época.”<sup>203</sup>

Os estudos recentes que centram a atenção nos anos 20 e 30 de Porto Alegre, normalmente relacionam as transformações urbanas às socialidades modernas, na esteira dos estilos metropolitanos de se viver a cidade. As ruas tornam-se protagonistas e cenário ao mesmo tempo dos encontros públicos,

---

<sup>198</sup> MACHADO, Nara Helena Naumann. **Modernidade, arquitetura e urbanismo**: o centro de Porto Alegre (1928- 1945). Porto Alegre: 1998. 2v.Tese (Doutorado em História). Curso de pós-graduação em História do Brasil do IFCH – PUCRS, 1998. p. 16.

<sup>199</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. **Flores entre ruínas**. Porto Alegre: Oficinas Wiedmann, 1920. p.90.

<sup>200</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. **Noites de luar**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923. p.51 e 52.

<sup>201</sup> TOSTES, Theodomiro. **Nosso bairro**: memórias. Porto Alegre: Fundação Paulo Couto e Silva, 1989. P. 120

<sup>202</sup> Ibidem, p.120.

<sup>203</sup> DAMÁSIO, op. cit. p.149.

influenciados pelas imagens literárias e cinematográficas de amplo consumo na época. Como lembra Mattar (2001), a rua tornou-se “[...] espaço de prazer, das compras, do comércio, do lazer; local de passagem, encontros e trocas.”<sup>204</sup>

É, portanto, na ambiência deste contexto que se podem entender as radicais alterações do tecido urbano; a cidade é reestilizada de forma radical para incorporar as demandas da velocidade, da circulação de veículos e de um imaginário ligado à verticalidade metropolitana. Necessidades efetivas e idealizadas se coadunam na remodelação da cidade. Pesavento (1991) sintetiza a questão assim:

A idéia da modernidade implicava em uma reformulação de territórios em termos da abertura da cidade à franca circulação e articulação das suas partes; na verticalização da área central e na busca de uma uniformidade da paisagem, com a paulatina eliminação de espaços do ponto de vista de sua estrutura física e das socialidades aí desempenhadas.<sup>205</sup>

Para Machado (1998), também a arquitetura moderna que é introduzida naquele contexto constitui parte do vocabulário de uma linguagem em consonância com o ambiente pretendido: as ruas e prédios modernos que destruíam o passado são aceitos como resultados inerentes àquela temporalidade.<sup>206</sup> A produção fotográfica do período, por seu turno, dá exemplos claros de que se desejava ver naquela cidade, na medida em que seleciona ângulos que valorizam os grandes prédios, a velocidade e a “multidão” modernas. Neste sentido, como salienta Possamai (2005), a temática dos álbuns fotográficos dos anos 20 e 30 valorizam as ruas e o homem, a pavimentação, os veículos, os trilhos de bondes, a iluminação e o Porto.<sup>207</sup>

---

<sup>204</sup> MATTAR, Leila Nesralla. **Porto Alegre**: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900 – 1930). Porto Alegre: 2001. Dissertação (Mestrado em História) PUCRS, 2001. p.85.

<sup>205</sup> PESAVENTO, Sandra. **Memória Porto Alegre**: espaços e vivências. Porto Alegre: UFRGS/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

<sup>206</sup> MACHADO, op. cit. p. 341.

<sup>207</sup> POSSAMAI, Zita Rosane. **Memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre décadas de 20 e 30**. Porto Alegre: 2005. Tese (Doutoramento em História) – Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS, 2005. p. 212.

Essas interpretações convergem para os resultados obtidos em trabalho anteriormente elaborado por este pesquisador.<sup>208</sup> Em “Espaços de sociabilidade e memória”, salientou-se, entre outras questões, o ufanismo progressista veiculado na imprensa dos anos 20 e 30 que, décadas depois, seriam reavaliados nas memórias dos intelectuais que vivenciaram essas transformações. Na Revista do Globo, que começa a circular em 1929, são comuns artigos, notas comerciais e fotografias salientando a velocidade dos novos tempos e as fabulosas transformações urbanas pelas quais passa a cidade. No suplemento “aspectos urbanos”, que normalmente veicula fatos e fotos associados ao progresso da cidade, Celestino Jordão (1929) assim se refere:

Porto Alegre colonial vai desaparecendo aos poucos. Quer dizer: a velha Porto Alegre [...] cede passo, gradativamente, a uma cidade moderna. [...] Porto Alegre cidade internacional [...]  
Evidentemente, dentro da febre de renovação por que passa, nesse momento de vertigem a face da terra, a evolução da cidade só nos pode encher de orgulho.  
Entretanto, não é sem um ponto de melancolia que a gente vê desaparecer, no turfar irresistível, a Porto Alegre tradicional que a apenas vinte anos se assemelhava a todas as cidades coloniais do Brasil, como hoje se assemelha a todas as cidades cosmopolitas da América.<sup>209</sup>

Mesmo que eventualmente transpareça alguma preocupação com perda da “Porto Alegre tradicional”, o ufanismo modernizante e hegemônico “[...] assume posturas fáusticas em relação a tudo que simbolize o ‘antigo’, o ‘velho’ ou ‘tradicional’”.<sup>210</sup> O paralelo entre os prestigiados “arranha-céus” e as velhas casas de “beiral de telhado” instiga, nestes textos jornalísticos, a que se antecipe o futuro para a superação de um passado ainda evidente. O colunista da Revista do Globo constata que “[...] infelizmente, entre nós este progresso é relativamente recente, e em todos os quadrantes do centro urbano, onde ele opera, o casario antigo ao rés do chão exhibe ainda sua presença deplorável.”<sup>211</sup> Inaugurações de “arranha-céus” são constantemente noticiadas em jornais e revistas, muitas vezes com fotografias e comentários elogiosos onde as novas técnicas e suas possibilidades são enaltecidas

<sup>208</sup> MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de sociabilidade e memória**: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890 e 1930. Porto Alegre: 1994. Dissertação (Mestrado em História). Pós-graduação em História do Brasil, PUCRS, 1994. p. 102

<sup>209</sup> JORDÃO, Celestino. **Revista do Globo**, ano I, nº 5, 1929.

<sup>210</sup> MARONEZE, op. cit. p 102.

<sup>211</sup> JORDÃO, op cit. p.104.

como sinônimo de economia e racionalidade. Na Revista do Globo um artigo assinado pelo engenheiro Jacques Lambert (1929) problematiza, por exemplo, as questões de infra-estrutura nas grandes cidades e o escoamento de veículos que se multiplicam rapidamente, para ele, esses problemas devem ser resolvidos cientificamente pelo urbanismo. Para esta ciência:

[...] a cidade aparece como um 'organismo vivo' possuidora de 'enfermidades' variadas e o urbanista como um 'médico' responsável pelo tratamento. Para ele a cidade deixa de ser vista como um resultado artístico para ser encarada agora como fruto da ciência, totalmente racionalizada.<sup>212</sup>

Em outra passagem da Revista do Globo, no suplemento "Construções", o colunista valoriza o despojamento os aspectos práticos de uma arte agora vinculada ao planejamento econômico:

[...] não é só lógico construir de acordo com o estilo da nossa época como é também econômico. De fato, a arte moderna é em grande parte, consequência de pesquisas de economia. É pela eliminação de todos os elementos decorativos que representam um grande custo de mão-de-obra que a arte moderna chegou a essa simplificação de linhas e superfícies. A nova arquitetura já adquiriu direitos de cidadania, pois, não tendo adornos e aditamentos supérfluos, tolera mal o erro. Nela tudo é segurança de cálculo. A beleza, graça, suntuosidade, todos os valores estéticos do edifício, dependem de boa solução, da atitude prática que rege a obra.<sup>213</sup>

Saudados como ícones modernos, esta arquitetura, intimamente associada ao modelo norte-americano, vai alterar de forma rápida a silhueta do centro da cidade ao longo dos anos 1930 e a década seguinte. Para o viajante alemão Wolfgang Harnisch, lembrado por Nilo Ruschel (1971) como um professor universitário que veio justamente pesquisar os aspectos sociais e arquitetônicos da capital e do Estado, a cidade passava realmente por radicais transformações. Harnisch (1941) afirma que:

Nos dois anos que medei entre a minha chegada e partida, modificou-se profundamente o aspecto de Porto Alegre. O quarteirão de arranha céus,

<sup>212</sup> Lambert, Jacques. **Revista do globo**, ano I, n° 20, 1929. p..106.

<sup>213</sup> Ibidem.

que se ergueram ao longo da avenida Borges de Medeiros, deu ao centro da cidade uma nota nova e peculiar.<sup>214</sup>

Neste sentido, na biografia que Celito DeGrandi (2002) faz de Loureiro da Silva, o lendário prefeito aparece absolutamente afinado com as idéias da época. Ao assumir a prefeitura da capital em 1937, amparado por amplos poderes políticos, impõe a sua gestão projetos ambiciosos. Com ênfase nos imperativos da velocidade e escoamento do fluxo urbano, cria avenidas como a Ipiranga e a Salgado Filho. Nesta última foi necessário destruir parte importante do antigo centro “colonial”, permitindo a construção dos novos e “imponentes” prédios modernos. Era a “cidade dos andaimes”. Além de abrir grandes avenidas, o prefeito permite a aquisição dos primeiros cinquenta ônibus pela iniciativa privada, quebrando o monopólio deste tipo de serviços e dando início a uma outra estética ao transporte coletivo.<sup>215</sup>

Suas concepções serão sintetizadas no “Plano diretor” da cidade. Sobre este, publica uma obra intitulada “Um Plano de Urbanização” em colaboração com o urbanista Edvaldo Pereira Paiva, na qual comenta sua atuação á frente do governo municipal. Para DeGrandi (2002), a obra foi uma síntese de um projeto que pretendia enquadrar a estrutura urbana da cidade às “concepções científicas da urbanística moderna”.<sup>216</sup>

O “espírito do tempo” altera a cidade e o seu vivido com um discurso que parece tentar unir as pessoas em torno da idéia de um “lugar futuro” que legitime o presente. Contudo, as dúvidas e o saudosismo coexistem; o aplauso ao novo pode ter sido hegemônico, mas nunca foi unânime.

Assim, a cidade cresce e se transforma, a vida pública e as socialidades urbanas incorporam novos hábitos no rastro das notícias metropolitanas; contudo, a sensibilidade de um cronista como Zeferino Brazil (1932) põe sob suspeita o “clima” cultural do período. Brazil reflete em sua obra “Bohemia da penna - prosa velha”, de 1932, sobre as tensões de toda ordem que os jornais trazem diariamente as mãos

---

<sup>214</sup> HARNISCH, Wolfgang. **O Rio Grande do Sul** – A terra e o homem. Porto Alegre: Globo, 1941. p. 481.

<sup>215</sup> DEGRANDI, Celito. **Loureiro da Silva: o charrua**. Porto Alegre: Literalis, 2002. p. 92.

<sup>216</sup> Ibidem, p.100.

dos leitores. Na crônica de abertura, intitulada “A tristeza universal”, ele reflete sobre as notícias globais na relação com os hábitos sociais modernos. Para ele, os colunistas apresentam todos os dias em suas páginas um “planeta sombrio” e caótico: guerras, revoluções e catástrofes expõem a “dor universal” cotidianamente. Por outro lado, a vida social tem em mãos agora várias formas de sublimação. Sua tese é a de que se vive naquele momento uma falsa alegria. Na descrição que elabora da vida social não deixa de mostrar, contudo, a distinção com que os espaços para as socialidades públicas tinham nesse período. Em suas palavras:

Em vão o homem se esforça por iludir sua tristeza, procurando o gozo efêmero que, para recreio do espírito e da inteligência, os centros de diversão oferecem em toda a parte aos que podem comprar algumas horas de alegria. Os teatros, os ‘music-halls’, os clubes, os cinemas, os ‘cabarets’ e outros pontos de recreio e passa-tempo regorgitam, o riso esfuzia ai, a gargalhada espoca, mas no fundo de tudo isso vamos sempre encontrar um gesto ou esgar de enfado e desgosto profundos.<sup>217</sup>

Brazil (1932) critica a competitividade que a modernidade aprofunda. A cidade se torna mais sofisticada e mais tensa para ele: ela agrega, como ele nos sugere, tanto a estética quanto as angústias metropolitanas. Sua leitura demonstra, de qualquer forma, a “sintonia histórica” de Porto Alegre com as idéias da época que chegavam diariamente pelos vários veículos de mídia impressa.

Entre opiniões pessimistas de um lado e posturas que aplaudiam as transformações, por outro, o certo é que todo um contexto se atualiza sob o influxo das idéias que chegam através dos jornais, do cinema e da literatura. Os efeitos dessas leituras se fazem sentir nos comportamentos cotidianos dos habitantes em Porto Alegre. Nara Machado (1998) sublinha três traços dos costumes da época que, como indícios, começavam a marcar o imaginário urbano desses anos: o cinema, o cafezinho *rápido* e o automóvel.<sup>218</sup> Para a autora, os cronistas dos jornais porto-alegrenses percebem que a ampliação das avenidas, a velocidade dos automóveis e até o café rápido são sintomas, hábitos de metrópole que o imaginário do cinema norte-americano populariza.

---

<sup>217</sup> BRAZIL, Zeferino. **Bohemia da Penna** (prosa velha). Porto Alegre: Ed. Globo, 1932. p.5.

<sup>218</sup> MACHADO, op. cit. p. 62



O cinema tornou-se um meio de informação extremamente popular desde seu surgimento. Na virada para a década de 30 incorpora a tecnologia do som, nesse momento, surge o “cinema falado”. O som é associado às imagens que desvelam ou constroem estilos ligados a cultura cosmopolita internacional e ao imaginário metropolitano. A medida que ir ao cinema se incorpora a cultura local, esse torna-se assunto diário na imprensa e do público em geral. Afirma Meyer (1992) que:

Em várias referências da imprensa à atividade cinematográfica, observamos a preocupação em introduzir na cidade o fator cosmopolita. A penetração de filmes estrangeiros possibilitou ao público contato com diferentes orientações ideológicas.<sup>219</sup>

Estudos sobre a modernidade em “Caminhos Cruzados”, de Erico Veríssimo, sublinham pistas assinaladas acima.<sup>220</sup> Neste sentido, Cruz (1994) afirma que o impacto da cultura norte-americana, na observação de Erico, foi “avassaladora” e que “[...] tal presença se dava principalmente através da indústria cinematográfica: por este canal, chegava aos corações e mentes das pessoas do mundo inteiro o modo de viver americano”.<sup>221</sup> A magia do cinema americano, que já vinha alterando comportamentos nos anos 30, intensifica-se durante a Grande Guerra, “[...] projetando sua civilização pragmática nas telas do Guarany, do Central, do Rex, do Roxi ou do moderno Vera Cruz, ali na av. Borges de Medeiros.”<sup>222</sup> Imagens arquitetônicas das grandes metrópoles, estilos de vida e os imaginários ligados a cultura norte-americana invadem o ambiente local através das telas. A temática maniqueísta destes filmes, durante a II Guerra, por exemplo, transformou em vilões as etnias ligadas ao Eixo, enquanto ditou a moda com seus produtos exibidos pelas grandes estrelas de Hollywood. Neste contexto,

Não haveria mais lugar para a cultura alemã, ou qualquer outra, entre nós. Ingressaremos na cultura de massa de extração norte-americana. Não haveria lugar sequer para a nossa! Não era mais o tempo de salsichas book

---

<sup>219</sup> MEYER, Cláudia. O cinema em Porto Alegre visto pela imprensa (1921- 1930). **Veritas**, N°146, 1992. p.276.

<sup>220</sup> VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos Cruzados**. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1973

<sup>221</sup> CRUZ, Cláudio. **Literatura e cidade moderna** – Porto Alegre 1935. Porto Alegre: EDIPURS, 1994. p. 78

<sup>222</sup> CARNEIRO, Luiz Carlos. **Porto Alegre – de Aldeia a Metrópole**. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992. p.124.

e chopp. Agora seria o tempo de 'hot-dog and Coca-Cola'! E quem dançaria ainda a polca? <sup>223</sup>

A arquitetura começa a assimilar também essas orientações. Para Machado, os aspectos essencialmente arquitetônicos que são instituídos em Porto Alegre, a partir de fins da década de 1920, constituem uma “linguagem” associada ao novo. Nessa, abandona-se o historicismo em prol de uma “estética simplificada” que se justifica pela economia e pela racionalidade, encontra respaldo, assim, na lógica da modernidade. <sup>224</sup> Trata-se também de uma outra percepção do tempo:

O novo vocabulário implica, portanto, por parte daqueles que recebem, a compreensão de estar em consonância com a nova temporalidade vivida pela cidade, pelo Estado e pelo país, exige também, no campo arquitetural, a busca de algo novo frente ao que é tido como antigo. <sup>225</sup>

Quase como síntese, neste conjunto de imagens e idéias que se coadunam à modernização do período, as construções denominadas de “arranha-céus” aparecem como ícones das possibilidades fáusticas que o capitalismo do novo mundo estava a criar.

Surgidos na última década do século XIX nos EUA, inicialmente pensado para funções comerciais e logo incorporado também funções residenciais, o “arranha-céu” muda a imagem tradicional de cidade e afirma-se como emblema da vitória de um povo ou da própria humanidade. <sup>226</sup> No caso de Porto Alegre, essas idéias, muito aplaudidas pela a imprensa e adotadas por alguns empresários, transformam-se em lei: “[...] em 1940, determina-se que os novos prédios da área central da cidade deveriam ter, no mínimo, seis pavimentos.” <sup>227</sup>

Os efeitos desta mentalidade serão lamentados nas memórias de intelectuais que tinham fortes ligações identitárias com o centro da cidade, a Rua da Praia e suas adjacências. Nilo Ruschel (1971), por exemplo, em obra de referência para a

<sup>223</sup> Ibidem, p. 124, 125.

<sup>224</sup> MACHADO, op. cit. p.341.

<sup>225</sup> Ibidem, p. 342.

<sup>226</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>227</sup> Ibidem, p. 192.

história de Porto Alegre, afirma que a perspectiva estética utilizada no processo de transformação do espaço urbano destruiu a “aura” existente nos anos 30. Para ele, a Rua da Praia, núcleo simbólico da cidade, transformou-se em algo completamente diferente em apenas três décadas. Segundo o jornalista: “[...] ninguém compreenderá bem o espírito que foi se formando dentro dela, sem considerar-lhe a arquitetura, aquela que se sacrificou para dar lugar às linhas verticais, frias e *dessacralizadas*”.<sup>228</sup>

Análises históricas realizadas sobre obras literárias da época dão conta de que estas questões estavam realmente na ordem do dia naquele momento. Entretanto, um arguto crítico das cenas sociais como Erico Veríssimo parece não sucumbir à emblemática da verticalização, aplaudida enquanto futuro antecipado na provinciana Porto Alegre de então. Contrariando o entusiasmo dos jornais sobre os “arranha-céus”, Veríssimo faz em “Caminhos Cruzados” apenas uma referência a este tipo de edificação e quando a “utiliza é para tirar dela efeitos satíricos, como que a gozar daquela euforia da população, especialmente dos novos-ricos”.<sup>229</sup> Também Torresini (2003) salienta a análise crítica de Erico Veríssimo. Em “Olhai os lírios do campo”, o escritor equilibra os prós e contras da modernização em Porto Alegre, descrevendo as contradições da vida urbana na década de 1930. Segundo a autora, ao chegar à capital, o romancista encontra um universo complexo:

Estar em Porto Alegre é conviver com a vida difícil das populações dos bairros proletários e com os anúncios vistosos das construções estampados no Correio do Povo e no Diário de Notícias sobre investimentos em arranha-céus, promessas de uma vida grandiosa, compatível com os movimentos da modernidade.<sup>230</sup>

Para Weimer (1997), a mentalidade que enaltece os “arranha-céus” na década de 1930 é fruto de uma síntese entre o pensamento totalitário do positivismo com as tendências modernizantes de época. A objetivação dessas idéias nas décadas seguintes, ao sobrepor a ciência do urbanismo à história da cidade, viola a unidade e coerência da mesma. Assim,

<sup>228</sup> RUSCHEL, op.cit. p.17.

<sup>229</sup> CRUZ, op. cit. p. 81.

<sup>230</sup> TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **História de um sucesso literário: olhai os lírios do campo de Erico Veríssimo**. Porto Alegre: Literalis, 2003. p.58.

[...] na sobreposição dos conceitos, o endeusamento do ditador e da ditadura encontram seu paralelo perfeito na construção dos arranha-céus que entram no mais total conflito com a parte já edificada da cidade que passa a ser vista com menosprezo, como símbolo de atraso e provincianismo”<sup>231</sup>

As descrições dos intelectuais da época, da imprensa em geral e mesmo de muitos trabalhos acadêmicos atuais sugerem quase sempre uma ampliação de ritmo e de velocidade, mudanças aceleradas e intensas nas maneiras de viver a cidade. Contudo, para um cronista do centro do país, refugiado na província, as impressões sugerem uma cadência mais comedida; permitindo inferir que o entusiasmo modernizante tenta antecipar traços metropolitanos ainda não totalmente estabelecidos.

Assim, quando Rubem Braga aporta nesta capital, fugindo da polícia do Estado Novo, é imediatamente convidado a trabalhar no Correio do Povo e na Folha da Tarde. Nestes veículos publica diariamente durante quatro meses.<sup>232</sup> Essas crônicas, que versam sobre os mais variados assuntos, raramente fazem menção à cidade e não compactuam com os comentários fáusticos e impressionados da imprensa local. Ao contrário, para o jornalista ambientado nas redações cariocas e paulistas, o ritmo de Porto Alegre lhe parece lento e monótono. Em uma crônica intitulada “Primavera”, ao reclamar que esta estação ainda não tinha se insinuado, o cronista assim descreve o cotidiano da cidade em uma terça-feira, olhando a rua da janela de um apartamento na Rua Riachuelo:

É verdade que ouço o canto dos pássaros. Da rua vem apenas o ruído de um bonde, um pregão sem graça, a buzina de um carro. Não vejo árvores: vejo casas, paredes, muros, chaminés [...]. Tudo que vejo nessa manhã inspira é um bocejo [...]. Vejo apenas, ao longo da calçada, uma senhora gorda, um menino e dois sujeitos que andam conversando. Na esquina aparece uma carroça.<sup>233</sup>

<sup>231</sup> WEIMER, op. cit. 233.

<sup>232</sup> Carlos Reverbel reúne as crônicas de Rubem Braga publicadas diariamente nos jornais da capital, em seus quatro meses de estada em Porto Alegre. Na introdução, narra o episódio da prisão de Braga, ordenada por Filinto Muller e de como providenciou sua soltura e acomodação na cidade.

<sup>233</sup> BRAGA, Rubem. **Uma fada no front**. Introdução e seleção de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes & Ofícios ed., 1994. p.87.

Em outra passagem, o cronista comenta também os problemas sociais que não estão em consonância com o discurso modernizante da época e aproveita-se desse para chamar a atenção das autoridades. A questão, que fica um tanto quanto velada neste cinematográfico mundo das melhorias modernas, diz respeito a não inclusão de determinados setores sociais. É como se este conjunto de mudanças, baseadas no cálculo racional e na ciência, a tudo pudesse resolver em sua teleologia. Rubem Braga (1994), assim, ao comentar o problema da mendicância em Porto Alegre, afirma que existem mais de mil mendigos vagando pelas ruas da cidade naquele ano de 1939. Na crônica “SPAAN”, apóia uma campanha de fundos que pretendia solucionar de forma “definitiva” o problema da mendicância na cidade. Neste texto, o autor, com algum sarcasmo, joga justamente com o discurso da modernização ao evidenciar seus limites:

O dr. Loureiro da Silva não há de querer que a bela cidade de seus sonhos, a cidade que alvorece mais confortável e mais linda no mapa do Plano Diretor, a cidade das avenidas esplêndidas que vai surgindo tenha pelas ruas caravanas de mendigos. Com o assombroso crescimento de Porto Alegre cresce também a pobreza, a miséria cresce. Precisa crescer também o trabalho dos que lutam contra essa tristeza.<sup>234</sup>

As reservas em relação ao otimismo das transformações, nas citadas obras de Erico Veríssimo e nas impressões de Rubem Braga (1994), levantam possibilidades para que se questione o quanto de reificação é perpassado nas imagens construídas na época sobre a modernidade. As grandes transformações urbanas e no imaginário deste período são um fato, mas a apologia ao novo esconde o provincianismo e a irregular implantação daquelas idéias a uma realidade maior.

Neste sentido, Michelin (2001) atenta para o descompasso observado entre um discurso que procura antecipar o moderno e a “realidade” das fotografias impressas na cidade de Pelotas, nas primeiras décadas do século XX. Em seus estudos a autora percebeu que:

---

<sup>234</sup> Ibidem. p. 144.

[...] nas imagens não se vê a metrópole propagada em texto, mas indícios de uma prosperidade em construção. As imagens parecem operar pelo sentido hipotecado de uma modernidade ainda não conquistada, mas usufruída virtualmente na representação.<sup>235</sup>

É da essência do pensamento moderno depreciar o presente em prol de uma teleologia garantida pela racionalidade, pela ciência. A crença nesse conjunto de idéias marcaram, em maior ou menor grau, as cidades brasileiras e o comportamento social naquele contexto. O ritmo e a amplitude na efetiva implantação dessas idéias estava relacionado, obviamente, às especificidades de cada local.

No caso da capital, nota-se uma “inflação discursiva” quando se trata de enaltecer a grandeza e as características “metropolitanas” nas revistas, fotografias, álbuns, etc. Contudo, as grandes reformas urbanas, a verticalização do Centro e a sensível expansão demográfica, entre outros fatores, são fatos inquestionáveis para a cidade nesse período. Enquanto os cronistas locais superestimam a cidade que cresce, a opinião de um escritor do centro do país, como a de Rubem Braga (1994), por exemplo, indica tratar-se de uma cidade ainda pacata. Entre a “realidade” e a apologia, contudo, é possível identificar com alguma nitidez que o “afã metropolitano” se materializa na cidade. O que as imagens fotográficas, a arquitetura, o urbanismo e as representações literárias salientaram na época foi uma “atmosfera”, um “estado de espírito” ou uma “aura” que se impõe como projeto que gera coesão social. Esse imaginário no caso de Porto Alegre, mesmo que sempre a frente dos fatos, não parecia estar muito distante das transformações cidadinas.<sup>236</sup>

---

<sup>235</sup> MICHELON, Francisca Pereira. **Cidade de Papel**: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas ( 1913 – 1930). Porto Alegre: 2001. Tese (Doutorado em História). PUCRS, 2001. p. 12

<sup>236</sup> MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, n°15, Ago/2001. p.75 e 76. Essas características do imaginário, criam, para o autor, um “cimento social”, uma ordem comum de entendimento que, acredita-se aqui, são úteis para pensar o ambiente em questão.



Figura 02: Rua Uruguai – 1935<sup>237</sup>

Sobre essa questão, Possamai (2005) faz também um paralelo com as conclusões de Michelin (2001) relativas às imagens da cidade de Pelotas, na mesma época. Para a primeira, o descompasso entre a “realidade” e o fotografado é

---

<sup>237</sup> Acervo Particular Luiz Maroneze. Autor: Luiz Arthur Ubatuba de Farias.

menor em relação a Porto Alegre do que para a cidade de Pelotas. Sobre essa comparação comenta a autora:

Indago, no entanto, se no caso de Porto Alegre esta cidade era apenas desejo ou se, mesmo de forma acanhada, comportou nuances de modernidade, potencializados na visualidade fotográfica. Sem dúvida foram as alterações significativas ocorridas no espaço urbano levadas a efeito por seus produtores oficiais que, de forma mais contundente, aguçaram a tão acalentada vontade de modernidade de seus leitos visuais.<sup>238</sup>

A capital, traduzida em números, ainda não atingia 300.000 habitantes em 1940. Tratava-se de fato de uma pequena ou média cidade até aquele momento que absorveu de forma hegemônica, a despeito das críticas e suspeitas de alguns, um discurso idealizado de metrópole. A partir dessa década, no entanto, a cidade entra em um processo indiscutível de “formação metropolitana” fazendo com que, já nos anos 1970, os problemas típicos das grandes cidades suscitasse dúvidas em relação ao futuro, das relações entre socialidades e meio.<sup>239</sup>

Deve-se considerar, acredita-se aqui, que a essência daquele imaginário assentava-se numa perspectiva mais otimista que pessimista e no entendimento de que o destino da coletividade era a redenção moderna por meio da metropolização. As questões que pudessem pôr em dúvida esta crença, ao que parece, foram relegadas a certo silêncio. De fato, os problemas próprios ao projeto metropolitano só ocupam maior espaço quando efetivamente o processo se impõe; a idéia de ordem, de socialidades urbanas confluindo para as ruas planejadas, para o sonho moderno associado à estrutura física da metrópole, perde força no “segundo cenário”. Nesse processo, o próprio centro urbano, território que concentrava a maior carga simbólica relativas às idéias modernas, entra em declínio, tem-se, então, uma outra ambiência. Quando a “metrópole” se faz efetivamente presente o projeto perde o sentido; sem projeto e sem uma utopia de futuro não há mais certezas, sem essas a ordem moderna fica comprometida.

---

<sup>238</sup> POSSASMAI, op. cit. p. 252.

<sup>239</sup> SOUZA, Célia Ferraz. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997. p.105.



## 2.2 O presente como o futuro que não foi: O segundo cenário

O problema que transparece nas leituras relativas às transformações da cidade a partir dos anos 60, tanto em memórias quanto em reportagens jornalísticas, dizem respeito a resultados “inesperados”, a constatação de que “uma certa” cidade havia se perdido. Neste “segundo cenário”, a tensão entre a tradição e a modernidade parece pender para a nostalgia da comunidade provinciana que aglutinava em seu centro moderno expectativas positivas de futuro. A crença nas benesses prometidas pelas idéias modernas e pelos projetos científicos do urbanismo, ao se depararem com os efeitos negativos não planejados, terminam por engendrar um outro imaginário urbano. Novamente, aqui, as idéias e as imagens de uma cultura internacional, cada vez mais dinâmica e sofisticada, interagem com as particularidades do cenário local, acelerando o processo de transformação daquele ambiente.<sup>240</sup>

Como é de conhecimento comum de certa historiografia, um recorte temporal depende da análise de antecedentes históricos que podem retroagir de maneira ilimitada. Assim, faz-se sempre necessário algumas escolhas que obedeçam à problemática investigada. No que concerne aos limites objetivados aqui, compor-se-á um quadro histórico sintético que forneça condições de compreender o questionamento das idéias modernas e a crise da cidade nas representações dos cronistas da década de 1990 e atual. Neste sentido, se parte da metropolização que se efetiva a partir dos anos 1940 até desembocar na cidade tida como violenta e caótica na última década do século passado.

Para a compreensão deste processo, algumas questões se tornam relevantes. Como é o caso da influência cultural exercida pelo cinema norte-americano, por exemplo. Associadas a essas questões, também os modelos

---

<sup>240</sup> A partir da década de 1970 ocorre uma marcante popularização da TV no país que, conectada por satélites, passa a ter importante papel no universo simbólico das cidades brasileiras. DIEGUES, Carlos. **O futuro passou**. REVISTA VEJA. **Reflexões para o futuro**. São Paulo, Abril, 1993.

arquitetônicos e as formas de vivenciar a cidade começarão a ter marcada influência das metrópoles estadunidenses. Com a II Guerra Mundial, principalmente, a presença econômica e cultural européia cede lugar à estética norte-americana. Durante o conflito, como lembra Carneiro (1992), a “[...] hegemonia cultural européia esfumava-se na mesma proporção que as bombas arrasavam o velho mundo”.<sup>241</sup>

De fato, no início dos anos 1940 a questão do conflito mundial vai ampliar a presença dos signos ligados a modernidade norte-americana. Segundo Moura (1991), a preocupação com a guerra que se anunciava fez com que o governo do “Tio Sam” criasse mecanismos culturais de “aproximação” entre os dois países. O receio de que a ditadura de Vargas, aliada a posição de parte da opinião pública que simpatizava também com as posições fascistas, tendesse a um alinhamento com o Eixo, explica o grande esforço daquela nação em americanizar o Brasil. Como sublinha o autor:

A década de 40 é notável pela presença cultural maciça dos Estados Unidos, entendendo-se cultura mais amplos dos padrões de comportamento, da substância dos veículos de comunicação social, das expressões artísticas e dos modelos de conhecimento técnico e saber científico. O traço comum às mudanças que então ocorreriam no Brasil na maneira de ver, sentir, explicar e expressar o mundo era a marcante influência que aquelas mudanças recebiam do ‘american way of life’.<sup>242</sup>

Às imagens já citadas do cinema somam-se as de uma estrutura montada explicitamente para criar ou fortalecer a estética estadunidense em terras brasileiras. Essa ampla penetração cultural, associada ao processo de metropolização das principais cidades brasileiras, explicam as profundas e drásticas alterações materiais e simbólicas percebidas pela população e lembradas pelos cronistas da cidade.

Segundo Célia Souza (1997), o processo de evolução urbana de Porto Alegre adquire efetivamente contornos metropolitanos a partir da década de 40. Ele ocorre no contexto de industrialização em nível nacional que estimulou, paralelamente, um forte êxodo do meio rural. Na realidade do Estado, aquele quadro está relacionado à crise da pecuária e da zona colonial. Como resultado, tem-se um afluxo de pessoas

---

<sup>241</sup> CARNEIRO, op. cit. p.124.

<sup>242</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. 7ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. p.8.

sem maiores qualificações para o mercado de trabalho urbano, que faz ampliar, agora de forma sensível, as “vilas” e as subabitações que se instalam nas “frestas” de áreas residenciais.<sup>243</sup> A partir daí Porto Alegre acompanha a explosão demográfica das principais capitais brasileiras. A urbanista apresenta o processo demográfico também em números:

Esses fatos todos se refletem na cidade de Porto Alegre que aumenta em população nas décadas 1940/1950 de 263 mil para 380 mil habitantes e nas décadas 1950/1960 para 626 mil. Nas de 1960/1970 alcança 885 mil em 1970. De 1970/1980 passa para 1.125.477 habitantes. De 1980/1990 passa para 1.263.403 habitantes.<sup>244</sup>

Com o crescimento de Porto Alegre as cidades vizinhas começam a compor um sistema integrado, dando início ao conceito de “região metropolitana”. Em verdade, é justamente a partir dos anos 40, com a expansão das ferrovias, rodovias e de novos portos, que boa parte do território nacional passa a constituir um mercado integrado. Os “arquipélagos regionais”, que centravam as economias nas capitais ou principais cidades da região, são incorporados a uma rede urbana de escala nacional.<sup>245</sup>

Os efeitos desse processo são múltiplos. Em relação à cidade de Porto Alegre, especificamente, ele altera o status do porto como principal acesso para o comércio de longo curso. As indústrias e o comércio atacadista localizavam-se próximos de seus armazéns até então, concentrando os fluxos econômicos no seu entorno. Todavia, como diz Souza (1997), a construção da BR-116 altera a geografia econômica da cidade, fazendo com que as novas indústrias acompanhem a via de integração nacional, deslocando o núcleo dinâmico da economia que perdurava até então. O centro da cidade, assim, passa a ceder espaço aos bairros vinculados a acessos de longo curso, como a Avenida Assis Brasil, por exemplo.<sup>246</sup>

Entretanto, os efeitos destas alterações, ao que parece, serão apenas sentidos a partir do final dos anos 60, quando a antiga “sala de visitas” começa a dar

---

<sup>243</sup> SOUZA, op. cit. p.103.

<sup>244</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>245</sup> SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

<sup>246</sup> SOUZA, op. cit. p.106.

mostras de decadência. O período que se estende do pós-guerra até o início da Ditadura Militar, pelo menos, são chamados também em Porto Alegre de “anos dourados”, talvez por já terem absorvido as tão almeçadas realizações modernizantes sem, contudo, terem de pagar o ônus das tensões sociais que viriam depois. Obviamente que o clima desenvolvimentista da política nacional, contexto também de uma sofisticada produção artística no centro do país, ditava a tonalidade do ambiente da época.

É interessante notar que as análises acadêmicas, a escrita despreziosa dos cronistas, as novelas dos romancistas e as lembranças transcritas nas obras de memória, tratam o Centro da capital como sendo a cidade como um todo. As pessoas de mais idade ainda se referem hoje ao Centro como sendo “a cidade”, quando falam da perspectiva da periferia. Tostes (1989), em suas memórias, chama-o carinhosamente de “nosso bairro” em oposição a um amontoado longínquo de casas que se estendiam até o sopé dos morros. Mesmo que algumas narrativas extrapolem seus limites geográficos, o foco estava naquele território. Os motivos são bastante visíveis: as principais ruas, lojas, restaurantes, cafés, jornais, hotéis, etc. ali se concentravam. A estética moderna e os serviços de infra-estrutura são, naquele momento, instalados no Centro, ditando as regras a serem utilizadas posteriormente nas zonas mais afastadas.

O Centro de fato “centralizou” durante décadas o imaginário que demandava o novo, o sofisticado, o científico e o tecnológico. Os encontros comerciais e de lazer, as socialidades de toda ordem adquiriam importância ritualística na aura daquelas ruas. Foram sobre seu território que se realizaram as experiências urbanísticas e reproduções arquitetônicas de naipe metropolitano. Os “arranha-céus” já citados transformaram-se em regra, ao lado de “resquícios” do passado mantidos por alguns prédios remanescentes. A cidade cresce muito nestes anos, surgem as primeiras favelas na periferia, mas o centro se mantém como núcleo maior para as socialidades urbanas. A boemia da cidade ocorre ainda principalmente em suas ruas

e expressa “intensa efervescência”, naquele momento sem maiores problemas de segurança.<sup>247</sup>

De fato, como sugere Monteiro (2004), a despeito das profundas modificações sociais que ocorrem nos grandes centros urbanos do país na década de 1950, Porto Alegre naquele momento ainda não deixa transparecer os problemas decorrentes da metropolização. Ao contrário, a Revista do Globo publica reportagens que enaltecem a verticalização da cidade e os hábitos de consumo transmitidos pelos filmes holywoodianos, exibidos nos vários e luminosos cinemas do Centro.<sup>248</sup>

Para além das percepções cotidianas e do acontecer da cidade, contudo, a mentalidade cientificista dos planejadores urbanos mantinha-se fortemente apegadas aos ideais da metrópole moderna.<sup>249</sup> Severo (1999) destaca que o plano diretor de 1959 priorizava o fluxo de automóveis em detrimento das expectativas do cidadão comum. As idéias de dinamização do trânsito no Centro chegaram a prever, por exemplo, a demolição do Mercado Público, tido como um obstáculo a dinâmica da cidade. Diz a autora, também, que os intelectuais do urbanismo pretendiam uma cidade ideal para um tipo também ideal de habitante. Dentro dessa linha, “muito dos usos e ocupações dos espaços de vivência foram desarticulados na busca realização plena do projeto civilizador e da felicidade prometida do tempo futuro.”<sup>250</sup> Os efeitos dessas idéias modernistas admitidas no plano diretor terão, todavia, uma aplicabilidade maior somente com o “milagre econômico” e os amplos poderes do executivo municipal.

Pode-se supor que o projeto moderno do início do século atinge de certa forma “seus objetivos” neste hiato que vai dos anos 40 aos 70, no máximo, para, a partir daí, apresentar outras feições. Os chamados “anos dourados” parecem ter

<sup>247</sup> SARTURI, Eduardo Fernandes. **Centro de Porto Alegre: uma odisséia no tempo.** In: DORNELLES, Beatriz ( org.) **Porto Alegre em destaque: história e cultura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 221.

<sup>248</sup> MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre no século XX: crescimento urbano e mudanças sociais.** In: DORNELLES, Beatriz ( org.) **Porto Alegre em destaque: história e cultura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.60.

<sup>249</sup> BELLO, Helton. **Arquitetura e planejamento urbano em Porto Alegre: dos anos 30 aos anos 70.** In: KRAWCZYK, Flávio.(org.) **Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado.** Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002. p. 103. O autor explica que o urbanismo incorpora nos anos 1930 o paradigma arquitetônico da “cidade funcional”. Esse modelo, acreditando-se legitimado pela ciência, pretendia impor a cidade moderna ao espaço herdado, desestruturando-o.

<sup>250</sup> SEVERO, Fernanda. **O mercado público de Porto Alegre: entre a cidade real e as cidades ideais.** Porto Alegre:1999. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, 1999. p.130 e 131.

conseguido conciliar as expectativas positivas da modernidade, agora já muito americanizada, com o espírito provinciano de comunidade. Todavia, como já salientamos em trabalho anterior:

As avaliações do passado oscilam e as rupturas próprias da modernidade são apreendidas de várias formas: em alguns momentos são entendidas como nefastas e prejudiciais por um memorialista que em outra passagem enaltece o valor de alguma novidade. Em outros casos o aplauso a transformação cede lugar a uma ponta de nostalgia e dúvida.<sup>251</sup>

É o caso, por exemplo, de Álvaro Moreyra (1990) que ao publicar suas memórias, em 1954, deixa claro seu saudosismo em relação aos “velhos tempos”. Nessa obra diz ele que “os habitantes do século XX, ainda a caminho dos trinta, conheceram o tempo mau. Os que seguiram, além dos cinquenta, conheceram o tempo bom”.<sup>252</sup> Achylles Porto Alegre (1923) operava numa lógica parecida, como referido anteriormente. Contudo, acredita-se aqui que a ambiência de cada época pode ser captada nas entrelinhas desses discursos, para além do ufanismo ou do saudosismo de quem lega suas opiniões.

---

<sup>251</sup> MARONEZE, op. cit. p.109.

<sup>252</sup> MOREYRA, Alvaro. **As amargas não**. Lembranças. Porto Alegre: IEL, 1990. p.212.



Figura 03: Rua Otávio Rocha – 1959<sup>253</sup>

Elmir (1995) analisa a opinião de algumas pessoas sobre as décadas de 50 e 60. Ele observa que em relação a decantada cidade das ruas abertas e socialidades metropolitanas “[...] existe um marco cronológico para o início da queda”<sup>254</sup>. Para alguns foi o golpe militar que marcou o início da decadência, para outros o início dos anos 70 e as grandes obras dos governos autoritários. Seja como for, uma questão importante na ambiência da época e que serve de parâmetro comparativo às interpretações feitas em relação a cidade dos anos 90 diz respeito a segurança. Segundo o autor, “[...] nas memórias da cidade, a ‘idade de ouro’ sempre se fez na constatação de que a rua era um lugar seguro para se viver: circular nas ruas centrais da cidade, fazer aquilo que nossos avós chamavam de ‘footing’ [...]”<sup>255</sup>

<sup>253</sup> Museu Joaquim Felizardo. Autor: Léo Guerreiro e Pedro Flores.

<sup>254</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. **Os anos dourados de Porto Alegre**: a construção de um mito da idade de ouro na memória da cidade. In: HAGEM, Acácia e MOREIRA, Paulo. **Sobre a rua e outros lugares**: reinventado Porto Alegre. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995. p.138.

<sup>255</sup> Ibidem, p.145.

Sobre essa ambiência, o relato de Flávio Loureiro Chaves (1994) é elucidativo no que tange a separação da “província moderna” em relação à metrópole problemática das últimas duas décadas.

Eu sempre estive muito ligado à cidade não só por ter nascido em Porto Alegre, mas porque eu tenho uma vivência muito profunda desta Porto Alegre dos anos 60. Vivi o período em que a cidade deixou de ser uma capital maravilhosamente provinciana e se tornou uma cidade com todos os problemas, misérias e fascínios que tem hoje. A verdade é que a minha Porto Alegre não existe mais.<sup>256</sup>

As memórias dos indivíduos são construídas, como diz Catroga (2001), dentro de “quadros sociais” introjetados a partir dos “topos” históricos de quem evoca, fato que permite a ocorrência de diálogos entre seus pares.<sup>257</sup> Assim, as questões ressaltadas nas lembranças de determinados grupos podem se aproximar por identidade etária ou profissional, por exemplo. É dentro desta lógica que se pode perceber a proximidade entre as leituras de Sergius Gonzaga (1993) e de Chaves (1994) sobre a época.

Os bondes deixaram de circular, os cafés do Centro cederam lugar aos bancos, fecharam cinemas e outros locais tradicionais. Não há mais normalistas [...]. A Rua da Praia virou um pátio de milagres, bazar persa e pungente galeria de tipos lambrosianos.<sup>258</sup>

Também o artista Henrique Fuhro (1994), quando lembra os anos 50 e 60, sublinha as socialidades do Centro e a segurança das ruas nas noites da cidade:

Porto Alegre era uma cidade fantástica onde se andava à noite com a ‘cara cheia’, se entrava na ‘zona do agrião’ ali na Voluntários da Pátria e depois

<sup>256</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. A área das letras está morta (entrevista ). In: **Revista Porto & Vírgula**. Porto Alegre. Ano III, nº18, Set. 1994. p.2-9.

<sup>257</sup> CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In: PESAVENTO, Sandra. (org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p.46.

<sup>258</sup> GONZAGA, Sérgio. **Confissões de um adolescente interiorano**. In: BISSÓN, Carlos Augusto. **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993. p.140.



se ia ao Treviso ou tomar café na madrugada. Tudo na maior tranqüilidade.

<sup>259</sup>

As noções de rompimento com uma época que possuía uma identidade, uma lógica diferenciada, não é apenas saudosismo de pessoas maduras lembrando a mocidade. De fato, o intervalo democrático marcou também certa desaceleração nas intervenções da municipalidade na estrutura urbana da cidade. Com a ditadura militar o quadro se altera e o cientificismo suplanta a poética do vivido, exigindo o resguardo romântico da memória.

O período da administração Thompson Flores (1969 – 1975), exercido com amplos poderes políticos (avalizados pela Ditadura) e na esteira do imenso crescimento econômico do período, foi marcado pelo urbanismo modernista da “Carta de Atenas” adotado pela burocracia de então. Segundo Severo (1999), essa orientação teórica do urbanismo influenciou profundamente o Plano Diretor de 1959 bem como as administrações posteriores, que passam a seguir seus mandamentos, notadamente no período da ditadura militar. Direcionamento que via no Mercado Público, por exemplo, um entrave ao fluxo da cidade e na velocidade um objetivo científico a ser alcançado. Para a autora, em síntese, “[...] urbanismo pensado para Porto Alegre, como para a maioria das projeções pensadas para as cidades ocidentais, era um saber a serviço dos interesses da sociedade industrializada do automóvel”. Saber esse que se “[...] sobrepunha a qualquer outra necessidade ou expectativa do homem cidadão.” <sup>260</sup>

A cidade é reestruturada, então, com inúmeras obras viárias que visavam interligar de forma rápida suas várias regiões. Viadutos, perimetrais e túneis substituem velhas ruas e desfiguram lugares tradicionais da cidade. Neste contexto o bonde, emblema do antigo imaginário moderno, é ultrapassado pela frota de automóveis que passarão a dominar a paisagem da capital. Segundo Monteiro (2004), nesse momento surge “[...] a consciência de uma ruptura das experiências

---

<sup>259</sup> FUHRO, Henrique. **Porto Alegre é o meu ponto**. In: GONZAGA, Sérgio; FISCHER, Luiz Augusto; BISSÓN. (Orgs.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 184.

<sup>260</sup> SEVERO, Fernanda. **O mercado público de Porto Alegre entre a cidade real e as cidades ideais**. Porto Alegre: 1999. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, 1999. p 131.

urbanas no presente com as herdadas no passado, a sensação de perda e transformação acelerada dos espaços e formas de sociabilidade urbanas.”<sup>261</sup>

Na mesma linha, Bello (2002) observa que a mentalidade faraônica dos governos militares na década de 70, associada ao “Movimento Moderno” no urbanismo, reflete-se drasticamente em Porto Alegre: transformam a Rua da Praia em calçadão e o porto, em muro, descaracterizando profundamente a cidade. Como resultado:

Evidencia-se, nesta época, uma crise de identidade processada no imaginário dos cidadãos, pois com a dissociação ocorrida entre o centro histórico, o Guaíba e o porto, o nome próprio da cidade tornou-se uma contradição, comprometendo o seu significado fundamental.<sup>262</sup>

Após o fim da administração Thompson Flores, que coincidiu com o fim do “Milagre Econômico Brasileiro”, a nova gestão vai se pautar num discurso mais conservador: a percepção de que a metropolização desordenada teria prejudicado as socialidades do núcleo simbólico da cidade gera posturas políticas voltadas a “humanização” da área central. Esse momento parece ter sido um divisor de águas na história das idéias modernas em relação à cidade; o ufanismo modernizante tem sua hegemonia ameaçada agora pelo saudosismo que, mesmo sempre presente enquanto resistência romântica se torna, a partir desse momento, preponderante.<sup>263</sup>

O crescimento desordenado das grandes cidades brasileiras cria problemas comuns à maioria delas. As grandes áreas periféricas interagem sobre os antigos centros, criando sérias dificuldades a manutenção dos espaços para as socialidades que expressavam, como vimos, uma tradução estética dos modelos das grandes metrópoles. O palco que representou a “sala de visitas” de uma cidade moderna e que abrigou por décadas uma cultura pública moderna, percebe na década de 1970 seu esgotamento. A decadência do Centro, enquanto território do novo, do urbanismo científico e das socialidades tipicamente modernas, está associada à

<sup>261</sup> MONTEIRO, op. cit. p.67 e 68.

<sup>262</sup> BELLO, Helton. **Arquitetura e planejamento urbano em Porto Alegre**: dos anos 30 aos anos 70. In: KRAWCZYK, Flávio. (org.) **Da necessidade do moderno**: o futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002. p.115.

<sup>263</sup> A questão da preocupação com o Patrimônio histórico, por exemplo, toma corpo neste momento, como já salientado no primeiro capítulo.

concentração de pessoas desvinculadas àquela estética, bem como de atividades econômicas indiferentes ao encontro social; os “camelôs” e os bancos são exemplos sempre citados pelos jornais da época como responsáveis pela “desumanização” do Centro.

Neste contexto, a gestão Guilherme Villela (1975 – 1983) inicia sua administração propondo medidas legais no sentido de reverter a “desumanização” e salvar o território de maior simbolismo para a cidade. Suas iniciativas, no entanto, ou foram aparentemente inócuas ou sensivelmente negativas para a vitalidade do Centro, como, por exemplo, o fechamento da Avenida Borges de Medeiros, em 1977.

Os jornais na época acompanham o projeto e promovem debates diante das possibilidades políticas da nova administração. A esse respeito, o jornal Zero Hora publica uma série de matérias no intuito de acompanhar a opinião pública sobre a questão da “desumanização” da cidade, partindo da constatação, indicada pelo Censo de 1970, de que a população urbana brasileira já havia transposto a rural, o debate público foca a sua análise nos problemas relacionados à questão. Como é o caso do comentário publicado na época:

Fala-se muito hoje na necessidade de humanizar os grandes aglomerados e garantir ao homem urbano um nível de vida de melhor qualidade” [...]. Na verdade, nas periferias das grandes cidades do país, cresce, e em ritmo acelerado, o grande gueto que abriga a legião dos deserdados da sociedade do consumo.[...] Há também que se estabelecer uma nova mentalidade, eis que a responsabilidade para a melhoria da qualidade de vida urbana não é apenas do poder público, mas de todos e de cada um. [...] No amanhecer de mais um ano, quando se renovam planos e intenções, espera-se que o problema urbano seja finalmente equacionado, dentro das diretrizes que levem o sacrificado habitante das grandes cidades a uma vida melhor. E isto só será alcançado com o esforço comum, embora a parcela maior de responsabilidade toque ao poder público.<sup>264</sup>

A vida dos moradores das grandes cidades, que aparece agora como “sacrificada” e problemática, deve ser resolvida pelos poderes públicos em resposta aos apelos da sociedade.

---

<sup>264</sup> Recuperação das cidades. ZH, Porto Alegre, p.4, 02 jan. 1976.

Constata-se também que o ritmo de crescimento da cidade, se não for alterado, terminará por criar ambientes urbanos “inviáveis”, cujo exemplo maior naquele momento era o de Nova York, já em fase de “degradação eloqüente”, justamente a grande metrópole que servira de exemplo aos “arranha-céus” dos anos 30. O prefeito afirma neste íterim que, dentro dos recursos disponíveis, “[...] há vontade de atingir o objetivo da humanização”<sup>265</sup> Em outra passagem, o repórter justamente questiona e relativiza a verticalização antes aplaudida: “Até pouco tempo, a grandeza de uma cidade era medida pelo seu número de prédios (quanto mais alto melhor) e de concentração industrial”.<sup>266</sup> A poluição provocada por automóveis e ônibus também são apontadas aqui como índice de “desumanização”.

A visão do Centro da cidade que o periódico expõe nestas passagens não coincide com as expectativas que o projeto moderno havia forjado e reproduzido nas décadas anteriores: a cidade “científica” apresenta problemas:

Trânsito caótico, faixas de segurança desrespeitadas, camelôs, pivetes, pedintes e prostitutas, táxis que apanham passageiros fora dos pontos, ônibus superlotados, sujeiras, calçadas obstruídas por caixas e material de construção. Esta é uma rápida visão daquilo que o porto-alegrense enfrenta no seu dia-a-dia.<sup>267</sup>

Ícone do projeto moderno, motivo de constantes reformas urbanas, o automóvel também aparece agora como responsável por inúmeras mortes. Em matéria intitulada “O massacre do trânsito”, o colunista interpreta também essas ocorrências como fruto da velocidade das transformações: “A era do automóvel chegou muito rapidamente para o Brasil, sem o tempo necessário para a devida adaptação tanto em termos humanos quanto de equipamentos vários.”<sup>268</sup>

É justamente nesse contexto de promessas e cobranças entre a municipalidade e opinião pública que a administração Villela decreta a revisão do Plano Diretor. A lei tenta coibir o aprofundamento das mutações que o ambiente do Centro vinha sofrendo ao proibir novas instalações econômicas que prejudicassem a

<sup>265</sup> Vontade de Acertar. **ZH**, Porto Alegre, p.4, 05 abr. 1976.

<sup>266</sup> Ordenação do crescimento. **ZH**, Porto Alegre, p.4, 06 abr. 1976.

<sup>267</sup> Cidade Aberta. **ZH**, Porto Alegre, p. 2, 07 abr. 1976.

<sup>268</sup> O massacre no trânsito. **ZH**, Porto Alegre, p. 4. 08 abr. 1976.

“humanidade” – leia-se: socialidades – no núcleo simbólico da cidade. A idéia da lei, que contava com o apoio “irrestrito” da população, era a de proibir:

[...] a instalação de bancos, estabelecimentos financeiros, escritórios em geral, supermercados, depósitos industriais, hospitais, laboratórios de análises e postos de serviços nos pavimentos térreos de 47 ruas do centro. [Segundo o prefeito, a idéia era:] Redimensionar a cidade, corrigindo desordenamentos e tendências urbanas não desejáveis para torná-la, tanto quanto possível, mais digna e mais humana.<sup>269</sup>

Em pesquisa realizada entre os populares, em relação à medida, a maior parte lembrou o fechamento do “Café Rian” da Rua da Praia, ponto tradicional da cidade, que fechara naquele ano para dar lugar a um estabelecimento bancário. A opinião geral é a de que as medidas chegaram tarde demais, mas que ainda assim, talvez, possam evitar que a vida na cidade chegue aos níveis “insuportáveis de São Paulo.” A opinião do Sr. Arnaldo José da Costa, antigo morador da cidade, é elucidativa a esse respeito:

Medidas como essas deveriam ter sido tomadas há muito tempo, reservando logradouros públicos para o funcionamento de museus, teatros, cinemas, livrarias, restaurantes e confeitarias, em benefício da cidade e de seus habitantes massacrados pelo progresso, muitas vezes mais um mal do que um bem. [Compara com as antigas ruas do centro:] [...] eram cheias de vitrines e cafés-concertos, repletas de bares e confeitarias. Um tempo que o progresso foi matando aos poucos e impiedosamente.<sup>270</sup>

As iniciativas não tinham como alterar as questões estruturais de um processo histórico mais amplo e o declínio das antigas socialidades modernas que faziam sentido na área central da cidade não pôde ser detido. A tentativa governamental e a opinião pública sobre o fato, contudo, sugerem a constatação de que algo havia se perdido: os habitantes da “metrópole”, construída no fluxo das idéias modernas, questionam agora os resultados.

Na seqüência dessas reportagens fica mais clara a idéia de que uma transformação profunda havia se desenvolvido. Em “Porto Alegre: Metrópole ou

<sup>269</sup> Povo apóia centro humanizado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 25, 21 Abr. 1976.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p.25.

Província” o repórter afirma que “a pacata cidade de 20 anos atrás foi transformada quase de repente em metrópole, sem que muitos se dessem conta.”<sup>271</sup> Mais adiante a matéria aponta dois fatores que simbolizam o “corte” entre a província e a metrópole: o fim dos bondes e a expansão da televisão. Sobre o primeiro afirma: “[...] as principais evoluções aconteceram com a extinção dos bondes” ele “[...] era o símbolo do passado provinciano.”<sup>272</sup> Quanto ao segundo, relaciona o “impressionante” crescimento no número de televisores com as novas características metropolitanas da cidade. Sobre essa relação é publicada, dias depois, uma análise específica sobre os efeitos do novo meio de comunicação na grande cidade. Explica o autor que:

Desde o momento em que uma cidade passa a ter mercado para uma grande produção, a necessidade de aproximar a mercadoria do consumidor cria uma infra-estrutura de serviços novos, que vão substituir os que se tornaram incapazes de funcionar dentro de uma economia de escala. [...] A agência de publicidade e a televisão nascem juntas. A primeira para servir de ponte, a segunda de vitrina da sociedade industrial. [...] Como uma cegonha eletrônica atada a um satélite de comunicações, ela despeja dentro de casa, as novidades de todo o mundo, os modos de vida serão copiados imediatamente.<sup>273</sup>

Enquanto os antigos bondes, associados a uma cidade lenta e circunscrita, passam a fazer parte de um passado romântico, em verdade sempre lembrado pelos cronistas, a televisão é recebida como uma adequação ao novo mercado de “escala”. O comentarista percebe claramente o impacto que as imagens televisivas passariam a ter no imaginário das cidades que, a partir daquele momento, já estão conectadas por “satélites”: a “cegonha” das informações, que não anda de bonde, traz as “vitrines” para dentro de casa. O papel comercial e gregário das ruas da “antiga cidade moderna” passa a ser considerado um atraso naquele momento, em oposição às imagens cosmopolitas emitidas pela TV: “[...] bombardeado, o porto-alegrense deixa de ser provinciano para adotar o comportamento do homem universal.”<sup>274</sup>

---

<sup>271</sup> Porto Alegre: Metrópole ou Província. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 15, 06 Mai. 1976.

<sup>272</sup> *Ibidem*, p.15.

<sup>273</sup> KOTECZA, Carlos Alberto. A televisão, a cegonha de novidades. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 16, 13 Mai 1976.

<sup>274</sup> *Ibidem*, p.16.

Com a “metropolização”, a capital tende a descentralizar-se. O antigo núcleo urbano, principal referência simbólica do projeto moderno e lembrança constante dos cronistas entra em decadência. Os segmentos médios abandonam a área; as grandes lojas migram para os shoppings, que surgem no início dos anos 80, e o território central passa a “[...] sofrer um processo de abandono e degradação”.<sup>275</sup> As praças, por exemplo, projetadas para os encontros sociais “modernos”, tornam-se territórios ocupados por desempregados, prostitutas e trabalhadores informais.

Os cronistas fazem ressentidos comentários e apontam causas variadas para o declínio do centro urbano de Porto Alegre. Espaço privilegiado na memória desses autores, especialmente interessados pela “alma” de suas ruas e pela cultura pública moderna que teve aí seu cenário principal. Walter Galvani (1994) sublinha, nesse sentido, o exercício de memória que faz quando transita pelos ambientes do Centro:

Cada vez que atravesso o centro de Porto Alegre faço uma espécie de roteiro sentimental e histórico, porque não há como fugir aos marcos emocionais e culturais que seus prédios, ruas e avenidas representam. [...] Como esquecer, por exemplo, quantas vezes subimos as escadarias da Galeria Chaves, se foi por ali, afinal, que pela primeira vez nos alçamos até o ‘salão’ que era a velha Rua da Praia?<sup>276</sup>

As socialidades noturnas também deixam transparecer claramente essas alterações que vimos apresentando aqui. Lembra Danilo Ucha (1993) em “Noite em Porto Alegre” que “antigamente” era mais fácil reconhecer o “povo da noite” porque “[...] a provinciana capital concentrava na área central o entretenimento e o lazer”. Lembra: “[...] quem queria curtir, ver e ser visto, tinha de vir ao centro.”<sup>277</sup> Ele está aqui falando do caráter concêntrico que o antigo núcleo urbano possuía, ao mesmo tempo em que confere um caráter provinciano à cidade assim limitada. Comparando a noite do Centro do início dos anos 90 com a dinâmica que ali existia na década de 60, afirma: “[...] movimentado durante o dia pelo comércio, pelos escritórios e pelas

<sup>275</sup> MONTEIRO, op. cit. p. 72.

<sup>276</sup> GALVANI, Walter. **Lição número um**. In: FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994. p.163.

<sup>277</sup> UCHA, Danilo. **Noite de Porto Alegre**. In: BISSÓN, Carlos. BISSÓN, Carlos Augusto. (org). **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993. p.23.

repartições públicas o Centro, à noite, transformou-se num deserto, vazio e perigoso. Nem os tradicionais cafés existem mais.”<sup>278</sup>

Sérgio Jockymann (1993) faz também um paralelo entre os dois cenários aqui discutidos. O autor procura dimensionar as profundas diferenças entre as duas “ambiências” a partir de sua memória dos anos 40. Ao comprar uma reprodução de Paris do início do século XX, evoca a Porto Alegre que conheceu em 1945. Comenta: “[...] o Centro de Porto Alegre era a Paris da *Belle Époque* sem tirar nem pôr.”<sup>279</sup> Descreve cafés, restaurantes, o Grande Hotel, a geografia da Praça da Alfândega e até os postes de “ferro batido” importados da Inglaterra: “sobrava luz” no Centro. Ao destacar os inúmeros cafés, sublinha a importância deles naquele tipo de cenário. “Agora me dou conta que centro de cidade que se preze precisa ter no mínimo um café em cada esquina e quatro restaurantes por quarteirão”.<sup>280</sup> Além da influência culinária americana, que teria terminado com as confeitarias, como a germânica “Jan”, por exemplo, cita também o fechamento da Avenida Borges de Medeiros, os calçadões e a presença da televisão como responsáveis pelo declínio do Centro.

---

<sup>278</sup> Ibidem. p.23.

<sup>279</sup> JOCKYMANN, Sérgio. **Centro, antes que apaguem a luz**. In: BISSÓN, Carlos Augusto. (org). **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993.

p. 78.

<sup>280</sup> Ibidem, p.79.





Figura 04: Grande Hotel – 1958<sup>281</sup>

Descreve, então, o Centro de Porto Alegre dos anos 90:

Olhe no que transformaram o Centro. As calçadas estão cheias de buracos, os bicos de luz são cada vez mais raros, as pessoas feias são cada vez mais numerosas [...]. Todas as noites a Bolsa de Drogas funciona na Rua da Praia e oito da noite já se tornou alta madrugada. [...] Às oito, as janelas amareladas se tornam azuis. Nos raros cinemas, os extraviados, os doídos e os pervertidos manipulam os seus desatinos. [...] Que cidade é esta?<sup>282</sup>

Sérgio da Costa Franco (1990), em crônica publicada em 1982, salienta o declínio do Porto nas alterações estéticas do antigo núcleo econômico e simbólico da cidade. Em “O porto que morreu” comenta:

Da janela de algum andar mais alto, olho às vezes o porto. E me aflige o coração ver aquele cais ocioso e deserto de barcos, os grandes armazéns

<sup>281</sup> Museu Joaquim Felizardo. Autor Léo Guerreiro e Pedro Flores.

<sup>282</sup> Ibidem, p. 84.

se deteriorando [...]. E tudo circundado pelo alto muro da Mauá, que ainda agrava o tom lúgubre da paisagem. [...] Não faz muito tempo, o mesmo cais vazio de hoje enchia-se de grandes navios de diversas bandeiras. Lembro que os apreciadores do bom copo iam visitar os barcos alemães, cujos bares se constituíam em um atrativo especial. [...] Quando eu era adolescente, as caminhadas ao longo do cais faziam parte do meu lazer habitual. [...] Em poucos anos o porto de Porto Alegre se fez cadáver. E será bom ir pensando no que fazer com seus armazéns, para não se transformarem em casas fantasmas.<sup>283</sup>

Além da importância econômica para a dinâmica Centro, o drástico declínio das atividades do porto interferiram nas socialidades e na “ambiência” daquela região cidadina. A questão do Muro da Mauá, por exemplo, outra obra da administração tecnicista de Thompson Flores referida acima, é constantemente criticada pelos intelectuais da cidade. Para Luiz Antonio de Assis Brasil (1994), “botar abaixo” essa “vergonha de concreto, [...] não é apenas um pormenor estético”, trata-se de “uma questão de sobrevivência emocional para Porto Alegre.”<sup>284</sup>

A opinião dos cronistas se aproximam, muitas vezes, das análises técnicas emitidas pelos arquitetos, sobre as razões que desencadearam as alterações na “ambiência” do Centro. Liberato Vieira da Cunha (1994), em crônica publicada no início da década de 1990, fala das impressões negativas que então percebe no Centro de Porto Alegre e das causas que fizeram declinar a “antiga cidade moderna”. Indica também o início dos “anos de chumbo” como um marco neste processo:

São tristes as noites de domingo no centro de Porto Alegre. As ruas estão quase desertas, vagueiam pelas sombras raros exemplares de uma sofrida humanidade. [...] Em algum ponto de uma outra noite, a que se abateu sobre este país e minha geração instalaram-se na prefeitura insólitas idéias acerca de como deve ser uma cidade. [...] Obstruíram a Borges, a mais movimentada, irrequieta, trepidante de nossas avenidas, condenando o coração da cidade a uma lenta agonia. Antes a Rua da Praia não dormia, cintilava insone o gás néon de seus cafés e vitrinas. Pois não é que sepultaram suas pedras de granito num calçadão modernoso, atopetaram-na de bancos, sentenciaram-na a travestir-se, depois do anoitecer, em livre território do medo? *Desde então estertora o centro, Porto Alegre perde sua alma.*<sup>285</sup>

<sup>283</sup> COSTA FRANCO, Sérgio da. **Em paz com a vida**. Porto Alegre: CORAG, 1990. p.17 e 18.

<sup>284</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. O Muro. In: FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994.p. 79

<sup>285</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Dos homens tristes. In: FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994. p. 59. (grifo nosso)

Em “O fim de uma época”, Flávio Alcaráz Gomes (2005) associa a decadência do Centro ao fechamento de lojas e jornais antes aí localizados. Cita o jornal “Folha da Tarde”, a “Importadora Americana”, a “Casa Lyra” e a “Casa Masson”, entre outros estabelecimentos que cerraram suas portas nas últimas décadas como um indicativo da decadência do local. Afirma: “[...] o fim desses comércios prenunciou a morte do centro de Porto Alegre, onde quase todos eles se situavam.”<sup>286</sup>

De fato, dados estatísticos relativos a essa importante área da cidade indicam que ela esvaziou. Enquanto nos últimos 25 anos a população da cidade aumentou 26%, o Centro perdeu um terço de seus moradores; possui a população com a idade média mais avançada da cidade e tem hoje altíssima taxa de desocupação em seus prédios. Alguns dos decantados “arranha-céus” dos anos 30 e 40 estão totalmente vazios. Prédios de alto padrão são alugados por ambulantes para servirem de depósitos, enquanto milhares de imóveis não encontram locatários.<sup>287</sup> As razões apontadas são várias, contudo o fechamento, em 1977, da Avenida Borges de Medeiros, ícone do pensamento moderno em Porto Alegre e a liberalização do comércio informal no final dos anos 80 sacramentaram os destinos do Centro.<sup>288</sup> Desta forma, todo um cenário construído para o acontecer da vida moderna se transforma em “patrimônio histórico” e em referência de memória para os cronistas. A antiga “sala de visitas” é transformada em “dispensa” ou em um “baú de guardados”: o centro da cidade, enquanto palco aberto para o espetáculo da vida pública moderna, é “privatizado”.

Weimer (1997) olha a cidade na virada do século XXI e faz um balanço de sua trajetória histórica. Para ele, após a Segunda Grande Guerra, o panorama foi marcado por um enorme fluxo de capitais que para o Brasil, investimentos que se fixaram de forma relevante no mercado imobiliário. Esse processo, segundo o autor,

<sup>286</sup> GOMES, Flávio Alcaráz. O Fim de uma época. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 4, 15 ago. 2005.

<sup>287</sup> MELLO, Itamar. Um vazio no coração da capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 39, 09 abr. 2006. A idade avançada da maioria dos moradores do Centro, de pessoas com elevado padrão econômico que adquiriram ou herdaram imóveis nos anos 40, 50 e 60, é um exemplo contundente das alterações sociais da região. O Centro está “velho”.

<sup>288</sup> MELLO, Itamar. Desvio para o passado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.11, 11 abr. 2006.

altera descontroladamente a fisionomia da cidade e o padrão ético das relações sociais; prejudica a manutenção de identidades e faz com que a cidade, enquanto parte destacada, até então, do acontecer social, seja relegada ou silenciada. Em suas palavras:

Na medida em que os centros urbanos se verticalizavam em formas cada vez mais despersonalizadas e uniformes, à custa de obras do passado de inestimável valor, na periferia foi-se acumulando uma população cada vez mais numerosa em barracos insalubres e que, fatalmente, haveria de resultar em revolta e insubmissão. Desta forma, foi declarada uma guerra surda e anônima que resultou numa inesperada [mas perfeitamente explicável] violência social que vem assumindo índices que, por vezes, superam os das guerras declaradas. Nestas condições, a imagem da cidade assume aspectos anárquicos, quando não de desolação e temor. E não é por acaso que, em recente pesquisa de opinião pública, a imagem da cidade preferida foi o ‘pôr-do-sol’, isto é, a da natureza externa a ela, ou seja ainda, a não-cidade.<sup>289</sup>

A cidade como um todo, portanto, não deixou de se transformar no transcórrer deste “segundo cenário”. Os antigos bairros desenvolveram seus próprios centros comerciais e bancários. Em alguns casos, seus territórios constituíram-se também em redutos para as socialidades públicas, notadamente boêmias. Os shoppings, que surgem na cidade a partir de 1980 espalharam-se pela cidade.<sup>290</sup> Nesses, a “ambiência” dos antigos centros são parcialmente recriadas de forma “artificial”. Os condomínios fechados, modalidade urbana que teve amplo crescimento neste “segundo cenário”, são também indicadores da decadência dos modelos conceituais da cidade moderna.<sup>291</sup>

Um exemplo expressivo dessa tendência foi o lançamento, no início deste século, do condomínio “Terra Ville” na zona sul de Porto Alegre. Trata-se de uma espécie de bairro fechado que oferece os principais serviços de uma cidade. Na forma de um “feudo” contemporâneo, murado com cercas elétricas e seguranças particulares é um exemplo de negação conceitual de cidade moderna: a crença nas potencialidades do encontro público e suas socialidades são abandonadas em prol

<sup>289</sup> WEIMER, op. cit. p.234.

<sup>290</sup> SCHAFFER, Neiva otero. **Do armazém da esquina ao shopping center**: a transformação do consumo em Porto Alegre. In: PANIZZI, Wrana e ROVATTI, João. **Estudos Urbanos**: Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipalde Porto Alegre, 1993. p.115.

<sup>291</sup> PRIGGE, op. cit. p. 56.

da segurança. O inevitável paralelo entre o declínio do antigo Centro urbano e a expansão destas novas modalidades cria um contraste que fala por si mesmo. O processo, todavia, é mais amplo, não se restringe, como vimos dizendo aqui, a Porto Alegre ou apenas as grandes cidades brasileiras.

Bauman (2001), a esse respeito, cita os projetos de um arquiteto inglês estabelecido na África do Sul que tenta unir a idéia de uma aldeia medieval com as mais recentes técnicas eletrônicas de comunicação e segurança. Com o sugestivo nome de “Heritage Park”, o empreendimento tenta salvar a idéia de viver em comunidade que, segundo o autor, encontra-se em franca decadência. Em suas palavras:

Ao preço de uma casa no Heritage Park você ganha acesso a uma comunidade. “Comunidade” é, hoje, a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo as melhores regras de convívio. Pois a utopia da harmonia reduziu-se, realisticamente, ao tamanho da vizinhança mais próxima. Por isso, a “comunidade” é um bom argumento de venda.<sup>292</sup>

As idéias que norteiam o imaginário maior da cidade atualmente são complexas: o público é ultrapassado pelo privado; as ruas têm seu caráter de encontro depreciado em nome da velocidade e do consumo; a lógica presenteísta altera valores éticos e, associada a outros fatores, amplia a violência urbana.

Bairros como o Bom Fim e a Cidade Baixa são exemplos de que as socialidades públicas tentam se manter, a despeito dos vários fatores contrários. Os freqüentadores desses lugares, contudo, são normalmente jovens que assumem os riscos das ruas pela necessidade de agregação social.<sup>293</sup>

Os altos índices de violência e as possibilidades de encontros virtuais alteram tradições: os antigos espaços para as socialidades públicas são substituídos

---

<sup>292</sup> BAUMAN, op. cit. p.108.

<sup>293</sup> SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do cotidiano**: energias utópicas em um espaço urbano moderno e pós-moderno. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991. Nessa obra o autor identifica que as intensas socialidades boêmias que existiam no Bairro Bom Fim na década de 1980, já estavam impregnadas de idéias “pós-modernos”. É interessante notar que aquela região e suas socialidades não resistiram aos erros políticos da municipalidade e nem a violência urbana.

parcialmente pela segurança dos condomínios, das casas e pela velocidade da tela. As ruas e a ordem reproduzida pela “antiga cultura pública moderna”, como defende-se ao longo deste trabalho, perdem espaço para uma “outra ordem” que altera os antigos padrões de socialidade.

Essa questão aparece por diferentes ângulos, como uma tendência crescente ao observador da cidade nas últimas décadas. Tanto os cronistas quanto os arquitetos, observadores atentos das cidades, apresentam interpretações que sublinham a decadência dos espaços públicos e de seus antigos papéis sociais. Não é outra, por exemplo, a posição de alguns especialistas questionados a respeito da “poluição visual” das grandes cidades brasileiras. Para Issao Minami, professor de urbanismo da USP, “[...] a cidade contemporânea é um depósito de interesses pessoais, uma terra de ninguém, uma vitrine a céu aberto”.<sup>294</sup> Na mesma linha, o arquiteto Flávio Kiefer afirma:

A cidade, hoje, é vista mais como um lugar para se ganhar dinheiro do que um lugar para se viver. As ruas deixaram de ser ruas. Há uma negação da cidade histórica, que era feita para se andar.<sup>295</sup>

Neste ambiente os cronistas dos anos 90 e da atual década irão se deparar com um contexto totalmente diverso daquele definido aqui como “primeiro cenário”. Suas análises retornam seguidamente a memória da cidade moderna na busca de trazer para o presente, como diz Veríssimo (2003), o futuro prometido no passado.

Através de um paralelo comparativo entre a ambiência moderna, revelada pela obra de Theodomiro Tostes e as impressões dos cronistas contemporâneos, sobre a cidade do “segundo cenário”, é que se tentará, nos próximos capítulos, buscar uma compreensão maior da problemática proposta.

---

<sup>294</sup> VERAS, Eduardo. A cidade a mercê do excesso. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.5, 23 Jun. 2007. Cultura.

<sup>295</sup> *Ibidem*, p.5.

### 3. Memórias de Theodomiro Tostes: ambientes, personagens e idéias

Neste capítulo, far-se-á a análise de duas obras de Theodomiro Tostes, escritas e publicadas com meio século de diferença. A primeira, intitulada “Nosso Bairro: Memórias – caderno de lembranças”, escrita em meados dos anos 1970 e publicada postumamente em 1989, constitui-se em um texto atípico de memórias, na medida em que descreve muito mais o cenário e seus personagens do que a trajetória própria do autor. A segunda, “Bazar”, é uma compilação de crônicas publicadas no Diário de Notícias entre 1925 e 1931, ano de sua aparição em forma de livro.<sup>296</sup>

O objetivo será o de descrever, inicialmente, o imaginário daquela cidade a partir das representações do autor para, logo depois, identificar as idéias fundamentais daquele contexto. A partir de uma análise de conteúdo, acompanham-se os temas e cenários descritos pelo autor: o espaço urbano do centro, seus espaços fundamentais e o comportamento de seus personagens. Assim, seguindo o roteiro do autor, tenta-se uma aproximação àquele ambiente através da cotidianidade oferecida pelo cronista. Acredita-se aqui que a escolha do trabalho de Theodomiro Tostes seja relevante, considerando a qualidade dos textos e a “sintonia fina” do autor como o seu tempo.

---

<sup>296</sup> TOSTES, Theodomiro. **Nosso Bairro**: memórias. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989. e \_\_\_\_\_. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. – Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.

Theodomiro Tostes chegou na capital em 1910, com 7 anos de idade. Filho de um Juiz de Direito e descendente por parte materna de tradicionais famílias do Estado, o jovem “Theo” sentia-se naturalmente à vontade junto à elite da cidade, na “Rua da Igreja” e imediações da Praça da Matriz, segundo Sérgio da Costa Franco.<sup>297</sup> O futuro diplomata e escritor conviveu com o clima de prosperidade do Estado e da cidade nos 23 anos em que residiu em Porto Alegre, antes de fazer carreira no Rio de Janeiro e no exterior.

Além das profundas transformações urbanas e econômicas que se aceleraram após o advento da República, importa lembrar aqui a notável alteração do panorama cultural, ocasionado pela implantação das faculdades a partir de 1896. Para Franco, “[...] a transformação foi significativa, permitindo compreender, pelo menos em parte, a floração literária intensa da terceira década do século XX.”<sup>298</sup>

As cidades brasileiras, no início do século XX, passaram a dinamizar suas estruturas comerciais e industriais. As transformações econômicas, políticas e sociais, acompanhadas das inovações tecnológicas, exigem atualizações urbanas. Imbricado a esses processos, os meios de comunicação da época, basicamente jornais e revistas, dinamizam o discurso social que aponta para o moderno. Esses aspectos, tal como tratamos no capítulo 2, formam um cenário onde a multiplicidade de elementos abriu possibilidades para a ampliação e a valorização da literatura na cidade. Observa-se um culto às letras e uma abertura aos novos estilos em que a cidade, em muitos casos, torna-se também cenário em obras literárias: textos que informam sobre as idéias, valores e o cotidiano daquela sociedade.

Os anos vinte, que marcaram o início de uma “efervescência” das letras na cidade, foram o desaguadouro de uma série de fatos que explicam em parte esta fertilidade: a Semana de Arte Moderna de 1922, a Revolução de 1923, o Tenentismo, a renovação urbana de Porto Alegre com Otávio Rocha e, para Tostes, o aparecimento do Diário de Notícias.<sup>299</sup>

---

<sup>297</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. **O território de Theo**. IN: TOSTES, Theodomiro. **Nosso Bairro – Memórias**. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989. p.9.

<sup>298</sup> *Ibidem*, p. 11.b

<sup>299</sup> *Ibidem*, p.11.



A convivência boêmia e literária aparecem em primeiro plano nas memórias de “Theo”: a cidade, com seus bares e cafés, fornecia elementos para as crônicas, poesias e reportagens para os muitos jornais e algumas revistas da época. Na cidade que cresce rapidamente e que recebe indivíduos de diferentes origens, na cidade que se queria metrópole, a convivência entre o espírito das ruas e os jornais era muito próxima. A imprensa recrutava jovens estudantes que faziam do jornal, normalmente, mais um veículo para a publicação, um “bico” provisório, do que uma profissão. Tostes lembra que saía do café Colombo, escrevia sua crônica e retornava ao café, antes de peregrinar pelos bares. Nestes, as conversas sobre literatura, política, e música transformavam-se em matéria prima para um nova crônica, realimentando o discurso social das ruas.

Para a população que freqüentava as boas escolas <sup>300</sup>, a leitura dos clássicos, contemporâneos e dos escritores locais criava uma base comum de discurso. Tratava-se de um valor fundamental para quem quisesse conviver nas “rodas” e existir socialmente. Ler, escrever, participar de debates acadêmicos e publicar compunha a dinâmica de uma cultura pública que estava em moda naquele momento. Neste sentido, ao lembrar as várias obras publicadas pelos amigos e conhecidos, comenta:

O lançamento de um livro era um acontecimento quase íntimo que se festejava em família, entre várias rodadas de chope. Mas isso não impedia que os jornais se ocupassem do livro recém-nascido [...].

Era um tempo livresco, digamos assim. Um tempo em que se liam livros, e também se escrevia sobre eles para chamar a atenção dos indiferentes. <sup>301</sup>

Daí a importância da impecável formação lingüística desta geração: francês, inglês, italiano e, em alguns casos também o alemão, eram dominados por muitos intelectuais da época. As leituras provindas dos grandes centros modernos, tendo Paris como modelo, alimentavam o imaginário destes jovens escritores que, na

---

<sup>300</sup> Importa esclarecer aqui que na condição de membro de uma elite social e intelectual, Tostes lembra e analisa a cidade, obviamente, através de parâmetros específicos. Para a História das idéias, especialmente, este é um tipo de informação privilegiada por sua capacidade de síntese do ambiente histórico mais amplo, na perspectiva sugerida por BERGSON, Henri. **A consciência e a vida**. Conferências. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>301</sup> TOSTES, Theodomiro. **Nosso Bairro**: memórias. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989. p.92.

provinciana cidade, traduziam imagens e estilos metropolitanos em seus escritos. Nestas memórias afirma: “[...] a verdade é que a turma lia tudo que o clã literário podia importar e que os navios descarregavam por estas bandas [...]. Daí que a turma tivesse mais ou menos a par das correntes literárias que circulavam pelo mundo”<sup>302</sup>. Tostes e o seu “Grupo” de amigos poetas e artistas possuíam, portanto, uma formação escolar diferenciada, distante do modelo praticado em nossos dias. Essa é uma questão que Franco faz questão de sublinhar em seu prefácio às memórias de “Theo”:

Apenas me permitiria considerar que essa geração, lançada e iniciada na década de vinte, possui particularidades que a distinguem de todas as precedentes e de algumas que lhe sucederam. Foi talvez a única que soube somar uma consciência regional e local de conteúdo vanguardista a uma formação cultural de bases universais.<sup>303</sup>

Ao comentar o mundo literário da época e seus expoentes, o autor constrói em “Nosso Bairro” uma qualificada descrição do pensamento, tendências e idiossincrasias daquela cidade, principalmente de seu centro moderno. O cenário por ele apresentado sublinha espaços urbanos e personagens envolvidos em um imaginário profundamente influenciado pela literatura européia, adaptado às condições locais. Tanto nessas memórias quanto nas crônicas de “Bazar”, analisadas logo depois, tem-se uma cotidianidade marcada pela tensão entre uma estética metropolitana e o provincianismo local. Nessa Porto Alegre dos anos 1920 e 1930 que Tostes nos apresenta, contudo, a vida das ruas refletia uma positiva expectativa de futuro, uma teleologia moderna também lembrada por outros intelectuais da época. A partir das informações destas obras, do cenário descrito pelo pensamento do autor, tentar-se-á apreender e captar as idéias que irradiavam hegemonicamente uma visão de mundo no ambiente social daquela capital.

---

<sup>302</sup> Ibidem, p.48

<sup>303</sup> Ibidem, p.12.

### **3.1. A antiga Porto Alegre moderna no olhar de Theo: caderno de lembranças**

Em “Nosso Bairro: memórias”, escrita em meados dos anos 1970, Theodomiro Tostes reconstrói o cotidiano das ruas do centrais da capital dos anos 20 e início dos 30. Suas memórias revelam uma preocupação centrada na “cultura pública” da época e em seus ambientes, sem, no entanto, deixar-se seduzir pelo saudosismo. Em seu “Caderno de Lembranças” ele apresenta um cenário físico e intelectual específico da história da cidade: ambientes, personagens típicos e os valores daquele cotidiano constituem as imagens que tentaremos analisar.

É interessante notar nestas memórias que, quase todos os fatos narrados ocorrem nas ruas ou nos espaços para a socialidade pública, concentrados num espaço específico da cidade. Tostes trata sempre de cenários e personagens contextualizados pelas idéias da época. Tais personagens são representantes da complexidade apreendida pelo autor: intelectuais, boêmios, burgueses, jornalheiros, tipos excêntricos, etc. Suas memórias, ao repassar a antiga rotina cotidiana de um jovem jornalista, aproximam o leitor de um universo específico e complexo.

No palco maior do Centro da capital, a Rua da Praia aparece sempre como uma espécie de núcleo simbólico. A cidade, ao que parece, só conseguia manter suas pretensões metropolitanas em uma única rua, com reflexos que abrangiam algumas vias adjacentes. Os principais hotéis, cafés, bares, restaurantes, jornais e cinemas ali se concentravam e, interligados numa mesma lógica cultural, asseguravam o acontecer de uma vida pública com pretensões metropolitanas. O que explica, pelo menos em parte, que quase toda a narrativa de Tostes, em “Nosso Bairro”, ocorra nestes espaços.

Na primeira parte da obra, contudo, quase como um contraponto à cidade “moderna”, o autor rememora rapidamente a parcela de sua infância vivida na Praça da Matriz e no Colégio Anchieta. Este, responsável pela formação sólida de boa parte da elite intelectual da época, é lembrado pela rigidez e competência dos antigos mestres jesuítas. Localizado próximo à Igreja Matriz, fora destruído em 1973,

quando então migrou para o bairro Higienópolis, pouco antes da redação dessas memórias. O antigo prédio, descrito em detalhes por Tostes, foi transformado em estacionamento e, mais tarde, em supermercado.<sup>304</sup> Essa transferência, sobre a qual o autor silencia, é um indício, entre outros, que sugere uma mudança no perfil simbólico do centro.

Ainda nesta parte da obra, é necessário destacar as referências que autor faz das “Festas do Divino”, ocorridas no início da década de 10. Estas lembranças sugerem que, nesse momento, as festas religiosas ainda eram eventos importantes e que quebravam a rotina da cidade. O calendário demarcado pela Igreja Católica era um elo e uma expressão da cultura tradicional que havia sido preponderante até então e que se alterou rapidamente nas primeiras décadas do século XX. Em suas palavras:

Os dias se repetem iguaizinhos, mas em meados do outono, é a festa do divino que se aproxima, com uma semana de férias escolares, noite de novena e a noite dos fogos.(...) São nove noites e uma noite em que a Praça da Matriz vira cinema, vira adro de igreja e mercadinho. Os bombeiros molham o pano em que as fitas serão passadas. Vem da igreja um canto de ladainha. Os pregões dos baleiros e dos fruteiros se misturam no ar fresco da noite que cheira a amendoim torrado, a bergamota madura e a peixe frito.<sup>305</sup>

Essas festas eram eventos culturais que declinavam naquele momento, para dar lugar aos acontecimentos esportivos e as atividades mais mundanas que a modernidade começava a oferecer, se considerarmos a leitura de Achylles Porto Alegre sobre este período.<sup>306</sup> Na fala de Tostes, aquelas imagens parecem misturar sua infância à da cidade e a religiosidade não mais aparece na demarcação temporal dos anos 20.

---

<sup>304</sup> TOSTES, 1989. op. cit. p. 13. Conforme adverte Tânia Carvalhal, que organizou e estabeleceu texto final, o texto foi concluído em 1975.

<sup>305</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>306</sup> PORTO ALEGRE, Achylles. **Noutros Tempos**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922. Para o grande memorialista da cidade, a fé declina na medida em que os hábitos modernos se tornam hegemônicos. A religiosidade perde espaço para as “casas de bebidas” e para os “vícios elegantes” como a morfina e a cocaína. Segundo ele: “nossas procissões tradicionais morreram.” p.136, 137 e 138.

O período destas memórias faz menção prioritariamente à “mocidade” do autor, que se inicia, segundo ele, no momento em que vai trabalhar na Biblioteca Pública, por volta de 1920 e termina em 1932, quando de sua transferência para o Rio de Janeiro, onde, depois de uma curta temporada no jornalismo, faz carreira diplomática.

Tostes lembra ter iniciado sua amizade com Augusto Meyer, aquele que seria o seu mais importante amigo, justamente na Biblioteca Pública, de onde partem para viver ativamente uma cidade ou, mais precisamente, algumas ruas que traduziam as imagens das metrópoles na província. Assim descreve Tostes:

Num fim de expediente, às cinco da tarde, descemos juntos a Ladeira em direção à Rua da Praia. Aquela que seria o nosso chão e o cenáriozinho cotidiano das nossas aventuras caminhadas. Porque a Rua da Praia marcou no nosso tempo um amável ponto de encontro e também ponto de partida. Era a Rua da Praia de então que ficavam os bares aconchegados, que passavam as raparigas em flor, que se sentia a **vida da cidade**. A Rua da Praia era uma grande vitrina onde nossos bovarismos desfilavam. A gente passeava na Rua da Praia como se passeasse no centro do mundo.

<sup>307</sup>

Como já referido, os episódios narrados em suas memórias ocorrem sempre em relação aos espaços públicos, demonstrando a importância que o autor atribui às ruas, aos bares, aos cafés, às livrarias e às redações de jornal. Essa preferência sugere a identificação do cronista com a modernidade e seus temas. As crônicas descritas em “Bazar”, apresentadas mais adiante, também fotografam ou constroem imagens ligadas aos ambientes acelerados das ruas. A cidade, pelo menos em seu centro moderno, apresentava-se como um amplo bazar, metáfora que reflete a “realidade” ou a pretensão de se viver a complexidade das grandes cidades.

Entretanto, essa densidade, esse espírito metropolitano, aparece concentrada num diminuto espaço da cidade: quase todos os encontros e fatos rememorados acontecem na Rua da Praia e em suas adjacências. O trecho entre a Ladeira com a Rua de Bragança, por exemplo, é sempre lembrado pelos memorialistas como uma espécie de vitrine social. Nesse sentido, a maior parte das obras que descrevem a capital, do início do século até os anos 50, delimitam também o foco de suas

<sup>307</sup> TOSTES, 1989, op. cit. p. 36. (Grifo nosso).

análises a uma diminuta parte do centro. Vivaldo Coroacy, Nilo Ruschel, Carlos Reverbel, Paulo de Gouvêa, passando por viajantes estrangeiros, falam de uma cidade que se resume em algumas ruas.<sup>308</sup> Trata-se, por um lado, de um “lugar de memória” para os intelectuais que por ali passaram ou que a ele associaram simbolicamente suas vidas, por outro, de um território que foi se transformando dentro de um projeto de modernidade. É importante sublinhar que essas ruas foram pensadas e descritas por estes autores a partir de diferentes tradições culturais e momentos históricos, todavia as percepções de uma cidade sempre ultrapassam quaisquer limites ou modelos.

O centro de Porto Alegre fora o exemplo concreto e núcleo irradiador de um novo imaginário urbano que antecipava as supostas virtudes da metrópole enquanto conviviam com a realidade provinciana. Importa observar, contudo, que as crônicas da época valorizam o novo, a multidão e o cosmopolitismo dentro de um espírito otimista: parecia haver uma consciência de que estavam no meio de um processo histórico sob controle e com um “telos” pré-determinado. Nas memórias que fazem referência àqueles anos, todavia, transparece o estranhamento entre projeto e realidade: a cidade da ordem não chegou ao destino previsto e o apreço à multidão se transforma em fuga “aos velhos tempos”. Para os cronistas atuais, a cidade congestionada, “desumana” e caótica não fez e não faz parte de nenhum projeto, e a incerteza, o caos e a violência suplantam as antigas idéias de futuro. Ao mundo ordenado e previsível da cidade dos anos 20 e 30, Tostes resiste com as ferramentas do Simbolismo; aparentemente, para a desordem atual, os cronistas não possuem fórmulas estéticas ou ideológicas que sirvam de modelo, que restituam a velha teleologia.

Os temas e conteúdos apresentados por Tostes em “Nosso Bairro” funcionarão aqui como uma espécie de índice, um caminho para encontrar as pistas daquela Porto Alegre. Por trás das imagens do fluxo cotidiano, dos fragmentos soltos num caderno de lembranças e dos tipos, lugares, etc. o autor abre algumas portas à antiga cidade moderna que se busca aqui.

---

<sup>308</sup> COROACY, Vivaldo. **Encontros com a vida. Memórias**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1962.; RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971. p. 85; REVERBEL, Carlos e LAITANO, Cláudia. **Arca de Blau: Memórias**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993; GOUVÊA, Paulo de. **O grupo – outras figuras, outras paisagens**. Porto Alegre: Movimento, IEL, 1976.

Voltemos, então, à Rua da praia do autor. No ambiente da rua, Tostes salienta os jornais, os cafés, os bares e as livrarias, além do sempre citado *footing*. “Foi ali que, entre um e outro intervalo, se formou aos poucos o nosso grupo, um grupo vagamente literário [...]”<sup>309</sup>, lembra o autor. Este “grupo” foi composto por jovens que vieram a ter destacada importância entre a intelectualidade porto-alegrense. A Rua e a literatura formam um amálgama nas imagens construídas por Tostes:

Na Rua da Praia e em outras ruas transversais que também faziam parte de nosso bairro coube uma boa porção de nossa vida. Na Rua da Praia estavam os jornais onde a turma se exercitou nas primeiras letras, estavam as duas livrarias onde os livros eram namorados, e até comprados quando havia uma folguinha de numerário.<sup>310</sup>

Nesta rua, que é o pano de fundo e o espaço de sentido na construção do autor, aparecem os locais de “atracção certa” para o seu grupo boêmio e para boa parte da sociedade porto-alegrense. Em primeiro plano, na esquina com a Rua da Ladeira, encontrava-se o Café Colombo. No cruzamento destas vias, também conhecido à época como largo dos Medeiros, existiam ainda o Café Central, o Café Nacional e o restaurante Viena. Ao lado, no entorno da Praça da Alfândega, os principais cinemas. Ao longo da Rua da Praia conviviam também os diferentes ramos comerciais: joalherias, livrarias e as lojas sofisticadas e seus artigos para a elite. Tendo por referência a cultura atual, poderíamos dizer que aquela Rua da Praia e suas “franjas” formavam uma espécie da “*shopping*” a céu aberto, com suas entradas, posturas, indumentárias e até os neons. Na verdade, os centros contemporâneos de consumo, os *shoppings* das grandes cidades brasileiras, por exemplo, se apresentam como uma tentativa de resguardar aquela estética, uma forma moderna do acontecer urbano que mistura comércio e encontro social, essência das socialidades modernas.

---

<sup>309</sup> TOSTES, 1989, op. cit. p.37. Por “Grupo”, o autor faz referência a sua turma íntima, ao núcleo da “roda” boêmia ligada ao Modernismo que marcou época e legou importantes trabalhos para a história da literatura rio grandense. Os principais nomes foram: João Santana, Sotero Cosme, João Manuel Cavalcanti, Paulo de Gouvêa, Augusto Meyer e Theodomiro Tostes. Em 1967 Augusto Meyer publica no jornal O Estado de São Paulo o “Retrato de um grupo” que serve de prefácio as memórias de Paulo de Gouvêa intitulada GOUVÊA, Paulo de. **O grupo – outras figuras, outras paisagens**. Porto Alegre, Movimento, IEL, 1976., obra que tem a apresentação de Theodomiro Tostes.

<sup>310</sup> Ibidem, p. 39.

No Colombo, espaço citado por todos os cronistas que viveram aquela cidade, o grupo “acampava em horas certas” antes de partir para os bares. O Diário de Notícias, local de trabalho do autor e de alguns membros do grupo modernista, funcionava também na Rua da Praia, o que permitia aos jornalistas manter uma ligação direta entre as socialidades da rua e as idéias veiculadas pelo jornal. Na passagem abaixo, o escritor deixa transparecer a ambiência da Rua em seu cotidiano: o cronista, ao finalizar sua tarefa diária, “[...] pinga o ponto final na besteirinha literária. Traça rapidamente as iniciais. E, com o cigarro na boca, vai ao encontro dos cavaleiros do Colombo.”<sup>311</sup>



Figura 05: Café Colombo – 1936<sup>312</sup>

<sup>311</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>312</sup> Museu Joaquim Felizardo. Autor: Desconhecido.



Na construção que faz daquele antigo “bairro”, o autor narra episódios e descreve personagens sempre entrando e saindo do Café Colombo, do Diário de Notícias e do bar Antonello, ou fugindo, eventualmente, para recantos mais íntimos ao grupo e que ficavam sempre próximos a Rua da Praia. O Colombo é, no entanto, o espaço mais citado pelo autor. Após comentar escritores clássicos e locais apresenta o café:

Depois desta breve incursão pelo passado literário, volto à nossa mesa do Colombo e à companhia dos amigos. O Café-confeitaria Colombo, ou simplesmente o Colombo, ambiente escolhido por Augusto para retratar o nosso grupo, era uma Coupule provinciana onde poetas, boêmios, homens sérios e até senhoras bem comportadas faziam ponto de reunião, especialmente nas horas do fim de tarde. [...] Na parte superior da sala havia uma galeria familiar onde o elemento feminino tomava o seu cafezinho depois do footing. No fundo da galeria, sobre um estrado, a orquestra do velho Gnatalli funcionava musicalmente à hora do chá.<sup>313</sup>

É importante ter presente que os principais hotéis da cidade também ficavam na Rua da Praia ou nas ruas próximas e que, até os anos 40, pelo menos, o acesso à capital ocorria prioritariamente pelo porto. Tratava-se, portanto, de uma típica cidade portuária que, além de uma intensa atividade comercial, tinha também um destacado fluxo de passageiros que, por motivos variados, permaneciam determinados períodos de tempo na cidade. Vale lembrar, nesse sentido, que alguns dos “vapores” que faziam a linha Rio de Janeiro – Buenos Aires realizavam escala em Porto Alegre. Essa situação favorecia o desenvolvimento de uma vida pública cosmopolita na medida em que circulavam comerciantes, turistas, artistas, etc. Para a intelectualidade local, que vivia nas mesas dos cafés e bares, era o momento de atualizar os discursos e fazer amigos.

No que tange ao grupo de Tostes, as trocas e as aproximações normalmente ocorriam pelo elo da arte. No café Colombo, no Antonello ou nos outros bares do circuito boêmio, eles recebiam os “[...] poetas forasteiros que circulavam de vez em quando [pelo] bairro.”<sup>314</sup> Nesse sentido cita Don Francisco Villaepesa, “príncipe de *los poetas catellanos*”; o maestro Braga, músico portenho que fez “longo estágio nas mesas do Colombo”; e o compositor popular brasileiro Marcelo Tupinambá, “[...] que

<sup>313</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>314</sup> Ibidem, p.75.

contava coisas gostosas do seu tempo e de suas andanças.”<sup>315</sup> O nexos daquelas socialidades se baseavam-se no encontro público das ruas e seus espaços e tinham na política e nas artes em geral uma espécie de linguagem universal.

Dentro desse espírito de cidade aberta, onde a violência aparece apenas nas bravatas de “valentões”, o poeta e seu grupo caminham dia e noite pelas ruas centrais de Porto Alegre. O fim da tarde sugeria mudanças no tipo de ambiente para dar continuidade a um estilo de vida que eles identificavam como boêmia.

Porque há sempre um método especial nessa aparente falta de método que as pessoas graves chamam de boemia. Na hora de escrever, escrever. Na hora do café, café. Na hora do chope, chope. Tudo isto fixado pelo hábito e inconscientemente regulamentado. O cafezinho é diurno e intervalado, o chope é noturno e mais prolongado. Entre o Colombo e o Antonello, algumas horas vadias nos separavam.<sup>316</sup>

As horas “vadias” normalmente eram usadas para encaminhar o início da noite pela Rua da Praia, ver e ser visto, observar as moças “casadoiras”, enfim, fazer o famoso *footing*. Tostes (1989) afirma que esta palavra, inexistente na língua inglesa, foi inventada no Rio de Janeiro, veio de repente para Porto Alegre e virou moda. Mesmo sendo cópia de um estilo carioca com um nome americanizado, sinal das influências metropolitanas, o *footing* é um importante exemplo da valorização do público, do culto às ruas com seus dândis e flâneurs. A questão da visibilidade social ocorre, então, no espaço físico da cidade. A lógica cotidiana daqueles dias é fotografada pelo cronista:

É a hora do *footing* na Rua da Praia. Os rapazes saem do Colombo, depois de uma dúzia de cafezinhos, e de outras tantas idéias que salvam o mundo, e fazem o trajeto convencional entre a esquina da Bragança e a da Ladeira. Todos usam chapéu. Chapéu de veludo, chapéu de feltro. Alguns vão brandindo suas bengalas. Outros, mais humildes, de mão no bolso.<sup>317</sup>

---

<sup>315</sup> Ibidem, p. 76, 77.

<sup>316</sup> Ibidem, p.46.

<sup>317</sup> Ibidem, p.47.

É interessante pensar esta prática social como algo que marcou as socialidades dos porto-alegrenses entre o período que vai da década de 10, pelo menos, até a cidade “desumana” da década de 1970. Achylles Porto Alegre (1923), já no início da década de 1920, salienta que este novo estilo de viver a cidade representava um corte em relação aos comportamentos tradicionais, mais vinculados ao lar, ao privado, do que aos espaços públicos. Neste sentido, em uma passagem de “Noites de Luar”, faz o seguinte comentário:

E, aonde quer que conduza meus passos e por cedo que seja, encontro sempre em meu caminho, senhoras e senhoritas que fazem o seu ‘footing’, andam a compras e obedecem prescrições médicas. Algumas são empregadas, moças que vão para seus empregos. E são muitas as damas e senhoritas que andam sós, a qualquer hora do dia. E isto é tão natural, tão do ‘meio’, que a gente não repara quando encontra uma amiga, mesmo as de antanho, só, na rua.<sup>318</sup>

O *footing*, enquanto representação de uma estética do fluxo de corpos no cenário citadino foi uma forma de comportamento social que se encaixa bem com aquilo que Tostes chamou de cidade “Bovarista”: a necessidade de representar coreografias modernas em um palco provinciano. Dito de outra forma: a sociedade da pequena cidade cria em seu centro uma reprodução possível das “multidões” metropolitanas. Nos limites daquele ambiente, o *footing* constituiu-se em uma espécie de síntese.

---

<sup>318</sup> PORTO ALEGRE, 1923, op. cit. p.81.



Figura 06: *Footing* na Rua da Praia – 1945<sup>319</sup>

Paulo de Gouvêa (1976) sublinha também, em suas memórias, uma segmentação temporal no dia-a-dia do grupo: o primeiro cenário, o Café Colombo, o segundo, os velhos bares da cidade. O “Antonello”, o “Ziter Franz”, o “Eduardo” e o

<sup>319</sup> Museu Joaquim Felizardo. Autor: Desconhecido.

“Chalé da Praça XV”<sup>320</sup>. A transição de turno não alterava a relação com o ambiente público: as ruas e espaços do centro diuturnamente permitiam o livre deslocamento das pessoas, sem as limitações que a violência impõe hoje. Nesse contexto, além das socialidades que ocorriam à luz do dia, o “circuito boêmio” funcionava de forma a manter uma importante vida noturna. “De tal sorte que, quando a noite se deitava sobre a cidade, quase todas essas salas já se apresentavam ruidosas e esfumadas, abrigando a família mais unida e numerosa”.<sup>321</sup> Para Tostes (1989) os bares davam um certo sentido ao individualismo moderno, conquanto criavam identidades eletivas no fluxo das alterações modernas. Em suas palavras:

Essas aves migratórias chegam, pousam na mesa, bicam nos copos, se espanejam e vão cantar em outra paragens. Mas a roda diária continua, não só pelo gosto em conversar, de matar o tempo noturno, de bebericar em companhia. É um modo de a gente se isolar, de mudar a paisagem cotidiana ou de misturar sua solidão numa solidão mais numerosa. A presença do amigo já é parte da presença concreta de cada um. Uma frase sem rumo puxa outra frase. Uma sombra no espelho chama outra sombra. O bar é o ponto de convergência de silêncios que se completam ou de palavras que procuram a ressonância boa de um diálogo.<sup>322</sup>

Segundo o autor, o principal bar era o Antonello. “Situado bem no centro da Rua da Praia, era uma espécie de estuário onde várias correntes confluíam.”<sup>323</sup> Jovens, grisalhos, homens de jornal e da política conviviam em seus ambientes. A vitrola de discos arranhados tocava árias, fox-trote, maxixes e marchinhas, enquanto as garçonetes, uma especialidade da casa, serviam o chope e outras bebidas. O “Antonello era um bar. Era o bar.” O local onde muitas vezes o grupo estendia a noite até o amanhecer.

---

<sup>320</sup> GOUVÊA, op.cit. p.20.

<sup>321</sup> RUSCHEL, op. cit. p.259.

<sup>322</sup> TOSTES, 1989, op. cit. p. 77 e 78.

<sup>323</sup> Ibidem, p.70.



Figura 07: Retrato – Década de 1920/30<sup>324</sup>

Na narrativa que o autor faz daquele centro que mesclava elementos provincianos e modernos, o fluxo e o deslocamento de pessoas aparecem como essenciais à lógica daqueles acontecimentos urbanos. Além dos bares e cafés, outros marcos citadinos constituíam-se em referências do roteiro. “Andar sem parar, sem saber por quê. Seguir até a praça da harmonia, fazer a curva da Cadeia Velha e chegar às margens onde havia o velho Gasômetro.”<sup>325</sup> Andar, deslocar, ver e ser visto, trocar idéias exercer a socialidade: a lógica da antiga cidade moderna pode ser entendida no culto as ruas, na valorização do encontro público. O poeta Augusto Meyer (1966) também sublinha a prática das longas caminhadas pela noite da cidade, sem considerar qualquer tipo de limitação: “[...] entrava no país da noite como um viajante que leva gravado na memória o segredo de um roteiro.”<sup>326</sup>

Permeando essa ambiência, é importante também pensar o espírito de solidariedade orgânica existente entre a intelectualidade da época. Ela

<sup>324</sup> Museu Joaquim Felizardo. Autor: Desconhecido.

<sup>325</sup> Ibidem, P.66.

<sup>326</sup> MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro: Ed. O cruzeiro, 1966. p. 102.

compartilhava, no *stricto sensu*, uma estética apurada sobre a forma de olhar à cidade, sobre a percepção da urbanidade moderna. A cidade já de muito representava um papel preponderante na formação intelectual no Rio Grande do Sul. Foi nesse contexto urbano que os literatos, a exemplo de Tostes, encontraram um ambiente onde o encontro de pessoas provenientes de locais diversos possibilitou uma experiência cosmopolita que sofisticou as narrativas sobre a cidade.

Assim, nos vários bares, as rodas, os grupos e os personagens mais autônomos vivenciam sociabilidades construídas a partir de imagens nitidamente modernas: os poetas malditos do Simbolismo reencarnavam naquelas mesas, no vocabulário e nas atitudes seus *habitués*. Ao descrever aquelas vivências, utiliza expressões que caracterizam as influências literárias que, como fica sugerido, eram parte importante daquele imaginário; os personagens e as idéias metropolitanas traduziam-se em espaços provincianos. O autor, a propósito, lembra uma passagem cotidiana da mesa do bar:

Paulo de Gouvêa examina a cara mal dormida num espelhinho de bolso que leva sempre consigo. Paulo se deu, num momento irônico, o apelido de 'belo Brummel'. Mas o seu dandismo não está nas roupas, já um tanto usadas e amarrotadas. Está no sorriso cativante e seu jeito murgeriano de olhar a vida.<sup>327</sup>

O Reinaldo Moura, que alguns anos depois iria escrever a polêmica novela "A ronda dos anjos sensuais", chega-se à mesa já identificado como poeta modernista. Logo depois, quem vem fazer parte da roda é o escritor Vargas Neto para contar causos gauchescos até ser interpelado pelo poeta Paulo Musa citando Verlaine.<sup>328</sup> O conhecido bar, contudo, não recebia apenas poetas:

O Antonello era um bar variado. Pluripartidário e plurilíngüe. Gente de todas as tendências, de todas as raças, de todos os tipos podia freqüentar as suas salas, desde que tivesse bons modos e dispusesse dos fundos necessários. [...] Havia de tudo: políticos, apolíticos e até anarquistas mal disfarçados. Havia advogados, médicos e gente de profissão indefinida.<sup>329</sup>

---

<sup>327</sup> Ibidem, p.71.

<sup>328</sup> Ibidem, p.72.

<sup>329</sup> Ibidem, p.74.

Esse cotidiano boêmio parece ter sido, pelo menos em parte, uma reprodução possível do imaginário metropolitano que, temperado pela idéias regionais, se traduziu na realidade das ruas e na cultura pública da “sala de visitas” de Porto Alegre. O vocabulário, as imagens e os estilos de vida provindos da literatura e das influências cosmopolitas materializam-se nas histórias pessoais em que se imbricam as transformações da própria cidade. Neste contexto, o simbolismo e o modernismo tensionam com outros estilos literários. Ao comentar, neste sentido, os antigos poetas da cidade, lembra uma conversa na Praça da Harmonia em que dimensiona a profundidade que a arte ficcional adquiriu entre eles:

Meus companheiros viviam em estado de poesia. A literatura para eles era menos um desejo de expressão do que uma necessidade de evasão. Eles procuravam, como podiam, se libertar de seu ambiente, do meio rotineiro em que viviam, através de leituras que os levavam a um mundo mais ou menos imaginário. Era uma forma de escapismo sem maiores conseqüências sentimentais.<sup>330</sup>

Essa passagem deixa transparecer uma tensão entre a realidade provinciana e o desejo de vivenciar os centros irradiadores das idéias e imagens metropolitanas. Sentimento compartilhado por boa parte da sociedade de então, se considerarmos as demandas já comentadas anteriormente. Todavia não é possível estabelecer uma relação direta sem considerar a complexidade do processo. As reações românticas às transformações e a própria boemia são exemplos que evidenciam a complexidade na interpretação dos postulados modernos.

A intelectualidade rememorada pelo autor constituía uma espécie de estamento intimamente vinculados àquele “discurso social”: as rodas literárias permitiam o encontro de diversos participantes que compartilham uma mesma definição de “realidade” e operam na mesma cidade de significado. Para além das óbvias distinções individuais, pactuam crenças e valores modernos que são ressemantizadas no âmbito local. O cosmopolitismo e a diversidade que se instalam exigem novos elementos simbólicos para representar o vivido: a literatura e a boemia constituíam modelos para a representação cotidiana.

---

<sup>330</sup> Ibidem, p. 105.



A cosmovisão que Theodomiro Tostes (1989) utiliza na composição do “Nosso Bairro” só pode ser compreendida dentro do “espírito” moderno daquele centro de Porto Alegre e de suas poucas ruas “bovaristas”. A pequena *Brodway* ou o *Quartier Latin* eram demandas geradas pela literatura e pelo cinema que passaram a existir de alguma forma ali. Entretanto, estas construções imaginárias ou reproduzidas são frutos de uma cultura pública reproduzida nas ruas e nos jornais. Em suas crônicas de “Bazar”, publicadas na época, o autor faz constantes referências ao papel dos jornais enquanto fonte para as “palestras de café”.

Em “Espaços de Sociabilidade e Memória” salientou-se também a importância que os cafés tiveram na estética e na lógica daqueles encontros sociais. Estes espaços comerciais surgiram na Europa no final do século XVIII e se expandiram pelas mais importantes cidades daquele continente no século seguinte; “[...] apareceram para suprir as novas demandas da sociedade moderna individualista, em franca expansão.”<sup>331</sup> Para Ariés, os cafés desenvolvem-se de maneira intrínseca a cidade cosmopolita, onde a ampla vida pública é sustentada em parte pela presença constante de uma população flutuante. Afirma: o café “[...] é um lugar público onde as pessoas se encontram, conversam ou comem: o lugar do discurso.”<sup>332</sup>

O jornalismo torna-se, assim, parte fundamental de uma dinâmica complexa na medida em que cimenta o acontecer daquelas sociabilidades enquanto emissor e receptor de informações. Não seria mesmo possível pensar o moderno sem a velocidade do *newspaper*, sem a circulação de informações para o consumo das ruas. Tostes comenta que o Modernismo literário termina por dar mais espaço à prosa, linguagem mais adequada àqueles novos tempos:

E o tempo era mesmo da prosa. Da prosa que transbordava dos discursos barulhentos da Assembléia, dos artigos de fundo dos jornais, e alimentava as conversas dos grupos que se formavam nos cafés ou nas calçadas da Rua da Praia. Havia qualquer coisa no ar além dos aviões de carreira [...] <sup>333</sup>

<sup>331</sup> MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de Sociabilidade e Memória**: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890 -1930. Porto Alegre: 1994. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - PUCRS, 1994. p.54.

<sup>332</sup> ARIÈS, Philippe. **A Família e a cidade**. In:VELHO, Gilberto e FIGUEIRA, Sérvulo. (orgs.) **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

<sup>333</sup> TOSTES, 1989. op cit. p. 107, 108.

Porto Alegre, nas décadas de 1920 e 1930, contava com um número expressivo de jornais. Tostes faz referência aos mais conhecidos: o “Correio do Povo”; a “Federação” órgão oficial do governo positivista; o “Jornal da manhã”; o vespertino “Última Hora”; o “Jornal da Manhã”; e o “Deutsche Zeitung” (para a etnia alemã). A maioria destas redações, é importante sublinhar, localizava-se na Rua da Praia ou imediações. O autor destaca a importância da mídia impressa:

Era a época em que os meios de comunicação ainda se limitavam aos jornais e aos primeiros vagidos meio tímidos de um ou outro noticiário radiofônico. Os jornais eram lidos regularmente, e alguns anunciavam, por um silvo de sirena, as notícias que chegavam de última hora e eram copiadas a giz num grande quadro-negro pendurado ao lado da porta principal.<sup>334</sup>

Enquanto “homem de jornal” atuante na época destas memórias, Tostes não poderia deixar de fazer referência à redação do Diário de Notícias. Segundo ele, o “Diário” era o “nosso jornal”, o espaço no qual o “grupo” teve ampla oportunidade para dar vazão aos anseios literários de seus membros. O Diário foi uma espécie de órgão oficial para Tostes e seus amigos e localizava-se também no núcleo simbólico do “Bairro”. Lembra:

A primeira redação do DIÁRIO não tinha aquele ar mais próspero e confortável que ganhou ao se transferir para a Praça da Alfândega. Ficava ali na Rua da Praia, entre a Livraria do Globo e o Antonello, dois pontos obrigatórios para os rapazes.<sup>335</sup>

Enquanto os veteranos jornalistas dedicavam-se aos temas “graves” da política e da economia, sob o comando de Leonardo Truda, os jovens, a “marujada”, abraçavam as pequenas questões cotidianas: a coluna social, um “suelto” e as crônicas que avançavam para o terreno literário. Em algumas das passagens

---

<sup>334</sup> Ibidem, p. 93. A posição de Tostes é contrária ao Rádio naquele momento. Como se verá na análise de suas crônicas, percebia no Rádio um excesso de “globalização”, um risco para a ordem cultural da época.

<sup>335</sup> Ibidem, p. 45.

referidas nestas memórias, transparece a sensível relação do jornal com as ruas, num intercâmbio próprio das pequenas cidades. Como exemplo, o memorialista descreve o colega “JM” em frente ao Colombo anotando os nomes das moças e rapazes que “futigavam” para compor, na redação a alguns passos dali, sua coluna social. Esta, nos sábados, “[...] dia da elegância, quando as calçadas da Rua da Praia floriam de ponta a ponta em brotos verdes, ele caprichava em seu palmo de coluna, publicado no número de domingo sob o pseudônimo de *Jean des Rues*.”<sup>336</sup> No “núcleo moderno” da pequena cidade, os jornais são protagonistas fundamentais no ciclo dialético da cultura pública: fotografam, informam e noticiam o acontecer da “metrópole” para o consumo desse mesmo centro, da periferia e para o interior do Estado. Estas idéias, ali reafirmadas, cumpriram, ao que parece, a função de suporte ao projeto mais amplo de cidade moderna.

O Diário de Notícias funcionou também como “campo de treinamento literário” para Tostes e seu grupo. Para além dos comentários e matérias sobre o “buraco da rua” e o “preço da carne”, que encham as páginas e atraem leitores, o jornal tinha espaço também para a crônica e para a poesia. As “notas” (crônicas) de Theodomiro Tostes marcaram época na cidade como veremos mais adiante. Ao compará-las aos despreziosos “suelos” afirma:

Já a nota é diferente. A Nota diária é caprichada e leva a marca responsável das iniciais. A nota diária é caprichosa. Vai de qualquer assunto a falta de assunto. É uma conversinha sem ouvintes, em busca de uma hipótese que é o leitor.<sup>337</sup>

Esta “conversa” com o hipotético leitor sugere que Tostes tinha muito claro o papel do jornal e do jornalista na constituição daquela dinâmica cultural. Na condição de cronista mais lido da capital nos anos em que atuou, o cronista parece ter conseguido misturar sua ampla formação universalista com a dinâmica local, resguardando a alma das ruas para a memória da cidade.

O “Diário” foi também um campo para experiências literárias mais sofisticadas. Através de um suplemento dominical intitulado de “Página Literária”, o

<sup>336</sup> Ibidem, p. 45 e 46.

<sup>337</sup> Ibidem, p. 50.

jornal abre espaço às demandas da arte ficcional que não conseguiam manter-se em outros veículos. “Era da época do Modernismo”, diz Tostes (1989) e “os rapazes escreviam coisas” que “buliam com os leitores mais rotineiros”.<sup>338</sup> Novamente aqui transparece o valor e a presença da literatura como fonte e espelho para o imaginário daquela sociedade. Sobre aquela experiência rememora Tostes (1989):

O órgão dos novos do Rio Grande – que a nossa Madrugada pretendeu ser mas não teve fôlego para tanto – foi a Página Literária do Diário de Notícias. Iniciada em 1927, por sugestão do Luiz Vergara e aquiescência de Leonardo Truda, a página foi para nós, pobres rapazes do terceiro mundo, o que os jornais e as revistas de literatura eram para os jovens escritores de além-Atlântico.<sup>339</sup>

Confluíram para aquelas páginas autores de diferentes tendências e contemporaneidades. Dentre algumas referências aos intelectuais que marcaram presença naquele espaço, cita membros do grupo e expoentes que vieram a marcar o cenário artístico e literário no estado tais como: Sotero Cosme, Moysés Vellinho, De Sousa Junior, Dyonélio Machado, Vargas Neto, Cyro Martins, Érico Veríssimo e Mário Quintana, entre outros.<sup>340</sup>

Outro espaço importante comentado por suas memórias é a Livraria do Globo. Também ela é uma referência neste centro simbólico que vem sendo analisado neste trabalho. Considerando que a leitura era a base daquele imaginário e das idéias que se vem interpretando aqui, tem-se que aquela livraria e casa editora, que foi, nos anos 1930 e 1940, a mais importante do país, funcionava como uma espécie de “alimentadora”, a fornecer suportes intelectuais. Segundo Torresini (1988), o sucesso editorial da Globo ocorre num contexto de industrialização nacional, em que a indústria cultural também se afirma, associada a particularidades

---

<sup>338</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>339</sup> Ibidem, p.86. A Revista “Madrugada” foi obra coletiva do “grupo modernista”, marcou época com seus poucos números publicados em 1926 e teve como “redator-chefe” o poeta Augusto Meyer. Segundo Tostes (1989) ela “nasceu num fim de noite, naquela mesa de bar em que tantas madrugadas nos encontramos.” Objetivava ser um espaço para publicações do grupo e seus amigos sem pretensões internacionais, “alguma coisa localista, com gosto de rua da praia e guaíba.”(p.81) A falta de sustentação econômica selou o destino da iniciativa que teve continuidade na “Página Literária” do Diário de Notícias.

<sup>340</sup> Ibidem, p.87 e 88.

locais, como a eficiente política educacional do Estado - que ampliava o número de potenciais leitores.<sup>341</sup>

Nessas memórias, Tostes (1989) lembra o andar térreo da livraria onde as novidades literárias eram enfileiradas nos mostruários, como convites a viagens literárias. Na passagem abaixo, o autor dá uma pista sobre a dimensão do consumo dessas obras, sugerindo que a leitura em língua estrangeira não se restringia à elite intelectual:

Era o tempo em que ainda se podia ler um bom livro no original, sem que o tradutor metesse a pata e as leis protecionistas metessem o dente. Livros em francês ou em outras línguas ao alcance de um bom ginasião, eram expostos nos mostradores e nas vitrinas, a um preço um pouco superior ao de um bom livro nacional.<sup>342</sup>

O cronista e seus amigos, através das prateleiras da Globo, “gozaram” os poetas franceses com Anatole France, passaram pelos modernos e se contagiaram com Marcel Proust: “[...] tivemos assim a fase proustiana, como tínhamos tido a baudelairiana, a verlainiana, a laforguiana [...]”<sup>343</sup>

Provavelmente, pela dimensão que ocupava no mundo das letras da época, as portas da Globo tenham se tornado um ponto de encontro para diferentes gerações de intelectuais e políticos da cidade, ou de fora dela. É interessante salientar aqui que os encontros ocorriam em frente às vitrines da loja, na calçada mesmo da Rua da Praia. O autor descreve assim:

Na porta esquerda da Globo – um pequeno clube ao ar livre – vai se reunindo, pouco a pouco, o grupo dos ‘expoentes literários’. Naquele encontro habitual a conversa gira sobre tudo: livros recém-saídos, livros velhos, com pausas domésticas na política, nos fatos da cidade e da vida alheia.<sup>344</sup>

---

<sup>341</sup> TORRESINI, Elizabeth. **Editora Globo**: Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. Porto Alegre: Dissertação de mestrado em História. PUCRS, 1988. p.21 a 37.

<sup>342</sup> TOSTES, 1986, op. cit. p. 130.

<sup>343</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>344</sup> Ibidem, p. 63.

Renomados escritores e os jovens postulantes ao mundo literário marcavam presença na porta da livraria. De Souza Júnior, Moysés Vellinho, Eduardo Guimaraens, entre outros, nativos e estrangeiros, que faziam daquela roda uma das “atrações turísticas da cidade”. Dentro do que se vem tentando interpretar aqui, da possibilidade de pensar uma cidade aberta, organizada simbolicamente em torno de um centro que se tinha como uma realização possível da modernidade na província, imaginar que uma “roda” literária ao ar livre, que se formava diariamente, fosse vista como “ponto turístico” é uma pista sobre os valores culturais da época. O culto à literatura e à importância das idéias por ela vinculada transformaram a Globo, ao que parece, em uma referência no teatro cotidiano da Rua da Praia. Na passagem abaixo Tostes (1989) contextualiza a “roda” da Globo em meio ao movimento da Rua, para depois sublinhar que todos, independentemente das obras publicadas, “compareciam” sempre nas folhas dos jornais.

O bairro fervia de animação. À porta da Globo, várias correntes confluíam e os bate-papos se estendiam pela tarde, desdenhando o elegante mulhêrio que desfilava pelas calçadas. Falava-se de literatura como hoje se fala de futebol.<sup>345</sup>

Essa popularidade da literatura, principalmente francesa, é uma temática muito presente em “Nosso Bairro”. Se Tostes não exagera em afirmar que as conversas sobre o universo ficcional tinham a mesma dimensão que o futebol na atualidade, então é possível deduzir que aquele ambiente simbólico convivia de forma íntima com o ideário das grandes metrópoles. Da boemia a política, passando pela estética dos espaços de sociabilidade, fazia-se uma tradução da modernidade a partir dos romances franceses, principalmente: vivencia-se um imaginário de grande cidade dentro dos limites da província, no centro da capital.

A importância desses valores culturais cultivados na época é sublinhada pelo autor quando comenta o estilo e a freqüente presença do novo Presidente da Província nas palestras à frente da Livraria:

---

<sup>345</sup> Ibidem, p. 84.

Com sua ascensão à presidência, Getúlio criou um estilo novo de governante a que o povo não estava acostumado. Depois de um presidente que, nos vinte e poucos anos de governo, só era visto de longe e em ocasiões excepcionais, o cidadão comum olhava com surpresa o homem simples e bonachão que, ao lado de João Pinto da Silva e saboreando um bom charuto, descia as duas quadras da Ladeira, atravessava um trecho da Rua da Praia e ia bater um papo bem humorado com o grupinho literário da Livraria.<sup>346</sup>

Tostes (1989) também faz menção, em seu caderno de lembranças, às alterações urbanas e ao ritmo da sociedade porto-alegrense do início dos anos 1930. Em um contexto que hegemonicamente aplaudiu o novo, as profundas alterações urbanas tensionavam com o romantismo poético do grupo. Segundo o autor: “[...] a verdade é que, apesar de modernistas, nós guardávamos o culto sentimental das nossas ruas.”<sup>347</sup> Aos novos nomes impostos pelo governo municipal, preferiam utilizar as tradicionais atribuições da “boca do povo”. Em outra passagem, ele declara amor às velhas ruas que marcaram sua mocidade, associando as marcas espaciais à memória afetiva, contrapondo-se aqui as idéias dominantes na época. Segundo o cronista:

As ruas, meu caro amigo, são pessoas da família. Fazem parte da nossa vida e vivem na nossa saudade como a lembrança dessas velhas tias que pertenceram à nossa infância. Cada pedaço do nosso passado mora numa rua diferente. Há a rua da primeira escola, a rua da primeira namorada, a rua do primeiro cigarrinho, a rua do primeiro amor inconfessável.<sup>348</sup>

Nas entrelinhas de suas memórias, o autor deixa claros os conteúdos que utilizou para reconstruir a cidade de sua juventude. Fluxo das ruas no dia e na noite, oposição entre o provincianismo e o anseio moderno, boemia e culto à literatura européia. Assim, capital dos anos 20 e 30 é definida pelo autor como “bovarista”<sup>349</sup>: sugerindo que a mesma estava marcada pela tensão entre a consciência do

<sup>346</sup> Ibidem, p. 120.

<sup>347</sup> Ibidem, p.97.

<sup>348</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>349</sup> O termo “bovarismo” aparece constantemente tanto nas memórias quanto na obra “Bazar”. Trata-se de uma expressão criada por Jules de Gautier em 1902, a partir da análise do clássico de Flaubert. Denota uma insatisfação neurótica de pessoas ou sociedades que resulta de aspirações acima do permitido pela realidade histórica, criando a partir da ambição uma falsa imagem de si mesmo. Cf. dicionário Aurélio, p.325.

provincianismo e a aspiração metropolitana - que despontava, incipiente, na arquitetura e nos hábitos citadinos.

As feições de grande cidade, de fato, só podiam ser exibidas em alguns pontos do centro, enquanto as idéias modernas não podiam ser antecipadas à realidade citadina como um todo. A presença das idéias modernas orientava também o olhar dos fotógrafos em seus álbuns. Segundo Possamai:

Fotografar o centro, privilegiando-o nos álbuns fotográficos (...), significa transpor para a totalidade da cidade uma imagem visual de acordo com os padrões de um imaginário que buscava como referentes as ruas, as edificações, as praças, os veículos e principalmente, o homem no espaço público.<sup>350</sup>

Nas crônicas publicadas à época, na obra “Bazar”, tem-se uma visão mais clara daquele ambiente: os vários personagens do cronista apresentam ao leitor atual um cotidiano próximo e distante, comparável e estranho, propício à reflexão histórica.

### **3.2 A cidade como um bazar: Porto Alegre no imaginário de Theodomiro Tostes**

O conjunto de crônicas que integram a obra “Bazar”, de Theodomiro Tostes, foram originalmente publicadas no jornal “Diário de Notícias” entre os anos 1925 e 1931, reunidas e apresentadas em forma de livro neste mesmo ano pela editora Globo.<sup>351</sup>

No prefácio que faz a reedição da obra em 1994, Carlos Reverbel sublinha o sucesso que suas crônicas detinham na época e que fizeram das iniciais “T.T” uma

<sup>350</sup> POSSAMAI, Zita. **Memória e esquecimento nos álbuns fotográficos** – Porto Alegre décadas de 20 e 30. Porto Alegre: 2005. Tese (Doutoramento em História) – Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS, 2005.

<sup>351</sup> TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.



marca no jornalismo porto-alegrense. Para Reverbel (1994), “[...] fosse ou não de seu agrado, T.T. era identificado por inúmeros admiradores nas suas aparições na Rua da Praia, aliás, diuturnas e obrigatórias, por ser caminho do seu jornal e de cafés e bares que freqüentava.”<sup>352</sup> Até porque, durante o período em que escreveu diariamente suas impressões, foi o “colunista mais lido de Porto Alegre”<sup>353</sup>, em uma época em que os muitos jornais da cidade ainda não tinham concorrentes à altura: o rádio acabara de surgir e ainda não havia se popularizado.<sup>354</sup> Neste ambiente, Tostes obteve um prestígio sem igual junto ao público leitor da cidade, como sublinha o jornalista em seu prefácio: “[...] quero crer que jamais acontecera, na imprensa porto-alegrense, a popularização, nas mesmas proporções, de textos de tal qualidade literária a serviço do jornalismo de massas.”<sup>355</sup>

Reverbel (1994) destaca também que os poucos anos de atuação de Tostes no jornalismo da capital coincidiram com um momento de renovação que ocorria na imprensa naquele contexto. Talvez se pudesse também lembrar e estabelecer relações com as já citadas transformações urbanas e estéticas que as idéias modernas da época suscitavam ao ambiente geral. Seja como for, o incomum cronista contribuiu com sua parte:

Caberia a ele, como inovador da crônica diária, desempenhar um papel singularíssimo nessa renovação. A maneira de tratar poeticamente os pequenos fatos do cotidiano, conseguindo, ao mesmo tempo, alcançar efeitos eminentemente jornalísticos, foi criação sua na imprensa local. Surgiu e desapareceu com as suas iniciais. Durou pouco, mas foi o quanto bastou para garantir-lhe um lugar definitivo na galeria dos grandes cronistas de nossa cidade.<sup>356</sup>

---

<sup>352</sup> REVERBEL, Carlos. **T.T.** – Homem de jornal. In: TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994. p.13. Tostes assinava suas crônicas no Diário de Notícias com as iniciais de seu nome: “T.T” torna-se uma “marca” no jornalismo da época, como lembra Reverbel.

<sup>353</sup> *Ibidem*, p.19.

<sup>354</sup> COPSTEIN, Jaime. **Anotações para a história do rádio em Porto Alegre**. In: BISSON, Carlos. (org.) **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/SCRGS, 1993. O autor lembra que a primeira emissora de rádio da cidade, a “Rádio Sociedade Gaúcha”, organizada em forma de “clube” tinha um apelo elitista nos primeiros anos, com uma programação “pretensamente nobre”. Logo, porém, ao longo dos anos 1930 e por influência da experiência carioca, o Rádio incorpora o “popular” e altera profundamente a comunicação de massas. p.116 e 117.

<sup>355</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>356</sup> REVERBEL, op. cit. p. 15.

Para além do estilo específico de Tostes, Arend (2000) enfatiza a influência dos parâmetros estilísticos da época nas crônicas de o “Bazar”: o Modernismo e o Simbolismo. Segundo a autora, o primeiro enfatizava não apenas a renovação estética, mas a valorização de temas ligados ao nacional, ao regional e às questões populares, favorecendo a valorização da prosa em relação à poesia, como lembrou também Tostes em “Nosso Bairro”. Nesta conjuntura, faz menção também à expansão da instrução pública que amplia e populariza o universo dos leitores que se desejavam ver-se representados na ficção.<sup>357</sup> Daí talvez se explique a essência cotidiana destes textos que, não podendo ser expressos por outro gênero que não o da crônica, dão vida aos tipos populares no emaranhado da cidade “bovarista”.

A velocidade e a instabilidade criativa do moderno estão na própria definição que Tostes (1994) faz da crônica (que ele chama modestamente de “nota”) na apresentação de sua obra:

Nota. Tecla ferida. Risco de lápis. Comentário. Há criaturas exigentes que teimam em formar acordes. Outras prolongam o momento numa insistência perigosa. Eu bato a nota. Apenas. Prendo o vôo leve do minuto numa pupila de codaque.<sup>358</sup>

Suas crônicas, no entanto, não estavam totalmente livres da poesia, gênero em que o autor já havia publicado e do qual era um grande apreciador, como deixa transparecer em “Nosso Bairro”. Em seu “bazar” de impressões, a cidade é uma grande vitrine onde os “textos se encadeiam num painel poético da paisagem urbana e da vida cotidiana de Porto Alegre.”<sup>359</sup>

Da poesia principalmente vem a influência do Simbolismo, dos “poetas malditos” que caminhavam pelas noites parisienses, e se opunham à racionalidade da existência excessivamente racionalista do cidadão moderno típico. Tostes faz referência às leituras Simbolistas em suas memórias e as deixa transparecer também nos temas apresentados na obra “Bazar”: noite e dia; poeta e cidadão comum; boemia e vida ordinária são presenças constantes em seus trabalhos.

<sup>357</sup> AREND, Adriana Fretas. **Através da Vidraça**. Imagens do cotidiano por Theodomiro Tostes. Porto Alegre: 2000. Dissertação (Mestrado). PUCRS. Faculdade de Letras, 2000.

<sup>358</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p.26

<sup>359</sup> REVERBEL, Carlos. Theodomiro Tostes. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 4, 01 jan. 1990.

Gilbert Durand (2004) lembra que a poesia simbolista busca, nas fontes do imaginário o material para a realização literária. Para ele, a estética dos poetas malditos que descende do Romantismo e fundamenta o Surrealismo, elevou a “[...] imagem icônica, poética e até musical, a vidência e conquista dos sentidos.”<sup>360</sup> Segundo o pensador do imaginário, a busca poética da imagem e o caminho do “sexto sentido” esbarrava, no século XIX, com o “insolente” sucesso e conseqüente ditadura do Positivismo, que os transformava, por oposição, em “poetas malditos”. Situação que não os impediu de reivindicarem a condição de “gênios”, “profetas” ou “magos”: estes artistas representaram uma forte resistência simbólica aos determinismos da época e ocuparam posição de destaque entre os interlocutores do imaginário.<sup>361</sup>

Alfredo Bosi (1987), define o Simbolismo como uma reação ao racionalismo do último quartel do século XIX. Se na época da Revolução Francesa, o Romantismo reagira à Ilustração, na virada do século o Simbolismo também vai se opor ao mecânico, ao puramente empírico e palpável na busca de uma essência absoluta que transponha a realidade. Na radicalidade desta perspectiva, o poeta deseja transpor o caos do mundo cotidiano e do seu próprio eu para atingir um “absoluto de pureza”, que o aproximaria do “Nada”. Como importante exemplo desta corrente, o crítico literário comenta a obra do poeta francês Mallarmé, apresentada como síntese desta perspectiva. Para ele: “[...] nessa tensão para o Absoluto-Nada está a raiz de suas analogias, em que o poema aparece como janela para o não-ser, espelho e cristal partido que refletem apenas a ascese para tocar o infinito.”<sup>362</sup>

Deve se destacar, ainda segundo Bosi (1987), que o Simbolismo no Brasil teve entre os escritores porto-alegrenses a expressão mais próxima ao modelo europeu, citando autores que já eram consagrados à época do jovem Tostes, como Zeferino Brasil e Eduardo Guimaraens, entre outros. Cabe lembrar que estes poetas são referidos nas memórias de “Nosso Bairro” e fazem parte também do ambiente

---

<sup>360</sup> DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da Imagem. -3ª Ed. – Rio de Janeiro: Difel, 2004. p.29.

<sup>361</sup> Ibidem, p.28.

<sup>362</sup> BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1987. p. 298.

boêmio e da perspectiva estética que permearam as “notas” de Theodomiro Tostes.

363

Entretanto, como destaca Zilbermam (1992), essa supervalorização do ego, própria do movimento, é utilizada pelos simbolistas porto-alegrenses mais como uma fuga à realidade medíocre e provinciana então vivida, do que como evasão às conquistas da civilização industrial. Fato que os aproxima, mesmo que por “caminhos singulares”, ao sentido mais amplo do modernismo ocidental.<sup>364</sup> O Modernismo aqui também apresentou traços específicos em relação ao centro do país e teve justamente em Theodomiro Tostes e em seu amigo Augusto Meyer os “principais arautos”.<sup>365</sup> Os críticos literários, contudo, fazem menção principalmente à poesia e ao romance quando comentam as complexas influências que estas correntes literárias exerceram no Brasil e, de forma diferenciada, no Rio Grande do Sul.

Segundo Martins (1984), no que se refere especificamente à trajetória da crônica no Estado, tem-se que o gênero se amplia no contexto de expansão dos jornais em nível nacional, no último quartel do século XIX e reflete de forma concomitante no Rio Grande do Sul. Para a autora, neste período, a crônica populariza-se produzindo textos sobre temas variados e sob diferentes estilos, ciclo inaugurado por Apolinário Porto Alegre.<sup>366</sup> Neste ambiente, o “T.T” poeta, atrelado à lógica do jornal e às especificidades próprias do gênero, adiciona, em suas “notas”, temperos Simbolistas e Modernistas na construção de uma marca literária singular.

367

Para os objetivos da análise que aqui nos propomos, importam principalmente retirar da cotidianidade de seus textos as imagens que descrevem uma ambiência datada e informam sobre as idéias subjacentes. Seus textos são “instantâneos” colhidos junto às ruas e filtrados pelas influências culturais do autor para serem novamente devolvidos ao público leitor, através das tecnologias do imaginário. Para

---

<sup>363</sup> Ibidem, p. 319.

<sup>364</sup> ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do sul**. – 3ªEd. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 41.

<sup>365</sup> Ibidem, p.63.

<sup>366</sup> MARTINS, Dileta da Silveira. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1984. Tese (Doutoramento). Instituto de Letras e Artes. PUCRS, 1984. p.36

<sup>367</sup> AREND, op. cit. p. 31.

além da questão estilística, importa sublinhar que suas crônicas noticiam o acontecimento urbano num período específico; montam um cenário onde os personagens imaginários representam determinada vida moderna: movimento das ruas, cinemas, bares, consumo de notícias. A “cultura pública” dos grandes centros é apresentada pelo autor em espaços e personagens que interpretam suas idéias. Entre a metrópole desejada e antecipada em alguns territórios e a realidade provinciana do contexto mais amplo, cria-se, para o autor, uma tensão “bovarista”.

É a partir desta “cidade-cenário”, construída pelo imaginário das crônicas de Theodomiro Tostes, que buscaremos observar as idéias que permeavam o acontecer urbano nos anos 1920 e 1930.

Analisar-se-á, portanto, a “ambiência” da cidade naquele momento através do olhar do autor. Lembrando Geertz (1978), sabe-se que as ciências sociais lidam sempre com dados de “segunda mão”, são leituras de leituras no emaranhado das “teias de significados” que as sociedades reelaboram historicamente.<sup>368</sup> As análises das crônicas de Tostes visam, assim, apreender as impressões do autor e sua descrição do ambiente cotidiano da cidade para identificar os principais temas da época. Dito de outra forma: observar o imaginário construído por Tostes para identificar as idéias que fundamentavam aquele contexto.

### 3.3 Fotografando as ruas

A presença da cidade, das ruas, seus espaços e personagens é uma constante no conjunto de crônicas de “Bazar”. Como diz o autor na apresentação da obra, sua preocupação é a de fotografar o instante, bater a “nota” sem, no entanto, formar acordes. Trata-se de identificar “sons”, no caso imagens, individualizados e em estado puro. Suas crônicas buscam “prender o vôo leve do minuto” sem pretenderem uma análise mais profunda, procedimento essencial do gênero.

---

<sup>368</sup> GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 15 e 25.

Observando o conjunto, todavia, estes “instantâneos” ou “notas” terminam por formar acordes, apresentando-se como documentos para uma análise mais ampla.

São muitas as frestas e pistas deixadas por Tostes (1994) para acessar o imaginário daquela cidade. A Porto Alegre que o autor apresenta em “Bazar” é um conjunto de impressões filtradas pela lente sofisticada do poeta. Suas crônicas apreendem detalhes da cidade provinciana que, mediados pela tradição literária do autor e pelo contexto, são reapresentados ao público através do jornal. Para esse “hipotético” consumidor de imagens de seu próprio ambiente, Tostes (1994) vai descrever um cenário que considera “bovarista”. Neste, personagens e meio urbano expressam os limites e singularidades do moderno em um jeito próprio de vivenciá-la.

A temática de obra valeu-se de questões essencialmente ligadas ao imaginário moderno: vida pública, velocidade, tipos boêmios e “burgueses”, mulheres da “vida” e madames excessivas; província e metrópole. A natureza, provável influência Simbolista, está presente na cadência das horas que aparece em várias crônicas. Na grande maioria das mesmas, a luz e a sombra temperam o ambiente em horários demarcados: amanhecer, meio-dia, tarde, vespertino, noite.

Uma outra questão importante que parece refletir-se nos personagens de suas crônicas é o do “homem problemático”. Segundo Baumer (1977), nas primeiras décadas do século XX, o movimento psicanalítico, a antropologia e a crise gerada pela I Guerra Mundial, entre outros fatores, relativizam o conceito de homem. Da filosofia à literatura, de Bergson a Proust percebe-se a impossibilidade de encontrar um “ego único”: as personalidades passam a ser percebidas como múltiplas e mutáveis e o homem “inominável”. Nesse contexto, a produção literária une autores, personagem e leitores sob a égide da “suspeita”: “[...] o homem olha no espelho e vê refletido um estranho.”<sup>369</sup>

Para Tostes (1994), o relativismo do homem aparece na metáfora da cidade, descrita na forma de um “bazar”: uma loja onde o comprador depara-se com um mundo de possibilidades. Suas vitrinas – outra expressão cara ao autor - estimulam

---

<sup>369</sup> BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. VI.eVII séculos XVII e XVIII. Lisboa. Edições 70, 1977. pp. 185,186 e 187.

a curiosidade do transeunte que sai da calçada e invade os corredores do bazar em busca de novidades, além dos tradicionais “palhaços”, “polichinelos” e “bailarinas”. Tostes, enquanto cronista profissional deixa-se envolver pela cidade em sua modernidade possível, entre a realidade e a literatura, construindo imagens de suas impressões cotidianas. Os tipos sociais variados que freqüentam as calçadas e principalmente os bares e cafés daquele centro urbano são elementos de um laboratório literário que transforma a socialidade em arte para desnudar a fantasia do vivido. Autor e personagens apresentam tantos “egos” quanto objetos ofertados num bazar; por isso a metáfora da vitrine aparece sempre a refletir a complexidade das ruas.

Em algumas crônicas, o autor dá indícios de seu “método” ao se apresentar como um “flâneur” pelas ruas da cidade, estabelecendo o corte epistemológico entre sujeito e objeto no caminhante anônimo que estranha o ambiente circundante.

Vale lembrar a definição de Featherstone (2000) sobre este personagem essencialmente moderno. Para ele o “flâneur” foi uma espécie de artista ou sociólogo da prática que vagava sem pressa pela cidade no intuito aprimorar o olhar sobre a experiência urbana. Segundo ele:

A arte do flâneur compreendia uma hermenêutica do olhar que atraía o crescente público leitor da classe média urbana e instruída. Uma hermenêutica que tornava a cidade exótica e buscava seguir a máxima central do romantismo: ‘tornar o estranho familiar e o familiar estranho’.<sup>370</sup>

Na crônica “Vesperal”, por exemplo, Tostes (1994) parece enquadrar-se na fórmula sugerida acima quando observa o cotidiano porto-alegrense dos anos 20:

O gordo vai feliz como um balão de gás. O sol esbanja a glória de um crepúsculo. E incendeia as janelas do casarão conspícuo.  
A tarde grande e clara cabe todinha nos meus olhos apertados. Sou um turista vadio. Um caçador de borboletas. Um colecionador que se perdeu neste *bazar de sensações*.

---

<sup>370</sup> FEATHERSTONE, Mike. **O flâneur, a cidade e a vida pública virtual**. In: ARANTES, Antonio. (org.) **O Espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 193

Salomé vende flor pros João-Batistas descuidados. Madame Bovary, no seu traje excessivo, lembra um carro alegórico de sociedade suburbana. No parêntesis negro de uma rodinha embasbacada, o bacharel pontifica sobre as finanças do Brasil. A fuzarca ameaça a integridade dos calcanhares de um crioulo. E o camelô solene apregoa a excelência de uma nova marca de cigarros.

Vou caminhando entre dois mundos. O meu mundo. E o dos outros. Sou o homem-sandwich das sensações desencontradas. [...] Parto espelhos circunstantes. E me desintegro na paisagem.<sup>371</sup>

O cronista apresenta-se como um observador atento misturado a “multidão” na forma de um “turista vadio”. Ele usa de um estranhamento poético em seu passeio exploratório no intuito de caçar o detalhe do acontecimento social, as “borboletas” da futura crônica. O afastamento metodológico em relação ao seu próprio meio exige, contudo, uma entrega ao “bazar de sensações desencontradas” que o obriga a sair da situação de observador e retornar à condição de objeto, desintegrando-se na paisagem.

---

<sup>371</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p.109. (Grifo nosso).





Figura 08: Centro de Porto Alegre – 1935 <sup>372</sup>

As palavras que o autor utiliza para se posicionar e descrever aquela Porto Alegre o aproximam daquilo que Berman (1986) chamou de experiência moderna. Para este autor o ambiente moderno oferece aventura, poder, autotransformação e alteração das coisas ao redor dentro de uma cultura internacional que une a humanidade de maneira paradoxal. A cultura moderna, diz ele, “[...] nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia.” <sup>373</sup> Mesmo que nem tudo se desmanche no ar, o deslocamento ou o movimento dos corpos e idéias são fundamentais para o entendimento e a escrita do vivido na cultura moderna. Ser moderno exige uma predisposição à alteração, uma flexibilidade em relação ao estável, à permanência pouco criativa.

<sup>372</sup> Acervo Particular Luiz Maroneze. Autor: Luiz Arthur Ubatuba de Faria.

<sup>373</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p 15.

Na crônica “Assim falou o coringa”, esta questão aparece de maneira específica. Sentado à mesa de jogo e naquela noite, sem parceiros para uma rodada de pôquer, “[...] na atitude apática do homem que já não tem coragem de aborrecer-se”<sup>374</sup>, brinca com as possibilidades das cartas na disputa com um adversário fictício. As cartas, então, começam a “falar”, expondo suas possibilidades dentro do jogo. O “Rei” comenta os limites da “Trinca”, uma formação intermediária e arriscada. Sugere que tente aproximar uma outra carta: surge o “Coringa”.

Eu sou o coringa. A carta máxima. A carta chefe. Não tenho a coroa do rei, nem a elegância aristocrática do ás. Mas posso mais do que eles. Meu poder não reside num símbolo real nem em qualquer outro valor igualmente transitório. Meu poder está todo em minha capacidade de adaptação. Não tenho um valor próprio, definido. Sou o homem das circunstâncias.<sup>375</sup>

Mesmo sem um valor específico no baralho, ou um título de nobreza social, o indivíduo adaptável às mudanças do turbilhão moderno impõe-se. Tostes (1994) manda um recado aos conservadores, aos que primam pela tradição e fogem a novidade. E o personagem fantástico conclui: “- Aprende comigo, meu irmão. Eu sou uma lição de vida. Em todos os momentos da existência, só quem vence é o coringa. O homem que sabe se adaptar.”<sup>376</sup>

As crônicas de Tostes (1994), ao descreverem o ambiente de uma cidade periférica que se queria metrópole, deixam pistas para uma apreensão dos efeitos e limites da cultura moderna no imaginário e nas idéias daquela Porto Alegre.

### **3.4. Tempo e aceleração nos escritos de “Bazar”**

As idéias sobre o tempo que permeiam uma dada sociedade e a forma como os indivíduos a vivenciaram são importantes para a compreensão historiográfica.

---

<sup>374</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 85.

<sup>375</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>376</sup> *Ibidem*, p. 86.

Neste caso, busca-se na apreensão do tempo metafórica do tempo na interpretação de um dado cenário, de uma “realidade”. Tanto mais quanto tratamos de informações vinculadas a uma cultura intimamente ligada à “flecha do tempo”, como é o caso da ocidental. O “devir” superou o “ser” durante o século XX nas sociedades a ele vinculadas, transformando a temporalidade em uma categoria fundamental de análise. Nas crônicas de Tostes (1994), o tempo e a velocidade aparecem em algumas passagens de forma explícita, e de forma implícita em outras.

Em “Sua excelência o Jazz”, por exemplo, o autor compara o ritmo musical norte-americano à percepção do tempo na cultura. A crônica apresenta o vocabulário de uma nova época associada à velocidade: “[...] desordenado, louco, tumultuoso, ele é bem a representação dinâmica de toda a alma moderna.”<sup>377</sup> Aos sons tradicionais das grandes cidades o cronista acrescenta o “barulho de latas”, “buzinas” e “locomotivas” e afirma ser tudo música.

A superexcitação é hoje o ritmo da vida. Nós queremos ruído: a fecunda alegria das oficinas e das fábricas, a algazarra das ruas, o bimbalar dos sinos, as onomatopéias líricas do trem, a confusão, a desordem, tudo reunido numa harmonia única. A harmonia da vida. O tumulto musical do novo século.

E o jazz-band é assim: reflete na babel de mil linguagens musicais a confusão febril destes dias que dançam a última criação coreográfica da vida. A dança da loucura. Para o futuro. Doidamente.<sup>378</sup>

A idéia de ritmo caótico da cidade que se lança “para o futuro” apresenta sua harmonia específica em meio a uma “confusão febril”. Neste contexto, os indivíduos constroem uma “alma” flexível e mutante para se adaptar às metamorfoses da vida metropolitana. Segundo Tostes (1994), esta maleabilidade tem no Jazz a sua melhor tradução:

Nós mudamos de alma a cada instante. Temos agora uma alma fútil, superficial e vazia. É a alma fox-blue. Temos daí a pouco uma alma ordeira, sentimos necessidade de disciplina e método. É a alma one-step (...). É assim como eu digo. Cada um de nós tem tantas almas quantos minutos tem um dia. Todo o homem moderno é um jazz-band infatigável de almas. Ninguém é assim: unicamente isto ou aquilo. Não há almas sentimentais.

---

<sup>377</sup> Ibidem, p..55.

<sup>378</sup> Ibidem, p. 55.

Nem frívolas. Nem graves. Nem maliciosas ou malandras. Há tudo isto num todo. Alma complexa.<sup>379</sup>

Nas passagens acima, a questão da “velocidade da vida” e suas oscilações naquele ambiente são apresentados como uma questão central para caracterizar o indivíduo moderno. O “eu” tradicional parece perder as supostas referências anteriores para se deixar envolver pelo devir de um futuro que, mesmo incerto, mostra-se “excitante”. É possível dizer-se também daquelas impressões que as mesmas sugerem um otimismo em relação à complexidade e as possibilidades deste novo universo, interpretadas dentro do espírito próprio do modernismo.

Esta crônica deixa transparecer a influência do Futurismo na linguagem do autor. Novamente aqui é possível sugerir que a construção do imaginário urbano por Tostes está imbricada a uma tradição literária europeia vinculada às grandes metrópoles. Desta forma, o subjetivo talvez possa ser visto como uma relativa antecipação à realidade material objetiva; dito de outra maneira: o escritor atualiza o imaginário moderno de um ambiente material que “corre atrás” do modelo.

Na crônica intitulada “Outras”, a questão da velocidade aparece associada às novas figuras femininas e ao automóvel, ícone dos tempos modernos. Contudo, as inovações técnicas parecem não alterar os costumes ligados tradicionalmente à alma feminina, que o autor ironiza:

Amazona moderna. Vai dirigindo, ginetaça, os quarenta cavalos da limosine contra a luz. O sol da tarde incendiou-lhe o cabelo de ouro falso. [...] É uma figura nova na cidade. Uma filha do século, perfeitamente compenetrada de seu papel amável. Não acredita mais naquele amor vagaroso do século XIX e de outros números. Mas no amor em terceira que vença com facilidade a etapa flirt-casamento sem o lirismo perigosíssimo das derrapadas. Seu traje de ‘chauffeuse’ é uma pequena coisa intraduzível que caberia muito bem numa valise das menores. [...] Quando ela passa cavalgando sua limusine, imagino que está treinando para o casamento.<sup>380</sup>

A independência feminina aliada ao automóvel é novidade na cidade. Achylles Porto Alegre, uma década antes, chamava a atenção sobre as mulheres que

<sup>379</sup> Ibidem, p.56.

<sup>380</sup> Ibidem, p.115.

andavam sós pelas ruas, em direção ao trabalho ou às compras e ninguém mais estranhava, tinha se tornado algo “do meio”. Dirigir uma sofisticada “limusine” é, entretanto, novidade para a cidade do cronista do Diário de Notícias. Mesmo assim, sua opinião, apesar de sarcástica, entende aquele comportamento como algo próprio do século em que a velocidade parece afetar também os trâmites matrimoniais. A vaidade feminina, muitas vezes lembrada pelo cronista, todavia, não é alterada; ela simplesmente se ajusta aos novos equipamentos do contexto, impondo-se como uma permanência histórica.

Nas construções de suas crônicas, as temporalidades do dia são muitas vezes demarcadas: manhã, vespertino, noite, etc. Em “Meio-dia”, por exemplo, o autor sublinha um aspecto provinciano daquela capital ao lembrar que a cidade quase pára na hora de almoçar. As moças abandonam as compras: “Desertaram dos bazares buliçosos nesta risonha hora pré-estomacal. Meio-dia. [...] Tudo se aquieta e cabe na ilusão beatíssima da hora. A vida perde o gosto efêmero das volúpias menos fisiológicas.”<sup>381</sup> A cidade não tem aqui a velocidade do Jazz, anteriormente referido: a população que compõe as “multidões” das ruas abandona o espaço público pelo ambiente do lar. As “efêmeras volúpias” modernas são contidas pela tradição “beatíssima” do almoço em família.

Por outro lado, dentro do entendimento “bovarista” que faz da cidade, numa explícita tensão entre tradição e modernidade, conclui a crônica utilizando imagens modernas como pano de fundo: “[...] altos, festivos, verticais, no céu de vidro, os vapores das chaminés são estandartes desfraldados.”<sup>382</sup>

Em “Um poeta, um tema e uma realidade”, o personagem tenta fugir do ritmo e das banalidades que o cercam na cidade, reluta entre “se conformar ao que está feito” e “aderir malandramente à maioria que tem voto” ou fechar-se em si mesmo. Tostes (1994) descreve a cena:

Vem descendo a rua com a sua tristeza pelo braço. Encorujado em pensamentos negros como seu terno e seu esplin.” [Quando se abre para a realidade está na Rua da Praia.] “Um cenário excessivo. Novo- rico. O céu

<sup>381</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p.151.

<sup>382</sup> Ibidem, p.151.

enfeitado de estrelas da casa Sloper. E o homem constata, pesaroso, a existência objetiva daquelas banalidades.<sup>383</sup>

Neste momento, faz a opção pelo universo subjetivo e ensimesmado, afirma não querer outro mundo. “A realidade dos outros não existe para mim.” Entretanto, a objetividade das ruas, disfarçada em um automóvel Packard, atropela o poeta e o traz de volta ao convívio urbano. “O poeta sai de si mesmo. Cai em si.”<sup>384</sup> Tostes parece afirmar que a realidade “burguesa” suplanta qualquer tentativa de absoluta evasão. A modernidade racionalista do automóvel passa apressada por cima dos anseios românticos do poeta; a velocidade que aponta para o futuro atropela os reticentes.

### **3.5. Sociedade: Os personagens da cidade.**

Boêmios, poetas, jornaleiros, jovens e velhas mulheres burguesas, tipos estranhos ou convencionais da cidade contracenam nos cenários recriados por Tostes. Os personagens do autor terminam por informar sobre os valores daquela sociedade. Dito de outra forma: eles deixam perceber que idéia de sociedade construiu naquele momento. Enquanto “observador participante” das calçadas, Tostes faz leituras e classificações de tipos sociais e das sociabilidades públicas: o centro da cidade é o local para ver e ser visto, para existir socialmente.

O cronista define o desfile dos tipos sociais como um “Desfile de Vitrinas”, título de uma de suas crônicas. Nesta a “madame” apresenta-se aos observadores com sua “graça escandalosa”:

O vestido berrante, que parece a paleta de um pintor impressionista, é a mais bizarra das bandeiras que tremulam no vento. Todas as cores colaboram na policronia complicada. E é tão bonita, tão completa esta

---

<sup>383</sup> Ibidem, P.217.

<sup>384</sup> Ibidem, p.218.

distribuição de tons que Madame faz lembrar aprocissão dos Navegantes, ou um projeto ambulante de bandeira para a Liga das Nações.<sup>385</sup>

A extravagância das senhoras aquinhoadas é criticada nas crônicas de “Bazar”. O desfile das novas modas nas ruas centrais da capital, contudo, demonstra que, naquele momento, o centro é a grande vitrine. O centro urbano é o lugar do novo, das luzes metropolitanas que recebem abertamente os diferentes grupos sociais.

Para Tostes (1994), entretanto, existe algo de miserável nesta necessidade de “ir à cidade”, mostrar-se. Até os poetas que se amontoam na porta da Livraria do Globo para suas disputas vaidosas são questionados. Sarcasticamente descreve a família suburbana que vem visitar o centro:

A família do sr. Escriturário aposentado mobilizou-se no subúrbio e invadiu a cidade.

Vem a senhora asfixiada numa cinta apertadíssima, criticando os defeitos de vestuário das mulheres que passam. Vem a menina que embasbaca diante das lojas enfeitadas, atucanando a paciência burocrática do pai. Vem a filha mais velha, uma novela que procura o leitor. E a criada retinta e molengona, carregando em charola o último fruto daquele amor aposentado.<sup>386</sup>

As descrições dos hábitos cotidianos aparecem em forma de fotografia: cenas de um centro urbano que é o lugar de sentido da cidade. Ali, “[...] as raparigas se movem no vaivém do passeinho,” enquanto os rapazes demonstram suas “elegâncias de domingo”. Tem-se, também, “[...] o cavalheiro dos berloques que vai vestido de museu.” E “o novo-rico entrincheirado no prestígio pessoal de uma notável Cadillac.”<sup>387</sup> A importância desse desfile heterogêneo de vaidades, que o encontro da rua permite, é tão valorizado que o “palco” chega a ser esquecido: “[...] é tão grande a concorrência nos passeios, que a vitrine das lojas têm um ar triste e encabulado.”<sup>388</sup>

---

<sup>385</sup> Ibidem, p. 215.

<sup>386</sup> Ibidem, P. 216

<sup>387</sup> Ibidem, p. 216.

<sup>388</sup> Ibidem, p. 216.

Na crônica “Noturno Provincial”, o autor descreve o costume das famílias de freqüentar os cinemas do centro, principalmente aos domingos. Pensa nos efeitos que os filmes de temática amorosa deveriam suscitar no imaginário das jovens moças da época. Cinema, confeitarias e footing, são as possibilidades na programação de um domingo moderno na cidade provinciana: novamente aqui o autor se fixa num momento específico do dia:

Noite. Parada domingueira de famílias felizes. As raparigas, a mamãe, o pai de todos caciquizando a tribo. Olha as que vão para o cinema. Vão contentes. As que vem do cinema trazem no olhar nostálgico de um Roland Colman qualquer. E a gula de uma beijoca assim na boquinha borrada em coração.

Felicidade, seu! Felicidade bem feliz dos domingos burgueses, com sete atos de amor besta na tela de um cinema, chá com torradas na confeitaria e o passeinho a pé, que se diz em inglês pra ficar mais bonito.<sup>389</sup>

Também nesta passagem evidencia-se a importância do centro da cidade para as sociabilidades da época. A família vai ao cinema no “noturno provincial”; a dimensão da pequena metrópole estipula rotinas para o lazer dos vários segmentos sociais. Os encontros e a exposição pública ficam, como já evidenciado antes, circunscritos aos limites geográficos da Rua da Praia e seu entorno. O *footing* e o chá com torradas dos domingos se apresentam, então, como uma espécie de ápice civilizacional às moças que transitam para o mundo adulto. Tostes, de forma sarcástica, reflete sobre a pequenez daquelas pretensões ao mesmo tempo em que percebe a força que o imaginário construído pelo cinema tem naquele contexto.

Considerando que o imaginário, segundo Machado da Silva (2003), determina-se pela idéia de pertença a alguma coisa que permite partilhar uma filosofia de vida, uma linguagem e idéias sobre o mundo, entre outras coisas, tem-se que as imagens mediadas pelo cinema e observadas por Tostes, devam ser pensadas com atenção.<sup>390</sup> Muito das idéias e do imaginário moderno aqui chegaram através da literatura e atingiam, principalmente, o público escolado. O cinema, por seu turno, mais popular e de fácil leitura (até 1930 era mudo em Porto Alegre), dava acesso a um público cada vez mais amplo, aproximando os porto-alegrenses das

<sup>389</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>390</sup> SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003. p.14.



imagens e valores metropolitanos, agora mais estadunidenses que europeus. O crescimento do número de salas de projeção nos anos 1920 é intenso, fazendo com que a cidade atinja em 1930 a marca de 26 casas destinadas a este fim, igualando a média européia.<sup>391</sup>

Neste ambiente, ainda na crônica citada, o autor imagina os efeitos do cinema sobre a sexualidade das jovens que desabrochavam naquele momento:

Quantas pequenas destas levarão para o quarto, sem que o pai se aperceba, aquele herói cretiníssimo do filme que dava bofetadas e beijos, sorrindo sempre o seu mesmo sorriso de dentes muito bons! Quanto rêve d'amour nesta noite friorenta! Com o minuano lá fora. E ardências tropicais por dentro. Enquanto o velho, honestamente, via ressonando o seu cansaço.<sup>392</sup>

Tostes (1994) faz críticas tanto aos poetas que tentam fugir a realidade, quanto as mocinhas deslumbradas com os filmes pueris. Sobre este tema, Arend (2000) em sua análise das crônicas de o “Bazar” afirma que:

Assim como a literatura, o cinema também é visto como uma propaganda enganosa do sentimento, a vender seus galãs e a fazer desde cedo as mocinhas acreditarem que o amor somente é possível no plano idílico, fora do plano cotidiano e conjugal.<sup>393</sup>

Seja como for, importa salientar que o objeto de percepção do autor é o imaginário da vida pública, o personagem das ruas que se vincula a esta ou aquela fonte simbólica nos erros e acertos do dia-a-dia. O acontecer social objetivo e as possíveis reflexões dos indivíduos criados por sua ficção ocupam prioritariamente os espaços públicos da cidade; ela é palco e personagem das mesmas demandas imaginárias. Neste ambiente, a mulher, em sua especificidade, aparece como uma espécie de “outro” antropológico para o autor.

---

<sup>391</sup> MEYER, Cláudia. O cinema em Porto Alegre visto pela imprensa (1921- 1930). **Veritas**, n° 146, 1992. p.276.

<sup>392</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 47.

<sup>393</sup> AREND, op. cit. p. 102.

Em “A valise de miss Pandora”, por exemplo, uma mulher experiente desembarca no porto da cidade. Local, diga-se de passagem, que fora de fato a porta de entrada e saída de Porto Alegre neste período. O autor descreve a cena:

Ela desceu a escada do vapor, com o jeito civilizado de quem sabe viajar sem companhia e sem enjôo.  
A argúcia fiscal do guarda catalogou:  
- Mulher da vida.<sup>394</sup>

O guarda inspeciona a valise e dentre um grande conjunto de produtos de marcas famosas encontra um pequeno estojo de ouro e esmalte. Dialogam:

- É pó de arroz?  
- É pó.  
- O guarda abriu o estojo. Olhou. Cheirou, e teve um gesto de repulsa:  
- Coca!  
- Sim. Eu lhe disse. É pó. O senhor vê que não menti.  
- Está apreendido, então.<sup>395</sup>

Além da cocaína, o guarda fiscal encontra obras de literatura russa entre as quais os “Poemas de Revolução”, de Maiakowski. Contrariada, a autoridade pergunta se a passageira é comunista. Ela responde com ironia:

- Que esperança! Escute. A Rússia hoje está na moda como os perfumes Caron e a ‘cloche’. Toda a pessoa que se preza de inteligente nesta época já leu ao menos Dostoiewski e uma biografia de Lenine. Não deve, pois, estranhar o livro russo. É chic. E eu sou uma mulher incondicionalmente moderna.<sup>396</sup>

Logo depois, a cena transfere-se para um automóvel: a mulher segura sua valise com *todos* os pertences, “[...] onde cabia todo um mundo de sedução e de

---

<sup>394</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 49.

<sup>395</sup> Ibidem, p.50.

<sup>396</sup> Ibidem, p.50.

perigo”, enquanto “[...] sua mão imprudente ia brincando no fecho de metal polido.”

397

Novamente aqui o espaço da cidade e a literatura compõem a cena. O porto e o automóvel usados na criação de Tostes (1994) são elementos fundamentais para o fluxo do ambiente moderno. A literatura internacional, por seu turno, funciona como traço de distinção individual e fonte de referências imaginárias. Autores russos são “chics” e estão na moda, elementos que a sofisticada prostituta e viajante solitária utiliza para se identificar ao moderno. Tostes (1994) faz associações entre o crescimento da autonomia feminina da mulher moderna, com a penetração dos modelos criados pelo cinema ou pela arte literária. A arguta acuidade feminina, agora mais livre, é mostrada como bastante sensível às informações e aos modelos comportamentais que chegam dos grandes centros.

Os comportamentos femininos focalizados pelo cronista abrangem distintos tipos e modelos, sempre ligados às novidades importadas e ao cosmopolitismo da época. Na crônica intitulada “Uma ...”, por exemplo, o autor faz menção à incorporação da mentalidade esportista “à inglesa”, que se expandia naquele momento. Cita também a liberdade sexual no conjunto de um estilo libertário. Em suas palavras:

Ela é moderna. Moderníssima.  
Usa piteira longa. Saia curta. Idéias nem curtas nem longas. Mas elásticas.  
Faz amor por esporte. Esporte por amor. E é desta última mania que lhe vem a atitude machona do corpo bem tratado. O desenvolvimento excessivo dos músculos da perna. E das idéias de emancipação.<sup>398</sup>

A idéia de “emancipação”, de liberdade feminina através de estilos inovadores é o alvo ironizado na escrita do cronista. Citando Jules Laforgue, diz que estes comportamentos são relativos ao terceiro sexo, que para ele era representado pela “mulher inglesa”. Isso porque “hoje a Inglaterra fez colônias em todos os países”, tanto no Brasil quanto na França. Continua:

---

<sup>397</sup> Ibidem, p.50.

<sup>398</sup> Ibidem, p. 93.

A senhorita em questão é do terceiro sexo. Aos domingos, joga tênis e faz equitação. Nos dias úteis, nada. (Indicativo presente do verbo nadar) Ou faz corrida de obstáculos, treinando para o casamento. (...) São criaturas curiosas, no superlativo mais absoluto. Deixam em casa o coração, quando saem à rua.<sup>399</sup>

Tostes (1994) diz não tolerar esportistas do sexo masculino, mas vê no elemento feminino que pratica as artes do corpo um tipo curioso, meio masculino. Ainda assim, não deixa de zombar com a idéia fixa do casamento, mesmo entre o “terceiro sexo”.

Por outro lado, o autor está a falar de um estilo de vida influenciado pelos modelos dos grandes centros, no caso a Inglaterra, fazendo uso de conceitos de um intelectual francês. Importa muito mais para o autor a estética de seu personagem “quando sai à rua”, enquanto os sentimentos mais pessoais ficam em casa. Dito de outra forma: o que mais interessa na construção de Tostes é a exposição de certa cultura pública realizada nas ruas que é alimentada pelas fontes metropolitanas. O próprio estilo de vida vinculado aos esportes é algo do século, com profundas influências inglesas; os principais clubes de futebol da cidade, por exemplo, foram fundados na primeira década e adquiriram grande espaço no ambiente simbólico da cidade.

Novamente, em “Vida Airada”, são apresentados alguns elementos que aparecem recorrentemente nas crônicas de “Bazar”. A rua, a mulher, o bar e o estilo boêmio enquanto o lado escuro do projeto burguês, sempre criticado pela estética simbolista de Tostes. Neste caso, a mulher romântica caminha solitária pela noite fria e é abordada por outro caminhante:

-Vai pra casa? – insistiu a voz macia dele. Posso acompanhar você?  
 - Acompanhar pra onde? Eu sou uma criatura sem destino, moço. Sou um trapo de gente, que este vento vai arrastando pela noite. (...)  
 - Vamos tomar alguma coisa naquela casa, vamos?  
 Ela disse que sim. E os dois entraram na sala enfumaçada do bar, onde havia pares idílicos em duas cores, cochichando num hálito viciado o seu projeto de felicidade.<sup>400</sup>

---

<sup>399</sup> Ibidem, p.93.

<sup>400</sup> Ibidem, p.95.

Enquanto o homem tenta direcionar o encontro para um rápido desfecho sexual, a moça sustenta projetos mais sólidos.

- Onde mora você? – perguntou ele, despejando nas goelas o cálice de conhaque.
- Pra quê dizer? Não vale a pena. Eu não podia satisfazê-lo mesmo que quisesse. Eu não sou uma rapariga como as outras, não. Tenho amor ao pecado, quando o pecado é amor. Quando ele é apenas o episódio besta de um encontro noturno, tenho vergonha de mim mesma. Não banalize este primeiro capítulo de um romance que a gente talvez vá continuar, com uma cena vulgar e conhecida.
- Ó criatura, de que livro barato você fugiu? Me diga.
- Pois faz de conta mesmo que fugi de um livro. E até amanhã se Deus quiser . Vou me embora pras páginas do meu livrinho, onde me espera um galã parecido com o senhor.<sup>401</sup>

As mulheres nas crônicas de Tostes, assim como de resto quase todos os seus personagens, possuem alguma vinculação com o universo das fontes literárias. No caso acima, o encontro de estranhos na rua – fato típico da cidade grande – e o encaminhamento da conversa para o bar, um espaço de sociabilidade moderno, são vivenciados por personagens utilizam um vocabulário centrado na literatura: são personagens que vivem a literatura em seus discursos e contracenam sempre no anonimato moderno das ruas.

### 3.6. Boemia

A noite é o momento mais importante do dia para Tostes. A vivência noturna na cidade provinciana que se “veste de metrópole” é o cenário de diversas crônicas, resultado de uma vivência empírica do jovem escritor que cultuava os bares e seus habitantes. Como relatado em suas memórias, Tostes vivenciou na prática uma existência boêmia que também era, de certa forma, uma tradução das leituras metropolitanas. A boemia, no entanto, além de seu papel de resistência poética, também tem seu próprio lado escuro, contradições tipicamente modernas.

---

<sup>401</sup> Ibidem, p.96.

Como analisado em outro momento, a penetração de idéias cosmopolitas através dos indivíduos que migravam para a cidade em expansão, por forasteiros em passagem ou através dos textos jornalísticos e literários foram recebidas com aplausos por um lado e reservas por outro. A vida noturna que se ampliava nas primeiras décadas do século XX também é parte do conjunto de imagens traduzidas à modernidade européia. A Revista *Máscara* publica comentários elogiosos em um número e, logo depois, tece críticas a certos comportamentos adquiridos na esteira do progresso. Assim, ao comentar a recente presença do Clube dos Caçadores na cidade, o colunista festeja:

Porto Alegre se transforma. A vida noturna lhe intensifica o comércio e dá-lhe o aspecto de grande metrópole; ninguém o pode contestar. E que tem concorrido mais para este rápido progresso do que o Clube dos Caçadores? Ele fez daquela Porto Alegre monótona e dorminhoca de outrora, uma cidade moderna, onde a elegância, o luxo e o gosto pela música de boulevard imperam. [...] Aprendamos a viver.<sup>402</sup>

O desejado progresso social que aproximava a cidade das “grande metrópoles” também apresentava elementos visto como nocivos aos jovens “bem vestidos e educados” da época:

[...] esses cavalheiros ou mancebos, no nosso contato com a população flutuante cosmopolita - que é composta geralmente por estrangeiros e habitantes de outras cidades - não se limitam a adquirir os hábitos louváveis que lhe trazem, adquirem os maus e sobretudo os vícios, que segundo sua visão *detraquée*, são a documentação mais flagrante do progresso e civilização. Ultimamente tem nos preocupado seriamente um vício elegante: a cocaína.<sup>403</sup>

A existência de uma vida social noturna é algo ainda recente nos anos 1920. Os cafés, bares e cabarés, espaços fechados para as socialidades públicas, são também traduções possíveis das grandes metrópoles. O próprio termo “boemia”, utilizado com freqüência por Tostes, tem origem parisiense. Segundo Seigel (1992), as primeiras referências datam da década de 1830 e se define como uma reação à sociedade burguesa e individualista resultante de Revolução Francesa. Ela foi “[...]”

<sup>402</sup> *Revista Máscara*, ano I, nº 1, 1918.

<sup>403</sup> \_\_\_\_\_, nº 4, 1918.

ao mesmo tempo uma forma de vida e uma interpretação dramatizada, tanto de si mesma quanto da sociedade para a qual era uma resposta.”<sup>404</sup>

Normalmente associada à juventude e à arte, a boemia funcionou para muitos como um rito de passagem, para outros como um estilo perene. Tostes, por exemplo, considerava seu grupo “meio boêmio” e a boemia como aquela fase da vida em que todos os dias são domingo. Muitos de seus personagens noturnos, no entanto, aparecem como “[...] fantoches que a miséria e o vício contra-regram na sombra.”<sup>405</sup>

Sublinhando a associação entre literatura e vida boêmia, De Souza Júnior comenta, em 1930, na Revista do Globo, que muitos relacionam o romance “Werter” de Goethe à onda de suicídios que ocorreu após sua publicação, contudo:

Poucos dão as ‘scenas da vida bohemia’ de Henri Murger, a culpa que lhe cabe na longa crise de alcoolismo romântico que arrasou as vísceras e comprometeu o sistema nervoso de tantas gerações de artistas e homens de letras.<sup>406</sup>

Como diz Maffesoli (2001), “o imaginário é uma realidade”.<sup>407</sup> Os leitores porto-alegrenses reproduziam uma vida metropolitana na pequena cidade que se atualizava rapidamente. Depreende-se daí o ufanismo e a receptividade das transformações urbanas ocorridas na época. Tostes (1994) descreve constantemente as idiossincrasias de uma sociedade que se tenta afirmar, mesmo sabendo-se pertencente a uma cidade periférica.

Colocando seus personagens “Dentro da Sombra”, o cronista descreve passagens boêmias no ambiente acima referido:

Os dois ponteiros apontam para o céu. Eu quero a terra. Eu quero a minha noite provinciana. A carícia insensual de seu luar de outono. E os

<sup>404</sup> SEIGEL, Jerrold. **Paris Boemia**. Cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830 – 1930. Porto Alegre: L&PM editores, 1992. p.21

<sup>405</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 81.

<sup>406</sup> **Revista do Globo**, ano I, n° 20.

<sup>407</sup> MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre: n°15, Ago 2001.

personagens que se movem dentro do luxo cenográfico. Aves noturnas.  
Alma da meia-noite.<sup>408</sup>

A boemia aparece nas narrativas do autor como um modelo ou estilo de vida arraigado aos costumes da cidade. Em algumas crônicas relativas ao tema tem-se o lado criativo e literário do convívio noturno das ruas, bares e cafés, em outras, o risco e a degradação típicas da existência boêmia. Nessa crônica, cujo título pende metaforicamente para o lado “sombrio” da noite, os personagens convivem com o vício da cocaína, recém proibida por esta época, e com o álcool.<sup>409</sup>

Na primeira cena uma mulher pede a um homem conhecido, que caminha pela rua, um pouco de pó. “Ela parou nos olhos dele o seu olhar exasperado. - Eu sei que você tem. Não negue... Me contentava com um tiquinho assim... Uma coisa a toa pra você [...]”<sup>410</sup> Após longa insistência em que a impaciência e o nervosismo do homem é “ritmado pela bengala na calçada” ele “bate qualquer coisa na mão” da mulher que some em alguma esquina. “E encolhida na noite – flor irreal da sombra – a mulher aspira com volúpia o seu tiquinho de felicidade.”<sup>411</sup>

Também os bêbados aparecem com freqüência na noite daquela Porto Alegre que Tostes conhecia em detalhes:

O homem de preto risca um zigue-zague na calçada.  
Seu solilóquio é um poema surrealista e cachacento.  
Dona Fome dá o braço ao Cavalheiro da Fúnebre Figura.  
E uma coruja, que é a Morte, vaia o par de notívagos encapuzados pela  
sombra.<sup>412</sup>

Sublinhando, nessas passagens, o lado negativo que a moderna existência boêmia agora permite na cidade, numa interpretação possível dos modelos metropolitanos, Tostes (1994) reitera seu conceito de “bovarismo” para aquele momento histórico da sociedade porto-alegrense. Suas imagens da boemia, que

<sup>408</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 81.

<sup>409</sup> MARONEZE, op. cit. p.80.

<sup>410</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p.81.

<sup>411</sup> Ibidem, p.81.

<sup>412</sup> Ibidem, p.82.



admirava e freqüentava enquanto intelectual simbolista, também aparecem em forma de crítica aos valores da época, como na passagem que usa para concluir sua “nota”:

Figuras da meia-noite. Alma noturna das ruas. Gente que ostenta com orgulho a tatuagem dos destinos maus.  
 Detalhes da cidade-bovary espartilhada em seu provincianismo.  
 Sucursais ambulantes da miséria humana na cidadezinha burguesíssima e feliz.<sup>413</sup>

Mesmo que o lado negro da noite não tenha passado despercebido em seu bazar de impressões, sua posição é sensivelmente favorável à noite em relação ao dia, ao poeta e ao boêmio em relação ao burguês.

Na crônica “Monólogo a duas vozes”, o personagem que é um poeta, acorda no fim da tarde e dialoga com o seu “outro possível”, com sua consciência do homem comum.

- Boa noite. Você dormiu o dia inteiro, preguiçoso. E o dia inteiro esteve lindo: um ventinho garoto a fazer artes pela rua, bulindo na saia leve das meninas, e o sol contente...  
 - Eu sei. Não digas mais. Todo o mau gosto de uma cenografia detestável, com excessos de ouro falso e verde borrando as praças e jardins burgueses. Eu já conheço o ineditismo sempre novo de vocês. Me dá um cigarro.<sup>414</sup>

Quando o boêmio questiona sobre o dia do “cidadão comum”, este lhe fala de acontecimentos óbvios, rotineiros, das obrigações cotidianas. “Disse que sim a todo instante, como um boneco de vitrina. Ri de duas ou três anedotas insípidas. Falei política. Suei. Cumpri integralmente o meu papel fácilimo de homem. Vivi.”<sup>415</sup> A dicotomia, algo esquizofrênica, acompanha o monólogo entre o “eu” burguês trabalhador e acomodado que louva o sol, com o outro “eu” que nega o sistema ao enaltecer a noite. Para o primeiro o “sol afirma”, para o segundo a “noite sugere”; a alma do boêmio “só crê no incrível” enquanto busca ao luar, nas pegadas da própria

<sup>413</sup> Ibidem, p.82.

<sup>414</sup> Ibidem, p.133.

<sup>415</sup> Ibidem, p.133.

sombra, as pistas de “si mesmo. [...] Inutilmente?”<sup>416</sup> A tensão entre o indivíduo e o “sistema” e a evasão romântica sugerida pelos personagens boêmios estão de acordo, como referido anteriormente, com a perspectiva simbolista. Questionar a monótona cotidianidade da ordem social, calcada no racionalismo e legitimada pela teleologia moderna parece ter sido o objetivo do autor através de seus personagens.

Na cidade “bovarista”, que pretendia a redenção metropolitana, o escritor questiona a ordem das coisas pincelando os limites um tanto absurdos do dia-a-dia. Os cronistas atuais, ao contrário, como se verá mais adiante, questionam a falta daquela mesma ordem. Se para Tostes (1994) a sociedade “burguesa” é um problema, para os comentaristas contemporâneos a questão é a desordem do burgo.

Sobre esse tema, em “Noturno dos impossíveis categóricos”, um indivíduo insatisfeito com os valores “burgueses”, na posição do poeta que transcende as exigências da época, sugere sarcasticamente que gostaria de ser um “cidadão comum”.

Eu queria ser como você. Me comover com um filme americano. Beber água mineral ou, simplesmente uma groselha. E sair disparado, feito doido, pra não perder o último bonde.

Eu me acomodaria, então, ao mundo, como o rabo contente de um burguês à maciez da mapple. Sorriria pra tudo o meu sorriso mais cretino. [...] Eu encheria o mundo inteiro com as dimensões do meu império. Nem deixando lugar para um vôo feliz da borboleta. Nem pras festas inúteis da primavera e do luar. [...] Eu troco todo o meu tesouro pela sua vida estagnada.<sup>417</sup>

A crítica aos valores típicos das sociedades capitalistas é realizada aqui de forma explícita. Da superficialidade dos filmes americanos que já estavam na ordem do dia naquele momento, passando pelas preocupações com o trabalho até chegar à conquista de um “império”, tudo é filtrado pela ironia do autor. Como esquecer as borboletas? Pergunta o romântico.

Os espaços fechados de socialidade que se expandiam naquele momento em Porto Alegre abrigavam tanto as “madames” quanto os boêmios. Os cafés e os

---

<sup>416</sup> Ibidem, p.134.

<sup>417</sup> Ibidem, p.213 e 214.

bares, típicas “casas públicas” das cidades modernas (como sugere o termo “Pub” em inglês), são visitados pelo cronista e suas representações. Em “Bodega”, de forma concisa, descreve a problemática da existência que tenta fugir da ordem burguesa, mas que não escapa do tempo:

Rendez-vous com Sonho. Bar dos pobres. O álcool encena férias dentro dos crânios sonolentos. Um beerrão flerta com a morte e aspira um pó que é fogo e neve. E Mefisto cutuca a alma de um Fausto distraído. O relógio repete seu refrão: a vida passa. Mas a vida é uma coisa tão pequena, que cabe toda num minuto ou numa taça.<sup>418</sup>

O comportamento boêmio do próprio autor é explicitado em primeira pessoa na crônica “Botequim”. A ambientação do texto deixa subentendido que foi escrita de fato dentro de algum tipo de bar, conquanto a embriaguez sugerida pareça estar na origem desta “nota”.

Solitário e bêbado, o personagem observa um alemão que fuma, bebe e lê um jornal. “A vida aqui é reticente. Já não se vive mais. Se sugere. Eu viajo num cromo de parede pelo país da quintessência. Cap. Polonius. Loura Ofélia. Bruma de sonho, fumo e álcool.”<sup>419</sup> Logo adiante, bem ao estilo dos poetas malditos, complementa sua jornada:

Quero um nirvana fluido, consolador, reconstituente. É proibido entrar o mundo nas cogitações deste minuto. Não vê minha doce Solidão, que eu me sinto bem ao seu lado. É quando eu penetro mais profundamente nas coisas e permito as causas. É quando eu sinto o que há de eterno no gosto efêmero dos frutos. [...]  
O alemão se desfaz em fumaceira e sonho. Ele é o ponto de contato entre o meu tédio e a realidade. A noite vaia os notívagos na voz do vento sacudido. Força a porta. [...] Mas aqui dentro a Realidade mudou de roupa. Criou modos. E tem um ar tão bom e tão caseiro que não parece a Realidade.<sup>420</sup>

Uma atitude romântica de evasão, de reflexão solitária desconectada ao tempo pragmático dos “homens sérios” é vivenciada pelo poeta nesta passagem. A

---

<sup>418</sup> Ibidem, p.177.

<sup>419</sup> Ibidem, p. 201.

<sup>420</sup> Ibidem, p. 201.

“Realidade” muda de roupa no salão enfumaçado e ritmado pelo álcool. A existência boêmia aqui representada parece ter sido vivida de fato na cidade, como a “parte escura” da lógica do existir moderno, a negação que confirma seu inverso na cidade.

A posição de Tostes (1994) em relação aos valores e à forma daquela cidade está, nitidamente, contagiada pelas influências literárias já citadas. Na sua visão, a sociedade porto-alegrense daquele momento é tipicamente “burguesa”. Contudo, a contrariedade expressa em relação a determinados estilos e mentalidades são as mesmas dos críticos simbolistas europeus; talvez porque a cidade também fosse uma tradução muito próxima daqueles modelos. Torresini (2003) lembra, na mesma linha, que Érico Veríssimo também questionava o modelo materialista e fáustico dos magnatas e seus “arranha-céus” que, largamente noticiadas pelos jornais da época, asseguravam “[...] promessas de uma vida grandiosa, compatíveis com os movimentos da modernidade.”<sup>421</sup>

Uma outra interessante questão diz respeito à capacidade unificadora da boemia diante da heterogeneidade própria das cidades modernas. O cosmopolitismo das primeiras décadas do século era um fato marcante e motivo de orgulho para os defensores dos novos tempos na cidade. Desta forma, Tostes (1994) une na crônica “Cocktail”, algumas das várias etnias que povoavam os espaços da capital em um ambiente de boemia; demonstrando também que, naquele momento, a cidade tem, de fato, um perfil cosmopolita.

O alemão Franz bebe chope, lê seu jornal, sonha com o Reno e tenta encontrar os antigos “deuses louros”. “Entre o nevoeiro bom ele nem vê o turco que mascateia as bugigangas.” Em outra mesa: “dois italianos mais adiante se encharcam de Chianti branco. O gesto pula no ar arremessando longe as frases. Frases cantantes, ásperas ligeiramente alcoolizadas.”<sup>422</sup> No mesmo contexto: “O português entronizado no balcão vigia a sala e coça as bigas. E da mais importância à mulatinha serelepe, que bebe ao lado do marujo, que à francesinha rebocada pelo

---

<sup>421</sup> TORRESINI, 2003, op. cit. p. 58.

<sup>422</sup> Ibidem, p135.

maquillage caro.” A situação termina em conflito, intervenção policial, apitos, correria. “E o russo espia aquele fervo, com uma bruta vontade de avançar.”<sup>423</sup>

Cada representante fictício das etnias citadas pelo autor atua dentro do respectivo estereotipo. Para além destas questões, contudo, a crônica apresenta uma imagem do cosmopolitismo naquela cidade portuária que recebia variada gama de imigrantes, responsáveis também pela atualização das idéias metropolitanas na cidade. Inclusive as relacionadas à existência boêmia.

Somando-se à nova estética das ruas, à literatura e ao próprio trânsito de estrangeiros, os jornais aparecem como fonte fundamental para o acontecer do imaginário citadino descrito nas crônicas de Tostes.

### 3.7. A cidade do jornal

O cronista do Diário de Notícias foi, antes de tudo, um “homem de jornal”, como o classificou Reverbel (1994).<sup>424</sup> Em suas memórias, os jornais e os jornaleiros são integrantes fundamentais da paisagem cotidiana por ele descrita. Nas crônicas de “Bazar” a temática aparece seguidamente: a leitura de jornais é apresentada como uma prática cultural intrinsecamente vinculada às socialidades públicas, faz parte da dinâmica das ruas. O jornaleiro, inclusive, aparece em algumas cenas como elemento essencial na circulação das informações que abastecem as “palestras de café”; representa também a parcela menos abastada da cidade que, pela função exercida, possui livre trânsito na grande vitrine do centro. Os meninos e seus jornais fazem parte da pictórica cidade de Theodomiro Tostes.

“Lá vem o Brasil cantando na beijoleta do jornaleiro”, escreve Tostes (1994) em uma crônica intitulada “Meio-dia”. O trabalho do menino que entrega os jornais permite ao cidadão recarregar-se de imagens e idéias de mundos distantes:

---

<sup>423</sup> Ibidem, p.136.

<sup>424</sup> REVERBEL, Carlos. T.T. – Homem de jornal. In: TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.

Um cavalheiro cata no jornal o material imprescindível à sua palestra-sobremesa. Vai de um país a outro. De continente a continente. E procura interessar seu apetite dispersivo nalguma coisa mais além das realidadezinhas fumegantes.<sup>425</sup>

Na crônica “Garoto”, o autor descreve o papel do jornalista e do jornal, ao mesmo tempo em que reflete sobre o distinto sentido que o periódico representa para aqueles personagens.

Logo que o sol dá as caras, com uma pontualidade de velho funcionário público, o vendedor grita na rua seu pregão estridente: - Óia o Corri...Dia ...Sobraça a pilha enorme de jornais, recém saídos da máquina, fresquinhos. E nem sabe que leva um pequeno resumo do mundo que ele não conhece, daquele mundo tumultuoso onde não chegam os seus olhos de garoto feliz.<sup>426</sup>

Tostes nos permite pensar aqui as diferentes visões de mundo, a heterogeneidade das classes e estamentos<sup>427</sup> que compõe o vivido a partir do acesso a uma fonte determinante para o imaginário da época. O jornal “resume” o mundo para a cidade, traz “os cinco continentes comprimidos em duas páginas de telegramas”.<sup>428</sup> A parcela leitora da população mantém contato cotidiano com os fatos, imagens e valores dos grandes centros, da cidade e do país; outros grupos, como por exemplo o do jornalista, vivenciam, por seu turno, diferentes imaginários conquanto parte de um sistema maior. Nas palavras do cronista:

Enquanto o cidadão se perde naquela porção de mundos diferentes, se evade dos limites de seu pequeno mundo. As misérias alheias fazem com que ele esqueça um momentinho as suas misérias quotidianas. (...) O pequeno vendedor, no entanto, nem liga aquele mundo que sua boca apregoa. Para ele o jornal é unicamente o seu meio de vida, o pão de cada dia da sua pobreza de guaieca abandonado.<sup>429</sup>

---

<sup>425</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 151.

<sup>426</sup> Ibidem, p. 169.

<sup>427</sup> WEBER, Max. **Economía y sociedad**. México: Fondo de cultura, 1984. p.683.

<sup>428</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p.169.

<sup>429</sup> Ibidem, p. 170.

Debater sobre as grandes questões do mundo e da nação, apoiados pelas informações jornalísticas, era uma espécie de prática arraigada àquela cultura pública que se reproduzia nas ruas e nos consagrados espaços para as sociabilidades. Na crônica “No Café”, o autor coloca em cena novamente o “cidadão comum” preocupado com os destinos históricos e o seu inverso, o poeta ou boêmio que resiste à ordem das coisas, que ironiza as preocupações “burguesas”. Novamente aqui o jornal é citado como objeto dos discursos cotidianos. O diálogo ocorre na mesa de um café:

- Política?
- Finanças.
- É outro assunto intolerável. Bico. Em matéria de assuntos para conversinhas de café, prefiro um cocktail de frivolidades saborosas a esta borra intragável de coisas de coisas graves e conspícuas. O senhor não prefere?
- Distinguindo. Numa época tão grave como esta, não ficam bem os vãos vadios de borboleta. O Brasil atravessa, como o senhor sabe...
- [...] uma fase angustiosa de incertezas. Eu sei. Mas pra que amargar o nosso cafezinho com estas coisas terríveis que toda a gente conhece e que os jornais têm o trabalho de relembrar dia por dia? <sup>430</sup>

Em outra passagem, o autor afirma que “o jornal é o ônibus das imaginações mais democráticas”, ao trazer o mundo para dentro do “Botequim” <sup>431</sup>. Também em “Cocktail” o bar e a leitura dos jornais se complementam: “Franz ingere um chope e lê o ‘Berliner Tageblatt’. [...] Fica perdido no jornal, no chope duplo e no seu sonho.”<sup>432</sup>

Na Porto Alegre dos anos 20 e 30, recriada na ficção do cronista, a leitura e a circulação dos jornais constituem parcela fundamental no acontecer da vida pública. Eles são apresentados pelo autor como sendo importante fonte de abastecimento para o imaginário daquela sociedade provinciana; o próprio “bovarismo”, sempre lembrado, é devedor deste fluxo de informações. Assim, às imagens cinematográficas e literárias, que trazem informações externas, se junta o jornal: veículo que faz circular idéias tanto externas quanto locais, permitindo a reflexão e a atualização da cidade ao discurso moderno. O jornal tanto alimenta o “discurso

---

<sup>430</sup> Ibidem, P. 53.

<sup>431</sup> Ibidem, p. 201.

<sup>432</sup> Ibidem, p.135.

social”, quanto é, em si mesmo, parcela estética daquela “ambiência”: suas páginas são lidas nas ruas, bares e cafés pelos personagens do autor, tornando-se, ele mesmo, parte concreta de um cenário.

A relação de Theodomiro Tostes com o jornalismo parece ter contornos passionais. Sua análise e sua visão sobre a atividade e o produto final, como já demonstrado em suas memórias, devem ser consideradas, obviamente, como relativas a um “homem de jornal”. Através da redação do Diário de Notícias ele interage com sua cidade: transforma o cidadão comum em personagem poético e, assim, transforma a si mesmo em personalidade pública, num “tipo” popular conhecido a marcar presença nas ruas.

Tanto é assim que, quando a primeira emissora de rádio na cidade inicia suas atividades, Tostes mostra-se contrariado. Na crônica “T.S.F”, o autor entende que a velocidade da informação radiofônica aproxima perigosamente as diferentes partes do mundo, de forma instantânea.

O mundo. Está perto, pertinho. É só estender a mão e o mundo pula desta caixa. Com mares, rios e continentes. Extensões desertas e povoadas. E o seu precioso ‘necessaire’ de confusões e calamidades. O T.S.F. engaiolou os longes e aparou as asas loucas da imaginação. Depois torceu o pescoço dela e reduziu, perversamente, a vida humana a uma cabine sem janelas.  
433

O rádio aproxima a China, Saigon e a África. Tudo se torna perigosamente possível a partir desta nova tecnologia, segundo Tostes. A imaginação jornalística perderia espaço para o mundo fisgado pelas antenas. Mesmo para um homem ligado às letras e ao Modernismo, a globalização do novo veículo desperta o lado tradicional do jornalista. Em suas palavras:

Tenho o bom gosto de achar ruim, de repetir com displicência, de me dizer incontentável. Porque o senso de facilidade destrói na gente o senso da felicidade.  
T.S.F. , mundo em pílulas. T.S.F., síntese. Onde estão as distâncias sem limite e os vãos vadios da fantasia, onde? [...] 434

---

<sup>433</sup> Ibidem, p. 173.

<sup>434</sup> Ibidem, p. 174.



A problemática do ser e do devir também aparece em relação às questões urbanas. A cidade de seus escritos viveu, no período de suas publicações, o início das profundas modificações no sentido de “alcançar” ou de aproximar-se dos ícones citadinos modernos.

### **3.8. Província e metrópole**

Porto Alegre vivia um contexto de euforia modernizante à época em que essas crônicas foram publicadas. De fato, para Tostes as transformações urbanas aparecem em suas crônicas de forma relativamente sutil. As modificações para o jovem jornalista não causaram o mesmo impacto que transparecem nas passagens de Achylles Porto Alegre, por exemplo. O autor das crônicas que comporiam a obra “Bazar” não tinha e não poderia mesmo ter a mesma possibilidade comparativa do velho cronista, que via a capital dos anos 20 em oposição a uma “vila” de meio século antes.

Contudo, a questão da pequena cidade que persegue dedicadamente a modernização, que tem pelo menos uma rua a refletir os novos tempos, é objeto presente nestes escritos. Em alguns momentos, a crítica irônica aos tipos afetados pelas modas modernas define os objetivos da crônica, noutros a verdadeira presença da multidão estimula o viés modernista de suas palavras. Seja como for, a tensão entre a província e a metrópole, entre o tradicional e moderno, que ele classifica de “bovarismo” é uma constante em seus textos e funciona como uma espécie de conceito central, uma idéia “chave” para sintetizar os vários matizes daquele universo cultural.

Na crônica “Noturninho pra lá...” Tostes (1994) deixa transparecer sua noção de cidade em transição. “A cidade cochila seu primeiro sono. [...] Longe um relógio

avisa: meia-noite. [...] Imagino. Talvez eu seja a única pessoa que ainda não dormiu nesta cidade *quase grande*.”<sup>435</sup>

Em “Noturno Provincial”, após comentar os efeitos do cinema sobre as adolescentes da época, traça um paralelo entre a jovialidade destas com o desabrochar da cidade.

Sugestões da cidade endomingada. Minha linda cidade provinciana, aos poucos se vestido de metrópole, com a alegria da raparigota que calça os primeiros sapatinhos de salto alto. Nos seus arranha-céus ainda tímidos. Nesta festa de luz que o progresso botou dentro dos globos enfiadinhos num colar.<sup>436</sup>

A verticalização da cidade em seu projeto metropolitano, comparado à euforia das jovens mulheres em busca da afirmação adulta é uma metáfora-síntese para aquele momento. As luzes, que são elementos fundamentais também da nova estética metropolitana, multiplicam-se com as reformas de Otávio Rocha e aparecem como um “colar” na jovem debutante.

Numa passagem da crônica “Meio-Dia”, o autor também deixa transparecer sua opinião sobre o momento de mudança histórica que a cidade vive: “Ensaio geral de Metropolis no meu lindo teatro provinciano. Arranha-céus miniaturados. Bruaás de carpintaria.”<sup>437</sup> O moderno da cidade que se “ensaia” à condição de grande metrópole, com seus ainda pequenos “arranha-céus” aponta para a destruição da antiga *urbs* provinciana. O barulho dos carpinteiros dá o tom do ritmo construtivo que vai conferir à cidade dos anos 40 o apelido de “cidade dos andaimes”.

Em trabalho anterior já havíamos evidenciado que em fins da década de 20 tem início uma efetiva alteração do panorama arquitetônico da cidade. Assim:

[...] em 1929 a inauguração do ‘Grande Hotel Schmit’ é noticiada em página inteira na ‘Revista do Globo’ ao lado de fotografias e comentários elogiosos, pois o edifício de seis andares em ‘cimento armado’ na esquina da Rua da Praia com a Marechal era, como se vê, um símbolo dos novos tempos.<sup>438</sup>

<sup>435</sup> TOSTES, 1994, op. cit. p. 165 e 166.

<sup>436</sup> *Ibidem*, p. 47,48.

<sup>437</sup> *Ibidem*, p. 151.

<sup>438</sup> MARONEZE, op. cit. p. 104.

Também Olynto Sanmartin (1969) sublinha a questão, ao afirmar que o prédio acima citado, seguido pelo Edifício Imperial na Praça Senador Florêncio e o Novo Hotel Jung, concluídos em 1931, deram início ao ciclo de verticalização que transformou a cidade.<sup>439</sup> Especificamente sobre o Edifício Imperial, Canez (2004) lembra que o mesmo foi emblemático para a época, num momento decisivo das transformações “horizontal-vertical” da estética cidadina. Foi um ícone, na medida em que, nos seus 12 andares, conjugaram residências, salas comerciais e cinema com uma nova linguagem arquitetônica.<sup>440</sup> Logo depois, marcando de fato um surto de “vitalidade arquitetônica” surgem os prédios das lojas “Guaspari” em 1936 e o “Reunidos” e “Sulacap” em 1938.<sup>441</sup>

Quando em fins dos anos 1960 Augusto Meyer (1966), o grande amigo e parceiro das noites boêmias da “antiga” Porto Alegre, compara as duas cidades, o cenário urbano já se havia alterado profundamente.

Mudou muito Porto Alegre. Em vão procuro reconstruir a fisionomia familiar e rústica de certos arrabaldes, reconhecer algumas ruas que agora só existem no traçado de um planta subjetiva, dentro de mim mesmo.<sup>442</sup>

O desejo de transformar Porto Alegre em uma grande metrópole foi uma idéia constante na época da publicação dessas crônicas e nas décadas seguintes. Enquanto um projeto totalmente associado às idéias modernas, a busca para alcançar a “grande cidade” manteve-se até a década de 1970, pelo menos. As crônicas escritas pelo o autor e compiladas na obra “Bazar” demonstram, já na virada da década de 1930, que o “bovarismo” – a tensão entre a realidade provinciana e o anseio de ser metrópole – estava profundamente arraigado a “ambiência” daquele contexto. Mesmo que de forma sarcástica, através da crítica

<sup>439</sup> SANMARTIN, Olynto. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina, 1969. p.44

<sup>440</sup> CANEZ, Ana Paula. **Acervos Azevedo Moura Gertun e João Alberto**: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre: UniRitter Ed., 2004. p.23.

<sup>441</sup> XAVIER, Albert e MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: PINI, 1987. p.26.

<sup>442</sup> MEYER, Augusto. **No tempo da Flor**. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1966. p.135.

romântica, os escritos de Tostes desvelam um cenário em busca de seu destino moderno. Esta é a idéia-força que permite entender a construção daquele imaginário e suas alterações históricas. E é, possivelmente também, pela ausência da mesma na atualidade, que tantas pesquisas foquem seu entendimento: procura-se a idéia de futuro no passado.

#### **4. O cenário de Porto Alegre na ótica dos cronistas contemporâneos: ambiência e idéias**

Sucedeu que encontrei uma dama que não via há anos, porque vive longe. Eu ia por uma rua do Centro, ela vinha na direção inversa. Depois dos cumprimentos de preceito, sugeri que nos abrigássemos no interior de um shopping, pois o ponto era de alerta vermelho máximo. Trocamos notícias, comentamos brevemente o passado, de súbito estávamos distanciados e despedidos.

Liberato Vieira da Cunha, 2007.

A partir da leitura dos cronistas atuais analisar-se-á aqui as principais idéias que se entrecruzam no ambiente contemporâneo da cidade de Porto Alegre. Utilizar-se-á de fontes acadêmicas e das informações empíricas fornecidas pelos cronistas. Foram selecionadas crônicas que informem sobre a temporalidade vivida pela sociedade, assim como a percepção da história e da memória relacionadas a cidade de Porto Alegre. Essas questões “perenes” de âmbito maior são subdivididas em “conteúdos” a elas relacionados.

A “ambiência” das últimas duas décadas está relacionada, tal como analisado no capítulo 1, à decadência das metenarrativas e à derrocada de certezas políticas modernas. Acompanham esses aspectos a globalização econômica e informatizacional, a aceleração do tempo e as profundas mudanças em relação às expectativas de futuro. Questões essas que, acredita-se aqui, são apreendidas e discutidas pelos cronistas também através da leitura cotidiana da cidade.

Objetiva-se cruzar as percepções dos cronistas em seus textos no intuito de compor um “cenário”, um quadro mental ou uma “ambiência” para, ao final, identificar as principais idéias que jazem destas escritas. Para tanto, são selecionadas obras de cronistas variados que, agregadas a partir das categorias surgidas na análise de conteúdo, constituem divisões internas dentro do capítulo.

#### **4.1. Violência e medo na cidade contemporânea: a (des)ordem no vivido**

A violência nas grandes cidades brasileiras é provavelmente o tema mais discutido nos noticiários nacionais e regionais. Seguindo a tendência de dar visibilidade a esse fenômeno, os cronistas descrevem a problemática da insegurança. Esta, de fato, tem ocupado nas últimas décadas um grande espaço na mídia mais por força de dados estatísticos do que por possíveis sensacionalismos inerentes ao comércio da informação. Não se trata de uma questão nova ou específica da realidade nacional ou local. Como visto anteriormente, autores como Bauman (1998) afirmam que toda uma “indústria” ligada à criminalidade cresceu 50% nos últimos trinta anos na Inglaterra <sup>443</sup> e que no Brasil, segundo Luiz Eduardo Soares (2005), os índices de homicídios cresceram 500% entre 1980 e 2005. <sup>444</sup> Assim, para além das imagens da TV ou de excessos ficcionais dos noticiários, o que se tem de fato é uma realidade urbana bem distinta em relação a do “primeiro cenário”. A violência muda a lógica do espaço público, de suas socialidades e, portanto, altera radicalmente a essência da cidade moderna: o concêntrico se torna centrífugo e as ruas assumem outros papéis.

Porto Alegre está inserida nesse processo e os cronistas da cidade não escapam de incluir a temática em suas colunas, como parte de um novo retrato da cidade. É o caso, por exemplo, da crônica “Prisão domiciliar”, da psicanalista Diana Corso (2006), que traça um paralelo entre a situação que se vivencia na cidade hoje

---

<sup>443</sup> BAUMAN, Zigmund. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 49.

<sup>444</sup> SOARES, Luiz Eduardo. A segurança em xeque: a violência atinge o topo do judiciário. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4:5, 25 nov. 2005.

e aquela relatada nos diários de Ane Frank. Estaríamos incorporando de forma passiva, segundo ela, “cada novo limiar do cercamento”, aceitando as recomendações veiculadas pela imprensa e especialistas em segurança:

Só saia de casa à noite se for indispensável. Ao entrar ou sair verifique o território. Crianças e jovens devem circular sob tutela. No transporte público, observe os outros passageiros. Na rua, detecte atitudes suspeitas e afaste-se. Instale grades, câmaras, cães e contrate um serviço de policiamento armado. De carro não abra os vidros, não pare. Viva em condomínios ou em bairros fechados. Se ameaçado obedeça. Pensando bem, não saia de casa de dia também, só se for indispensável. Esse modo de vida pode ter vários nomes: prisão domiciliar, presídio semi-aberto às avessas, toque de recolher, talvez um pouco de cada.<sup>445</sup>

Citando a teorias psicanalíticas, a autora sugere que a população da cidade está procurando não se envolver para não ter de lutar. Afirma, também, que essa passividade nos coloca em “comunhão com aqueles que nos aprisionam” e que “ficar trancados é como ligar o gás: vamos ficando sonolentos, até o fim...”<sup>446</sup> Novamente aqui aparece a idéia da privatização do espaço público citadino, relativizando o conceito de cidade e aproximando-a da metáfora de Luis Fernando Veríssimo (2007), que vê as cidadelas atuais como uma “réplica feudal” de um castelo cercado.<sup>447</sup>

---

<sup>445</sup> CORSO, Diana. Prisão domiciliar. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 26 jul. 2006. Segundo Caderno.

<sup>446</sup> *Ibidem*, p.5.

<sup>447</sup> VERÍSSIMO, Luis Fernando. Nosso Espaço. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3. 07 mai. 2007.



Figura 09: Grades 2007 <sup>448</sup>

A discussão da violência urbana, para o autor, deve superar o pânico que certos episódios causam para que se chegue a uma solução de bom senso. Veríssimo afirma que existe no país um embate entre um pensamento utópico que pretende mudar a sociedade com um todo e um reacionário, estilo Washington Luís, que entende o problema como um caso de polícia. Ambos, afirma, “negam a realidade”. Pergunta: “[...] seria bom saber a que atribuem a explosiva criminalidade brasileira os que negam que a sua causa seja social?” Para ele a ampliação da antiga exclusão e o “ingrediente novo da droga” explicam o descontrole da segurança e o clima de terror instaurados em algumas capitais. <sup>449</sup>

Nei Lisboa (2004) também observa a situação como resultado de um processo que vem se aprofundando há muito tempo. Narra, a propósito, e com certa naturalidade, episódios daqueles dias: “Foi uma semana de seqüestros-relâmpago

<sup>448</sup> Acervo Particular Luiz Maroneze. Autor: Luiz Maroneze.

<sup>449</sup> VERÍSSIMO, Luis Fernando. A hora do pânico. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3. 22 fev. 2007.



na Cidade Baixa e no Bom Fim e também de tiroteio entre PMs e assaltantes aqui na Auxiliadora.”<sup>450</sup>

Em sua opinião, a mídia só chama a atenção para o problema quando a violência deixa a periferia e invade o asfalto. Afirma que as fontes e causas maiores não são tratadas pelo “Estado sempre cego e incompetente no trato desse mingau de cultura fervilhante” e completa: “acreditar que tal situação perdure indefinidamente, sem que o mingau escorra pela borda de panela e morro abaixo, é pura ingenuidade ou obstinação doentia”<sup>451</sup> Seu entendimento é o de que a divisão de renda é o melhor caminho para o desarmamento e a não-violência. Do contrário, lembra, “ninguém tem como se queixar de que ela esteja se aproximando, nós é que estamos levando a coisa longe demais.”<sup>452</sup> Por “longe demais”, título de sua crônica, sugere a possibilidade pessimista de um possível ponto de “não retorno”, uma perda irreversível do controle institucional.

Em outra crônica sobre a temática, Lisboa (2005) deixa transparecer também a banalização da violência enquanto, por outro lado, critica o debate paliativo sobre o cercamento do Parque da Redenção. Em suas palavras:

Não acompanhei, no noticiário recente, a série de degolas e estripações que trouxe à baila, mais uma vez, a proposta de cercamento da Redenção. Deve ter sido coisa terrível. Fosse por conta somente do corriqueiro vandalismo e de assaltos noturnos, é claro, esse debate não prosperaria.<sup>453</sup>

O “corriqueiro” cotidiano do crime ou a banal destruição do espaço público deixam de ser notícia a medida que não apresentam nada de novo ou curioso. Quando a escala ou o estilo se alteram de forma sensível torna a ser discutida. Por outro lado, critica ao longo de sua nota a proposta de cercamento do Parque da Redenção, afirmando que seria o caso, então, de cercar também o Centro da cidade, o Morro Santa Tereza, e o bairro Alvorada, áreas de conflito na cidade. Para este último, reconhecido como um dos mais violentos da cidade, deveria a

---

<sup>450</sup> LISBOA, Nei. Levando longe demais. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 5 jun. 2004. Segundo Caderno.

<sup>451</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>452</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>453</sup> LISBOA, Nei. De cercas e cercos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 27 jun. 2005. Segundo Caderno.

municipalidade, pela mesma lógica, interditar por “muro e cerca elétrica, fosso e guaritas, com visita e banho de sol restrito aos moradores com bom comportamento.”<sup>454</sup> A crítica sarcástica do cronista contrapõe-se também à privatização do espaço público, enquanto sugere que tais pensamentos sejam expressão da decadência do moderno. Sobre os cercamentos, aproximando-se da “refeudalização” de Veríssimo, afirma: “[...] bem ao gosto da época, emancipada de pruridos da modernidade, a idéia de vanguarda agora é postar-se com o tacape na entrada da caverna. Da caverna do vizinho, bem compreendido.”<sup>455</sup>

Para Cláudia Laitano (2005), a violência das cidades é o reflexo de idéias mais profundas no universo atual do Ocidente. Ao analisar o imenso sucesso do último filme da saga “Guerra nas estrelas”, ela vê o fato de o “bicho papão” ter se tornado “pop” como um sinal dos tempos, de uma “ambiência”, de um contexto. Critica as opiniões que afirmam ser a grande popularidade de um produto cultural resultado apenas de uma produção da mídia. Seu argumento sugere que os valores éticos contemporâneos estão conciliados com o “lado negro da força”. Ela sintetiza sua opinião da seguinte forma:

O fato é que nem toda a badalação do mundo salva do fracasso um produto que não encontra seu público, seu espacinho no imaginário da época. Dart Vader, o lado negro da força, fascina milhões de pessoas ao redor do planeta. E isso diz muito sobre a indústria cultural, sim, mas diz mais ainda sobre o espírito de nossa época.<sup>456</sup>

Em outro momento, Laitano (2006), ao discutir filmes que documentam histórias de atitudes heróicas e corajosas, reflete sobre seu inverso, o medo como reação biológica e cultural. Nesse sentido, enumera os muitos e costumeiros medos vivenciados normalmente ao longo de uma vida, como uma constante da existência humana. A coragem, ao contrário, “vem e vai”. Nesse ínterim, narra um episódio doméstico que diz muito sobre o contexto de insegurança vivenciado na cidade, bem como das dificuldades de se lidar com a “cultura do medo” diante do universo infantil. Segundo a jornalista:

---

<sup>454</sup> Ibidem, p.3.

<sup>455</sup> Ibidem, p.3.

<sup>456</sup> LAITANO, Cláudia. O lado negro da força. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 21 mai. 2005.

Alguns medos a gente perde. Com os inevitáveis, a gente aprende a conviver – não sem um esforço grande de racionalização. Minha filha de sete anos, que nunca teve medo do escuro nem de bicho-papão, chegou em casa esta semana chorando, aflita com uma assombração que tem substituído bruxas e monstros nos pesadelos de crianças de sua idade: medo de ladrão. Por um instante pensei em ser honesta, falar que assalto é um perigo, sim, e que ela tem que ter cuidado, olhar para os lados, desconfiar de estranhos. Mas na hora, vejam só, faltou coragem. Peguei no colo, enxuguei a lágrima e disse para ela não se preocupar: quando o pai e a mãe estiverem por perto, ela não precisa ter medo de nada.<sup>457</sup>

Além dos fatos cotidianos ligados a situações de violência que circulam nas conversas diárias, e dos que ocorrem objetivamente com pessoas próximas ou com os indivíduos em casa e na rua, tem-se uma mídia que retroalimenta, por sua função informativa – de forma sensacionalista ou não –, um ambiente de incertezas.

Gauer (1999) entende que nesse contexto vivencia-se “uma dramática instabilidade em nosso sistema de valores”, uma perda de sentido que põe em dúvida a própria condição de indivíduo em sociedade; desenvolve-se, então, a noção de que a vida nas grandes cidades torna-se um valor ameaçado.<sup>458</sup> As incertezas revelam, neste ambiente, a crise do projeto moderno que se reflete na descrença em relação à idéia de progresso.

Letícia Wierzchowski (2006) faz também uma leitura da violência e do medo como um fenômeno mundial que se reflete, à sua maneira, no imaginário local. Comenta a ida de turistas e trabalhadores brasileiros à Copa do Mundo de futebol de 2006, na Alemanha, para dizer que vai torcer pela segurança dos mesmos, desejando que “nenhum terrorista apareça por lá”. Justifica seus temores dizendo que, como “cria” do mundo contemporâneo, leva “seus medos dentro do bolso”<sup>459</sup>. Comenta que os noticiários televisivos não a deixam esquecer dos perigos próprios do país e do medo em nossas cidades. Complementa: “para um brasileiro a probabilidade de ser morto por um assaltante é muito maior do que por um grupo

<sup>457</sup> LAITANO, Cláudia. Medos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 11 mar. 2006.

<sup>458</sup> GAUER, Ruth. **Alguns aspectos da fenomenologia da violência**. In: GAUER, Gabriel Chittó e GAUER, Ruth Chittó. (orgs.) **A Fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 1999. p. 20

<sup>459</sup> WIERZCHOWSKI, Letícia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 02 mar. 2006. Segundo Caderno.

islâmico radical. Nesse mundo cada um vive seu terrorismo, e vou eu passar o ferrolho na porta.”<sup>460</sup>

Martha Medeiros (2004), seguindo os questionamentos dos demais cronistas, reflete sobre o papel que globalização das informações tem para os valores locais. Quanto à dúvida de ser o acirramento da violência um fato ou uma ilusão provocada pela mídia comenta:

Eu tento pensar que o meu assombro é decorrência natural do passar dos anos, que meus pais e avós também se assombravam décadas atrás e que meus filhos também se assombrarão ainda mais lá adiante, que é da vida esta brutalidade e que não estamos vivendo nenhum caos excepcional, que não estamos assistindo ao fim do mundo, apenas assim é: a violência cresce e aparece.

Mas eu já não consigo encarar a violência como normalidade. Eu, que nunca fui de alarmismos, me desconheço no medo.<sup>461</sup>

Comenta, no mesmo texto, que o próprio sistema político está ameaçado, mas que não consegue imaginar a volta da censura e da repressão. Afirma que tem de haver uma outra saída e sugere que se “escancare” a situação para “assombrar” sem, no entanto, “banalizar”. Instiga a que também se continue a freqüentar restaurantes, shows e campos de futebol, numa clara alusão às dificuldades de vivenciar o universo público, para homenagear “o cotidiano com a nossa presença e nossa esperança”. E conclui: “[...] é uma tentativa legítima de buscar alegria num mundo ferido de morte, onde já não dá pra fingir que nada disso é com a gente, que é a realidade dos outros. Sem fronteiras já não existe o mundo dos outros. Está tudo muito perto”.<sup>462</sup> Ao chamar a atenção para a globalização da violência, a autora amplia a escala da cidade e a contextualiza num âmbito mundial, sem, no entanto, deixar de sugerir que se lute nas ruas e pelas ruas, apesar do medo.

Em outra crônica, a autora relaciona a temática da violência com a da vulgaridade veiculada diariamente pelos meios de comunicação. Descreve novamente o “clima” que os acontecimentos produzem para apresentar seu método de reação. Comenta:

---

<sup>460</sup> Ibidem, p.6.

<sup>461</sup> MEDEIROS, Martha. *Corpos na rua. Zero Hora*. Porto Alegre, p. 3, 14 abr. 2004.

<sup>462</sup> Ibidem, p.3.

Em questão de poucas horas, fico sabendo de um crime em frente a uma escola, de moças morrendo em acidentes de trânsito, de toda esta violência extrema que vem acontecendo na porta de nossa casa, como se gritasse: você é o próximo! Contra-ataco dando bom dia pras pessoas com um sorriso no rosto, que outra arma não tenho.<sup>463</sup>

Comenta a corrupção, o problema dos “flanelinhas”, o lixo televisivo e as revistas de intimidades e diz pensar em fugir da cidade e jogar a toalha. Todavia sempre contra-ataca: assiste a shows, a crepúsculos, compra flores para a casa e valoriza as pequenas coisas para fugir da “feiúra” e da “fragilidade” da vida pública contemporânea.<sup>464</sup>

Suas impressões do problema, bem como as alternativas que apresenta, revelam perplexidade e a falta de perspectivas individuais ou coletivas. É interessante notar que em suas crônicas relativas à violência, como de resto nas dos demais autores, raramente aparece a possibilidade de se valer dos meios políticos tradicionais na busca de soluções. Aos antigos “movimentos” políticos, à idéia de cidadania, enquanto possibilidade de interferência nos destinos coletivos, a autora responde com soluções individuais: “compra flores” e “assiste crepúsculos”. Como diz Bauman (2001): com o declínio da idéia moderna de cidadania, viver em cidades passa a exigir soluções “biográficas” para as contradições que são “sistêmicas”, a individualização torna-se uma “fatalidade” e não uma “escolha”. Neste ambiente, o “indivíduo” torna-se o oposto do “cidadão”: “[...] na terra da liberdade individual de escolher, a opção de escapar à individualização e de se recusar a participar do jogo da individualização está decididamente fora da jogada.”<sup>465</sup>

Assim, por exemplo, quando das discussões relativas ao referendo sobre o desarmamento, a cronista oscila em suas posições. De defensora do desarmamento, num primeiro momento, transita para uma posição de apatia, assumindo que anularia seu voto. Questiona abertamente a inutilidade dos imensos gastos públicos com um plebiscito pouco eficaz. Até porque, lembra, independente da população possuir ou não uma arma em nada vai alterar a posição do bandido.

<sup>463</sup> MEDEIROS, Martha. Contra-ataque. **Zero - Hora**. Porto Alegre, p. 3, 08 dez. 2004.

<sup>464</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>465</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.43

Para Medeiros (2005): “Eles deitam e rolam em qualquer situação. Não tem medo, não tem nada a perder, não valorizam a própria vida nem a nossa.” <sup>466</sup> Da cadeia, diz ela também, eles normalmente conseguem sair sem que haja qualquer alteração positiva em suas atitudes, são “cabeças destruídas por um passado sem afeto e um presente de muita droga e miséria.” <sup>467</sup>

Em outra nota, reafirma sua convicção de que o Estado faria melhor em investir os recursos do referendo em educação e segurança. Novamente aqui a perda das ruas, o lado sempre enaltecido no “primeiro cenário” referente à “vida das cidades”, da liberdade das ruas é citado de forma invertida no contexto atual:

Tememos estacionar o carro numa rua calma, tememos quando nossos filhos voltam a pé do colégio, tememos ter nosso apartamento invadido a qualquer momento, tememos ir a um caixa eletrônico tirar dinheiro, e *viver com medo é uma indignidade.* <sup>468</sup>

Em “Histeria Coletiva”, o entendimento de Medeiros recai sobre o exagero que é viver em constante apreensão e de maneira defensiva. Narra o mote original de sua escrita:

Estava parada com o carro, aguardando a vez de entrar numa rotatória. Tarde quente, vidro aberto. Nisso, o veículo parado ao meu lado abre o vidro também e a moça na direção me pergunta: ‘Tu nunca foi assaltada, não é?’ Não, respondi. Ela fez uma cara desolada e sugeriu que eu fechasse o meu vidro, enquanto ela voltava a fechar o dela. <sup>469</sup>

Apesar de compreender a boa ação e o espírito corporativo da motorista que provavelmente já tenha passado por algum tipo de violência em voga, a cronista entende que a população não deve aceitar candidamente esses “tempos esquizofrênicos”: “está proibido levar a vida com despreocupação. [...] Tranque-se,

---

<sup>466</sup> MEDEIROS, Martha. A polêmica do desarmamento. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 03 ago. 2005.

<sup>467</sup> Ibidem, p.3.

<sup>468</sup> MEDEIROS, Martha. Sim ou não. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 out. 2005. (Grifo nosso). Seria oportuno como um complemento a essa opinião citar uma máxima atribuída ao filósofo Sartre: “Quem vive com medo é escravo.” O sentimento da cronista se aproxima desse entendimento.

<sup>469</sup> MEDEIROS, Martha. Histeria Coletiva. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 29 nov. 2006.

proteja-se, esteja sempre com a violência na lembrança.”<sup>470</sup> Entretanto, mesmo que admita, pela “leis das probabilidades”, que, em algum momento sua “hora vai chegar”, afirma que não vai virar refém do medo, que não vai aderir ao pavor. Recomenda, no entanto, que seus leitores não a imitem.

Medeiros, como de resto todo o cronista nato, tem uma relação de prazer com a cidade. Abandonar as ruas e fechar as janelas é abandonar a cidade e a possibilidade mesma de narrar a crônica do cotidiano. A privatização da “coisa pública” e o conformismo dos “ex-cidadãos” revoltam a escritora que busca o acontecer e não o ocaso do urbano.

A análise da autora apresenta um amplo espectro de impressões e de fatos cotidianos, papel maior da crônica, sem, no entanto, buscar entender as causas mais profundas. Todavia, suas crônicas deixam transparecer alguns elementos que coincidem com os autores que se dedicam ao tema. Transparece na fala de Medeiros, por exemplo, que o problema da violência vem crescendo de forma mais clara a partir de um passado recente e atinge a população como um todo. Essas impressões se coadunam as estatísticas apresentadas por Soares (2005) em que a espiral do crime, nas duas últimas décadas, teve um nítido crescimento, além da “democratização” do risco para todos os grupos sociais.<sup>471</sup>

Esse tema aparece com freqüência nos conteúdos veiculados pelos cronistas porto-alegrenses em geral. Nas crônicas de Paulo Sant’ana (2003) são recorrentes os comentários sobre a desagregação do tecido social e a falência do Estado. Na crônica “Mundo Transformado”, suas impressões se aproximam das que vem sendo apresentadas ao longo deste capítulo e se enquadram também à “ambiência” que se tenta analisar aqui. Para o autor:

Sem nos apercebermos, assistimos às maiores transformações já ocorridas na dinâmica social de todos os tempos. Esse medo das ruas de que somos acometidos, que nos encurrala dentro de nossas casas, que tornou a todos desconfiados, que de repente mexeu com a liberdade das pessoas, de tal sorte que ninguém mais programa passeios – e quando os nossos jovens organizam-se em festas os seus pais e familiares ficam com o coração na mão à sua espera, pensando sempre sobre o pior que possa acontecer,

---

<sup>470</sup> Ibidme, p. 3.

<sup>471</sup> SOARES, op. cit. p. 246.

essa sensação de perda da tranquilidade já se incorporou ao espírito de todos com absoluta resignação.<sup>472</sup>

Ao analisar a expulsão de um líder comunitário pelos traficantes locais, conclui que o crime organizado erige-se sobre os poderes constituídos e que este tipo de fato é bastante comum nas periferias. Nestes locais, as pessoas são “dominadas pelo medo e sem qualquer crença nas autoridades constituídas, na lei ou amparo delas. As polícias diminutas, mal pagas e desaparelhadas cedem terreno ao colossal ímpeto delinqüencial. [...] É o total colapso e deterioração do tecido social”.<sup>473</sup>

Em uma outra crônica intitulada sintomaticamente de “Cresce a derrota”, o cronista arrola vários crimes fatais ocorridos naqueles dias em situações em que a vida poderia ser preservada. O roubo de um tênis de um jovem na rua, o assalto a farmácia, ambos sem resistência, criou um clima de medo, revolta e impotência na semana da publicação dos textos. Neste contexto, o cronista ironiza um suposto pedido dos traficantes às forças da lei:

Quando vendedores de drogas reclamam da falta de policiamento ao redor do Morro Santa Tereza, que prejudica diretamente os seus negócios à medida que seus clientes são atacados quando se aproximam das bocas de maconha e cocaína, tendo de pagar pedágio aos assaltantes para proteção dos que adquirem seus produtos nos morros favelados, então é porque estamos nos aproximando do caos.<sup>474</sup>

Quando Sant’ana (2006) comenta o assassinato de um jovem estudante da Universidade Federal, no Centro da cidade, salienta a percepção de “desordem total do meio social”<sup>475</sup>. Jovem do interior do Estado é seqüestrado e morto por três assaltantes após sair da Estação Rodoviária. Um par de tênis e uma mochila são roubados. Na opinião do cronista, a família e o jovem cumpriram seu papel, o Estado não. Lembra, também, que por efeito deste tipo de fatos que a população “quando

---

<sup>472</sup> SANT’ANA, Paulo. Mundo transformado. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 47, 03 jun. 2003.

<sup>473</sup> SANT’ANA, Paulo. O fim dos tempos. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.47, 06 jan. 2004.

<sup>474</sup> SANT’ANA, Paulo. Cresce a derrota. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 55, 16 fev. 2005.

<sup>475</sup> SANT’ANA, Paulo. Um bárbaro assassinato. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 55, 02 fev. 2006.



consultada, manifesta-se em massa a favor da pena de morte”.<sup>476</sup> A inoperância das forças de segurança pública aliada ao medo dos cidadãos, que fingem nada ver, transformam os bandidos em “reis das ruas e senhores das calçadas.” Em conclusão, afirma: “Isto é inaceitável. Mas esse é o panorama, esta é a aquarela, este é cotidiano, esta é a rotina.”<sup>477</sup>

Em vários momentos, Sant’ana (2006) salienta que a banalização destes acontecimentos terminam por arrefecer qualquer reação coletiva. Resulta daí uma situação de apatia para com possíveis soluções públicas que desembocam em atitudes privadas. Segundo afirma: “[...] já incorporamos este massacre diário de que são vítimas as pessoas comuns da sociedade para o plano de nosso resignado conformismo.”<sup>478</sup> Ele atribui ao desemprego e a precariedade da estrutura de Estado – justiça, polícia e sistema prisional – o colapso da segurança. Fato que traz a certeza estatística de que em algum momento qualquer cidadão vai se deparar com o problema: “[...] todos nós acabaremos sendo vítimas de assaltos em breve” porque somos abrigados sair “à rua”.<sup>479</sup> Usa de palavras eloqüentes para traduzir suas impressões:

É um terror coletivo. Eu não sei bem como tomar medidas para parar com este horror das ruas que vai enlutando as famílias e atemorizando a todos. Mas algo precisa ser feito. Não podemos continuar vivendo como ratos, caçados dentro dos esgotos das nossas casas e massacrados impiedosamente quando saímos às ruas. [...]  
Mas o terror e o desespero são tão grandes que se cogita até do que deveria ser incogitável: de medidas que desbordem a lei.<sup>480</sup>

Sant’ana (2006) deixa transparecer de forma corajosa e no estilo que lhe é peculiar, que parte da opinião pública desconfia da eficácia e da legitimidade dos meios legais de prevenção e punição estabelecidos: cogita-se “desbordar” a lei. Ou seja: o desprestígio e a aparente inoperância do sistema de segurança público tiram-lhe legitimidade e suscitam perigosas reações privadas. Também aqui se

<sup>476</sup> Ibidem, p.55. A questão do mérito, idéia importante na construção dos valores modernos, é invocada pelo o autor em contraposição às atitudes “imorais” dos delinqüentes, ampliando a distância ética dos personagens do fato.

<sup>477</sup> Ibidem, p.55.

<sup>478</sup> SANT’ANA, Paulo. Somos todos ratos. **Zero Hora**, Porto alegre, p. 43, 02 dez. 2006.

<sup>479</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>480</sup> Ibidem, p.43.

trata de privatizar a condição primeira da ordem pública, a condição *sine qua non* do Estado de Direito.

Em uma sociedade que as “próteses” eletrônicas anulam as antigas espacialidades e em que a “telerrealidade”<sup>481</sup> se sobrepõe ao convívio e exerce profunda motivação ao consumo, lógica maior do sistema, ocorre uma fragmentação de linguagens e valores. Não sendo possível uma eficiente coerção externa (policial) ou “disciplinar” (panóptica), que pressupõe a existência de um espaço específico, tem-se uma convivência caótica que dilui as possibilidades de uma maior “positividade” coletiva.<sup>482</sup>

Liberato Vieira da Cunha (2004), cronista que tenta manter a tradição de “flanar” pelas ruas do Centro da cidade, descreve, em “Campo de batalha”, o caos de em um espaço que vivencia uma outra ordem, distante daquela a que, supõe o autor, originalmente estava destinado. Em sua narrativa diz o seguinte:

Atravessava o que supunha ser um dos pontos mais tranquilos do centro de Porto Alegre, quando percebi que na real ingressara num campo de batalha. Dois mangolões de uns vinte anos, cada um dos quais estimulado por torcidas de adolescentes e Barbados, travavam o que me pareceu ser uma disputa de território.

[...] Isso ocorreu em plena Praça Otávio Rocha. A pauleira durou pelo menos 10 minutos e nem ao longo deste tempo, nem depois, pintou qualquer vestígio de agentes da lei. A marginalia que tão entusiasticamente incitara o vale-tudo permaneceu no local festejando o campeão [...].<sup>483</sup>

A partir daí, contextualiza o espaço e constrói uma “paisagem”. Para ele a praça deveria ser um local “presumivelmente agradável”, porque, nas imediações, situam-se seis importantes hotéis, grandes lojas, o “Instituto de Artes e a Rua da Praia”. Esteticamente, salienta que “seus jardins, escadarias, o terraço compõem um belo conjunto, característica de uma época inspirada de nossa evolução urbana e

<sup>481</sup> SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Cultura**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2006. p. 22 e 37. O autor fala em “linguagens contrastivas” que delimitariam identidades de grupos urbanos nas grandes metrópoles, em oposição a vida comunitária urbana tradicional.

<sup>482</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p.XVII. Roberto Machado lembra na introdução dessa obra, que o poder coercitivo dos “dispositivos” modernos, ao gerarem uma disciplina produtiva, fundamentam a ordem moderna. Invertendo a questão, poderíamos dizer que a perda do controle sobre o espaço e o tempo de indivíduos ou grupos coloca em risco a “positividade” do sistema.

<sup>483</sup> CUNHA, Liberato Vieira. Campo de batalha. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 02 mar. 2004.

que felizmente escapou do modismo das tubulações e casamatas [...]”<sup>484</sup>. Para o autor existe alguma coisa fora do lugar: uma praça bela, cercada de importantes instituições de referência, ocupada pela “escória do gênero humano”. Além deste espaço específico, Vieira da Cunha (2004) lembra da prostituição escancarada na Praça da Alfândega e da mendicância na Praça da Matriz, “[...] nas barbas do Palácio do Governo”.

Claro está que essas questões não são problemas exclusivos da área central da cidade, contudo é aí que elas se tornam mais salientes. Os locais tidos como referência da cidade moderna, de uma “época inspirada”, são agora habitados e dominados por grupos sociais alheios aos padrões “burgueses”, racionais e “higiênicos”. De certa forma, dentro da perspectiva de cidade que o cronista possui, a Praça transformou-se em um “não-lugar”. Dito de outra maneira: o espaço descrito deixa de ser público.

A perda do controle político, por parte da ordem legal e pelos antigos frequentadores gera um aparente descompasso entre o sítio (no caso a praça), que originalmente cumpria uma outra função e sua situação contemporânea, ocupada por grupos que possuem poucas relações com as idéias que geraram aquele espaço. Para uma cidade que apostou no projeto moderno, a perda de controle sobre os espaços públicos de seu centro não pode, obviamente, ser bem aceita pelos seus cronistas, memorialistas e poetas.

Em outro momento, o próprio cronista é vítima de um assalto. Vieira da Cunha (2004) explica, em sua narrativa que se “aventurava” pelos passeios do MARGS, do Memorial e do Santander quando um “meliante” tenta roubar-lhe a carteira. Reage de forma impensada e, com uma sacola de livros, acerta um “petardo cultural” no indivíduo que, mesmo munido de uma lâmina, retira-se da cena. Reflete: deveria ter sido mais prudente em sua reação, normalmente os agressores ferem “seriamente” as pessoas que tentam impedir suas atividades, fato que ocorrera com o narrador em “ida ocasião”. Mas o que chamou sua atenção de forma mais atenta foi a total falta de interesse dos outros transeuntes: “[...] embora numerosa platéia assistisse à cena, absolutamente ninguém perseguiu o biltre, nem se interessou por minhas

---

<sup>484</sup> Ibidem, p.3.

eventuais perdas e danos.”<sup>485</sup> Em outras palavras: um individualismo que descrê em uma ética do espaço público desmoraliza as ruas, privatizando-as. Diante do ocorrido, o cronista diz que os atuais moradores da cidade são “todos reféns” da violência. Neste sentido, descreve a ambiência da cidade:

Nada me ocorreu, além de uma desgraciosa contusão no braço. Mas me assalta o pensamento – o verbo não é especialmente adequado? – de que a imensa maioria dos habitantes de Porto Alegre sai de casa toda a manhã incerta da própria sobrevivência. Mulheres abraçam-se às suas bolsas. Estacionar um carro à noite transformou-se num exercício de suspeita e vigilância. Transitar em algumas áreas é um jogo de vida e morte. *O medo é a mais constante companhia das pessoas.* (...) Será esta mesmo a cidade sorriso?”<sup>486</sup>

Vieira da Cunha (2007), em outro momento, trata da questão do medo incorporado à “ambiência” deste “segundo cenário”. Para tanto, elabora justamente um paralelo entre o fim da “antiga cidade moderna”, uma “tranqüila aldeia” que, segundo o cronista, mantém-se até a metade dos anos 1960 e o “apocalipse” das últimas décadas. A distância entre as “duas cidades” apresenta-se tão nítida para o autor que quando recorda, junto aos “sobreviventes” daquele período, as imagens da antiga cidade lhes parecem “um filme de época, absolutamente ficcional.”<sup>487</sup> Na sua “primeira” Porto Alegre, recorda, perder o último bonde após o baile significava apenas um longa caminhada até o Centro, pois, “[...] você podia atravessar quantos bairros quisesse, seguindo pelos trilhos desertos rumo ao seu próprio sono.”<sup>488</sup> Na “segunda”, os espaços públicos apresentam-se comprometidos, privatizados por uma ética estranha à tradição que “aprisiona” o indivíduo. Nas palavras do cronista:

Hoje convivemos todos com o apocalipse, essa receita sinistra feita de drogas, assaltos e seqüestros. Hoje, nós somos os prisioneiros de nossas casas gradeadas, de nosso medo onipresente, dos sobressaltos enquanto nossos filhos não chegam. E quando evoco a cidade que existiu aqui não posso deixar de refletir que estamos acorrentados a nossos temores, encarcerados em nossos receios, condenados sem culpa por todo um sumário de crimes que não cometemos.<sup>489</sup>

<sup>485</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Somos todos reféns. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 13 abr. 2004. Segundo Caderno.

<sup>486</sup> Ibidem, p.3. (Grifo nosso).

<sup>487</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Nós, os prisioneiros. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 26 Jun. 2007. Segundo Caderno.

<sup>488</sup> Ibidem, p.3.

<sup>489</sup> Ibidem, p. 3.

Na crônica “Cultura e violência”, o resistente “flaneur” relaciona o nível de insegurança à decadência do “grau de cultura” e “civilização” da cidade. Lembra que, para além dos números relativos ao consumo de livros, frequência a concertos, tiragem de jornais, etc., o que define a civilidade de um lugar são as “fórmulas de urbanidade”. Ou seja: as maneiras como as pessoas tratam umas as outras nas socialidades públicas, a elegância e a *politesse* do trato cidadão. Cita, como exemplo positivo, as maneiras que os parisienses utilizam em suas relações e com os turistas. Foca, então, seu olhar em Porto Alegre para comentar o que lhe parecem sintomas de decadência. Diz: “[...] há tempo venho notando que nutrida parcela dos habitantes da mui leal e valorosa já não faz remota noção do que seja um toque de delicadeza ou de bons modos.”<sup>490</sup> Comenta ter visto, em uma semana, cenas de “marmanjos” se destratando nas ruas em função de problemas no trânsito (visto como uma selva), uma mãe batendo no filho pequeno e revolta em filas por darem primazia a idosos. Encontra, também, em suas caminhadas, indivíduos com cara de “poucos amigos” em aparente contradição com o mundo. Essa decadência está, para ele, relacionada ao clima de insegurança vivido constantemente na cidade:

Será talvez a época, dirá um sociólogo. Já eu ousou pensar que é a violência. Esse medo coletivo torna homens e mulheres esquivos, ariscos, descrentes. E, em imensas legiões, incultos.<sup>491</sup>

Ainda assim, o cronista afirma que não desistirá de caminhar pelas ruas, não vai abdicar das belezas que ainda restam, numa atitude individual de resistência em prol de antigos valores, em defesa das socialidades públicas, a despeito das novas ambiências.

As crônicas de Vieira da Cunha, acima apresentadas, deixam transparecer que a crise da cidade moderna e a conseqüente violência estão associadas à

<sup>490</sup> VIERA DA CUNHA, Liberato. Cultura e violência. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 set. 2006. Segundo Caderno.

<sup>491</sup> *Ibidem*, p. 3. Esse “coletivo” parece ser uma referência à idéia de comunidade moderna em oposição aos “outros”, aos grupos aparentemente desconectados à lógica da antiga cidade.

“exacerbação do privado no público”, fazendo com que se quebre uma tradicional “ética urbana”, como diz Pechman (1997). Complementa: “[...] suspensa a interdição da lei, suspensa a moralidade da ordem, a imposição pela violência se institui: o mal se torna uma banalidade.”<sup>492</sup>

As impressões de Coimbra (2005) se coadunam a dos cronistas citados acima. Narra em “O perigo no Centro” um episódio que remete ao declínio das socialidades públicas e ao simbolismo de suas vias. Em suas palavras:

Fui ao Centro esta semana. Caminhava pela Rua da Praia pensando que, realmente, a batata frita fica bem melhor se feita na banha de porco, quando senti a agulhada de olhares sobre mim. Estava sendo observado. Logo percebi a aproximação de dois tipos. Eram jovens, mas retacos, cheios de energia, vinham rapidamente, decididamente, até agressivamente, olhando para o casaco que eu levava nas mãos. Ia ser assaltado. [...] Então fiz um movimento rápido, girei o corpo e entrei num táxi que esperava passageiros no ponto.  
Suspirei. E o taxista:  
- Escapaste, hein?<sup>493</sup>

Ao conversar com o motorista do táxi foi informado dos vários bandos que assaltam no Centro, inclusive de mulheres. Ainda dentro do veículo pode perceber a atuação de um grupo que “campanava” uma senhora. “Daqui a pouco vão passar o estilete na bolsa dela – preuiu o taxista.” Enquanto fugia do cenário, o cronista reflete sobre os “velhos tempos” do Centro e sua principal rua: “houve um tempo em que se flanava na Rua da Praia. Ia-se ao cinema.”<sup>494</sup> Lembra-se, então, dos tempos em que, adolescente, a sociedade tinha o Centro e a Cinelândia em alta conta, onde as grandes estréias ocorriam. Cita, como exemplo, o filme “O exorcista” que teria assistido no Imperial, que ficava ao lado do Guarany, para concluir:

Esses dois cinemas fecharam dias atrás. Os dois últimos cinemas de rua de Porto Alegre. Agora, contando essa história, entendo porque fecharam: exatamente porque não se pode mais flandar pelas ruas da cidade. Não perdemos os cinemas de ruas da cidade. Perdemos a rua. Perdemos a cidade.<sup>495</sup>

<sup>492</sup> PECHMAN, Robert Moses. **A cidade dilacerada**. In: SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997. p.218.

<sup>493</sup> COIMBRA, David. Perigo no Centro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 12 ago. 2005.

<sup>494</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>495</sup> *Ibidem*, p.3.

Essa passagem é elucidativa para a linha de raciocínio que se vem tentando demonstrar aqui. Perde-se a cidade moderna, concêntrica, onde o espaço público é o lugar do acontecimento, em oposição à vida privada. Como já referido, os cronistas dos anos 20 e 30, por exemplo, associavam a “existência social” ao ver ser visto das ruas e seus espaços, notadamente os da área central. Até porque, “Ir à cidade” era, no “primeiro cenário”, o mesmo que encaminhar-se ao Centro, a seus cafés, lojas e, também, cinemas. Aquela cidade moderna, enquanto um discurso totalizante de sentido e espaço homogeneizador, não mais existe. Como afirma Prigge (2002), “a midialização da cultura, a individuação social e a periferização e fragmentação do espaço dão outros sentidos a idéia de cidade”.<sup>496</sup>

Os cinemas, assim, ícones da cidade moderna, localizavam-se nas principais ruas da capital e, prioritariamente, em seu centro simbólico. Forneciam informações e imagens das grandes metrópoles para o imaginário da população local; funcionavam como uma forma de referência para um tipo de encontro social intimamente associado às calçadas e à cultura centrada no público. Como mencionado na “ambiência” do “primeiro cenário”, o imaginário metropolitano era fundamentalmente informado pelos jornais e cinemas, como o percebera Theodomiro Tostes.

Os cinemas, a partir dos anos 1980, em Porto Alegre, começam a ser transferidos para os shoppings, locais seguros e semi-privados que recriam a sua maneira em função dos antigos centros urbanos.<sup>497</sup> Duas décadas depois, as últimas salas “de rua” são fechadas, porque, entre outros fatores, a idéia de cidade mudou. As vitrines, tão caras a Theodomiro Tostes, voltam-se para dentro, assim como os cartazes dos filmes.

---

<sup>496</sup> PRIGGE, Walter. **Metropolização**. IN: PALLAMIN, Vera (org.). Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 52.

<sup>497</sup> PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo: Boitempo, 2006. p.23. É interessante perceber nesta obra o profundo ressentimento da autora em relação aos shoppings. Partindo de um olhar moderno de viés marxista ela afirma que este tipo de espaço “pretende fabricar um ‘novo homem’ a fim de adaptá-lo à obsessão capitalista pelo lucro.” Diz ainda: “e essa pretensão custa muito caro à cultura, à cidadania, à urbanidade, ao lazer e a subjetividade humana.” P.23. O que a autora não percebe é que este tipo de espaço é parte e não causa de alterações muito mais profundas ligadas ao declínio do público.

O fim da rua, é o fim da cidade, enquanto conceito moderno; abandono e desordem se imbricam nas ruínas da “res” pública, que cede espaço para o privado. A cidade, enquanto lugar do encontro, do comércio e do embate político, perde terreno para os shoppings, os condomínios fechados e para a internet. A política, por exemplo, em todos os níveis, tem sido decidida mais pela atuação dos técnicos em marketing do que pelo “debate cidadão” na “ágora”: o exercício do poder político, enquanto espetáculo e “balcão de negócios”, também é um sintoma do abandono da cidade, que inviabiliza o conceito, agora utópico, de “cidadania”. A privatização da política é, assim, a própria contradição do regime republicano no seu sentido mais profundo e parte do entendimento da violência como um todo.<sup>498</sup> O vazio de poder no espaço público é preenchido por indivíduos ou grupos que disputam os restos de um butim desprezado.

As questões desenvolvidas acima estão ligadas, como vimos, colocando ao longo trabalho a crise das idéias modernas. Para além dos efeitos, que se refletem de forma violenta no convívio social, e intimamente a eles relacionadas, os cronistas fazem reflexões sobre os valores éticos evidenciados no cenário contemporâneo.

#### **4.2 Os valores cotidianos na “nova cidade”: a visão dos cronistas**

Os cronistas contemporâneos de Porto Alegre refletem também sobre os valores éticos que percebem nas ruas, nos programas de televisão ou em outros meios eletrônicos de mídia. Pensam em questões universais, a partir de atitudes observadas no cotidiano, ou que chegam à subjetividade local pelos meios de comunicação. Invariavelmente os textos evocam conteúdos que sugerem, em contraponto ao pensamento moderno, uma desilusão para com o futuro: um aqui e

---

<sup>498</sup> RIBEIRO, Renato Janine. **A política como espetáculo**. IN: DAGNINO, Elvina. (org.) **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.34.



agora individualista, apatia com a idéia de coletivo e incertezas em relação ao universo público.<sup>499</sup>

Para a escritora Letícia Wierchowski (2007), uma simples caminhada pode servir de termômetro para verificar os valores perpetrados nas socialidades públicas. Na crônica “As pernas de Cláudia”, ela narra um fato incomum para denunciar um comportamento bastante corriqueiro. Ao caminhar com sua amiga Cláudia pela rua Dr. Vale, localizada em elegante bairro da capital, cruzam com um cachorro preso conduzido pela guia da proprietária. De forma inusitada, todavia, o pequeno animal “abocanha” a perna de sua companheira de caminhada, fato que pode ocorrer eventualmente. Entretanto, o que surpreendeu a cronista foi que a “moça” que conduzia o cão não esboçou nenhuma reação. Não houve um pedido de desculpas ou qualquer oferta de ajuda. Quando perguntaram seu endereço e telefone, para possíveis informações veterinárias, informou local distante e números inexistentes (verificados depois). A condutora do animal se retira e entra em um prédio de alto padrão, próximo ao local do incidente. “Perto o bastante para nos fazer o obséquio de chamar um táxi.”<sup>500</sup>

A partir desta situação microscópica, típico objeto do cronista, a autora faz ponderações sobre a “ambiência” ética do país e suas relações com o cotidiano da cidade. Comenta: “Reclama-se dos políticos, da polícia, dos juízes. Mas na vida cotidiana, quanta gente não faz da mentira um hábito?”<sup>501</sup> E, em resposta ao único comentário da “moça” em questão, que afirmou estar a “raiva canina erradica de Porto Alegre”, a cronista conclui: “A raiva pode estar erradicada, mas a falta de decência, essa anda grassando pelas ruas e avenidas, todos nós somos suas vítimas”.<sup>502</sup> Mesmo que se trate de um caso atípico, a crônica faz uma interessante relação entre a corrupção dos altos escalões, noticiados diariamente, com o comportamento de um indivíduo comum na rua. O descaso com a coisa pública e com o outro do ambiente social fazem parte de uma mesma lógica que, ainda que

---

<sup>499</sup> Considerando que um dos fundamentos da sociedade moderna está na crença da racionalidade implícita na moral (base da liberdade individual), sintetizada no “imperativo categórico” de Kant, a “crise do moderno” parece gerar posturas não universais, ou fora de uma única razão universal. Ver: KANT, Immanuel. Vida e obra. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.XVII e seguintes.

<sup>500</sup> WIERZCHOWSKI, Letícia. As pernas de Cláudia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 17 Mai. 2007. Segundo Caderno.

<sup>501</sup> Ibidem, p.5.

<sup>502</sup> Ibidem, p.5.

sempre tenha existido, parece hoje pôr em risco os preceitos mínimos para as socialidades públicas.

Partindo de eventos de repercussão nacional, Coimbra (2005) faz uma crítica irônica aos valores utilizados pela população em geral. Ao comentar o chamado “escândalo do mensalão” no Congresso Nacional, em 2005, percebe que os deputados envolvidos estão felizes com a celebridade e que “ladrões confessos” haviam se transformado em heróis. Sua tese jocosa é a de que a responsabilidade por todos esses problemas tem origem nas idéias de Freud. Ao destrinchar e expor a questão da culpa, teria acabado com o arrependimento. “Resultado: as pessoas se gabam: - não me arrependo mais de nada, de nada! Não existe mais contrição, não existe mais remorso.”<sup>503</sup> Sugere que a ética existente na cúpula política do país seja reflexo de um pensamento já arraigado na estrutura social, como um todo. Conclui: “É do que precisa o século 21: contrição”<sup>504</sup>

Afora o forte teor de ironia que marca o estilo do autor e que, como vimos, é parte fundamental do próprio gênero literário, suas idéias dizem algo sobre o contexto que se observa na cidade. O culto ao consumo e à velocidade é a antítese da moderação ou da contrição. A violência e as idéias de caos e desordem, sempre lembradas pelos cronistas, são opostas a qualquer tipo de contenção, religiosa ou não. A luta contra a presença restritiva da Igreja Católica e ao cristianismo marcaram a modernidade.

Na Revolução Francesa, por exemplo, como lembra Darton (1990), os revolucionários, ao terminarem com a autoridade da Igreja, tentaram criar uma nova base moral para a sociedade. O resultado foi o culto à “virtude” que vira moda e se transforma no “principal ingrediente de uma nova cultura política”.<sup>505</sup> A legitimidade do Estado, assentado na soberania do povo, exigia uma sólida educação pública: a virtude do indivíduo na construção de valores coletivos é adotada em substituição ética hierárquica do Antigo Regime e da Igreja.<sup>506</sup> O enfraquecimento desse modelo moral laico, essência da vida pública moderna, deixa um “vazio de poder” perigoso

<sup>503</sup> COIMBRA, David. Do que nós precisamos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 08 Jun. 2005.

<sup>504</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>505</sup> DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 28

<sup>506</sup> Ibidem, p. 29.

nesta área. Situação que faz o cronista sugerir, de forma irônica, um retorno da culpa cristã.

As crônicas de Martha Medeiros trazem, também, a sua maneira, reflexões sobre o “clima” ou a “ambiência” vivida na cidade e no país. Em “Não perder a ilusão”, por exemplo, ela comenta a dificuldade de se entusiasmar com as pequenas coisas ou com os tradicionais ritos coletivos, como o Natal, contexto da crônica em questão. Manter uma motivação “positiva” requer abster-se de uma realidade, colocá-la hermeneuticamente sob parênteses para não perder as “ilusões”. Explica:

A vida está seca demais, o ceticismo é generalizado, a gente confia pouco, se entrega ainda menos. Todo mundo está vivendo sua própria vida sem grandes compartilhamentos, a necessidade é mais de sobreviver do que de viver, é uma luta diária para ganhar o dia, e a crueza das pessoas já entrou na rotina, a falta de delicadeza passou a ser a contingência de uma época.

<sup>507</sup>

A partir de uma realidade adversa a cronista se vale de recursos literários para construir um mundo de “faz de conta”, onde passa a acreditar nos discursos dos presidentes, nas falas amorosas, no futuro que há em um aniversário de criança, etc. Tenta, enfim, deixar-se envolver pelas ilusões natalinas como um necessário exercício de resistência.

Em outro texto critica a “cultura da imagem” que transforma o existir em sinônimo de aparecer. Afirma que Descartes, no ambiente atual, reavaliaria seu “cogito, *ergo sum*”. Expõe sua hipótese: “eu fotografo para sites eróticos, logo existo”; picho muros e fachadas públicas, logo existo.”<sup>508</sup> Critica as reportagens que valorizam mais as bizarrices e os factóides que as essências: mulheres de políticos “mostram as pernas” e passam a existir em meio aos escândalos; os vândalos que filmam suas atitudes ilícitas e colocam-nas na internet, etc. “são frutos de uma sociedade doentia, que tem valorizado apenas os que ‘aparecem’, não importa de que jeito.”<sup>509</sup>

<sup>507</sup> MEDEIROS, Martha. Não perder a ilusão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 24 dez 2003.

<sup>508</sup> MEDEIROS, Martha. Existir. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 21 set. 2005.

<sup>509</sup> Ibidem, p.3.

Transporta, então, sua análise para as ruas da cidade onde, a partir destas evidências, tenta explicar as razões dos pichadores que atuam de maneira sensível sobre as paisagens urbanas desta capital. Neste contexto, diz ela, o jovem sem visibilidade social não vai querer ficar de fora:

Ele pega um spray e sobe até o andar mais alto do prédio, arriscando a vida (porém garantido seu status junto a tribo) e autografa um garrancho para a cidade. Taí, provado: ele existe. No silêncio, ninguém aparece. Sem fotos no jornal parece que não temos rosto. Sem um site falando de nós, parece que não temos voz. Sem uma interferência nociva ou escandalosa na vida dos outros, parece que não valeu ter nascido. Viver discretamente é a morte. Amar e trabalhar, somente, é uma espécie de escravidão. Queremos a suposta liberdade de uma vida comentada. Nem que para isso tenhamos de subir na ponte mais alta para emporcalhá-la com rabiscos que nada dizem, porque não importa dizer, o que importa é incomodar. O pior é que quase ninguém mais se incomoda.<sup>510</sup>

Os questionamentos em relação ao papel da mídia no ordenamento das idéias e na ambiência atual transparecem também na crônica “Certezas absolutas”. A autora critica as pretensas certezas de quem votou, pelo “sim” ou pelo “não”, no referendo sobre o desarmamento ocorrido em outubro de 2005. Como ter certezas para agir em um contexto saturado de informações e imagens?

Não sabemos o que nos aguarda pela frente, não temos bola de cristal, vivemos num mundo conflituado, com uma quantidade excessiva de informação que às vezes atrapalha mais do que ajuda. São tantas as variantes a serem analisadas, tantas pessoas vivendo de formas distintas, como podemos julgar o que é melhor para nós e para o outro?<sup>511</sup>

As incertezas aparecem associadas à idéia de caos e decadência em meio ao complexo mundo construído com e a partir dos processos midiáticos. Neste sentido, ao analisar as opiniões de “internautas” sobre uma determinada chacina em universidade americana, percebe, atônita, “os sinais cotidianos de nossa decadência.” Afirma: “Nunca vi um conjunto de idéias tão preconceituosas e mal escritas.”<sup>512</sup> Sugestões de que uma chacina semelhante deveria ocorrer no

<sup>510</sup> Ibidem, p.3.

<sup>511</sup> MEDEIROS, Martha. Certezas Absolutas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 26 out. 2005.

<sup>512</sup> MEDEIROS, Martha. Assustador. **Zero hora**, Porto Alegre, p. 3, 18 abr. 2007.

Congresso ou opiniões generalizantes sobre o conjunto da população americana, que são apresentados como sendo “todos uns podres” permite à autora afirmar que a ampliação da comunicação não fez diminuir a discriminação, antes ao contrário.

Para Medeiros (2007), uma possível interpretação dessas falas e atitudes estaria na idéia de “desorientação cultural”. Ou seja: a percepção de que o contexto impõe grandes dificuldades para a realização pessoal e a “socialização”, fatores que anulariam as expectativas de futuro. Ao concluir sua coluna, afirma ter ficado com a sensação incômoda de que os “agressivos virtuais” analisados possam levar suas idéias para as ruas.<sup>513</sup>

A questão não é nova. A percepção de que não existe mais “uma energia central” teológica ou metafísica a fornecer um centro de referência e de que a técnica “supera” o próprio homem é, segundo Baumer (1977), uma discussão do início do século XX. O homem torna-se problemático a si próprio quando ele perde as “velhas formas orgânicas de comunidade” e, inseguro, é “atirado para sua solidão”.<sup>514</sup> A tecnologia que se desenvolve por um lado, demonstra, por outro, os limites e a impotência deste mesmo homem em controlá-la, gerando destruição. Todavia, o que muda é justamente o contexto tecnológico, a velocidade de que nos fala Virilio (1993): “[...] na era da ubiqüidade eletrônica, o relativismo da humanidade consigo mesma é potencializado”.<sup>515</sup>

A cronista, de forma recorrente em seus textos, relaciona certos conteúdos veiculados na mídia, principalmente pela TV, com uma idéia de “decadência” ou de absurdo. Neste sentido, ao comentar a cobertura da Copa do Mundo de 2006, em programas de grande audiência nacional, afirma que o assunto “futebol” teve uma “ocupação absolutamente aterrorizante”. A obsessão por futebol e televisão seriam, para a autora, sinais de um esvaziamento, desvio ou fuga das grandes questões. Conclui: “nosso país piorou”.<sup>516</sup>

A mesma problemática aparece também em “A era do ridículo”, uma espécie de síntese dos pensamentos da escritora sobre essa relação mídia-cultura e suas

<sup>513</sup> Ibidem, p.3.

<sup>514</sup> BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. VI.eVII séculos XVII e XVIII. Lisboa. Edições 70, 1977. p. 184 e 185

<sup>515</sup> VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 47

<sup>516</sup> MEDEIROS, Martha. A copa na mídia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 07 jun. 2006.

implicações na estética incorporada ao cotidiano das pessoas. As avançadas tecnologias do mundo atual, que resultaram do pensamento científico moderno, desaguaram em uma revolução diversa daquela pretendida pelo otimismo da Razão.

<sup>517</sup> O estranhamento de quem observa o ambiente, a partir dos pressupostos daquela antiga perspectiva, transparece no olhar de Medeiros (2006):

Alguns dizem que esta é a Era da Tecnologia, outros dizem que é a Era da Informação, e há os que acreditam que é a derradeira: a Era do Fim do Mundo – receio que estes tenham acertado na mosca. Nunca se sabe a era em que se está vivendo, é tarefa para os historiadores, mas eu arriscaria dizer que estamos, talvez, em plena Era do Ridículo.<sup>518</sup>

A cronista explica que chegou a sua síntese quando soube que a filha recém-mascida de dois atores famosos do cinema americano virou estátua de cera no Museu Tussaud, em Nova York. Ao lado das imagens de Gandhi e Kennedy, a presença se explicaria pelo fato de já ter nascido como um “ícone cultural”. Comenta também o grande consumo de revistas especializadas nas tramas das novelas, na vida dos atores e, na mesma lógica, as cirurgias estéticas como traços de uma mesma ambiência. Enfim, o mundo da imagem sem a necessidade de uma fundamentação “racionalista”, um discurso indiferente ao conteúdo.

Enumera uma série de elementos para demonstrar seus argumentos: “certas comunidades no Orkut”, os “saltos plataforma”, a “apresentadora virtual do fantástico”, a “conversa decorada dos operadores de telemarketing”, a “situação incontrolável dos presídios” e “as campanhas políticas!”. Afirma: neste contexto “quase tudo é ridículo”.<sup>519</sup>

O mundo fragmentado e caótico, do ponto de vista de um olhar moderno que exige sentido, é baseado em valores questionáveis e absurdos. O abandono da crença “cidadã”, de que o indivíduo pode e deve atuar na construção de uma ordem

---

<sup>517</sup> BAUMER, V. II .op. cit. p. 61. Baumer chama a atenção para o fato de que tanto os Iluministas quanto os neo-iluministas enfatizavam a ciência e o “livre pensamento” em oposição ao sobrenatural e a metafísica; e, a partir destes fundamentos, demonstravam otimismo quanto a natureza humana e seu futuro histórico. Decorre destas idéias também a expectativa de um coerente “ativismo social”.

<sup>518</sup> MEDEIROS, Martha. A era do ridículo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 09 Ago. 2006.

<sup>519</sup> Ibidem, p.3.

futura; e a substituição das ruas pelas telas, abre caminhos para cenários presenteístas e aparentemente desordenados.

Fischer (2005), por outro lado, sugere que a constatação da mudança não deve prejudicar a análise da estética atual. Sintetiza sua posição ao comentar obras de ficção escritas em Porto Alegre que apresentam, em suas narrativas, a crise do moderno. Afirma que, para além dos lamentos associados ao fim das utopias políticas e comportamentais, o novo contexto apresenta também reflexões artísticas que, ao apreenderem e expressarem as marcas desta crise, colaboram para entendê-la. Lembra, assim, que não é possível trazer de volta a antiga ordem:

Que estamos todos imersos numa vida fragmentada, em que as marcas unitárias e totalizantes ou já feneceram ou estão morrendo, é claro, para todo mundo com os neurônios em atividade. Todas ou quase todas as certezas antigas – *aquelas do velho tempo da Modernidade (...)*, foram perdendo consistência, forma, peso, presença.<sup>520</sup>

As opiniões sobre as características dessa “ambiência” convergem em muitos aspectos nos diferentes cronistas analisados, mesmo que se observem algumas variações, como um maior saudosismo, em alguns autores, e um total desprendimento em relação ao passado, em outros, no geral a percepção é a de uma profunda alteração da lógica cultural. O mesmo serve para a questão da cidade: alguns autores choram o antigo Centro Perdido, outros percebem a fragmentação como potencialidade. A tendência mais comum, no entanto, é a de traduzir os “sinais dos tempos” com ceticismo ou até mesmo com dosado teor niilista.

As impressões da artista plástica Maria Tomaselli Cirne Lima (2005) sobre as possibilidades de interferir no contexto e das limitações de uma arte mais “engajada” se coadunam às idéias discutidas acima. Diz ela:

---

<sup>520</sup> FISCHER, Luis Augusto. Opinião – livro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 14 Abr. 2005. Segundo Caderno. (Grifo nosso) Discorre principalmente sobre a ficção “Feriado de mim mesmo”, de Santiago Nazarian, trama que, sintomaticamente, se desenrola em um “apartamento mesquinho e sem paisagem” construindo, segundo o comentário de Fischer, um clima “opressor” e “paranóico”. Típico, portanto, das desilusões relativas a crise das utopias modernas.

Eu ando meio deprê, ultimamente, achando que nós artistas quase nada podemos fazer para modificar o mundo. Nós somos ‘consumidos’ dentro das estruturas sociais e pelas instituições que queremos mudar. Os protestos viram *establishment* logo, logo; nos circuitos de mercado, das universidades, do governo. Nosso trabalho vira enfeite ou álibi.<sup>521</sup>

O artista, diz ela, não vive sem esses “circuitos”; o financiamento depende de associações com “os males da política”. Fato que compromete qualquer possibilidade de elaborar algum tipo de protesto: o artista termina por “ceder” e “se ajeitar as circunstâncias”. Contudo, conclui, para ir além do simplesmente “embelezar” e atingir o “sublime que é a harmonia” todo artista deveria exercer a política: o círculo se fecha, todavia, sem que seja apresentada uma saída. Uma postura ética de participação coletiva, no entanto, fica prejudicada quando o mercado suplanta o público.

A crise da idéia de justiça, questão já observada aqui no trabalho de Gilberto Velho, é apontada de forma explícita pelo cineasta José Pedro Goulart (2005). Em meio aos escândalos políticos e problemas sociais, o autor da crônica afirma que justiça é algo inventado pela literatura, pelo cinema, pela ficção. A justiça só existe no desejo dos autores ou no imaginário das religiões, pensa Goulart (2005). No atual contexto, pergunta onde estão os “mocinhos”? A idéia de que alguma forma de fazer política pudesse restituir a crença sucumbe, em sua opinião, na gestão do Partido dos Trabalhadores. “Depois de anos na fila, (...) quando estávamos prontos para um final feliz, eis que descobrimos que o John Wayne da nossa história era índio.”<sup>522</sup> Esperou-se por uma ilusão, sugere o autor. A modernidade também teve suas utopias políticas que, agora mortas, apenas se tornam mais visíveis. A teoria na prática é sempre outra. Seu fechamento diz muito da “ambiência” contemporânea:

Toda ficção é mentira. É mentira que haja um mecanismo cósmico que faça com que a justiça exista. É mentira que no final o bem sempre vence. Isso só acontece nos filmes. Só na ficção o bem é esperto. Na vida real, mesmo que seja difícil admitir, o bem é burro, e o mal é que é inteligente.<sup>523</sup>

<sup>521</sup> LIMA, Maria Tomaselli Cirne. A culpa não é do fotógrafo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 8, 26 Set. 2005. Segundo Caderno.

<sup>522</sup> GOULART, José Pedro. Mocinhos e bandidos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 28 jul. 2005. Segundo Caderno.

<sup>523</sup> Ibidem, p.5.



Nesse sentido, também é encaminhado o entendimento do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil (2006), em uma crônica intitulada “D. Juan”. Para ele, as questões éticas na atualidade colocaram o herói sedutor do passado em uma situação obsoleta: “D. Juan está fora de moda”. Na lenda, o personagem tem a chance de arrepender-se perante a representação de sua vítima, contudo, mesmo que no íntimo o faça, assume seus atos e termina sendo consumido pelas “chamas infernais”. Atitude que, na atual ambiência, seria pouco compreendida. Diz o autor:

A pensar no que acontece hoje. D. Juan não passa de um ingênuo e um desprevenido. Os atuais homens da cultura do ‘Me, myself and I’ teriam muito a ensiná-lo, em termos de cinismo. Sem matar comendadores nem convidar estátuas para jantar, D. Juan poderia obter tudo que quisesse. E com uma grande vantagem: ninguém viria pedir-lhe que se arrependesse. Numa civilização do prazer instantâneo e comercial, acreditem, D. Juan, com suas dúvidas existenciais, seus dramas e sua discutível, mas coerente, ética, virou uma peça de antigos museus.<sup>524</sup>

É recorrente a idéia de que estas supostas alterações éticas estão vinculadas às mudanças econômicas e à globalização, que aceleram e ampliam as trocas comerciais e coloca o mercado acima dos tradicionais valores.

Para uma melhor compreensão desta temática, Silvestrin (2005), a propósito, argumenta que cada época possui a sua “questão”. Para os gregos, diz ele, o reconhecimento do homem e de seu lugar diante das divindades era central no ordenamento daquela cultura. Da infra-estrutura do século XIX, passando pelas estruturas inconscientes do início do século XX, chegam-se às questões dos anos 60. Tentando fugir de um mundo governado pelo dinheiro e pelo inconsciente, é posto em causa a possibilidade de uma “vida alternativa”. Nos anos 80, ainda segundo o autor, o romantismo da contracultura é substituído pela fragmentação “tribalista”: o “cada um na sua” foi incorporado pela indústria do consumo e o mercado termina por fornecer “pranchas” para uns, “incensos” para outros, incorporando todas as alternativas. Complementa seu raciocínio:

---

<sup>524</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. D. Juan. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 04 Dez. 2006. Segundo Caderno.

A questão de hoje, que parece ainda não estar em questão, é a seguinte. O raciocínio de que tudo é mercado transforma todo mundo em consumidor e vendedor. Neste contexto as relações todas viram negócio. Ser aceito é a regra, adequar-se ao outro é o que conta. Em termos de linguagem, o receptor é quem manda. O emissor não emite mais. [...] A questão é essa: cadê o eu? <sup>525</sup>

A idéia das relações sociais como “negócio” também não é algo novo. Simmel (1979) já a menciona em sua análise sobre a “metrópole e a vida mental”, datada do início do século XX. Segundo o autor, nas grandes cidades “o dinheiro, com toda a sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores”, <sup>526</sup> fato que termina por constituir uma mentalidade “blasé” ao homem metropolitano, ou seja: individualismo, indiferença e dissociação nas relações sociais. Novamente, aqui, a grande diferença está na velocidade que os meios eletrônicos conferem em todos os níveis, na aceleração das trocas tem-se a idéia de rompimento.

A cultura do consumo, a percepção de desordem na vida pública através da violência das ruas, do ceticismo, do quase rompimento com as práticas políticas tradicionais, do fim das utopias, etc., culminam com o estranhamento do universo ético e em um relativo niilismo. As socialidades urbanas, agora mais privadas de que públicas são influenciadas sensivelmente pela temporalidade das mídias eletrônicas, pelo mundo “protético” das redes.

#### 4.3 Cultura eletrônica e aceleração: a inversão da cidade

No bojo das complexas contemporaneidades que se cruzam na construção da cidade contemporânea, a questão do tempo apresenta-se de forma radical. Enquanto a idéia de futuro científico embalava os sonhos e organizava a vida na

<sup>525</sup> SILVESTREIN, Ricardo. Qual é a questão? **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 mar. 2005. Segundo Caderno.

<sup>526</sup> SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979. p.16 e 17.

antiga cidade moderna, a velocidade e as “próteses” eletrônicas ainda não tinham um “peso” maior no vivido, nas socialidades urbanas. Como sugere Virilio (1993), a própria idéia de geografia urbana, importante nas tradicionais análises comparativas entre cidade/campo ou centro/periferia é “dissipada”, acabando com a distinção “intramuros” e “extramuros”. A grande metrópole, após a “[...] revolução dos transportes e o desenvolvimento dos meios de comunicação e telecomunicação”, transforma-se em outra coisa. O tempo eletrônico retira as “dimensões espaciais” da cidade física. As tecnologias, portanto, fazem desaparecer a “antiga confrontação de ruas e avenidas”, redimensionando a própria idéia de “público”.<sup>527</sup>

Para o cronista, filho legítimo da cidade moderna que busca a matéria-prima de seu trabalho nas ruas, essas alterações causam estranhamento. Até porque o fazer destes artistas compreende, como disse Sabino (2006), recolher das ruas “algo do disperso conteúdo humano, *fruto da convivência*, que a faz mais digna de ser vivida”.<sup>528</sup> Atividade que exige tempo, observação, flunar pela cidade.

A velocidade da metrópole contemporânea não cria uma maior possibilidade de ócio, como se poderia supor. Ao contrário, sobrecarrega seus habitantes de informações e atividades antes desconhecidas e, então, desnecessárias. A “convivência” que dignifica a vida, como diz Sabino (2006), está muito mais para a temporalidade da “cidade moderna” que para instantaneidade protética da metrópole contemporânea.

Dentro desse raciocínio e “ambiência” é que o cronista Vieira da Cunha (2004) escreve: “Pare, Olhe, Escute”. Lembrando-se das placas da “distante época dos trens”, pensa nas “sábias” recomendações que elas podem dar aos tempos atuais. Fala, a propósito, do dia em que a “agenda estava lotada de compromissos”, em que “precisava completar e entregar um texto com prazo inadiável de publicação” e um “acidente tecnológico” retirou de funcionamento o telefone celular e o computador, em “unísono”. Altera a rotina: “Aí me bateu uma lucidez. Larguei o batente e adentrei o vetusto prédio da Biblioteca Pública. Pedi o *Rubaiyát*, obra-prima de Omar Kháyyám, e fugi do cotidiano [...]” O resultado dessa fuga não trouxe,

<sup>527</sup> VIRILIO, 1993, op. cit. p. 9 e 10.

<sup>528</sup> SABINO, Fernando. **Última Crônica**. In: ANDRADE, Carlos Drummond [et. al] **Crônicas 5 – Para Gostar de Ler**. 14ª Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2006. p.37.

por um lado, maiores problemas para o fluxo do trabalho enquanto que, por outro, permitiu que a “alma” do cronista “mergulhasse em doce paz”.<sup>529</sup>

Vieira da Cunha (2004) reconhece que não se trata de uma receita com validade universal, mas pensa que pode ser útil aos “executivos estressados” e aos outros tantos leitores que ainda lêem uma crônica no “intervalo do almoço”. Faz, então, recomendações no intuito de recuperar o “ser” em uma temporalidade que tende anulá-lo.

A esses e a quantos mais percorrerem estas linhas deixo de brinde um palpite banal. Volta e meia esqueçam a urgência das horas, a ditadura da rotina, a tirania das obrigações ou do conformismo. Não é mister que abram o *Rubaiyât*. Basta que parem, olhem, escutem. Parar o quê? As enormes engrenagens que nos aprisionam no chamado senso do dever, que muitas vezes é, na real, uma compulsão do *não-ser* (...). Mas se nada disso adiantar, sugiro uma incursão no passado, ao tempo em que existiam trens de passageiros, segurança nas ruas, namoros de matinê. Pois o passado que adquire vocação de permanência é apenas a soma de cada presente em que fomos felizes.<sup>530</sup>

O escritor apresenta duas saídas à ditadura da temporalidade contemporânea: romper eventualmente com as forças extrínsecas que aniquilam o “ser”, permitindo-se observar o mundo e as pessoas no entorno; ou fazer-se atual a memória de uma época em que existia “tempo” para o “ser” das ruas. Para ele, a saturação que exaure as horas é a mesma que limita a possibilidade de estranhamento criativo dos indivíduos em relação a própria ordem social.

As conexões eletrônicas são muitas vezes associadas ao consumo e ao excesso. O poeta Armindo Trevisan (2003) expressa sua síntese sobre a questão. Para ele, “nossa sensibilidade está sob o bombardeio cruel dos meios de comunicação. Um atropelo de imagens não faz uma cultura, como um atropelo de palavras não faz um poema ou um romance.”<sup>531</sup> Dito de outra forma: a imensa e caótica carga de informações suscita mudanças na percepção e tradução dos

<sup>529</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Pare, olhe escute. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 18 mai. 2004. Segundo Caderno.

<sup>530</sup> Ibidem.

<sup>531</sup> TREVISAN, Armindo. **Zero Hora**, Porto Alegre: 07 nov. 2003. Contracapa.

parâmetros sociais; uma sociedade “atropelada” tem no excesso um fator de desagregação, de limitação dos sentidos.

Um paralelo entre o tempo dos modernos e a acelerada vida deste “segundo cenário” é realizado na crônica “O tempo perdido”. Coimbra (2004) comenta rapidamente a vida e a longa e inacabada obra do escritor francês Marcel Proust. Literatura que exige tempo para ser lida e apreendida, “Em busca do tempo perdido” é um trabalho que se adapta com dificuldades aos tempos atuais, na opinião do autor.

Terrível, não há mais tempo para ler Proust. Mais terrível: hoje Proust não conseguiria compor “Em busca do Tempo Perdido”. Porque Proust teria de ir ao supermercado. Teria de comprar roupas no shopping, agora se compra muito mais roupas do que no início do século passado, quando os homens tinham dois ternos e fim. Teria de se exercitar uma hora por dia. E depois alongar. Teria de ir ao terapeuta. Proust tinha todo o jeito de quem vai ao terapeuta. Ao curso de inglês ele também iria, assim como gastaria horas respondendo os emails.<sup>532</sup>

No contexto atual, intui o cronista, seria muito mais difícil elaborar uma obra daquelas dimensões e até desnecessário, visto que sobra pouco espaço para uma leitura daquelas dimensões. “Preciso de tempo para ler Proust! Onde estará meu tempo perdido?”

Medeiros (2005) reclama também da carga de informações e da “falta de tempo”. Em “Nossos quase mortos”, comenta sobre a dificuldade de preservar-se a lembrança das pessoas mortas, bem como de manter hábitos relativamente recentes. Afirma:

A própria memória, diga-se, é um bom exemplo pra começar, ela que anda tão ralinha, preguiçosa. Tudo anda tão veloz, a busca de informação consome nosso tempo, são tantas novas pessoas a conhecer, que acaba fadado ao esquecimento aquilo que já foi.<sup>533</sup>

<sup>532</sup> COIMBRA, David. O tempo perdido. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 13 fev. 2004.

<sup>533</sup> MEDEIROS, Martha. Nossos quase mortos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 02 nov. 2005.

Arrola, então, uma série de artefatos que eram de uso cotidiano em passado recente e que agora descansam “em paz”. As “revelações de fotos em uma hora”, álbuns fotográficos, discos de vinil, fitas de vídeo, máquinas de escrever, papel de carta e as famosas “músicas de elevador”: passaram. A partir desse ponto, a crônica associa a velocidade das transformações ao declínio ético. A confiança na “palavra dada”, por exemplo: “agora só vale contrato com firma reconhecida”. A inocência e a esperança: “respiram por aparelhos.” Em conclusão, afirma que a sociedade é hoje “viúva de seu próprio passado.”<sup>534</sup> Dito de outra forma: a cultura presenteísta, fruto de um contexto acelerado, que enfraquece a “memória”, não tem maiores comprometimentos com as tradições e seus valores.

Ao dizer que percebe um enfraquecimento dos referenciais históricos pela aceleração dos fatos, a autora se aproxima da compreensão que Hartog (1997) oferece ao contexto contemporâneo. Para o historiador francês, a “hipertrofia do presente”, ocasionado pela sociedade de consumo, suas tecnologias e pela mídia, altera o regime de historicidade: os meios de comunicação produzem, consomem e reciclam cada vez de forma mais veloz “palavras e imagens”.<sup>535</sup>

Nei Lisboa (2004) expõe também suas impressões sobre os efeitos da tecnociência na velocidade das transformações sociais. Tece comentários no sentido de demonstrar, por exemplo, o impacto dessas no universo de algumas profissões. Lembra, por exemplo, dos imediatos efeitos que os programas de computadores causaram aos trabalhadores em artes gráficas. Antigos e “escolados” profissionais “escabelavam-se” diante das legiões de “neodesenhistas” e suas estranhas máquinas. Nesse processo, algumas profissões desapareceram de uma hora para outra e sem tempo “sequer para secar as lágrimas, era adaptar-se o mais rápido possível ou jogar no ralo da obsolência décadas de aprendizado e trabalho árduo, junto com o próprio emprego.”<sup>536</sup> A pergunta crucial de Lisboa a respeito dessa junção de eletrônica/velocidade, no entanto, centra a atenção no risco de se perder a essência das coisas. Questiona: “mas eu me pergunto mesmo é como

<sup>534</sup> Ibidem, p.3. A tensão entre a “tradição” e a “modernidade” não é uma novidade histórica, obviamente. O que chama a atenção nessa crônica é a velocidade das alterações e a ligação que a autora faz com os valores, ou entre velocidade e desordem.

<sup>535</sup> HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França?”. **Anos 90**, n. 7, p.05 – 28, Jul. 1997. p. 13.

<sup>536</sup> LISBOA, Nei. Techno de breque. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 10 mai. 2004. Segundo Caderno.

interagimos com as novas tecnologias em termos de conteúdo.”<sup>537</sup> Estilos musicais são misturados pelos infindáveis recursos eletrônicos, com resultados nem sempre previsíveis. Sem respostas para a questão, o músico afirma estar estudando as novas tecnologias e suas aplicações em seu trabalho, antes que o computador “escreva as letras por nós”.<sup>538</sup>

A telefonia móvel, inovação tecnológica que surgiu no contexto deste “segundo cenário” que vimos tratando aqui, também é um fator que altera hábitos, acelera a troca de informações e, portanto, muda a relação espaço/tempo do vivido. Em uma crônica oportuna sobre o telefone celular, o músico Duca Leindecker (2005) chama a atenção para o fato de que essa nova tecnologia se transformou em uma “parte do corpo”. Ao chamado do aparelho, as pessoas revogam antigas etiquetas e se reportam às questões dialogadas através do telefone. Os antigos padrões de comportamento ficam suspensos por alguns instantes. Cita um exemplo recente:

Outro problema que rolou na semana passada foi quando atendi a porta do estúdio para um casal de amigos. Lá estava ele, com o celular incandescente na mão e com um olhar de poucos amigos no rosto, enquanto ela me abria os braços e me olhava como se eu fosse realmente eu. Quantas vezes ficamos parados em frente de um celular-maniaco emprestando o corpo para quem está do outro lado da linha.<sup>539</sup>

Trata-se de uma consideração sutil, mas é mais uma indicação de que o encontro social tradicional, que as socialidades públicas se alteram diante da velocidade impostas pelas “próteses eletrônicas”. O novo instrumento se impõe, portanto, como um pequeno e incisivo fato histórico: “[...] alguma coisa mudou no comportamento das pessoas depois que este novo apêndice foi descoberto e disseminado.”<sup>540</sup>

Bauman (2001) afirma que o advento do telefone celular é mais um exemplo do declínio do “espaço” em relação ao tempo eletrônico. A própria dinâmica do

---

<sup>537</sup> Ibidem, p.3.

<sup>538</sup> Ibidem, P.3.

<sup>539</sup> LEINDECKER, Duca. Parte do corpo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 28 fev. 2005. Segundo Caderno.

<sup>540</sup> Ibidem, p.6. Como já foi referido anteriormente por Choay, as “próteses” eletrônicas eliminam a “duração” e os limites do espaço, alterando o sentido das socialidades públicas.

poder, citado como exemplo pelo sociólogo, que antes precisava de um ambiente físico, transforma-se em algo “pós-panóptico”.<sup>541</sup>

A instantaneidade que os computadores pessoais vêm possibilitando as relações inter-pessoais, principalmente a partir da criação da rede mundial, em 1994, é percebida pelos cronistas. Diana Corso (2005) atenta para as formas de socialidade que o programa conhecido por “MSN” permite estabelecer, chamando a atenção para as identificações pessoais. Diz ela que os “freqüentadores compulsivos” reconhecem seus pares virtuais por apelidos que também são disfarces. São pequenas frases que mudam seguidamente, atualizam-se para melhor identificar o momento vivido pelos personagens. O objetivo, contudo, não é o de ocultar e sim o de “enfeitar” o estilo de cada um, transformando o ambiente em um “carnaval de Veneza virtual”. A questão do tempo acelerado é colocado, então, em sua interpretação:

Como quase tudo em nosso mundo tecnológico e hiperconectado, estas epígrafes de si mesmo mudam a toda hora. Ninguém duvida da necessidade de ver e ser notado em nossa “sociedade do espetáculo”, porém, nesse esforço cotidiano de buscar um apelido e uma frase que nos representem e caracterizem, há mais do que uma mera vontade de aparecer. Não é irrelevante que, além de chamativas, essas confissões públicas sejam evanescentes. A velocidade é uma mania contemporânea.<sup>542</sup>

Afirma que a busca angustiada por “qualidade de vida”, leia-se consumo, faz tudo tornar-se urgente. A troca constante de carros, pessoas e nomes é, para a autora, fonte geradora de incertezas. Sua tese é a de que, neste contexto, “[...] com medo de perder-nos de nós mesmos, informamos incessantemente quem somos, nossa posição e estado.” E “[...] o mais legal é que supomos, e encontramos, interessados nessas informações.”<sup>543</sup>

Em “Foqueiros da aldeia global”, Corso (2006) avalia que as informações que circulam pela internet estão mais para o provinciano do que para o cosmopolita.

<sup>541</sup> BAUMAN, 2001, op. cit. p. 18.

<sup>542</sup> CORSO, Diana. Metamorfoses ambulantes. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 27 out. 2005. Segundo Caderno.

<sup>543</sup> Ibidem, p.3.



Ao receber, pela *web*, imagens íntimas de uma conhecida modelo, a cronista percebe que a “rede mais retrata do que cria”<sup>544</sup> e que, se por um lado pode servir de fonte para inovações culturais, por outro tem sido também veículo de um espírito de província. Fazendo um trocadilho com a expressão do filósofo McLuhan, comenta: “vimos globais sem deixar de ser aldeia, nos conectamos com o mundo inteiro para melhor alastrar as fronteiras da nossa mesmice.”<sup>545</sup> Dito de outra maneira, a velocidade de circulação e a expansão das informações não garantem, uma maior “qualificação” nas relações humanas: aceleração e volume não são sinônimos de sofisticação.

Essa parece ser também a percepção do cronista Nilson Souza (2007) em “A moeda das horas”. Ao discutir o hábito da leitura “na era da instantaneidade em que vivemos” constata certo “anacronismo” em folhear 400 páginas para só então conhecer o fim da história. “Parece coisa de gente antiga”, afirma. Compram-se livros, mas não se compra tempo. As gerações mais novas, diz o autor, percorrem o mesmo enredo em poucos “cliques” e, mesmo assim, “os meninos da era digital têm ainda menos tempo para desperdiçar do que nós”. O antigo e demorado método aparece então como uma prática relativizadora em contraposição aos excessivos deveres do dia-a-dia. Ao ler um “livrão de histórias inúteis”, o cronista cria um distanciamento do senso comum, inventa uma temporalidade que o permite ver e sentir o que a população apressada não tem condições de perceber. Na paz de quem se retira conclui: “[...] o tempo que você gosta de perder não é um tempo perdido.”<sup>546</sup>

O estilo contemporâneo do “tudo ao mesmo tempo agora” afeta, inclusive, segundo Letícia Wierzchowski (2005), a própria idéia de férias que, como se sabe, nasceu para ser o contraponto e a “válvula de escape” da sociedade industrial. Esse conceito, diz ela, “mudou muito hoje em dia, visto que essa mania de se fazer mil coisas ao mesmo tempo já contaminou esse período que originalmente era dedicado

---

<sup>544</sup> CORSO, Diana. Fofoqueiros da Aldeia Global. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 04 out. 2006. Segundo Caderno.

<sup>545</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>546</sup> SOUZA, Nilson. A moeda das horas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 01 fev. 2007. Segundo Caderno.

ao ócio, ao prazer e a contemplação.”<sup>547</sup> Percebe que nem os dias de descanso “escaparam dessa absurda mania de organização e bom aproveitamento do tempo que a gente vive hoje em dia.”<sup>548</sup> Recorda, então, as antigas férias na praia em que nem telefone havia. Veranejar significava romper com a cidade e seu tempo, prática difícil de realizar nesta década. Pois, com as várias formas de comunicação que se imbricam a mentalidade do tempo atual, não é possível conceber um total “desligamento”, uma absoluta “desconexão”.

No entendimento de Cláudia Laitano (2007), o excesso de informações e a conseqüente “falta de tempo” afeta inclusive a maneira de se consumir música. Em uma crônica intitulada “snack culture”,<sup>549</sup> comenta que carregar um pequeno aparelho eletrônico com 150 músicas é um procedimento simples, entretanto, “arranjar tempo para ouvir esse caminhão de músicas sem abandonar hábitos ainda tradicionais, como tomar banho e dormir de vez em quando” torna-se um problema. Em paralelo, faz associações com a temporalidade das relações amorosas contemporâneas: “se os rituais de acasalamento mudaram, incorporando a velocidade de uma conexão em banda larga a praticamente todas as etapas do jogo amoroso, a trilha sonora não poderia perder a sincronia”. Discute, então, a novidade de uma emissora de rádio que, diante do problema, criou uma programação com versões de músicas reduzidas: sem refrões ou “solos de guitarra intermináveis”. Discute, então, o termo “snack culture” (ou cultura do aperitivo), que surgiu em uma revista especializada em tecnologia:

Para uns, o ápice da cultura do consumismo e da superficialidade. Para outros, é apenas um nome engraçadinho para uma conhecida técnica de sobrevivência na selva da informação: espiar um pouco de tudo antes de decidir quanto vale o show. Sei lá. Talvez um sanduichinho realmente dê conta do recado de vez em quando, mas meu palpite é que esquecer o prazer de uma bela macarronada pode ser o primeiro passo para uma grave crise de anorexia cultural.<sup>549</sup>

---

<sup>547</sup> WIERZCHOWSKI, Leticia. Das férias de verão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 20 jan. 2005. Segundo Caderno.

<sup>548</sup> Ibidem, p.3.

<sup>549</sup> LAITANO, Cláudia. Snack culture. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 23 jun. 2007. “Consumismo” pode ser entendido como um hábito social contemporâneo que, ao associar prazer, “status” e felicidade ao ato de adquirir bens, faz com que se consuma sempre muito além do necessário. Pressupõe, assim, para que o processo não pare, um rápido descarte dos produtos adquiridos, normalmente programados para terem curta duração. A velocidade se sobrepõe à permanência em consonância com outras esferas da cultura.

Velocidade, excesso, consumismo e desterritorialização. Questões que se misturam à “ambiência” contemporânea e criam outras formas para o cotidiano da cidade moderna. Diferentes temporalidades tecem sobreposições de estilos, nas quais as antigas estruturas urbanas modernas convivem com a explosão do “ciberespaço”. Neste contexto, os cronistas evocam também o passado, a cidade que se idealizava metrópole, espaço transposto pelo tempo. A memória, então, faz-se presente.

#### 4.4 Cidade e memória: Um outro futuro

O tempo eletrônico, que acelera e descentraliza, confere, como exposto acima, um outro sentido à cidade enquanto espaço geográfico. As idéias metropolitanas, que embalam os sonhos modernos da cidade Porto Alegre provinciana, são transfiguradas no “segundo cenário”. O presenteísmo, que substitui a utopia, a comunicação virtual, que se impõe ao encontro das ruas; e a violência da “nova ordem” reforçam as lembranças na criação dos cronistas.<sup>550</sup> Mesmo que as socialidades urbanas, construídas a partir da crise do moderno, sejam mais livres, mais dionisíacas, como afirmam os seguidores de Maffesoli, a nostalgia da antiga ordem e sua teleologia se mantém na memória dos cronistas da cidade.<sup>551</sup>

Luis Fernando Veríssimo (2003) reflete sobre as previsões superestimadas feitas na primeira metade do século XX e relaciona-as com o fim do “Concorde”. Se essas tivessem se concretizado, afirma, teríamos todos um automóvel voador na garagem. Contudo, “os Volkswagens voadores não vieram, para não falar nas megalópoles superorganizadas com calçadas rolantes e no mundo em paz

---

<sup>550</sup> É importante lembrar aqui conceito de memória que se utiliza aqui parte de pressuposto de Bergson de que essa é a “consciência do presente” ou, em suas palavras: “Toda consciência é memória – conservação e acumulação do passado no presente”. BERGSON, Henri. **A consciência e a vida**. Conferências. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.71.

<sup>551</sup> LEMOS, André. **Cibercultura** – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002. p. 89.

permanente e sem pragas.”<sup>552</sup> Contudo, pondera, o projeto do avião supersônico francês era um sinal de que uma parcela da utopia se concretizaria. Explica:

Mas o Concorde acabou antes de ficar viável. E o que se chora não é o fim de uma máquina muito cara e talvez desnecessária, mas de um sonho: o que a vida poderia ser se todas as possibilidades abertas pela ciência e a tecnologia depois da I Guerra Mundial tivessem dado em outro mundo. As idílicas previsões dos anos 20 e 30 pressupunham um progresso da mentalidade humana comparável ao da sua técnica. Não aconteceu.<sup>553</sup>

Os projetos cientificistas do século XX, inclusive os urbanos, que poderíamos incluir aqui, ficaram, principalmente, na “imaginação”. Para Veríssimo (2003), “[...] no fim, do que a gente mais sente falta, do passado, é o seu futuro.” Entretanto, lembra também, que naquele projeto de futuro não havia sequer uma “pista” sobre a revolução que a informática iria causar no mundo contemporâneo. “Quer dizer, já era um futuro obsoleto.”<sup>554</sup>

Veríssimo (2005) em “Mal-entendidos” discute os limites e erros nas interpretações da história. Arrola uma série de entendimentos equivocados sobre vários períodos e episódios e entende que há normalmente um “desencontro entre percepção e realidade”. Pergunta, então, como será interpretado o período que se inicia nos anos 90 e se estende até nossos dias. Ao divagar sobre antitéticas questões, demonstra a complexidade deste “segundo cenário”. Em suas palavras:

E quando fizerem a leitura do fim os anos 90 e deste começo de milênio, qual será a conclusão errada? A de que o mundo está se tornando mesmo uma aldeia global ou está se dividindo cada vez mais entre ricos e pobres, entre inteligência excludente, burrice generalizada e estupidez institucionalizada? Com as maravilhas conseguidas pela ciência e pela técnica, estamos vivendo a auge do ideal iluminista ou estamos em plena regressão obscurantista, com o fundamentalismo religioso e o espírito tribal em guerra aberta contra a razão? E no Brasil? O que está nos acontecendo, exatamente? Daqui a 30 anos saberemos. Ou talvez não.<sup>555</sup>

<sup>552</sup> VERÍSSIMO, Luis Fernando. O futuro não é mais o que era. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 30 out. 2003.

<sup>553</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>554</sup> *Ibidem*, p.3.

<sup>555</sup> VERÍSSIMO, Luis Fernando. Mal-entendidos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 14 fev. 2005.

A dificuldade de pensar o fim do futuro moderno e a complexidade do presente, expostas acima por Veríssimo, dão conta de que a “ambiência” do atual contexto histórico expõe muito mais dúvidas do que certezas. São indagações que em muito se aproximam daquelas elaboradas por Prigogine ou Bauman, anteriormente citados. Diante deste quadro, os cronistas que centram mais suas leituras na cidade tendem a repensar a antiga cidade moderna, em alguns momentos de forma nostálgica.

Liberato Vieira da Cunha (2003) é provavelmente o cronista mais próximo da “escola” de Achylles Porto Alegre. Caminha pela cidade para compor seu trabalho e, talvez, justamente por isso, como era o caso de Porto Alegre, faça constantes cruzamentos entre as diferentes temporalidades observadas nas ruas. O retorno à antiga cidade moderna é fato corriqueiro em seus textos. Fato que, talvez, explique-se, justamente, por ser no antigo Centro, locus privilegiado de suas observações, que o autor retira a maior parte de suas impressões, matéria-prima de seu trabalho.

Em “Fotos antigas”, Vieira da Cunha (2003) depara-se com imagens de uma Porto Alegre que é anterior ao seu estabelecimento na capital. Afirma: “Não é bom ver fotos antigas desta cidade mutante.”<sup>556</sup> Ao observar um antigo álbum comemorativo lembra-se de quando foi apresentado ao “esplendor” e à “magia” daquela cidade.

Isso mesmo: esplendor e magia. Para um guri de Cachoeira, eram mágicos os bondes, as sinaleiras, as portas giratórias, os arranha-céus. E era esplêndida a Rua da Praia iluminada a néon, ornada de vitrais, civilizada, elegante, urbana.<sup>557</sup>

Percebe que muitas das fotografias traziam imagens anteriores e posteriores a sua chegada na cidade. Sugere que as transformações não se davam, então, de maneira muito aceleradas. O auditório Araújo Viana e o Grande Hotel, “astros das fotos antigas”, tiveram uma longa permanência nos registros arquitetônicos da cidade, observa o cronista. Espaços justamente vinculados às antigas socialidades

---

<sup>556</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Fotos antigas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 set. 2003. Segundo Caderno.

<sup>557</sup> Ibidem p. 3.

modernas, ao imaginário do Centro. “O passado custava mais a sair de cartaz”. Intui também, aqui, sobre o momento em que ocorre o rompimento com o “primeiro” cenário: “desconfio que começou a andar mais depressa ali pelos anos de chumbo.”

Comenta, então, a demolição do Colégio Anchieta, referência de memória de sua adolescência; e a poluição das praias do Guaíba, fato expressivo no que se refere à comparação entre os dois ambientes aqui tratados.<sup>558</sup>

Em outro momento, o tema da perda é associado a um pedido de socorro ao Centro da cidade. Às sempre criticadas reformas urbanas dos anos 70, o cronista associa a desatenção com os detalhes e os problemas sociais. Comenta:

Não é difícil desamar Porto Alegre. Um muro de concreto a divorciou de uma das mais belas paisagens do universo, composta de uma clonagem de rios, de ilhas, de colinas, de poentes e de um horizonte profundo e largo [...]. E já nem falo do cenário humano: dos meninos e meninas que sobrevivem debaixo de pontes, ao relento das praças, nas cavernas embutidas em viadutos [...].<sup>559</sup>

Observa também o abandono em relação aos detalhes da antiga cidade moderna. “Bem na calçada do Palácio do Governo, agonizam as ruínas de um poste - daqueles caprichosamente desenhados e esculpidos em idas épocas – hoje esquecido, decepado.”<sup>560</sup> Reclama reformas em taperas e nas pedras azuis e rosas que “sobraram da destruição da Rua da Praia”. Enfatiza, finalmente, o forte apoio que o público leitor lhe dá, evidenciando o eco que essas questões têm na população da cidade. Quando conclui seu texto, afirmando que “é urgente salvar Porto Alegre”, deixa transparecer que a cidade a ser restaurada é, na verdade, o antigo núcleo simbólico, a materialização da utopia metropolitana.<sup>561</sup>

É interessante observar que a preservação deste passado moderno, notadamente da área central, é constantemente discutida nos meios de comunicação. Entretanto, as idéias raramente são de fato implementadas. É o caso,

---

<sup>558</sup> Ibidem, p.3.

<sup>559</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. SOS para uma cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 10 fev. 2004. Segundo Caderno.

<sup>560</sup> Ibidem, p.3.

<sup>561</sup> Ibidem, p.3.

por exemplo, dos projetos amplamente divulgados para reformar o Cais do Porto. As administrações se sucedem sem que se leve a efeito qualquer medida efetiva àqueles espaços, suscitando constantes críticas dos cronistas. Por que não existe uma força política capaz “revitalizar” aquela área e outros ícones da antiga cidade moderna? Talvez, pensando-se a cidade contemporânea pela ótica de Virilio (1999) ou Featherstone (2000), poder-se-ia dizer que no mundo do “éter eletrônico” as paisagens arquitetônicas modernas perdem o sentido e o valor: transformaram-se em “fósseis” de sociedades centradas no espaço <sup>562</sup>; os arranha-céus dos antigos centros modernos, antes ícones de triunfo, passam a representar agora o papel de “monumentos” funerários. <sup>563</sup> Na grande metrópole, descentralizada e desterritorializada pelas redes virtuais, o antigo núcleo é normalmente restaurado quando existe a possibilidade comercial do turismo: torna-se, de certa forma, um artigo de antiquário e objeto de museu.

Como diz Choay (2001), o “urbanismo de rede”, criado pela eletrônica, transforma a cidade atual em um grande “não-lugar” em comparação com a idéia de cidade moderna: o antigo modelo urbano, assim, torna-se “patrimônio histórico”, objeto de museu que funciona como “espelho” às sociedades contemporâneas. <sup>564</sup>

Essas questões, na percepção do cronista, aparecem na contradição entre “cenário” e “peça”, o antigo ambiente do encontro, do “ser” é utilizado para o deslocamento, um lugar de passagem. Em outra crônica, o autor foca sua atenção no esvaziamento populacional que ocorre nos fins de tarde na região central da cidade. Novamente aqui deixa transparecer que o caos observado é um contra-senso em relação às expectativas construídas naquela “outra” cidade. Traça, então, um paralelo com os crepúsculos vividos em uma fazenda, onde teria aprendido o sentido da palavra melancolia, para descrever a “fuga” coletiva da saudosa cidade:

Por certos deveres do ofício, hoje cruzo o centro de Porto Alegre na chamada hora do pico. A similitude com a velha e histórica chácara é inevitável. Ruas e avenidas ficam atrolhadas de veículos de variadíssimos calibres. As pessoas formam longas filas a espera de ônibus e lotações, ou caminham apressadas no rumo de suas casas no rumo de suas casas. Mal comparando, são rebanhos obedientes tornando aos currais, pardais e tico-ticos subitamente emudecidos, lojas que se fecham com a pontualidade de

<sup>562</sup> VIRILIO, 1999, op. cit. p.18.

<sup>563</sup> FEATHERSTONE, 2000, op. cit. p.191

<sup>564</sup> CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p, 240

galinheiros, caranchos de olhos em suas presas, postes e letreiros trêmulos como pirilampos, o dissonante concerto das buzinas. Não são, definitivamente, instantes aprazíveis, em particular se o contraponto é a súplica dos pedintes, a desesperança dos sem-teto, a insegurança que se lê em toda pressa e em cada face.<sup>565</sup>

A cidade contemporânea se apresenta ao cronista desprovida de sua “essência”, na medida em que perdeu os referenciais de uma suposta perfeição. Existe alguma coisa de “mito original” nessas referências a antiga cidade moderna: as comparações entre os “dois cenários” são mediadas por um certo maniqueísmo reducionista que deve ser relativizado. Como diz Foucault (1986), a história ensina que essas “solenidades da origem” devam ser questionadas. Pois, como afirma, “gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição”.<sup>566</sup> A Porto Alegre do “primeiro cenário” é pensada como o lugar da ordem, um passado que possuía um futuro, enfim, um conceito de cidade que não se coaduna a realidade observada agora. Os antigos espaços de socialidade, neste sentido, são normalmente lembrados como referências de uma estética centrada no público e os problemas existentes não são referidos. A necessária cautela crítica não invalida, todavia, as possibilidades analíticas dessas informações.

É o caso, por exemplo, da crônica intitulada “A cidade do não-tem”.<sup>567</sup> Nesta, o autor reconstrói um diálogo ocorrido em um aeroporto: ao encontrar uma antiga moradora de Porto Alegre é obrigado a responder suas indagações. Em tempo, sublinha tratar-se da transposição que é “em essência real”.

- Ainda tem o abrigo de bondes?
- Tem. Isto é: tem o abrigo, mas os bondes não passam mais lá.
- Ué. Por onde passam?
- Não passam. Não há mais bondes.
- E a Confeitaria Rocco, ainda tem?
- Tem. Quer dizer: o prédio está em pé, mas não é mais confeitaria. (...).
- Mas o Cinema Ópera ainda tem, não tem?
- Não tem. Nem o Ópera, nem o Central, nem o Rio, nem o Rex, nem uma porção de outros.
- Nem o Castelo?
- Nem o Castelo.
- E o footing da Rua da Praia? Esse é impossível não ter.

<sup>565</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. A palavra melancolia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 20 set. 2005. Segundo Caderno.

<sup>566</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p. 18

<sup>567</sup> CUNHA, Liberato Vieira da. **Tratado das tentações**. Porto Alegre, L&PM, 2002.



- Bom, depende do que a gente chame de footing. Se for uma multidão andando pra cima e pra baixo de olho em bolsas e carteiras, ainda tem.
- As coisas mudaram um pouco, hein?
- As coisas sempre mudam.<sup>568</sup>

Reflete depois sobre o que sobrou daquela cidade e cita o “ar de outono”, o “teatro São Pedro” e a “Usina do Gasômetro”. Ou seja: fragmentos desconexos que só fazem sentido enquanto fatos museais. A antiga cidade se transforma, para usar uma expressão de Giddens (2003), em uma idéia “casca”, existe apenas na aparência, forma com outra essência.<sup>569</sup>

Assim, em contraposição a essa realidade “melancólica”, Vieira da Cunha (2002) faz um retorno à antiga cidade moderna, aos “anos dourados”. Desses, alguns traços aparecem de maneira recorrente nos textos. Uma menor velocidade do fluxo urbano (pessoas e automóveis), uma estética mais sofisticada de seus habitantes e do perfil arquitetônico, segurança e práticas sociais mais cosmopolitas e gregárias.

Em “Os bondes de Buenos Aires”, por exemplo, ao salientar que esse meio de transporte está sendo revitalizado naquela cidade, faz um retorno assumidamente nostálgico à Porto Alegre de sua juventude. Até porque, segundo afirma, “uma das desvantagens da idade madura é a de ter saudade do que já não somos”.<sup>570</sup> Descreve, então, a “ambiência” do “primeiro cenário” tendo como síntese da época aquele meio de transporte.

Cresci em uma Porto Alegre povoada pelo balanço de Duques, Gasômetros e João Abbtts. Sob o abrigo da Praça XV, coroado pelo cometa dos fogões Berta, multidões bem-vestidas aguardavam ao anoitecer suas linhas, sem remoto temor de assaltos. A cidade era vagamente européia e dispunha de um rio anexo, esse mesmo que emparedaram com temor e pânico de enchentes que jamais chegaram. [...] Nada simbolizava melhor no entanto aquela época civilizada, em que, à saída de um baile da Reitoria, se podia cruzar ruas e bairros sem a menor sombra de medo, do que os bondes.<sup>571</sup>

<sup>568</sup> Ibidem, p.126.

<sup>569</sup> GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrolado**. O que a Globalização está fazendo de nós. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

<sup>570</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Os bondes de Buenos Aires. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 08 ago. 2006. Segundo Caderno.

<sup>571</sup> Ibidem, p.3.

Ao narrar a descoberta de um álbum fotográfico, cujo o tema era Porto Alegre, publicado em 1940, anterior a sua residência na capital, assume ser “tão nostálgico” que sente saudades até do que não viveu. As fotografias da obra, segundo afirma, procuram mostrar justamente a “transição”: “a capital adormecida durante decênios e que só pareceu despertar na década de 20 transforma-se rapidamente em uma metrópole moderna.” As fotografias focam os lugares mais sofisticados e os novos edifícios, permitindo ao autor fazer uma crônica a partir das imagens e de suas representações sobre a época. Em uma das fotografias:

Homens de fatiota (não sei se você sabe o que é isso) passam sem grande pressa pelas ruas, e os monumentos guardam intactas suas placas de bronze. Não há sombra de pichações. As mansões da Avenida Independência alinham-se majestosas, exibindo um certo ar europeu. [...])  
As praias do Guaíba são uma festa móvel de veleiros e águas cristalinas, a cinelândia da Rua da Praia se divide entre uma quase dezenas de estréias (...).<sup>572</sup>

Na conclusão comenta uma frase de Érico Veríssimo (da apresentação do referido álbum) em que o escritor afirma ser Porto Alegre a cidade mais amiga que conheceu e que não saberia viver muito tempo longe dela. Vieira da Cunha (2007) complementa: “nem eu, embora desconfie que a mui leal e valorosa perdeu sua paz, sua civilidade e sua segurança em algum lugar do passado.”<sup>573</sup>

À sofisticação dos transeuntes, o cronista faz associações com o aspecto ordeiro de uma sociedade que se mantém “sem pichações”, um rio ainda limpo e uma série de “estréias” que atraem a população para o antigo núcleo simbólico. Os problemas e as limitações da antiga cidade não aparecem nas crônicas que são, também, uma espécie de fuga de um presente suspeito. Mesmo que representações de um passado “reinventado”, a recorrência àquele universo diz muito, como um espelho, sobre as relações hoje estabelecidas na cidade. Vieira da Cunha (2007) estranha a cidade contemporânea, as pessoas assustadas ou “mal vestidas”, as alterações urbanas e a própria natureza: existe uma “poluição” de conjunto para

<sup>572</sup> VIEIRA DA CUNHA, Liberato. Saudade do que não vivi. **Zero Hora**, Porto Alegre, p, 3, 27 mar. 2007. Segundo Caderno.

<sup>573</sup> Ibidem, p.3.

quem compara os dois “cenários”. Tem-se aqui a conjugação que Guattari (1990) sugere em as “três ecologias”: a sociedade do consumo na velocidade da eletrônica afeta o meio-ambiente, a ordem social e as subjetividades individuais: infantiliza-se a opinião pública para evitar resistências políticas e não são apresentadas novas “cartografias existências”.<sup>574</sup> Para o presente, que lhe parece caótico e sem possibilidades utópicas, o cronista recria um refúgio na “antiga ordem”.

A percepção de caos e a solução de fuga também aparecem na crônica de José Goulart (2003). O autor questiona as possibilidades do mundo tecnológico e as incoerências de seus resultados. Talvez, por isso, a saída encontrada para sua “evasão” tenha sido justamente um cinema de shopping.

O mundo é um lugar inóspito para se viver. Não era para ser, mas é. E não era pra ser porque a compreensão que temos sobre as coisas, os avanços tecnológicos e científicos e a própria riqueza que vem de graça e nos é dada pela natureza já seriam suficientes para uma vidinha boa por aqui. Só que não é assim. Há uma espécie de neurose coletiva que morde nossas coxas, explode os intestinos, rebenta nossos cérebros. É o caos. Violento, despudorado, incompreensível. E essa sociedade neurotizada atenta contra si o tempo inteiro. Atenta contra o que resta de singular no homem. É o suplício da submissão coletiva (...). Sendo assim e em razão disso, ou apesar disso, me encontro num shopping center. É a loucura miniaturizada.  
575

Ir a um cinema de shopping é uma espécie situação síntese do raciocínio que vem se tentando expor aqui. Virilio (1993) fala, nesse sentido, da atual superioridade das “transparências” em relação à “aparências” de uma “arquitetura vídeo-eletrônica” construída pelo espaço/tempo do cinema que substitui a antiga topografia. A tela passa a ser a encruzilhada de todos os fluxos de comunicação, enquanto que o antigo espaço do encontro público, abandonado, transforma-se em uma “paisagem fantasmagórica”.<sup>576</sup> Ou ainda, como diz Featherstone (2000), as janelas que davam para a rua são substituídas pela tela, transformando o *flânerie* dos antigos espaços públicos em espectador imobilizado.<sup>577</sup> Os cinemas, ao se transferirem para os shoppings, exemplificam o ocaso da cidade moderna: o discurso da “transparência”

<sup>574</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990. p. 24 a 30.

<sup>575</sup> GOULART, José Paulo. Embriagado de amor. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 18 ago. 2003. Segundo Caderno.

<sup>576</sup> VIRILIO, 1993. op. cit. p. 19 e 21.

<sup>577</sup> FEATHERSTONE, 2000. op. cit. p. 189.

cinematográfica representa, de certa forma, o próprio modelo arquitetônico de um espaço privado e afastado do “antigo” tempo da cidade moderna.

A leitura dessa dicotomia aparece de maneira sensível nos cronistas contemporâneos, mas o saudosismo não é unânime. Quando, em 2005, foi novamente discutida a idéia de recolocar uma linha de bonde no Centro de Porto Alegre, o debate ascendeu lembranças da antiga cidade. Nilson Souza (2005) publica, então, “Bonde sem volta” para dizer que “[...] toda a vez que alguma autoridade ressuscita a idéia de retorno dos bondes a Porto Alegre, a imaginação das pessoas dispara pelos trilhos da memória.”<sup>578</sup> Das pessoas que viveram a época e possuem histórias pessoais ligadas ao pitoresco meio de transporte, salienta. Para ele, contudo, a saudade dos bondes se explica mais pela juventude dos então usuários do que por razões técnicas. Apresenta, então, o seu entendimento do fluxo histórico:

O último bonde circulou na Capital em março de 1970. Tudo era diferente então: as pessoas, a cidade, o mundo e também os nossos projetos. Observem que não estou afirmando que a vida era melhor, pois cada época tem coisas boas e ruins. Basta comparar os meios de transporte.<sup>579</sup>

É o caso também de Moacyr Scliar (2004) em “Adeus, Baltimore”. Inicialmente o autor reconhece o papel que o antigo cinema de rua desempenhou no bairro Bom Fim, deixando transparecer as antigas socialidades. “Com ele desaparece uma parte da história da nossa cidade. Cinema de bairro, o Baltimore era uma instituição; para ali convergia a população nas noites de sábados e nos domingos à tarde.”<sup>580</sup> Depois de narrar alguns episódios ligados ao cinema e de defini-lo como uma “usina de sonhos”, contudo, Scliar demonstra naturalidade em relação a inevitável lógica das cidades: “não devemos chorar pelo Baltimore; cidades são dinâmicas, cidades crescem e mudam, prédios são demolidos e construídos.”<sup>581</sup>

As cidades mudam e sempre mudaram, não existe nada de novo nesta óbvia constatação. O que muda são as reflexões em relação ao passado e os projetos de

<sup>578</sup> SOUZA, Nilson. Bonde sem volta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 20 jan. 2005. Segundo Caderno.

<sup>579</sup> Ibidem, p.3.

<sup>580</sup> SCLiar, Moacyr. Adeus, Baltimore. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 06 abr. 2004.

<sup>581</sup> Ibidem, p.3.

futuro. Assim, para os cronistas do “primeiro cenário”, a cidade provinciana deveria incorporar uma estética de metrópole para antecipar o futuro e romper com o passado “colonial”. A teleologia moderna norteava o imaginário e indicava os caminhos da cidade e as formas de vivenciá-la. O “espetáculo” da “vida das cidades”, contudo, como apresentado por Theodomiro Tostes, acontecia essencialmente em algumas ruas do antigo Centro, apenas na “sala de visitas” da capital. A consciência desses limites ampliam a carga de expectativas sobre esta região da cidade que é remodelada e vivida dentro da lógica (ou estética) de um imaginário essencialmente atrelado às imagens metropolitanas. Até a década de 1960, aproximadamente, as representações dos memorialistas ou dos cronistas da época quando falam da cidade de Porto Alegre, estão essencialmente a falar do centro.

No “segundo cenário”, todavia, parece existir certa dificuldade em se abandonar a idéia de cidade moderna ao mesmo tempo em que não se tem, e talvez justamente por não se ter, um projeto de devir. O grande silêncio em relação ao futuro da metrópole é compensado pelos constantes e saudosos retornos literários ao antigo Centro, por parte de alguns cronistas.



Figura 10: Shopping Iguatemi – 2007<sup>582</sup>

<sup>582</sup> Acervo Particular Luiz Maroneze. Autor: Luiz Maroneze.

No amplo, fragmentado e caótico espaço da atual metrópole não existe um “centro”: a própria idéia de espaço, como demonstrado acima, é sublimada por um outro regime de tempo. As socialidades públicas perdem espaço para a velocidade do deslocamento e para as próteses tecnológicas: os shoppings e os terminais de computadores substituem então a antiga rua que, abandonada, tende a ser mais violenta. A teatralização da vida pública moderna, que ocorria no Centro da antiga cidade, transforma-se, então, em parâmetro comparativo. Neste contexto, o cronista estranha o desaparecimento de seu objeto de reflexão: a idealizada cidade moderna, ao declinar, compromete, no limite, até o próprio gênero literário, filho legítimo daquela ambiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões da história surgem do presente e a ele se destinam. O passado que, por definição, já não mais existe leva os historiadores a elaborar reconstruções históricas como forma de pensar o contemporâneo. Assim, partiu-se do questionamento do porquê da valorização da “antiga cidade moderna” de Porto Alegre em um contexto de crise da cidade contemporânea, para se realizar uma análise comparativa entre o que foi definido na pesquisa como sendo duas “ambiências” históricas distintas. Desse modo, da constatação de que um número considerável de trabalhos sobre Porto Alegre buscavam de alguma maneira reencontrar o sentido do projeto moderno e no intuito de compreender a crise do mesmo no contexto contemporâneo da cidade, levou-se a termo esta investigação.

Trabalhos de pesquisa na área da história, da arquitetura e do urbanismo que se concentraram, em linhas gerais, na primeira metade do século XX, demonstraram a hegemônica presença das idéias modernas na construção das socialidades urbanas e seus espaços, no desenho arquitetônico, nas reformas urbanas e até nas representações fotográficas da cidade. Apesar das resistências sempre presentes, a crença na teleologia da ciência e nas novas técnicas engendrou o compasso do vivido citadino da capital, durante esse período. A partir da década de 1990, principalmente, muitas pesquisas sobre a cidade focaram um passado em que a aposta na vida pública urbana de feições cosmopolitas apresentava-se prenhe de expectativas. Em uma época em que o “progresso”, o “crescimento” e a “vida das cidades” opunham-se ao provincianismo percebido e negado.

Por que vem ocorrendo esse retorno à cidade moderna? Formulou-se, por hipótese, que as pistas a essa problemática poderiam estar na própria crise do ideário moderno que também se refletia na cidade de Porto Alegre. Realizou-se, então, uma leitura das idéias essenciais em obras que são referência nesta discussão para, em um segundo momento, analisar o imbricamento com a fala dos cronistas da capital dos “dois cenários” aqui tratados.

Morin (1991), nesse sentido, afirma que a agonia da modernidade, uma idéia-força que se havia transformado numa espécie de religião suscita uma crise de futuro com dois desdobramentos principais: um “neofundamentalismo” que busca enraizar-se na tradição, por um lado, e um “pós-modernismo” que rompe com o passado e com a história, por outro. Para o filósofo da complexidade esse maniqueísmo restringe e simplifica as possibilidades de escolhas oferecidas pelas “bifurcações do caminho”.<sup>583</sup> Importantes intelectuais têm-se debruçado também sobre o tema e apontam, com maiores ou menores diferenças, para uma crise das idéias modernas que se refletem diretamente nas cidades, palco maior de suas representações.

Giddens (2003), por exemplo, identificou, na globalização econômica e cultural ampliada pelos meios de comunicação a partir dos anos 1960, um “processo revolucionário” na organização da vida ocidental. Dos antigos conceitos e instituições, permanece somente a “casca”, diz o autor. Fato que explica para ele o “descontrole” do mundo contemporâneo.<sup>584</sup> Baudrillard (2003), de forma semelhante, relaciona as novas tecnologias, a globalização e os meios de comunicação à crise do moderno. O “universal” perde terreno para o “virtual” e cria uma nova relação espaço/tempo, situação que põe em risco a democracia e os antigos valores modernos.<sup>585</sup> A violência e o niilismo ganham, assim, espaço no vazio da antiga ordem. Para Lévy (1999), o imenso crescimento e sofisticação dos meios de comunicação criaram, nas últimas décadas, um “universal sem totalidade”,

---

<sup>583</sup> MORIN, Edgar; BOCCHI, Gianluca. CERUTI, Mauro. **Os problemas do fim do século**. Lisboa: Editorial Notícias, 1991. p.13.

<sup>584</sup> GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrole**. O que a Globalização está fazendo de nós. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.28.

<sup>585</sup> BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Requiem para as Twin Towers. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 55.



uma paradoxal “cibercultura” que altera inclusive as funções urbanas e as suas socialidades.<sup>586</sup>

Estes e outros autores citados confluem para um certo consenso de que o impacto das novas mídias eletrônicas e as alterações econômicas, dos anos 1970 em diante, tiveram forte impacto sobre a cultura das cidades modernas. Fato que, como demonstrado no 2º capítulo desta tese, também foi percebido em Porto Alegre. Situação que denuncia, diga-se de passagem, a “sintonia” dessa cidade aos fluxos históricos globais.

A crise do moderno também foi revista no que concerne às especificidades do urbano. Autores contemporâneos indicaram questões que demonstram uma íntima relação entre as alterações acima citadas e as profundas mudanças físicas e funcionais da antiga cidade moderna. É o caso do urbanista Walter Prigge (2002) que associa os processos econômicos e midiáticos contemporâneos ao ocaso da cidade moderna: o fim do núcleo urbano, local do encontro público por excelência, assim como os lugares de referência são superados pelos encontros virtuais. A “antiga cidade moderna” é então “musealizada” e os eventos culturais “privatizados”.<sup>587</sup> Tem-se aqui a contemporaneidade do não contemporâneo, ou seja: a cidade, espaço físico e simbólico que agregava um projeto de futuro, apresenta-se agora aquém das novas lógicas impostas pelo tempo.

Virilio dirá, sublinhando as idéias acima citadas, que o entendimento da decadência das metrópoles, para além do declínio industrial, passa pela compreensão de um novo regime de historicidade, de pensar o “trans-histórico”. O mundo das mídias eletrônicas criou uma crise de percepção em relação à cidade; o que existe agora, no seu entendimento, é uma “arquitetura vídeo-eletrônica”. A antiga cidade dos “materiais visíveis” é transformada pelas conexões eletrônicas em “fóssil de sociedades passadas”. Outros autores analisados como Featherstone e Choay indicam interpretações semelhantes, demonstrando que a temporalidade eletrônica e as novas mudanças que engendram, alteram radicalmente as funções e o imaginário da antiga cidade moderna. Diante desta cidade que, de certa forma,

---

<sup>586</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p.111.

<sup>587</sup> PRIGGE, Walter. **Metropolização**. IN: PALLAMIN, Vera (org.). Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 52.

não existe mais, procurou-se observar de que maneira os cronistas contemporâneos “liam” esse novo “espaço circundante” e que sentidos buscavam na memória dos antigos modelos.

A utilização dos cronistas exigiu também a análise de obras que, além de demonstrar o desenvolvimento do gênero no Brasil (para alguns autores a fórmula é genuinamente brasileira), também demonstram suas possibilidades como fonte histórica. Notadamente para um contexto em que a velocidade das conexões eletrônicas tornam-se hegemônicas. Com este propósito, encontrou-se, na história das idéias, um recurso teórico para a utilização da arte ficcional na construção historiográfica. Pois, como explica Baumer (1977), são os artistas, os literatos e os cientistas quem “articulam melhor as idéias e as crenças que circulam em uma sociedade” sintetizando as “pré-concepções” e “pré-suposições” que a população em geral absorve de seu “ambiente mental”.<sup>588</sup> Partindo-se desta referência, foi possível articular também os conceitos de imaginário e memória, tendo por base documental a crônica jornalística.

Após a articulação teórica do primeiro capítulo, fez-se então uma tentativa de contextualizar os “dois cenários”. O primeiro, que abrigou de maneira enfática as idéias modernas e seu imaginário na capital estendeu-se do início do século XX até o final da década de 1960, aproximadamente. Neste, a tensão entre “província” e “metrópole” e o afã progressista indicavam o caminho do progresso, a certeza da teleologia moderna. Pretensões que Theodomiro Tostes definiu como “Bovaristas”: expressão que denota uma insatisfação de pessoas ou sociedades com os limites de sua realidade e a faz criar, pela ambição, expectativas acima destes patamares, gerando uma falsa idéia de si mesmo. Entretanto, a partir da década de 1920, a cidade vai ser remodelada e “atualizada” em consonância com o ideário de metrópole como divulgado pelos jornais (crônicas), revistas e romances da época que seguiam as imagens européias ou norte-americanas. Mesmo que o hegemônico discurso da metropolização tenha tido sempre seus críticos, fato comum na tradicional oposição entre o tradicional e o moderno, o projeto de metrópole foi em parte concretizado. Os chamados “anos dourados” parecem ter sido a conciliação dos anseios da “vida das cidades” com o ritmo ainda tranqüilo da província.

---

<sup>588</sup> BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. VI.eVII séculos XVII e XVIII. Lisboa. Edições 70, 1977. p.22 e 23.

Entretanto, na periodização quase unânime dos cronistas, a partir de meados da década de 1960, o projeto perde seu sentido original. É interessante notar que as transformações percebidas deste momento em diante coincidem com as informações dos urbanistas e sociólogos antes citados. As cidades ocidentais modernas, antes concêntricas, transformam-se em palco para o deslocamento rápido de automóveis, em vias expressas e impessoais, e para os fluxos de informações eletrônicas, com a TV, principalmente nos anos 70, e com a rede mundial de computadores nos anos 90. Assim, se o jornal era artigo indispensável para as “palestras de café”, para os encontros públicos da antiga cidade moderna, como se referia Tostes em suas crônicas, dos anos 20 e 30, a TV segue o caminho do virtual e do recolhimento.

O “segundo cenário” foi percebido, através da pesquisa, como sendo o período de questionamento do projeto de metrópole. A tecnoburocracia fundamentada pelo urbanismo da “Carta de Atenas” e os amplos poderes do executivo municipal redesenham a cidade para o deslocamento de automóveis, numa geografia em que as distâncias impõem novas necessidades. As reformas, exageradas ou não, marcaram o período como sendo um divisor de águas entre a sempre lembrada cidade dos cafés, das conversas na Rua da Praia, dos lentos e charmosos bondes (extintos justamente nesse momento) e o espaço urbano, que passa a ser percebido como “desumano” em meados dos anos 1970. As reportagens analisadas demonstraram uma inversão de valores em relação aos ícones modernos do “primeiro cenário”. Automóveis e ônibus são vistos agora como poluidores e “desumanizantes”; Nova Iorque, símbolo antes copiado e que figurava com seus prédios em fotos da Revista do Globo nos anos 30 é, nos anos 70 um exemplo a ser evitado por estar em fase de “degradação eloqüente”; a verticalização e os famosos “arranha-céus” aplaudidos no primeiro cenário, tornam-se suspeitos neste período.

As crônicas escritas nos anos 90, quando retratam esta passagem, são unânimes em “periodizar” o rompimento entre uma “ambiência” e outra, demonstrando que aquela “antiga cidade moderna” era na verdade um espaço ainda pequeno e provinciano que ensaiava passos de metrópole. Era percebida como um lugar realmente moderno na medida em que incorporava idéias otimistas em relação

ao futuro. Contudo, quando de fato a metrópole configura-se, o que deveria ser ordem e redenção é percebido como caos. “A minha Porto Alegre não existe mais” diz, em 1994, Flávio Loureiro Chaves fazendo um paralelo entre os dois contextos.

No intuito de ampliar a comparação entre esses “dois cenários”, realizou-se, no capítulo 3, a análise de duas obras de Theodomiro Tostes. A primeira, “Nosso Bairro: memórias”, escrita justamente em meados da década de 1970, é composta por “crônicas de memórias” em que o autor percorre as ruas de sua juventude para descrever a ambiência do Centro (leia-se a “cidade” daquele momento), os espaços de socialidade e seus personagens. A segunda, “Bazar”, é uma compilação de crônicas publicadas no jornal Diário de Notícias nos anos 20 e 30. Nestas, através do cotidiano “bovarista” do centro da cidade, o autor “fotografa” a antiga cidade moderna ou a provinciana urbe em seus “ensaios” de metrópole.

Em suas memórias, em que muitos nomes importantes da intelectualidade cidadina são lembrados, o protagonista é a cidade. Esta, sempre festejada pelo cronista, é descrita metaforicamente como uma “vitrine”, onde tudo está exposto para ser olhado. Tostes, seus amigos poetas e os vários “tipos populares” só fazem sentido na lógica daquelas socialidades públicas. A Rua da Praia, enquanto núcleo daquele cenário, abrigava, então, os principais cafés, bares e restaurantes da cidade, locais do encontro, do “estar junto”, enfim, de um estilo de vida cultuado naquele momento. As livrarias, os cinemas, os jornais e o próprio cosmopolitismo típico da época funcionavam como “alimentadores” para aquele imaginário de cidade moderna.

As leituras dos clássicos ou das novidades nacionais e internacionais eram oferecidas nas livrarias do Centro. A Livraria do Globo aparece, então, como uma instituição social nas lembranças de Tostes: fonte de informação, local de encontro e espaço para publicação. À frente de suas vitrines mantinha-se, ao longo do dia, uma “roda” de “expoentes literários” que, além de uma prática social cotidiana, era considerada também “ponto turístico” aos visitantes.

Na mesma lógica, os jornais são citados pelo autor como parte integrante daquela ambiência. Tostes, ele mesmo um “homem de jornal”, como o definiu Carlos Reverbel, escrevia suas crônicas no Diário de Notícias a partir de temas colhidos,

normalmente, nas ruas do Centro. A redação do Diário, a Rua da Praia e o Café Colombo absorviam boa parte da rotina diária do cronista, fato que demonstra bem os limites e a forma daquele cotidiano. As notícias, as crônicas e os próprios jornais são parte do imaginário das ruas e, portanto, intimamente envolvidos como a “vida pública” cultuada.

O *footing*, sempre lembrado pelos mais variados memorialistas da cidade, também é citado em “Nosso Bairro”. Tratava-se de uma prática social que sintetizava os anseios metropolitanos de uma sociedade que se sabia provinciana. Novamente aqui, a Rua da Praia pode ser vista como uma vitrine. A “multidão”, um ícone dos grandes centros urbanos, reúne-se em uma única rua e no seu entorno para literalmente teatralizar o “espetáculo da vida moderna”. Nesta, os neons das lojas sofisticadas, dos cafés, etc. ajudam a compor o cenário para a “interpretação” das imagens parisienses, por exemplo: vivia-se, portanto, uma metrópole imaginária no centro de uma pequena cidade, um “bovarismo” na opinião do cronista.

Na obra “Bazar”, as crônicas analisadas descrevem o heterogêneo cotidiano da cidade (leia-se, do Centro). Poetas, bêbados e prostitutas exploram a noite, madames “excessivas” e burgueses, entre outros, mais diurnos, compõem o complexo cenário. Também aqui, os personagens aparecem como reproduções do imaginário moderno onde o próprio cronista coloca-se como um *flâneur* sofisticado que, como diz Baudelaire (1997), deve “tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório.”<sup>589</sup> Leitor dos clássicos franceses, Tostes incorpora influências Simbolistas e Modernistas em suas crônicas tanto para descrever e, de certa forma, aplaudir os poetas boêmios; quanto para questionar os tipos calculistas e “burgueses”. Suas críticas irônicas à sociedade da época iam de encontro à ordem e a excessiva racionalidade dos padrões da época. Em nenhuma das crônicas compiladas em “Bazar”, porém, é feita qualquer menção a algum tipo de violência ou insegurança social. Ao contrário, o monótono cotidiano da província que se finge de metrópole é que recebe as críticas do autor.

A influência do imaginário metropolitano, parisiense sobremaneira, aparece em muitos momentos. A boemia é um exemplo ao mesmo tempo vivenciado e

---

<sup>589</sup> BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1997. p. 24.

analisado por Tostes. Ao lado de Augusto Meyer e de outros expoentes literários da época, que compunham o chamado “grupo modernista”, o autor viveu a boemia como uma “forma social”, um estilo traduzido ao imaginário europeu. Os lugares e os personagens que descrevia ou criava transitavam pelas noites de uma cidade que cultuava o encontro público. Lia-se sobre a “vida das cidades”, escrevia-se sobre ela e também vivia-se suas possíveis traduções.

Talvez por isso, Theodomiro Tostes tenha sido o cronista mais lido durante o período em que atuou no jornalismo porto-alegrense. Seus trabalhos, ao retratar prioritariamente o acontecer daquele cotidiano que teatralizava o “espetáculo moderno”, tendia a ser bem recebido pelos leitores - que eram também parte daquele imaginário.

Acredita-se aqui que a cidade descrita nas obras de Tostes é, em grande parte, aquela nostalgicamente lembrada pelos cronistas do “segundo cenário” ou pesquisada pelos historiadores. Mesmo que muitas mudanças tenham ocorrido até a década de 60, a “ambiência” de uma cidade que possuía um centro sofisticado, aglutinador e palco das socialidades públicas permaneceu até aquele momento. A Porto Alegre sempre lembrada é a da província transformando-se em metrópole: cidade do *footing*, dos cafés, dos bondes, das casas sem grades, da paz e de um projeto de futuro. Quando de fato a metrópole faz-se presente, o futuro volta-se para o passado ou é silenciado.

Por trás destas percepções e para além dos problemas específicos de toda grande cidade, o que muda a partir dos anos 70 é o regime de historicidade. As cidades adquirem um outro sentido. Segundo os autores apresentados no primeiro capítulo, as alterações históricas a partir desta década, vinculadas principalmente às novas tecnologias eletrônicas, foram responsáveis pelo declínio de uma “cultura da vida pública urbana” e uma conseqüente “privatização” das relações sociais. A crise da cidade moderna pressupõe também o declínio de uma utopia de futuro: não existem mais cidades a servirem de modelos.

Concluiu-se a estrutura da pesquisa com “O cenário de Porto Alegre na ótica dos cronistas contemporâneos”. Nesse capítulo, procurou-se, então, dar voz aos cronistas contemporâneos para, além de buscar as idéias e temas que os mesmos

veiculam sobre a cidade, tentar entender as razões subjacentes. O propósito foi o de descrever a “ambiência” da última década, tendo como pano de fundo as alterações históricas já discutidas, objetivando criar um parâmetro comparativo.

As falas dos cronistas foi então dividida por temas que, de alguma forma, tangenciam a questão da cidade. O primeiro, relativo ao problema da violência, é, sem dúvida, o que ocupa maior dimensão e espaço em suas colunas. A insegurança urbana é percebida como algo mundial que tem aqui especificidades locais.

Nas descrições cotidianas da violência, os cronistas apresentam menos as causas do que as conseqüências simbólicas para o imaginário da cidade. Existe uma estética do medo que a imprensa ajuda a reproduzir e que não é desmentida pelos números oficiais. As narrativas sugerem desordem e falta de expectativas em relação às possibilidades das ruas cumprirem seu antigo papel. Neste contexto, o antigo “culto moderno” das socialidades públicas sofre radicais alterações. O deslocamento supera o encontro e o comércio tende a transferir-se para os shoppings ou gradear as portas. O “bazar” de sensações expostos nas “vitrines” admiradas por Tostes, expressões que envolviam as pessoas também, não tem o mesmo sentido. O próprio universo privado das residências, por exemplo, transformadas em fortalezas gradeadas com cercas elétricas, estão desconectadas do antigo universo público. Assim, os condomínios fechados, enquanto “feudos moderno”, segundo afirma Luis Fernando Veríssimo, apresentam-se como exemplo flagrante.

A “privatização” daquele antigo modelo de convivência tem efeitos também na discussão que os cronistas fazem dos valores sociais. O complexo ambiente contemporâneo, saturado de recursos eletrônicos e centrado na idéia de consumo, cria, nos muitos grupos sociais, subjetividades nem sempre conciliáveis. Como observou Guattari (1990), as novas tecnologias criaram rupturas “existencializantes” de sentido, que, ao se distanciarem dos modelos tradicionais de “regulação social” geram profundos problemas na “ecologia” social.<sup>590</sup>

A questão da “aceleração do tempo” não passa despercebida pelos cronistas contemporâneos. As possibilidades oferecidas pelas rápidas conexões eletrônicas

---

<sup>590</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1990. p.7.

trazem também transtornos, na medida em que sobrecarregam de trabalho possíveis espaços para o ócio (leia-se também encontro social). No contexto dessa “revolução” associada à informática, pequenas tradições desaparecem, enquanto novos hábitos surgem rapidamente. A “aldeia global”, contudo, na leitura dos cronistas, pende mais para o provincianismo do que, como se poderia supor, para o cosmopolitismo. Opiniões que se aproximam, por exemplo, dos pensamentos de Baudrillard (2003) sobre a globalização eletrônica. Para ele, trata-se de um processo que particulariza o “universal”, pondo em risco as possibilidades da ordem moderna.

591

A temática da cidade contemporânea aparece através das referências ao imaginário da “antiga cidade moderna” como contraponto de uma reflexão final. No saudosismo de alguns cronistas ou no espírito mais aberto de outros, a dicotomia entre os “dois cenários” aqui trabalhados é uma constante. Enquanto Liberato Vieira da Cunha entende que a antiga cidade era “muito mais perfeita”, na medida em que se pautava pela lógica das socialidades públicas, Veríssimo entende que o antigo projeto de futuro daquela modernidade era “obsoleto”. Entretanto, em nenhum caso, é apresentado algum tipo de utopia organizadora, a cidade do agora não tem uma teleologia; sobre o futuro existe o silêncio. O fim das certezas modernas, como afirma Prigogine, (1996) perpassa também as impressões dos que pensam o urbano contemporâneo, sejam cronistas ou historiadores. As leituras apontam mais para o que deixou de ser do que para definições afirmativas. Se, como diz Choay, a cidade hoje é um grande “não-lugar”, um “patrimônio histórico” para o turismo, ou um “fóssil fantasmagórico”, como diz Virilio, então o que é? Que papel possui para a História ou, se já não tem nenhum, que história deve-se fazer? E o estatuto da crônica, colado a uma “não-cidade”, como fica?

Com o “fim das certezas”, a construção histórica também se torna mais complexa, menos conclusiva e mais aberta. Todavia, como diz Baumer, muito do conhecimento humano sempre foi devotado a busca compreensiva da “vasta confusão” que nos cerca. “Isto é, na verdade, em parte o que significa ser humano:

---

<sup>591</sup> BAUDRILLARD, op. cit. p. 55.



pensar acerca do significado.”<sup>592</sup> Não foi outra a pretensão neste trabalho, ainda que as dúvidas continuem pairando bem acima do entendimento.

---

<sup>592</sup> BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. VI.eVII séculos XVII e XVIII. Lisboa. Edições 70, 1977. p. 293.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

### Bibliografias

ABRÃO, Janete Silveira. **Banalização da morte na cidade calada**. A hespanhola em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ARANTES, Antonio. (org.) **O Espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **Produzindo o passado**. Estratégias de construção do patrimônio cultural. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ARÊAS, James Bastos. **Bérgson: a metafísica do tempo**. In: DOCTORS, Márcio. (org.) **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ARIÈS, Philippe. **A Família e a cidade**. In: VELHO, Gilberto e FIGUEIRA, Sérvulo. (orgs.) **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

ARMANI, Carlos Henrique. Velocidade, Tempo, Memória e a História das Idéias. **Histórica**, APGH – PUCRS: Porto Alegre: n° 6, p.21 -28, 1996.

AREND, Adriana. **Através da vidraça** – Imagens do cotidiano por Theodomiro Tostes. Porto Alegre: 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras/PUCRS, 2000.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. O Muro. In: FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994.

AUGE, Marc. **Não lugares**: introdução a antropologia da supermodernidade. Campinas, SP:Papirus, 1994.

ÁVILA, Maria de Fátima. Porto Alegre:1996. Dissertações e teses. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (os pensadores)

BAKOS, Margaret Marchiori. **A continuidade administrativa no governo municipal de Porto Alegre (1897 – 1937)**. São Paulo: 1986. Tese (Doutorado em História). USP, 1986.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BARROS, Fernando Ferreira. **Os avanços da tecnociência, seus efeitos na sociedade contemporânea e repercussões no contexto brasileiro**. In: Baumgarten, Maíra. (org.) **A era do conhecimento: Matriz ou Agora?** Porto Alegre/Brasília: Ed. Universidade/UFRGS/Unb, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Ed. Paz & Terra, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Requiem para as Twin Towers. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zigmund. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMGARTEN, Maíra (org.). **A era do conhecimento: Matrix ou Agora?** Porto Alegre/Brasília: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. UnB, 2001.

BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. VI.eVII séculos XVII e XVIII. Lisboa. Edições 70, 1977.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo global**. Madrid: Siglo XXI Editores, 2002.

BELLO, Helton. **Arquitetura e planejamento urbano em Porto Alegre**: dos anos 30 aos anos 70. In: KRAWCZYK, Flávio.(org.) **Da necessidade do moderno**: o futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas** – magia e técnica, arte e política. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGSON, Henri. **A consciência e a vida**. Conferências. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BISSÓN, Carlos Augusto. (org.) **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993.

BRAGA, Rubem. **Uma fada no front**. Introdução e seleção de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes & Ofícios ed., 1994.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade, cidadania e imaginário**. In: SOUZA, Célia Ferraz e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas**: os diversos olhares sobre a formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

\_\_\_\_\_.(org.) **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história - novas perspectivas**. São Paulo: EUEP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: EUSP, 1987.

BRAZIL, Zeferino. **Bohemia da penna**. Prosa velha. Porto Alegre: Ed. Globo, 1932.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. p. 61

CÂNDIDO, Antônio [et. Al.] **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Fundação Casa Rui Barbosa. 1992.

\_\_\_\_\_. **A vida ao rés-do-chão**. In: CÂNDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CANEZ, Ana Paula. **Acervos Azevedo Moura Gertun e João Alberto: imagem e construção da modernidade em Porto Alegre**: UniRitter Ed., 2004.

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CARNEIRO, Luiz Carlos. **Porto Alegre – de Aldeia a Metrópole**. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira; Oficina da História, 1992.

CARVALHO, Haroldo Loguercio. **A modernização em Porto Alegre e o Majestic Hotel**. In: ÁVILA, Maria de Fátima. Porto Alegre: 1996. Dissertações e teses. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In: PESAVENTO, Sandra. (org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CENTURIÃO, Luiz Ricardo. **A cidade colonial no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade e desvio social**. Ensaios de antropologia social. Curitiba: Juruá, 2003.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. A História entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAVES, Flávio Loureiro. A área das letras está morta (entrevista). In: **Revista Porto & Vírgula**. Porto Alegre. Ano III, nº18, Set. 1994.

\_\_\_\_\_. **El mundo como representacion**. Estudios sobre historia cultural. Barcelona: Eitorial Gedisa, 1996.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. A conquista do tempo noturno: Porto Alegre “moderna”. **Estudos Ibero-americanos** – Revista do Departamento de História – PUCRS. Porto Alegre, Edipucrs, v.XX, nº 2, dezembro 1994.

\_\_\_\_\_. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-americanos** – Revista do Departamento de História – PUCRS. Porto Alegre, Edipurs, v.XXVI, nº 1, Julho, 1998.

\_\_\_\_\_. **O italiano da esquina. Imigrantes na sociedade porto-alegrense**. Porto Alegre, EST, 1991.

\_\_\_\_\_. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre: v. XXVIII, n.1, p.183 – 194, junho, 2002.

COPSTEIN, Jaime. **Anotações para a história do rádio em Porto Alegre**. In: BISSON, Carlos. (org.) **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/SCRGS, 1993.

COROACY, Vivaldo. **Encontros com a vida. Memórias.** Rio de Janeiro, José Olímpio, 1962.

COSTA FRANCO, Sérgio da. **Em paz com a vida.** Porto Alegre: CORAG, 1990.

CUNHA, Liberato Vieira da. **Tratado das tentações.** Porto Alegre, L&PM, 2002.

CRUZ, Cláudio. **Literatura e cidade moderna – Porto Alegre 1935.** Porto Alegre: EDIPURS, 1994.

DAGNINO, Evelina. (org.) **Os anos 90: política e sociedade no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

DAMÁSIO, Cláudia Pilla. **A construção e a imagem cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século.** In: SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette.** Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEGRANDI, Celito. **Loureiro da silva: o charrua.** Porto Alegre: Literalis, 2002.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Porto Alegre 1900 – 1920.** Estatuária e ideologia. Porto Alegre: FPCS, 1992.p 5

DOCTORS, Márcio. (org.) **Tempo dos tempos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

DORNELLES, Beatriz (org.) **Porto Alegre em destaque: história e cultura.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DUPAS, Gilberto. **Tensões contemporâneas entre o público e o privado.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2003.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELMIR, Cláudio Pereira. **Os anos dourados de Porto Alegre**: a construção de um mito da idade de ouro na memória da cidade. In: HAGEM, Acácia e MOREIRA, Paulo. **Sobre a rua e outros lugares**: reinventado Porto Alegre. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.

FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**. Globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

\_\_\_\_\_. **O flâneur, a cidade e a vida pública virtual**. In: ARANTES, Antonio. (org.) **O Espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Achados e perdidos**. Crônicas. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

\_\_\_\_\_. **Em paz com a vida**. Crônicas. Porto Alegre: ARI/CORAG, 1990.

\_\_\_\_\_. **O território de Theo**. IN: TOSTES, Theodomiro. **Nosso Bairro** – Memórias. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989. p.9.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: associação comercial de Porto Alegre, 1983.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 3ª ed. Porto Alegre: ed. Universidade / UFRGS, 1998. p.406

\_\_\_\_\_. **Ruas Mortas**. Crônicas. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1977.



FUHRO, Henrique. **Porto Alegre é o meu ponto**. In: GONZAGA, Sérgio; FISCHER, Luiz Augusto; BISSÓN. (Orgs.) Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 184.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

GALVANI, Walter. **Crônica: o vôo da palavra**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

\_\_\_\_\_. **Lição número um**. In: FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994.

GAUER, Ruth Maria Chittó. **Alguns aspectos da fenomenologia da violência**. In: GAUER, Gabriel Chittó e GAUER, Ruth Chittó. (orgs.) **A fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 1999.

\_\_\_\_\_. **A construção do Estado-Nação no Brasil**. A contribuição dos egressos de Coimbra. Curitiba: Juruá, 2001.

GAUER, Gabriel e GAUER, Ruth. (orgs.) **A fenomenologia da violência**. Curitiba: Juruá, 1999.

GAUER, Ruth M. C. **A modernidade portuguesa e a Reforma pombalina de 1772**. Porto Alegre: EDIPURS. 1996.

\_\_\_\_\_. **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro. Lúmen Júris, 2004.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento e aceleração (Mito, verdade e tempo)**. IN: GAUER, Ruth M. Chittó. (org.) **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrole**. O que a Globalização está fazendo de nós. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GONDAR, Jô. (org.) **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

GONZAGA, Sérgio. **Confissões de um adolescente interiorano**. In: BISSON, Carlos. (org.) **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993.

\_\_\_\_\_. et al. **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

GOUVÊA, Paulo de. **O grupo – outras figuras, outras paisagens**. Porto Alegre, Movimento, IEL, 1976.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1990.

GUIMARÃES, Regina Beatriz. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: v. XXXII, n.1, p.143-155, junho, 2006.

HAGEN, Acácia e MOREIRA, Paulo Roberto. **Sobre a rua e outros lugares: reinventando Porto Alegre**. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARNISCH, Wolfgang. **O Rio Grande do Sul – A terra e o homem**. Porto Alegre: Globo, 1941.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. “Como escrever a história da França?”. **Anos 90**, n. 7, p.05 – 28, Jul. 1997.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 10ª ed. 2001.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IANNI, Otávio. **Teorias da Globalização**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. 3ª Ed. – São Paulo: contexto, 2005.

JOCKYMANN, Sérgio. **Centro, antes que apaguem a luz**. In: BISSÓN, Carlos Augusto. (org). **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993.

KANT, Immanuel. **Vida e obra**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KERN, Arno Alvarez. O papel das teorias como instrumental heurístico para a reconstituição do passado. **Revista Histórica**, p. 07 – 22, 1996.

KRAWCZYK, Flávio. (org.) **Da necessidade do moderno**: o futuro da Porto Alegre do século passado. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2002.

LEMOS, André. **Cibercultura** – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

LEMOS, André, CUNHA, Paulo. (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LIMA, Raquel Rodrigues. **Edifícios de apartamento**: um tempo de modernidade no espaço no espaço privado. Estudo da radial Independência -24 de Outubro - nos anos 50. Porto Alegre: 2005. Tese (Doutorado em História)– IFCH/PUCRS, 2005.

KRAWCZYK, Flávio (org.) **Da necessidade do moderno. O futuro da Porto Alegre do século passado**. EU/SMC. 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** . São Paulo: Editora 34, 1999.

LEWIS, Munford. **A cidade na história** – suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Dyonelio. **Os Ratos**. 19ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

MACHADO, Maria Salete Kern. **O imaginário urbano**. IN: BRESCIANI, Maria Stela (org.) Palavras da cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **Modernidade, arquitetura e urbanismo: o centro de Porto Alegre (1928 – 1945)**. Porto Alegre: 1998. Tese (Doutoramento em História do Brasil) – IFCH/PUCRS, 1998.

MACHADO, Rubem Mauro. **Não acreditem em mim**. Memórias dos anos dourados. São Paulo: Atual, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político – A tribalização do mundo**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento comum**. Compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **O mistério da conjunção – Ensaio sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre: nº15, Ago 2001.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de Sociabilidade e Memória: fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890 -1930**. Porto Alegre: 1994. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - PUCRS, 1994.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MARTINS, Dileta da Silveira. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 1984. Tese (Doutoramento). Instituto de Letras e Artes. PUCRS, 1984. p.36

MATTAR, Leila Nesralla. **Porto Alegre: Voluntários da Pátria e a experiência da rua plurifuncional (1900 – 1930)**. Porto Alegre: 2001. Dissertação (Mestrado em História) PUCRS, 2001.

MAUCH, Cláudia. Et al. **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre - São Leopoldo. UFRGS/ ULBRA/UNISINOS. 1994.

MEDEIROS, Marta, **Montanha Russa**. Crônicas. Porto Alegre: L&PM, 2003.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MEYER, Augusto. **No tempo da flor**. Rio de Janeiro: Ed. O cruzeiro, 1966.

MEYER, Cláudia. O cinema em Porto Alegre visto pela imprensa (1921- 1930). **Veritas**, N°146, 1992.

MENEGOTTO, Renato. **Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre**. Porto Alegre: 2001. Dissertação (Mestrado em História). Curso de pós-graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, 2001.

MICHELON, Francisca Pereira. **Cidade de Papel: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas ( 1913 – 1930)**. Porto Alegre: 2001. Tese (Doutorado em História). PUCRS, 2001.

MONTEIRO, Charles. **A inscrição da modernidade no espaço urbano de Porto Alegre**. Porto Alegre. Dissertação de mestrado. PUCRS. 1992.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre e suas histórias**. Histórias e memórias (1940-1972). São Paulo: 2000. Tese (Doutoramento em História) – PUC/SP, 2000. p.356.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre no século XX: crescimento urbano e mudanças sociais**. In: DORNELLES, Beatriz (org.) **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MORAES, Denis. (org.) **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. IN: **Educação**. Porto Alegre. Faculdade de Educação – PUCRS. N° 37; Mar 1999; p.7-32.

MORAES, Vinícius de. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

MOREYRA, Alvaro. **As amargas não**. Lembreças. Porto Alegre: IEL, 1990. p.212.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**. Complexidade e comunicação: uma pedagogia do presente. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da necessidade de um pensamento complexo**. IN: MARTINS, Francisco e SILVA, Juremir. **Para navegar no século XXI**. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS. 1999.

MORIN, Edgar; BOCCHI, Gianluca. CERUTI, Mauro. **Os problemas do fim do século**. Lisboa: Editorial Notícias, 1991.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**. 7ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. p.8.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO, Mara e TORRESINI, Elisabeth. (orgs). **Modernidade e urbanização no Brasil**. Porto Alegre, EDIPURS, 1998.

NEVES, Margarida de Souza. **Uma escrita do tempo**: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CÂNDIDO, Antonio. et al. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação casa Rui Barbosa, 1992.

PADILHA, Valquíria. **Shopping Center**: a catedral das mercadorias. São Paulo: Boitempo, 2006.

PALLAMIN, Vera. (org.) **Cidade e cultura**: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PANIZZI, Wrana e ROVATTI, João. **Estudos Urbanos**: Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.

PECHMAN, Robert Moses. **A cidade dilacerada**. In: SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

PESAVENTO, Sandra. Crônica. A leitura sensível do tempo; **Anos 90**; n° 7; Porto Alegre, p. 29 – 37. Jul. 1997.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. De Universidade/UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. (org.) **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. **Memória Porto Alegre**: espaços e vivências. Porto Alegre: UFRGS/ Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

PINTO, Celi Regina. **Positivismo** – Um projeto político alternativo (RS: 1889 – 1930). Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

PORTO ALEGRE, Achylles. **Flores entre ruínas**. Porto Alegre: Oficinas Wiedmann, 1920.

\_\_\_\_\_. **História popular de Porto Alegre**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

\_\_\_\_\_. **Noites de luar**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1923.

\_\_\_\_\_. **Noutros Tempos**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Entre o guardar e o celebrar**: memórias, documentos e peças de museu. In: KRAWCZYK, Flávio. **Da necessidade do moderno**: o futuro da Porto Alegre do século passado. EU/Secretaria Municipal de cultura, 2002. p.41

\_\_\_\_\_. **Memória e esquecimento nos álbuns fotográficos** – Porto Alegre décadas de 20 e 30. Porto Alegre: 2005. Tese (Doutoramento em História) – Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do Museu**: patrimônio e passado de Porto Alegre. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

PRIGGE, Walter. **Metropolização**. IN: PALLAMIN, Vera (org.). Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das Certezas**. São Paulo: UNESP, 1996.

PRODANOV, Cleber. **Manual de metodologia científica**. 3ª Ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2006.

REIS, José Carlos. **Da “história total” à “história em migalhas”**: o que se perde o que se ganha? IN: GUAZZELLI, Cesar et al. **Questões da teoria e da metodologia da história**. Porto Alegre: ED. Universidade/ UFRGS, 2000.

REVERBEL, Carlos e LAITANO, Cláudia. **Arca de Blau**: Memórias. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

REVERBEL, Carlos. **T.T.** – Homem de jornal. In: TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.

RIBEIRO, Renato Janine. **A política como espetáculo**. IN: DAGNINO, Elvina. (org.) **Os anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RIEDEL, Dirce Cortês. (org.) **Narrativa**: ficção e história. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

ROCHA, Ana Luiza. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.



RUIZ, Castor Bartolomé. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2002.

SABINO, Fernando. A última Crônica. In: ANDRADE, Carlos Drummond. [et. al.] **Crônicas 5 – Para Gostar de Ler**. 14ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

SANMARTIN, Olynto. **Um ciclo de cultura social**. Porto Alegre: Sulina, 1969.

SANT'ANA, Paulo. **O melhor de mim: 64 crônicas**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003.

SANTOS, José Rodrigues dos. **O que é comunicação**. Lisboa: Difusão Cultural, 1992.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo – razão e emoção. 2ª Ed. São Paulo, Hucitec, 1997.

SARTURI, Eduardo Fernandes. **Centro de Porto Alegre**: uma odisséia no tempo. In: DORNELLES, Beatriz (org.) **Porto Alegre em destaque**: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SCHAFFER, Neiva otero. **Do armazém da esquina ao shopping center**: a transformação do consumo em Porto Alegre. In: PANIZZI, Wrana e ROVATTI, João. **Estudos Urbanos**: Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipalde Porto Alegre, 1993.

SEIGEL, Jerrold. **Paris Boemia**. Cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830 – 1930. Porto Alegre: L&PM editores, 1992. p.21

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. **O declínio do homem público** – As tiranias da intimidade. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SEVERO, Fernanda. **O mercado público de Porto Alegre**: entre a cidade real e as cidades ideais. Porto Alegre:1999. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, 1999.

SILVA, Juremir Machado da. **A miséria do cotidiano**: energias utópicas em um espaço urbano moderno e pós-moderno. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991

SILVA, Juremir Machado. **Tecnologias do imaginário**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, Marconi Oliveira. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem**. A notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução urbana e Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Ed. Nacional / USP, 1969.

SOARES, Luis Eduardo. et al. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 248.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Cultura**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2006.

SOSTER, Ana Regina de Moraes. **Porto Alegre**: a cidade se reconfigura com as transformações dos bairros. (Dissertação de Mestrado) Programa de pós-graduação em história, PUCRS. 2001.

SOUZA, Célia e PESAVENTO, Sandra. **Imagens urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

SOUZA, Célia Ferraz. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997. p.105.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Pato Macho**: jornalismo alternativo de humor. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação social) – Faculdade de Comunicação Social/PUCRS, 2004.

TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. – Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.

\_\_\_\_\_. **Nosso Bairro**: memórias. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo** : uma aventura editorial nos anos 30 e 40. Dissertação de Mestrado em História: PUCRS, 1988.

\_\_\_\_\_. **História de um sucesso literário: olhai os lírios do campo de Erico Veríssimo**. Porto Alegre: Literalis, 2003.

UCHA, Danilo. **Noite de Porto Alegre**. In: BISSÓN, Carlos. BISSÓN, Carlos Augusto. (org). **Sobre Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1993.

VARGAS, Anderson. Anos de ferro: intelectuais e a decadência na Porto Alegre do início do século. IN: HAGEN, Acácia e MOREIRA, Paulo. **Sobre a rua e outros lugares**: reinventando Porto Alegre. Porto Alegre: Caixa Econômica Federal, 1995.

VATTIMO, Gianni. **A filosofia e o declínio do Ocidente**. IN: MARTINS, Francisco e SILVA, Juremir Machado (orgs). **Para navegar no século 21** – Tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS. 1999.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose** – Antropologia das sociedades complexas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto e FIGUEIRA, Sérvulo (orgs.) **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade**: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, Gilberto, ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1996.

VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos. **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ: Ed. FGV, 1996.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 4ª ed. 1987.

VERAS, Eduardo. A cidade a mercê do excesso. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.5, 23 Jun. 2007. Cultura.

VERÍSSIMO, Érico. **Caminhos Cruzados**. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

\_\_\_\_\_ ; **Clarissa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_, **O resto é silêncio**. Porto Alegre: Globo, 1943;

VIEIRA DA CUNHA, Liberato. **Dos homens tristes**. In: FARACO, Sérgio. **A cidade de perfil**. Porto Alegre: UE Porto Alegre, 1994.

\_\_\_\_\_. **Tratado das tentações**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

VIRILIO, Paul. **A velocidade de libertação**. Lisboa: Relógios D'água Editores, 2000.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

XAVIER, Albert e MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura moderna em Porto Alegre**. São Paulo: PINI, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**.-3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

WEBER, Max. **Economía y sociedad**. México: Fondo de cultura, 1984. p.683.

WEIMER, Gunter. **A imagem da cidade e o poder**. In: SOUZA, Célia Ferraz e PESAVENTO, Sandra. **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

### **Jornais e Revistas**

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. D, Juan. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 04 Dez. 2006. Segundo Caderno.

Cidade Aberta. **ZH**, Porto Alegre, p. 2, 07 abr. 1976.

CIMERI, Fabiana. Antropólogo diz que violência é mais cultuada entre jovens. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. A 14, 20 out. 2003.

COIMBRA, David. Do que nós precisamos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 08 Jun. 2005.

\_\_\_\_\_. O tempo perdido. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 13 fev. 2004.

\_\_\_\_\_. Perigo no Centro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 12 ago. 2005.

CORSO, Diana. Fofoqueiros da Aldeia Global. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 04 out. 2006. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses ambulantes. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 27 out. 2005. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Prisão domiciliar. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 26 jul. 2006. Segundo Caderno.

DIEGUES, Carlos. **O futuro passou**. REVISTA VEJA. **Reflexões para o futuro**. São Paulo, Abril, 1993.

FRANCO, Sérgio da Costa. O drama das metrópoles. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 22. Dez. 2006.

FISCHER, Luís Augusto. Crônica, a cara da cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 2, 26 mar. 2005. Segundo Caderno - Cultura.

\_\_\_\_\_. Opinião – livro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 14 Abr. 2005. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. O humor e as barras. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.5, 29 mai 2007.

GOMES, Flávio Alcaráz. O Fim de uma época. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 4, 15 ago. 2005.

GOULART, José P. Embriagado de amor. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 18 ago. 2003. Segundo Caderno.

GOULART, José P. Mocinhos e bandidos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 28 jul. 2005. Segundo Caderno.

JORDÃO, Celestino. **Revista do Globo**, ano I, n° 5, 1929.

KOTECZA, Carlos Alberto. A televisão, a cegonha de novidades. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 16, 13 Mai 1976.

LAITANO, Cláudia. Medos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 11 mar. 2006.

\_\_\_\_\_. O lado negro da força. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 21 mai. 2005.

\_\_\_\_\_. Snack culture. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 23 jun. 2007.

Lambert, Jacques. **Revista do globo**, ano I, n° 20, 1929.

LEINDECKER, Duca. Parte do corpo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 28 fev. 2005. Segundo Caderno.

LIMA, Maria Tomaselli Cirne. A culpa não é do fotógrafo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 8, 26 Set. 2005. Segundo Caderno.

LISBOA, Nei. De cercas e cercos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 27 jun. 2005. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Levando longe demais. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 5 jun. 2004. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Techno de breque. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 10 mai. 2004. Segundo Caderno.

MEDEIROS, Martha. A copa na mídia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 07 jun. 2006.

\_\_\_\_\_. A era do ridículo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 09 Ago. 2006.

\_\_\_\_\_. A polêmica do desarmamento. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 03 ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Assustador. **Zero hora**, Porto Alegre, p. 3, 18 abr. 2007.

\_\_\_\_\_. Certezas Absolutas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 26 out. 2005.

\_\_\_\_\_. Contra-ataque. **Zero - Hora**. Porto Alegre, p. 3, 08 dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Corpos na rua. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 3, 14 abr. 2004.

\_\_\_\_\_. Existir. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 21 set. 2005.

\_\_\_\_\_. Histeria Coletiva. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 29 nov. 2006.

\_\_\_\_\_. Não perder a ilusão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 24 dez 2003.

\_\_\_\_\_. Nossos quase mortos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 02 nov. 2005.

\_\_\_\_\_. Os bastidores da crônica. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 25 Jan. 2006.

\_\_\_\_\_. Sim ou não. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 out. 2005.

MELLO, Itamar. Desvio para o passado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.11, 11 abr. 2006.

O massacre no trânsito. **ZH**, Porto Alegre, p. 4. 08 abr. 1976.

Ordenação do crescimento. **ZH**, Porto Alegre, p.4, 06 abr. 1976.

PEDROSA, Inês. A arte de galvanizar a palavra. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.7, 30 jul. 2005. Segundo Caderno – Cultura.

PINHEIRO, Márcio. O vôo de Walter Galvani. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.5, 01 ago. 2005. Segundo Caderno.

Porto Alegre: Metrópole ou Província. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 15, 06 Mai. 1976.

Povo apóia centro humanizado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 25, 21 Abr. 1976.

Recuperação das cidades. **ZH**, Porto Alegre, p.4, 02 jan. 1976.

REVERBEL, Carlos. Theodomiro Tostes. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 4, 01 jan. 1990.

**Revista do globo**, ano I, nº 20, 1929.

**Revista Máscara**, ano I, nº 1 e nº 4, 1918.

SANT'ANA, Paulo. Cresce a derrota. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 55, 16 fev. 2005.



\_\_\_\_\_. Mundo transformado. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 47, 03 jun. 2003.

\_\_\_\_\_. O fim dos tempos. **Zero Hora**. Porto Alegre, p.47, 06 jan. 2004.

\_\_\_\_\_. Somos todos ratos. **Zero Hora**, Porto alegre, p. 43, 02 dez. 2006.

\_\_\_\_\_. Um bárbaro assassinato. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 55, 02 fev. 2006.

SCLIAR, Moacyr. Adeus, Baltimore. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 06 abr. 2004.

SILVESTREIN, Ricardo. Qual é a questão? **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 mar. 2005. Segundo Caderno.

SOARES, Luiz Eduardo. A segurança em xeque: a violência atinge o topo do judiciário. **Zero Hora**, Porto Alegre, p 4:5, 25 nov. 2005.

SOUZA, Nilson. A moeda das horas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 01 fev. 2007. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Bonde sem volta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 20 jan. 2005. Segundo Caderno.

TOSTES, Theodomiro. Da crônica e do leitor. **O radical**, Rio de Janeiro: 07 Jan. 1934. In: TOSTES, Theodomiro. **Bazar e outras crônicas**. 2ª ed. – Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL,1994.

TREVISAN, Armindo. **Zero Hora**, Porto Alegre: 07 nov. 2003. Contracapa.

VERISSIMO, Luis Fernando. A hora do pânico. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 22 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. Mal-entendidos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 14 fev. 2005.

\_\_\_\_\_. Nosso Espaço. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3. 07 mai. 2007.

\_\_\_\_\_. O futuro não é mais o que era. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 30 out. 2003.

VIEIRA DA CUNHA, Liberato. A palavra melancolia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 20 set. 2005. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Breve teoria da incomunicação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 28 Mar. 2006. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Campo de batalha. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 02 mar. 2004.

\_\_\_\_\_. Cultura e violência. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 set. 2006. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Fotos antigas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 19 set. 2003. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Nós, os prisioneiros. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 26 Jun. 2007. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Os bondes de Buenos Aires. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 08 ago. 2006. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Pare, olhe escute. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 18 mai. 2004. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Saudade do que não vivi. **Zero Hora**, Porto Alegre, p, 3, 27 mar. 2007. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Somos todos reféns. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 13 abr. 2004. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. SOS para uma cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.3, 10 fev. 2004. Segundo Caderno.

Vontade de Acertar. **ZH**, Porto Alegre, p.4, 05 abr. 1976.

WIERZCHOWSKI, Leticia. As pernas de Cláudia. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 17 Mai. 2007. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. Das férias de verão. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 20 jan. 2005. Segundo Caderno.

\_\_\_\_\_. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 02 mar. 2006. Segundo Caderno.